This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 118 130 686

The Branner Geological Library

LELAND·STANFORD·JVNIOR·VNIVERSITY

INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

# REVISTA COMMEMORATIVA

DO

# Quarto Centenario

DO

# BRAZIL

ANNO VII VOL. VII N. 23

BAHIA
Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»
80—Rua do Corpo Santo—80

1900

244929

STANFORD LIBRARY

# Descoberta do Brazil ao acaso

Partiu de Belém no dia 9 de Março de 1500 a frota commandada por Pedro Alvares Cabral, com destino a Calecut, levando como Immediato e seu successor no caso de fallecer, Simão de Miranda d'Azevedo. Capitães das náos:—Bartolomeu Dias já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bôa-Esperança, levando em sua companhia seu irmão Nicolau Coelho, que tinha acompanhado Vasco da Gama tambem na viagem da India; Sancho de Toar (hespanhol) e Pero de Athayde; estes quatro erão os Capitães das náos, levando outros em os navios menores.

Para feitor da Armada e da Carga Ayres Correia devendo dirigir logo que chegasse a Calecut a feitoria, levando comsigo toda a familia, e este na qualidade de Feitor-Mór levou como Escrivães Pero Vaz Caminha, Gonçalo Gil Barboza, Diogo de Azevedo e Affonso Furtado.

D'estes quatro o mais illustrado era Pero Vaz Caminha, que contrariado em razão do casamento de uma filha com Jorge de Soiro, abandonou o norte de Portugal, onde residia, e acceitou o cargo de Escrivão na feitoria de Calecut.

Um dos homens mais considerados por lettras e sciencias era o Bacharel Mestre João physico Cirurgião de Sua Alteza, e que não contente em professar a medicina, tambem entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

Como missionario para catechese dos indios, escolheu El-Rei alguns frades franciscanos e por guardião Frei Henrique Soares, que depois foi Bispo de Ceuta, e alguns clerigos de missa, com seu vigario, para administrarem os Sacramentos.

O resto da tripulação entre marinheiros e soldados era de 1200 pessoas, todos voluntarios, e fóra a tripulação seguiram mais vinte degredados.

---

## Carta escripta por um piloto portuguez companheiro de Cabral na viagem à India

«No anno de 1500 mandou o Serenisimo Rei de Portugual D. Manoel huma armada de doze náos (1) e navios para as partes da India, e por seu Capitão Mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua casa as quaes partirão bem apparelhadas, e providas do necessario para anno e meio de viagem.

(1) Falta uma, pois eram 13.

Dez d'estas náos levaram instrucções de hir a Calicut e as duas restantes a um lugar chamado Çofala para onde as outras dez hião carregadas.

Em um domingo 8 de Março d'aquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a 2 milhas de distancia de Lisboa a um lugar chamado Rastello, aonde está o convento de Belém, e ahi foi El-Rei entregar pessoalmente ao Capitão Mór o Estandarte Real para a dita Armada.

No dia seguinte levantamos ancoras com vento prospero, e aos 14 do mesmo mez chegamos as Canarias: aos vinte e dous passamos Cabo Verde e no dia seguinte esgarrou-se uma náo da Armada, por forma tal, que não se soube mais d'ella (2). Aos 24 de Abril que era uma 4.ª feira do Oitavario da Paschoa, houvemos vista de terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nós chegamos á ella para reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores e de gente que andava pela praia lançamos ancora na embocadura d'um pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fóra um batel, para ver que povos erão aquelles, e os que n'elle foram acharam uma gente parda, bem dispostos, com cabellos compridos; andavam todos nús sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio; não havia ninguem na Armada que entendesse a sua linguagem, de sorte que vendo isso os dos bateis, tornaram para Pedro Alvares, e no

(2) Navio de Vasco de Athaide.

em tanto se fez noute, e se levantou com ella um rijo temporal.

Na manhã seguinte corremos com elle a costa para o Norte, estando o vento S. E. até vêr se achavamos porto aonde podessemos abrigar e surgir; finalmente achamos um aonde ancoramos e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavam pescando nas suas barcas; um dos nossos bateis foi ter aonde elles estavão e apanhou dous que trouxe ao Capitão mór para saber que gente erão; porém, como dissemos, não se entenderam por fallas nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido uma noute comsigo os poz em terra no dia seguinte, com uma camisa, um vestido e um barrete vermelho, com o que ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes havião sido mostradas.

No dia 26 de Abril, qne era no Oitavario da Paschoa, determinou o Capitão mór de ouvir Missa; e assim mandou armar uma tenda n'aquella praia, e debaixo d'ella um Altar, e toda a gente da Armada assistio a Missa, como a pregação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavam e tangião nos seus instrumentos; logo que acabou, voltamos aos navios, e aquelles homens entravam no mar até os peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias.

Depois de jantar tornou á terra o Capitão mór e gente da Armada para esparecer com elles; e achamos n'este lugar um rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornamos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer agoada e tomar lenha; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vieram comnosco, para ajudar-nos.

Alguns dos nossos caminharam até uma povoação onde elles habitavam, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão de que alli uzão, e algum arroz; dando-lhes os da Armada cascaveis e folhas de papel em troca do que recebião. Estivemos n'este lugar cinco ou seis dias; os homens, como já dissemos, são baços, e andão nús sem vergonha, tem os seus cabellos e grandes e a barba pellada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vemelho; trazem o beiço de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande com um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde- e assobião pelos ditos buracos; as mulheres andão igulmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas columnas de páo pelo meio, entre ellas e as paredes pregão redes de algodão, nas quaes pode estar um homem; e de cada uma d'estas redes fazem um fogo, de modo que n'uma só casa póde haver quarenta ou cincoenta leitos armados á moda de teares. N'esta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão as madeiras com uma pedra; tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas côres e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapeus e barretes de que usão. A terra é muito abundante de arvores, e de aguas, milho, inhame e algodão; e não vimos animal algum quadrupede; o terreno é grande, porém não podemos saber se era ilha ou terra firme, ainda

que nos inclinamos á esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar; os homens usão de rêde e são grandes pescadores; o peixe que tirão é de diversas qualidades, e entre elles vimos um que podia ser do tamanho de um tonel mais comprido e todo redondo, a sua cabeça era do feitio de um porco, os olhos pequenos, e sem dentes, com orelhas compridas; pela parte inferior do corpo tinha varios buracos e a sua cauda era do tamanho de um braço; não tinha pés, a pelle era da grossura de um dedo, e a sua carne gorda e branca como a do porco. Nos dias que aqui estivemos determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento d'esta terra, e deixar n'ella dous homens condemnados a morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou um navio que vinha em nossa companhia carregado de mantimentos (3), além dos doze sobreditos, o qual trouxe á El Rei as cartas em que continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto.

Despachado o navio sahiu o Capitão em terra, mandou fazer uma cruz de madeira muito grande e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dois degradados n'este mesmo lugar, os quaes começaram a chorar, e foram animados pelos naturaes do paiz, que mostravam ter piedade d'elles. (4)

No outro dia, que erão 2 de Maio, fizemo-nos á vela para ir demandar o Cabo da Bôa-Esperança, achando-nos então engolphados no mar mais de 1200 legoas

---

(3) O navio de Gaspar de Lemos.
(4) Nada diz de observação de Mestre João.

de 4 milhas cada uma; e aos 12 do mesmo mez seguindo nosso caminho nos appareceu um cometa para as partes da Ethiopia, com uma cauda muito comprida, o qual oito ou dez noites a fio; em fim quando se contavão vinte do mez navegando a Armada toda junta, com bom vento as velas em meia arvore e sem traquetes por causa de uma borrasca, que tinhamos tido em o dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por diante, que o não percebemos sinão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; n'este mesmo instante se perderam 4 náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar soccorro algum; e as outras 7 que escaparam estiveram em perigo de se perderem, e assim fomos aguentando o vento com os mastros, e velas rotas, e a Deus misericordia todo aquelle dia: o mar embraveceu-se por tal maneira que parecia levantar-nos ao Céu; até que o vento se mudou de repente e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as velas; ainda assim navegando sem ellas, perdemonos uns dos outros de modo, que a Capitanea com duas outras náos tomaram um rumo, outra chamada El-Rei com mais duas tomaram outro; e assim passamos esta tempestade vinte dias consecutivos, sempre em arvore secca, até que em 16 do mez de Junho houvemos vista da terra da Arabia, onde surgimos; e chegados a costa podemos fazer uma boa pescaria. . . . . .

. . . . . .

O original d'este escripto não existe e foi traduzido para o portuguez das obras de João Baptista

Ramùzio, por terem muita semelhança com os escriptos dos dois historiadores portuguezes Barros e Catanheda, encontrando-se tambem na obra de Cadamosto, sendo vertida em Latim por Archangelo Madrignano. A viagem de Cabral foi escripta por um piloto portuguez cujo nome ignora-se, o qual tendo acompanhado Cabral foi testemunha occular de quasi todos os factos a que se refere. Parece que os nossos historiadores tiveram pouco ou nenhum conhecimento d'este escripto que anda impresso em algumas das antigas collecções de viagens, e o erudito Abbade Barboza em sua Bibliotheca Luzitana attribue ao mesmo Pedro Alvares Cabral a autoria d'esse escripto, o que não deixa de ter razão pela semelhança que n'esta se encontra com a carta de Pero Vaz Caminha escripta de Santa-Cruz ao Rei de Portugal por ordem do Almirante dando parte do feliz achado. Caminha escrevendo ao Rei de Portugal (e desculpa-se em não encontrar S. Magestade n'esse documento), informação alguma dá em referencia a navegação, porque não sendo piloto, outros o foram com mais competencia. O roteiro do Piloto que acompanhou Cabral em toda a sua viagem á India, n'elle não se declara coisa alguma em referencia a navegação, prima pela ignorancia completa das obrigações que competem ao mais rude dos pilotos.

A divisão dos dias pelas horas não se encontra n'essa derrota, nem em outras semelhantes, falta esta que se nota tambem na derrota de Vasco da Gama; naturalmente por falta de relogios ignoravam o calculo para obter a hora a bordo.

Na derrota do Piloto não dá a hora da sahida de Lisbôa, nem mesmo quando avistaram terra da America.

As Latitudes e Longitudes não as tinhão senão estimadas, e erão tão disparatadas, como mostra a carta do Mestre João, escripta de Santa Cruz a El-Rei D. Manoel.

Mestre João era o unico homem que entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

## Carta de Mestre João, Physico de El-Rei, para o mesmo Senhor, de Vera Cruz, ao 1.º de Maio de 1500

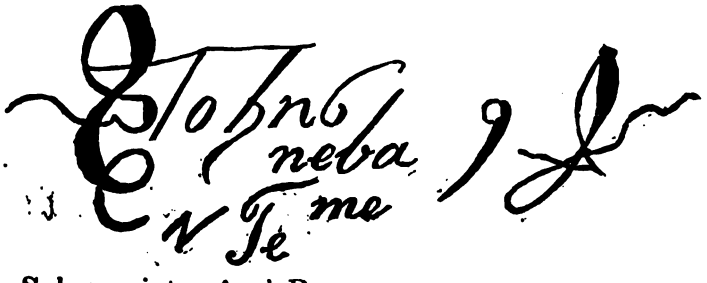
«Senhor.—O bacharel mestre Johan fisico e cirurgyano de vosa alteza besa vossas reales manos, porque de todo lo aca pasado largamente escriviron a vosa alteza asy Arias correa como todos los otros solamente escrevire dos puntos senor ayer segunda feria que fueron 27 de Abril decendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyo dya e allamos 56 grados e la sombra era septentrional por lo qual segund las reglas del astrolabio jusgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de my e entanto que Pero escobar va adyante 150 leguas e otros mas e otros menos pero quien dyse la verdade non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto

ellos con la carta o yo com el estrolabio, quanto Senor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaay bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra en pero a quel mapamundy non certifica esta terra ser habitada o no es mappamundi antiguo e ally fallira vosa alteza escrita tan byen la myna, ayer casy entendymos por asenõs que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a peleear com ellos e los llevan catyvos, quanto Senor al otro puncto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tanbyen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar para cosa ninhuna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresce ser inpossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guiza que se non puede fazer synon en terra e otro tanto casy dygo de las tables de la Indya que se non pueden tomar com ellas sy non con mucho trabajo, que sy vosa alteza supuese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del astrolabio por que desde lisboa ate as canarias unos de otros desconcertavan en muchas púlgadas que unos desyan mas que otros tres e quatro púlgadas e otro tanto desde las canarias

até as yslas de cabo verde e esto resguardando todos que el tomar fuese a una mesma ora de guisa que mas jusgavam quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parescia que avyan andado queuon el camino por las pulgadas,

tornando Senor a proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en de redor sobre el orizonte, e a aun esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas principalmente las de la crus son grandes casy como las del carro e la estrella del

polo antartyco o sul es pequena como la del norte e mui clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena, non quiero mas alargar por non ynportunar a vossa alteza salvo que quedo rogando a nosso senor ihesu christo la la vyda e estado de vossa alteza acresciente J como vossa alteza desea. Fecha en vera crus a primero de Maio de 500 pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor com estrolabio que non con quadrante din conotro ningud estrumento do criado de vossa alteza e vosso leal servidor.



Sobrescripto: A el Rey noso senor.»

---

A carta do Physico mór Mestre João mostra claramente os disparates das observações, quando ião na Armada Capitães experimentados em navegação, como Bartholomeu Dias, já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bôa Esperança, Nicolau Coelho que fez a viagem á India com Vasco da Gama, e outros que n'aquella epoca gozavão de reputação de grandes Capitães.

Diz mais Mestre João que descendo em terra no

porto de Santa Cruz para observar a Latitude com o seu astrolabio achou 17 gráos Sul; deu portanto essa observação 43 milhas, differença a mais para o sul, indo os outros pilotos adiante 150 leguas uns mais e outros menos; quer dizer que estando a frota ancorada em Santa Cruz 16 gráos e 17 minutos e Latitude Sul os outros pilotos se julgavam em 24 gráos e outros mais.

Diz mais Mestre João na carta escripta a El-Rey de Portugal, ser impossivel tomar as alturas das estrellas no mar, porque dão muito trabalho e com os balanços dos navios apresenta uma differença de quatro a cinco gráos e o mesmo acontece trabalhando pelas taboas da India que davão o mesmo resultado disparatado e que se S. Alteza soubesse como desconcertão, ria-se d'ellas mais do que do Astrolabio.

O Astrolabio foi inventado em Portugal no tempo de D. João 2.º pelos Mestres Rodrigo e José, seus medicos, e por Martins da Bohemia, discipulo do grande João do Monte-Regio, e por meio d'este instrumento, feito a principio de páo, foi que os Portuguezes emprehenderam os descobrimentos das terras incognitas.

Os instrumentos que substituiram este em que no mar se observava o sol, eram o Annel graduado, a Balestilha, o quadrante de dois arcos e o quadrante de um só arco, porém todos imperfeitos e sem a menor exactidão.

E no entanto ha ainda quem duvide da descoberta do Brazil ao acaso!

Emquanto a carta ou roteiro pelo piloto portuguez

que dizem ter sido testemunha occular e companheiro de Cabral em toda a sua viagem, este documento é de tal natureza que não perderei tempo com a continuação de sua leitura, por julgal-o escripto por quem não tem o menor conhecimento da arte do mar, e destituido de bom senso, e para o affirmar citarei um só ponto, e esse mais que sufficiente para se avaliar a sua exactidão:

« No dia 20 de Maio navegando a Armada toda reunida, com bom vento e as velas em meia arvore e sem traquetes por cauza de uma borrasca, que tinha tido no dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por deante que não percebemos, senão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; e n'esse mesmo instante se perderam quatro das nossas naos com toda sua matalotagem sem se lhe poder dar soccorro algum, e as outras sete que escaparam estiveram em perigo».

Será possivel que um piloto que vai na frota ignore os nomes dos navios que se submergiram e os que se salvaram sem d'elles fazer menção em seu diario ou derrota, pois na continuação da mesma derrota nada diz e explica, e só depois da chegada a Moçambique, aos 20 dias do mez de Julho, aonde fizerão aguada e tomaram um piloto que os conduzisse a Quiloa, e chegando a este porto a 26 do dito mez ahi se juntaram seis dos navios extraviados, porém os outros nunca mais se encontraram.

Só um facto destes é mais que sufficiente para se reputar tal escripto como improcedente.

Damos em seguida o Roteiro da viagem de Vasço da Gama em 2.ª edição, por Alexandre Hercu-

lano, e o Barão de Castello de Paiva, na parte em referencia ao Brazil.

«Em nome de Deus, Amen. Na era de mil e quatrocentos e noventa e sete, mandou El-Rei D. Manoel, primeiro d'este nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quaes navios hião em busca de especiarias, dos quaes navios hia por Capitão moor Vasco da Gama, e de outros de um d'elles Paulo Gama e seu irmão, e de outro Nicollao Coelho.

---

Partimos de Restello n'um sabbado, que eram oito dias do mez de Julho da dita era de 1497, noso caminho, que Deus noso senhor deixe acabar em seu serviço. Amen.

---

Primeiramente chegamos ao sabado seguinte a vista das Canarias, e esa noite passamos a sotavento de Lançerote, e a noite seguinte amanhecemos com a Terra Alta, onde fizemos pescaria obra de duas oras, e logo esta noite em anoutecendo eramos atravez do Rio do Ouro;

. . . . . .

e de noite foi tamanha a serração que se perdeu Paulo da Gama por um lado e pelo outro o Capitão Mor.

E depois que amanheceu non ouvemos vista d'elle nem dos outros navios e nós fizemos caminho das Ilhas de Cabo Verde como tinhamos ordenado, que quem se perdesse que seguisse a rota.

Ao amanhecer no dia seguinte Domingo ouvemos vista da Ilha do Sall, e logo depois de uma hora ouvemos vista de tres navios, os quaes fomos de mandar e achamos a Náo de mantimentos e Nicolao Coelho e Bartulameu Dias que hia em nossa companhia ate a Mina, os quaes tambem tinham perdido o Capitão Mor. E depois de sermos juntos seguimos nossa derrota, e faleceu-nos o vento e andamos em calmaria ate quarta feira pela manhan. E as 10 horas do dia ouvemos vista do Capitão Mor, avante nós obra de 5 legoas, e sobre a tarde nos vimos a falar com muita alegria onde tiramos muitas bombardas e tangemos trombetas e tudo com muito prazer pello termos achado.

A 27 chegamos a Ilha de Santiago aonde pouzamos na praia de Santa Maria com muito prazer e folgar e alli tomamos carne, agoa e lenha e carregando as vergas dos navios por que nos era necessario.

Partimos no dia 3 de Agosto com proa a Este, hindo um dia ao Sul e quebrou-se a verga ao navio do Capitão Mor, e no dia 18 de Agosto serião 200 legoas da Ilha de Santiago, pairamos com o traquete e papafigos dois dias e uma noite.

No dia 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste achamos muitas aves feitas como garções e quando veio a noite tiravam contra o sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra, e a noite do mesmo dia vimos uma balea e isto a 800 legoas em mar.

No dia 27 de Outubro vespera de S. Simão e Judas, que era sexta feira achamos muitas babas e lobos, e em 7 de Novembro achamos signaes de terra.». . . .

. . . . . .

Se no dia 3 de Agosto partiram da Ilha de Santiago com proa de Este indo um dia a volta do Sul quando se quebrou a verga do navio capitanea, elles navegavam proximo a Africa, e seria isto mais correcto por irem em companhia de Bartholomeu Dias, já conhecedor de toda a costa até o Cabo de Bôa Esperança.

Não seria de bom conselho abandonar um caminho já conhecido para se engolfarem no meio do Oceano em tão frageis embarcações com agulhas falsas que não marcavam o verdadeiro rumo e sem os instrumentos precisos para bem navegar.

No dia 18 de Agosto suppunhão achar-se a 200 legoas de distancia da Ilha de Santiago a pairar com traquetes e papafigos dois dias e uma noite.

Pairar quer dizer esperar, e, por quem esperavam elles, era naturalmente por Bartholomeu Dias.

Em 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste *quer dizer que vinhão de proximo a terra* e acharam muitas aves parecidas com grandes garças e quando veio a noite seguião contra o Sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra em 800 legoas ao mar.

Navegando a frota costeando Africa como indicavam o vôo das aves, reforçarei esta minha affirmativa pelo roteiro de navegação e regimento de pilotos do cosmographico mór do Reino Antonio de Mariz Carneiro, publicado em 1642, e diz: «o descobrimento da India por Vasco da Gama em 1497 no tempo de El Rei D. Manoel se fez costeando a Costa de Guiné e e Angola e chegou ao Cabo de Bôa Esperança aonde acabou-se-lhe a terra austral pela qual tantos dias

havia navegado, guiado mais por Deus Nosso Senhor que por roteiro» . . . . . .

Pedro Nunes, grande astronomo d'aquelle tempo, e' autor do instrumento que o Infante D. Luiz presenteou aD. João de Castro em 1538 para observar a variação da agulha, diz na sua Definição da Carta de Marear que os descobrimentos de costa, ilhas e terras firmes, não se fizeram ainda a acertar.

Ha alguns escriptores que affirmão existir uma relação da viagem escripta por Vasco da Gama, mas não declaram em nenhuma de suas obras, por que modo a alcançaram e Alexandre Herculano contesta e diz que a relação de Gama é um sonho bibliographico, pois esta relação nunca existiu, nem existe, e pelo menos emquanto não apparecer é licito duvidar de sua existencia.

Esta minha conferencia tem por fim principal mostrar em toda a evidencia o accaso da descoberta do Brazil.

Tem havido quem affirme que Vasco da Gama, intimo amigo de Cabral, lhe communicara que no dia 22 de Agosto encontrara aves de feitio de grandes garças dando-lhe o nome de garções, e que ao anoitecer voavão contra o rumo de S. Sueste muito rijas como aves que se dirigião para terra.

Nada mais natural e verdadeiro do que as aves ao anoitecer caminharem para terra ao rumo de S. Sueste porque seria essa a sua verdadeira direcção, porém é uma torpe invenção em que o grande navegador d'aquella epocha chamado Vasco da Gama communicasse ao seu amigo Cabral semelhante disparate; e qual o interesse para Cabral saber que para o Sul-

Sueste existia Africa, o que elle não ignorava, provando isto mais uma vez de que a frota de Gama navegava proxima da Costa em que as aves geralmente não se separão a grandes distancias.

Sendo impossivel marcar a verdadeira posição em que achava-se a frota de Gama, por falta de Latitude e Longitude verdadeiras, e até mesmo as distancias, a verdade é que as aves se dirigião ao anoitecer para o continente africano, indicando, portanto, signaes de terra.

Em uma conferencia feita no Retiro Litterario Portuguez pelo Dr. Augusto de Carvalho affirma este senhor, quando disse que a direcção que seguiram ao anoitecer, indicavão terras para os lados do Oeste, que serviu de signal para que Cabral descobrisse o Brazil propositalmente; isto só poderia ser affirmado por quem desconheça completamente a carta geographica e ignore os rumos da Agulha, em que a direcção de Sul Sueste são 22 gráos e 30 minutos do Sul para Este, e que só serviria a quem não quizesse procurar terras para o Oeste!!!!

E, se se levar em conta a variação da Agulha que é na parte d'essa Costa de 18 gráos NO, ignorada n'esse tempo pelos navegadores, porque certamente o rumo marcado seria o da bussola, com esta differença as aves caminhavão cada vez mais para Leste.

O Dr. Augusto de Carvalho n'essa conferencia quiz imitar o escripto, que no Instituto Historico leu o Sr. Barão de Sant'Anna Nery, e publicado no *Jornal do Commercio*; porém, este como mais sagaz, vendo que o rumo do roteiro de Vasco de Gama não lhe convinha para o fim que tinha em vista, o substituiu

pelo rumo do Sul-Sudoeste, isto é, 45 gráos de differença do rumo do roteiro; porém, quando se podesse admittir que se tivesse visto aves voando na direcção de S. SO., ellas não encontrarião terra n'essa direcção em costa banhada pelo Oceano.

Se a frota de Vasco da Gama em lugar de navegar proximo a Africa tivesse engolfando-se no Oceano de 10 a 15 gráos para o Oeste, poderia em outras latitudes encontrar aves voando de encontro ao S. SO., e mesmo Oeste, sem comtudo mostrar terras do Brazil e sim as ilhas oceanicas de Assumpção, Santa Helena e Tristão da Cunha, que não erão conhecidas dos navegadores d'aquella epocha, porque só depois de 1500 é que foram descobertas.

A primeira dista da costa do Brazil pela latitude de Olinda 1227 milhas e a segunda, Santa Helena, pela latitude de Belmonte (Bahia) 1991 e a ultima, Tristão da Cunha, pela latitude da Patagonia 2735; já se vê, pois, que em tão grandes distancias é impossivel o vôo das aves que não se separam da terra a distancia maior de 60 milhas; existe, é verdade, a garça real e outras aves de arribação, que transportão-se a grandes distancias e passão ás vezes de um continente para outro, porèm sempre vendo terra.

Emquanto o proprio roteiro da viagem de Vasco da Gama, não tem valor algum hostorico por ter sido escripto á vista de documentos imaginarios, e desconhecidos seus autores, como affirma o proprio autor do roteiro em o prologo da 1ª edição, paginas XXVI, linha 17: «Quem porém fosse o autor do nosso manuscripto é que não pudemos alcançar.

Do contexto da obra se colhe que não era nenhum

dos Capitães, nem dos Pilotos dos navios, mas sim de um simples soldado ou marinheiro que pertencia a tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do Almirante».... Mais adiante diz: «que Castanheda na sua Historia dos Descobrimentos nos conservou os nomes de alguns d'elles, nomeando a Diogo Dias, escrivão de V. da Gama, Fernão Martins, o seu veador (cujo nome não aponta), João de Sá, escrivão de Paulo da Gama, um marinheiro chamado Gonçalo Pires, Alvaro Velho e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho.»

O roteiro traçado em um pequeno Mappa tambem não é a expressão da verdade, como affirmam os seus autores na 2ª edição a paginas 10, linhas 16—: «Reproduzindo n'esta 2ª edição o Mappa da derrota da Armada, cumpre advertir que embora essa derrota saja em grande parte conjectural, e quanto possivel a reproducção graphica da narrativa a mesma derrota» . .

Desculpe-me a memoria d'este grande escriptor que se chamou Alexandre Herculano, que tanto illustrou a sua patria,—que na ausencia dos trez principaes elementos, que são latitude, longitude e distancias que não existião, nem mesmo o roteiro as menciona, é impossivel traçar uma derrota de navegação.

Assim tambem é mal applicado o nome de roteiro ao livro da viagem de Vasco da Gama; porque roteiro significa a viagem minuciosa do navegador com os pontos de partida e chegada a cada singradura, e todas as occurrencias que n'ella se dão, e nós encontramos n'esse livro uma ausencia completa d'essa

navegação desde o dia 22 de Agosto em que encontraram as taes garças, e d'este ponto passa a 7 de Novembro, em que encontraram signaes de terra.

Que destino teve a frota durante 2 mezes e meio que o roteiro nada diz por onde navegaram?

A verdade é que a frota navegou durante o tempo que deixa de mencionar o roteiro, costeando a parte occidental da Africa, e não poderia deixar de o fazer, por ser essa uma navegação já conhecida até o Cabo da Bôa Esperança pelo grande explorador Bartholomeu Dias, que acompanhou Vasco da Gama até a costa de Mina, e seria um grande erro engolpharem-se em um mar desconhecido, com grande perigo para a frota em tão frageis embarcações.

Na ultima sessão do Instituto Historico do mez de Novembro de 1899 foi offerecido um folheto com o titulo «Descobrimento do Caminho Maritimo da India» e publicado para o Centenario em 1897 a 1898 pelo bibliothecario publico de Gôa, professor de economia politica e socio da Academia de Sciencias de Lisbôa, o Sr. J. A. Ismael Garcia, e copiando o roteiro de Alexandre Herculano, e Barão do Castello de Paiva, discorda em quanto o dia 3 de Agosto (Quinta-feira) e diz: «a 3 de Agosto partiram de S. Thiago para Este e foram rodeando a parte occidental de Africa» —no impresso a paginas 10 e linha 12.

Finalmente para que o pesquisador chegue á verdade dos factos, encontra grande difficuldade pelo desencontro de opiniões de varios escriptores em referencia ás navegações feitas desde 1497 a 1500, e, para que possa-se avaliar, apresentarei o seguinte facto,—o dia da chegada de Vasco da Gama a Lisbôa

foi de grande regosijo publico, festivo e de gala pela recepção do grande Almirante á sua viagem á India.

Diz João de Barros que nasceu pelo anno de 1496 e foi moço da Camara de El-Rei D. Manoel, tendo sido empregado na casa da India desde 1528 á 1567 em que renunciou o lugar,—na sua primeira decada impressa em 27 de Junho de 1532, em o livro quarto, que Vasco da Gama sahiu da Ilha Terceira a 29 de Agosto, e chegou ao porto de Lisbôa não dizendo quando; e apresentando a duvida se a 29 de Agosto foi a sahida da Ilha Terceira ou chegada a Lisbôa.

Damião de Góes que nasceu em 1501 e nomeado Guarda Mór da Torre do Tombo, encarregado pelo Cardeal D. Henrique de compôr a chronica de El-Rei D. Manoel, diz ter chegado a Lisbôa aos 29 dias do mez de Agosto do anno de 1499, havendo já 2 annos e quasi 2 mezes que partiu do mesmo porto.

Castanheda que foi historiador muito consciencioso, em seu livro que foi impresso em 1551 indica a chegada de Vasco da Gama ao porto de Lisbôa a 9 de Setembro de 1499.

Antonio Galvão que viveu na 1ª metade do seculo de 1600 e foi governador das Molucas, escrevendo o tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados se fizeram todos os descobrimentos antigos e modernos, nos affirma que viram as Ilhas de Cabo Verde e a Lisbôa na entrada de Setembro e pozeram vinte e seis mezes d'este caminho. sendo esta a conclusão que pôde colher de

todos os archivos e bibliothecas que examinou e de todos os documentos encontrados.

D. Jeronymo Osorio que seguiu João de Barros não fixa dia nem mez, e contenta-se em designar apenas o anno; e já na passagem da frota de Vasco da Gama em que dobrou o Cabo da Bôa Esperança a 26 de Abril de 1499, quando Alexandre Herculano a dá em 20 de Março.

Alexandre Herculano, tão escrupuloso e severo em assumptos historicos, diz: que foi somente nos ultimos dias de Agosto ou principios de Setembro de 1499 que entrou Vasco da Gama em Lisbôa.

A verdade é que não existe documento algum official e authentico, nem escripto contemporaneo da chegada do grande Almirante, pois todas as investigações feitas em differentes archivos de Portugal, Madrid e Veneza têm sido infructiferas em referencia a chegada, de volta d'essa viagem, a Lisbôa, em um dia tão festivo e de regosijo popular, nem mesmo documento algum de sua viagem.

A historia das descobertas d'aquella epocha está todas estropeada, pelo grande numero de escriptores que d'ellas se têm occupado, em que cada um imagina tudo quanto entende, uns pela ausencia completa de documentos e outros pela ignorancia que os cerca.

O mesmo caso se encontra a respeito da sahida de Vasco da Gama do porto de Lisboa. Ramuzio, San Roman, Maffei e Laclede attribuem a partida de Vasco da Gama a 9 de Julho de 1497. Antonio Galvão no tratado dos descobrimentos antigos e modernos dá o dia 20. Barrou no seu tratado chro-

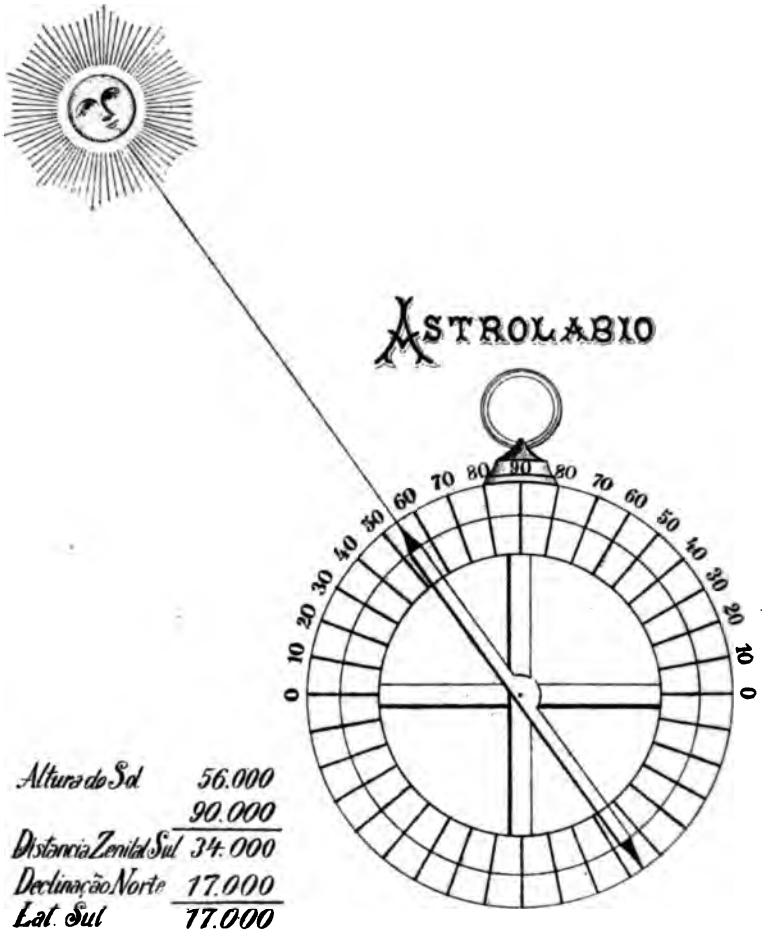
nologico em 1761 dá o dia 3, e o Visconde de Santarém elogia a exactidão de um codice existente na Bibliotheca Real de Pariz por apresentar o dia 2 de Junho de 1497.

Emquanto á viagem de Pedro Alvares Cabral que descobriu o Brazil ao acaso em 3 de Maio de 1500, são ainda em maior numero os escriptores que têm tratado d'essa viagem, e se não fosse encontrada a Carta de Pero Vaz Caminha escripta a El-Rei D. Manoel, do porto de Vera-Cruz em 1º de Maio de 1500, documento este de grande valor historico e geographico, seria impossivel chegar a um accordo a vista do grande numero de disparates com que cada um escriptor mimozeia o publico.

Rio, Setembro de 1899.

OLIVEIRA CASTRO.

—*—




| | |
|---|---|
| Altura do Sol | 56.000 |
| | 90.000 |
| Distancia Zenital Sul | 34.000 |
| Declinação Norte | 17.000 |
| Lat. Sul | 17.000 |

*Observação feita em 7 de Maio de 1500 por Mestre João Phisico de El-Rei D. Manoel no Porto de Vera Cruz.*

# Carta de um piloto portuguez

SOBRE A

## DESCOBERTA DO BRAZIL

Bahia, 21 de Fevereiro de 1900.

*Illm. Exm. Sr. Dez. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*, Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.—Passo ás mãos de V. Ex. a traducção da carta d'um piloto portuguez, referente á descoberta do Brazil, conforme se lê na pagina 121 do 1º volume da obra de João Baptista Ramuzio, 3ª edição impressa em Veneza no anno de 1563, com privilegio do Serenissimo Pontifice, e do Senado Veneziano; a esta traducção acompanha um mappa geographico do Brazil que separei da mesma obra, per parecer-me digno de ser reproduzido na *Revista* do Instituto.

A carta citada abrange a descripção completa da viagem de Pedro Alvares Cabral ás Indias; desde a sua partida aos 8 dias do mez de Março do anno de 1500 até o seu regresso a Lisbôa.

Aos investigadores da nossa historia patria ahi fica mais este documento que pela sua publicação

antiga é digno de commentario, embora seja desconhecido o nome de seu autor.

Terei a satisfação de continuar a traducção da referida carta, e uma vez desempenhado d'esta tarefa, espero ter o ensejo de verter para a nossa lingua as duas importantes cartas, e o itinerario de Americo Vespucio dirigidas á Pedro Soderini, que se achão estampadas na mencionada obra de Ramuzio, e que devem interessar a historia do achamento do Brazil.

Subscrevo-me com alta consideração

De V. Ex.

Venerador e amigo

HORACIO URPIA JUNIOR.

# EXPEDIÇÃO Á INDIA

SOB O COMMANDO DO

## Capitão General Pedro Alvares Cabral

E A

# DESCOBERTA DO BRAZIL

Extrahida da obra. *Viagens e Navegação* de João Baptista Ramuzio, editada em Veneza no anno de 1563

VERSÃO PARA A LINGUA PORTUGUEZA

*Navegação do Capitão Pedro Alvares, escripta por um piloto portuguez e traduzida da lingoa portugueza para a italiana*

"Como o Rei de Portugal manda uma armada de 12 navios, Capitão Pedro Alvares, 10 dos quaes ião para Calecut, e os 2 por outro caminho para Cefalla, na mesma rota, para contractar mercadorias, e como descobrirão uma terra muito abundante de arvores e de gente".

NO ANNO de 1500 mandou o Serenissimo Rei de Portugal Don Manoel uma sua armada de náos e navios para o lado da India, a qual armada se compunha de 12 embarcações entre náos e navios, Capitão General Pedro Alvares, fidalgo, as quaes náos e navios partirão bem apparelhados, e suppridos de tudo necessario que bastasse por um anno e meio, dos quaes ordenou que 10 navios fossem para Calecut, e os outros dois para um outro logar chamado Cefalla, para querer contractar mercadorias, o qual logar de Cefalla se divisa achar no mesmo caminho de Calecut, e igualmente as outras 10 embarcações levassem mercadorias que chegassem para dita

viagem, e aos 8 dias do mez de Março do dito anno estavão promptos, e foi no dia de domingo que andarão duas milhas distantes d'aquella cidade para um logar chamado Rastello, onde está a igreja de Santa Maria de Belém, em cujo logar o piroprio Rei em pessoa foi entregar ao Capitão o estandarte real para dita armada. Na segunda feira que foi aos 9 dias de Março seguio a dita armada com bom tempo a sua viagem. Aos 14 dias do dito mez passava a dita armada pelas ilhas das Canarias. Aos 22 passou pelas Ilhas de Cabo Verde. Aos 24 separou-se uma náo da dita armada de maneira que não se soube mais noticias até o presente dia, nem se poude saber. Aos 24 de Abril, oitavo de Paschoa que foi uma quarta feira, teve a dita armada á vista uma terra, do que teve immenso prazer, e arribarão á ella para ver que terra era, a qual acharão muito abundante de arvores e de gente que andavão pela praia do mar, e lançarão ancora na boca d'um rio pequeno, e depois o Capitão mandou arriar um batel no mar, e mandou ver que gente era aquella, e acharão que era gente de côr escura entre o branco e o preto, e bem disposta com cabellos longos e vãos nús, como nascerão, sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seo arco com flecha, como homens que estavão de guarda do dito rio; na dita armada não tinha alguem que entendesse a lingua d'elles, á vista d'isto aquelles do batel voltarão para a Capitanea; e n'este tempo se fez noite, na qual noite houve grande borrasca. O dia seguinte pela manhã foi-se a dita armada com um grande temporal, correndo a costa para o norte, o vento era de sueste, para ver se

achavamos algum porto para ancorar de volta; finalmente nós achamos um, onde jogamos ancora, e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavão em seus barquinhos pescando; e um dos nossos bateis foi onde estavão, e nós trouxemos dois, os quaes mandamos ao Capitão para saber que gente era, e como foi dito não nos entendiamos por falla nem por aceno, e n'aquella noite o Capitão os deteve comsigo, e no dia seguinte os mandou em terra com uma camisa, uma vestimenta, e um bonet vermelho, pela qual vestimenta ficarão muito contentes, e maravilhados das coisas que lhes forão mostradas.

---

"Como os homens d'aquella terra começarão a tratar com aquelles da armada: da qualidade dos ditos homens, e das casas d'elles, e de certos peixes muito differentes dos nossos"

NAQUELLE mesmo dia a 26 de Abril que era oitavo de Pascoa, determinou o Capitão Mór de ouvir-se missa e mandou armar uma tenda n'aquella praia, debaixo da qual foi erguido um altar e toda gente d'armada foi ouvir missa e a predica, onde se acharão muitos d'aquelles homens bailando e cantando com suas cornetas, e logo depois que foi dita a missa todos voltarão para a náo, e aquelles homens de terra entravão no mar até abaixo dos braços cantando e fazendo agrado e festa; e depois tendo o Capitão designado voltar á terra a gente da dita armada conseguirão folgança e prazer com aquelles homens de terra, e começarão a tratar

com aquelles da armada e davão a elles arcos e flechas por chocalhos e folhas de papel e peças de panno, e todo aquelle dia conseguimos folgar com elles outros, e achamos n'este logar um rio de agoa doce e á tarde voltamos a náo. Assim no outro dia determinou o Capitão Mór de trazer agoa e lenha, e todos aquelles da dita armada forão á terra e aquelles homens d'aquelle logar vinhão-nos ajudar a trazer a dita lenha e agoa e alguns dos nossos andarão pela terra d'onde estes homens estavão cerca de 3 milhas distantes do mar, e barganharão papagaios e arcos e uma raiz chamada Inhame, que é o pão que elles outros comião. Aquelles da armada davão á elles chocalhos e folhas de papel em pagamento das ditas coisas, n'este logar estivemos 5 ou 6 dias. Estes outros homens são por natureza de côr cabocla, e partes nuas, sem vergonha, e os cabellos d'elles são longos e usão a barba pellada, e as palpebras dos seus olhos; e por cima das sobrancelhas pinturas com figuras de côr branca, preta, azul e vermelha, e trazem o labio da bocca, isto é, o inferior furado, e ahi (trazem) usão um osso grande como prego, e outros usão ahi ora uma pedra azul e outros ora verde, e elevando-se por cima da bocca. As mulheres igualmente com as partes sem vergonha, são bellas de corpo, e trazem seus cabelllos longos e as casas d'elles são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores com muitos esteios de madeira no meio das ditas casas, e d'ahi dos ditos esteios para a (muro) parede mettem uma rêde de tecido de algodão pendurada, na qual está um homem, e entre uma rede e outra fazem um fogo de modo que em

uma só casa estavão quarenta e cincoenta camas armadas a modo de tear. N'esta terra não vimos ferro e faltavão outros metaes, e a madeira rachavão com pedra, e havia muitas aves de diversas especies, especialmente papagaios de muitas côres, entre os quaes uns são do tamanho de gallinhas, e outras aves muito bellas; e das pennas de ditas aves fazem capellas e barretes que elles trazem comsigo. A terra é muito abundante de muitas arvores e muita agoa e milho e inhame e algodão N'este local não vimos animal algum (de quatro pés) quadrupede. A terra é grande e não sabiamos se é ilha ou terra firme, assim acreditamos que fosse terra firme pela sua grandeza, e tem muito bons ares, e aquelles homens tem rêdes e são grandes pescadores, e pescão varias qualidades de peixes, entre os quaes vimos um peixe que pegarão, que poderia ser do tamanho d'uma pipa e bastante comprido e redondo e tinha cabeça como porco e seus olhos pequenos e não tinha dentes e tinha orelhas longas, abaixo do corpo tinha varios furos e a cauda era longa uma braça, não tinha pés alguns em algum logar, tinha pelle como couro, a qual era de grossura d'um dedo e as suas carnes erão brancas e gordas como de porco.

---

**"Como o Capitão mandou carta ao Rei de Portugal dandolhe aviso de ter descoberto a dita terra e como por acaso se perderão 4 navios. De Cefalla que é uma mina de ouro conjuncta a duas ilhas"**

N'ESTE DIA que estamos em que determinou o Capitão fazer sciente ao nosso Serenissimo Rei o achamento d'esta terra e de deixar n'ella dois homens degradados e condemnados á morte que

se achavão na dita armada para este effeito, e inesperadamente o Capitão despachou um navio d'entre elles, que tivesse viveres comsigo, e este um dos doze supraditos, o qual navio levou a carta para o Rei, na qual se continha quanto tinhamos visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi em terra e mandou fazer de madeira uma cruz muito grande e a mandou plantar n'aquella praia, e assim como acima ficou escripto deixou 2 homens degradados em o dito logar, os quaes começarão a chorar, e os homens de terra os confortavão e mostravão ter d'elles pena. No outro dia que foi 2 de Maio do dito anno, a armada fez se de vela á caminho para dar volta ao Cabo da Boa Esperança, o qual caminho seria do golfo do Mar para mais de 1200 legoas, que são de 4 milhas por legoa, e no dia 12 do dito mez andando o nosso caminho nos apercebemos d'um cometa para o verso do lado da Ethiopia com um rasto muito grande, o qual appareceu de continuo de veras 8 ou 10 noites.

## De como se descobrio Santa Cruz, e a razam por que se deve chamar ássim e nam Brazil

EINANDO aquelle muy catholico e serenissimo Principe El-Rei Dom Manoel, fez-se huã frota para India de que hia per capitam mór Pedralvarez Cabral: que foy a segunda navegaçam que fezeram os Portuguezes para aquellas partes do Oriente.

A qual partio da cidade de Lisbôa a 9 de Março no anno de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo verde (as quaes hião demandar para fazer ahi agoada) deu-lhes hum temporal, que foy causa de as não poderem tomar, e dese apartarem algús navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empégaranse ao mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podia estovar sua viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o cabo da boa Esperança. E avendo já hum mez, que hião naquella volta nauegando com vento prospero, foram dar na costa da provincia: ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que era alguã grande ilha que alli estava sem haver Piloto, nem outra pessôa alguã que tivesse noticia d'ella, nem que prezumisse que podia estar terra firme para aquella parte Occidental. E no lugar que lhes pareceu della mais accommodado, surgiram aquella

tarde, oude logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança nam ficáram pouco admirados porque era differente da de Guiné, e fora do commum parecer de toda outra que tinham visto.

Estando assi surtos nesta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foy forçado leuarem as ancoras, e com aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a hum porto limpo e de bom surgidouro onde entraram, ao qual puzeram entam este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.

Ao outro dia seguinte, sahio Pedralvarez em terra com a maior parte da gente: na qual se disse logo Missa cantada, e ouve pregaçam: e os indios da terra que alli se ajuntáram ouviam tudo com muita quietaçam, usando de todas os actos e cerimonias que viam fazer aos nossos. E assi se punham de giolhos e batiam nos peitos, como se tiveram lume de Fé, ou por alguã via lhes fora revelado aquelle grande e ineffavel mysterio do Santissimo Sacramento. No que mostraram claramente estarê dispostos pera receberê a doutrina Christãa a todo o têpo que lhes fosse denûciada como adiante se verá na capitulo que trata de seus costumes.

Entam despedio logo Pedralvarez hum navió cõ a nova a El-Rei Dom Manoel, a qual foi delle recebida com muito prazer e contentamento: e dahi por diante começou logo de mandar algûs navios a estas partes e assi se foy a terra descobrindo pouco a pouco e conhecendo de cada vez mais, até que

depois se vêo toda a repartir em capitanias e a pouoar da maneira que agora está. E tornando a Pedralvarez seu descobridor, passados algûs dias que alli esteve fazendo agoada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir, por deixar nome aquella provincia, por elle nouamête descoberta mandou alçar huã Cruz ao mais alto lugar de huã arvore, onde foy arvorada com grande solemnidade e benções de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando a terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquelle mesmo dia a Santa madre Igreja (que era aos trez de Mayo). O que nam parece carecer de mysterio, porque assi como nestes Reinos de Portugal trazem a Cruz no peito por insignia da ordem e cavallaria de Christus, assi prouve a elle que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe podesse ser dado neste santo dia, pois havia de ser possuida de Portuguezes, e ficar por herança de patrimonio ao mestrado da mesma ordem de Christus. Por onde nam parece razam, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam individamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o páo da tinta começou de vir a estes Reinos.

Ao qual chamaram Brasil por ser vermelho e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome do Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria de Santa Cruz e desterral-a dos corações do homem (mediante o qual fomos redemidos e liurados do poder de sua

tyrania) tornemo-lhes a restituir seu nome, e chamamos-lhe provincia de Santa Cruz como em principio (que assi o amoesta tambem aquelle illustre famoso escritor João de Barros na sua primeira Década. tratando deste mesmo descobrimento).

Porque na verdade mais é de estimar e melhor soa nos ouvidos de gête christãa o nome de hú páo em que se obrou o mysterio de nossa redempção, que o doutro que nam serve demais que de tingir panos ou couzas semelhantes.

*(Pero de Magalhães Gandavo,* 1576*).*

# O DESCOBRIMENTO

## Como foi descoberto este Estado

### CAPITULO PRIMEIRO

A TERRA do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobrio de proposito, e de principal intento; mas acaso indo Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no anno de mil e quinhentos para a India por Capitão Mór de doze Náus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou est'outra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com tromenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Ali desembarcou o dito Capitão com seus soldados armados, para peleijarem; porque mandou primeiro hum batel com alguns a descobrir campo, e derão novas de muitos Gentios, que virão; porém não forão

necessarias armas, porque só de verem homens vestidos, e calçados, brancos, e com barba (do que tudo elles caressem) os tiverão por divinos, e mais que homens, e assim chamando-lhe Carahibbas, que quer dizer na sua lingoa cousa divina, se chegarão pacificamente aos nossos.

Donde assim como os Indios da Nova Hespanha, quando viram desembarcar nella os Hespanhóes lhes chamarão viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais cresceo nelles o respeito, quando virão a oito frades da ordem do Nosso Padre São Francisco, que hiam com Pedro Alvarez Cabral, e por Guardião o Padre Frey Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, o qual disse ali Missa, e pregou, onde os Gentios ao levantar da Hostia e Calix se ajoelharam e batiam nos peitos como faziam os Christãos. . .

Bem quizerão os nossos frades pela facilidade que muito mostrarão, para acceitarem a nossa fe catholica ficar-se ali para os ensinarem e baptizarem; mas o Capitão Mor que os levava pera outra seara não menos importante, se partio dahi a poucos dias com elles pera a India, deixando ali hũa Cruz levantada como tambem dous Portuguezes degradados pera que aprendessem a lingoa, e despedio hum Navio a Portugal de que era Capitão Gaspar de Lemos com a nova a El Rey Dom Manoel, que a recebeo com o contentamento, que tão grande cousa, e tam pouco esperada merecia.

## CAPITULO SEGUNDO

### Do nome do Brasil

O dia, que o Capitão Mor Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, que no Capitulo atraz dissemos era a tres de Maio quando se celebra a Invenção de Santa Cruz, em que Christo Nosso Senhor Redemptor morreo por nós, e por esta causa poz nome a terra, que havia descoberto, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos: porem como o Demonio com o signal da Cruz perdeo todo o Dominio, que tinha sobre os homens, . . trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de hum páu assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem pannos. . .

(*Historia do Brasil*—por FREY VICENTE DO SALVADOR—Dezembro de 1627—Bahia).

### Conforme a conta dos Padres Saliano e Bussieres

Tinha já dado o Sol cinco mil e quinhentas e cincoenta e duas voltas ao Zodiaco, pela mais apurada Chronologia dos annos, quando no de mil e quinhentos da nossa Redempção (oito depois que a Christovão Colon levou a especulação a demandar as Indias) trouxe a tempestade a Pedro Alvares Cabral a descubrir o Brazil. Hia este illustre, e famoso Capitão (o primeiro, que depois de D. Vasco da Gama, passava do Tejo ao Indo, e Ganges) governando uma formosa Armada de treze poderosas

naos, com que partio aos nove de Março, e navegando ao principio com prospera viagem, experimentou aos doze dias tão contraria fortuna, que arribando hum dos bateis a Lisbôa, os outros correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, e conduzidos da altissima Providencia, mais que dos porfiados ventos, na altura do Polo Antartico, dezaseis graos, e meyo da parte do Sul, aos vinte e quatro de Abril, avistou ignorada terra, e jámais surcada costa.

### Descubrimento do Brazil. Nomes que lhe forão impostos

Nella surgindo as naos, pagou o General a aquella ribeira a segurança, que achara depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro, e á terra Santa Cruz, pelo Estandarte da nossa Fé, que nella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos, e artilheria da Armada; fazendo com a mesma militar ostentação, e piedade celebrar o Santo Sacrificio da Missa sobre huma Ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredo, que lhe servio de docel, e de Templo, a cujas Catholicas ceremonias estiverão admirados, mas reverentes, todos aquelles Barbaros, e conformes com o exemplo dos Fieis, premissas do affecto, com que depois abraçarão a nossa Religião. Este foy o primeiro descubrimento, este o primeiro nome desta Região, que depois esquecida de titulo tão superior, se chamou America, por Americo Vespucio, e ultimamente Brasil, pelo pao vermelho, ou côr de brazas, que produz.

(*Historica da America Portugueza,* por SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA—Bahia, 1725).

Este foi o notavel descobrimento do novo mundo por aquella parte do Norte, que depois se intitulou Nova Hespanha. O da outra parte do Sul, intitulada primeiro Santa Cruz, e depois Brasil materia principal de nossa historia, não foi menos maravilhoso, nem menos agradavel: e foi assi. Depois de tres annos de principiada a famosa empreza da India Oriental, querendo El-Rei D. Manoel, de santa memoria, dar successor aos illustres feitos do Capitão Vasco da Gama, escolheo pera este effeito a Pedro Alvarez Cabral, Portuguez, varão nobre, de valor e resolução. O qual partindo de Lisbôa pera aquellas partes da India com huma frota de treze náos em Março do anno de 1500, chegou com prospera viagem ás ilhas Canarias: porém passadas estas, foi arrebatado de força de ventos tempestuosos, e derrotados seus navios.

Hum d'elles, o do Capitão Luiz Pires, destroçado, tornou a arribar á Lisbôa: os outros doze engolfados demasiadamente em o Oceano Austral, depois de quasi um mez de derrota, aos 21 de Abril segunda oitava de Paschoa (segundo o computo de João de Barros, Luiz Coelho, e outros) vieram a ter vista de huma terra nunca d'antes sabida de outro mareante: esta reputaram por ilha ao principio, mas depois de navegarem alguns dias junto a suas praias, averiguaram ser terra firme.

Foi incrivel a alegria de toda a armada; porque n'aquella altura jámais viera ao pensamento que podia haver terra. Pozerão-lhe a prôa, e mandou Cabral ao mestre da Capitanea que entrasse no batel, e fosse

investigar o sitio e a natureza da terra: tornou alegre, e referindo que era fertil, amena, vestida de erva e arvoredo, e cortada de rios; e que vira andar junto ás praias huns homens nús, que tirávão de vermelhos, cabello corredio, com arco e flechas nas mãos. Não são cridas da primeira vez as cousas grandes; tornou a mandar Capitães, e fizeram estes certo tudo o re-referido, porque trouxerão comsigo dous pescadores, que apanhárão em huma jangada junto á praia, entrados na náo, vinhão a vêl-os com espanto, como a monstros da natureza: e como nem elles comnosco, nem nós com elles podiamos fallar, por acenos e sinaes procuramos tirar noticias; porém debalde; porque sua rudeza, e o medo com que estavão era tal, que a nada acudião. O que vendo Cabral, mandou que os vestissem, e lançassem em terra com bom tratamento; com que forão contentes aos seus, e lhes contárão o que virão, e facilitárão o tratto.

Lançou a armada ferro para descançar da viagem, e experimentar terra tão nova, em lugar a que chamárão Porto seguro, ou porque n'elle reconheciam seguro abrigo, ou porque n'elle consideravão já seguro o fim de seus maiores trabalhos. Saltárão finalmente em terra, como á competencia de quem primeiro punha o pé em tão ditosas praias. Aqui arvorarão aos 3 de Maio (como querem alguns) o primeiro trophéo de Portuguezes que o Brasil vio, o estandarte de Santa Cruz, ao som de demonstrações de grandes alegrias, e solemnidade de missa, prégação e salvas de artilheria da armada toda, pondo por nome a terra tão formosa, Terra de Santa Cruz, titulo que depois converteo a cobiça dos homens em

Brazil, contentes do nome de outro páo bem differente do da Cruz, e de effeitos bem diversos. Ao estrondo da artilheria, nunca d'antes ouvido n'aquellas regiões, se abalárão, como attonitos, dos arredores de suas serranias, bandos de barbaria, suspensos de verem que sustentava o corpo das agoas maquinas tão grandes, como a de nossas náos da India; e muito mais de verem hospedes tão estranhos, brancos, com barba, e vestidos, coisas entre elles nunca imaginadas.

(*Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*,—pelo Padre Simão de Vasconcellos—1661.

Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do Brazil e como está arrumada

## CAPITULO I

A PROVICNIA do Brazil está situada além pa linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 gráos, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mor, para a India por mandado de El-Rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania de Porto Seguro, no logar onde já esteve a ilha de

Santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de Maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania: e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo logar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

(*Gabriel Soares de Souza*—ROTEIRO DO BRAZIL—1587).

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem c'o pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Doscobril-a-há a primeira vossa frota.
(*Lusiadas*—CAMÕES—Canto X, estancia CXL).

Rompem quilhas soberbas negros mares,
Pasmosa marcha endereçando afoitas;
Domada a furia aos euros, Luzos fortes,
Nos céos pregada a vista, e as mãos no leme,
D'aurora ao berço impavidos proejão.
Eis subita procella o fado excita
Propicia e rija os lenhos empuchando
A' nova plaga e occulta; eu oiço, eu oiço
O alegre som dos vivas, com qu'arvora
Sobre as praias Cabral a cruz e as quinas.
(Do poema *Nictheroy*).

## Historia Geral do Brazil pelo Visconde de Porto-Seguro

. . . partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares, mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr'Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porém não afamado por feitos alguns anteriores. Nas instrucções escriptas que recebeu, e das quaes chegaram providencialmente a nossas mãos alguns fragmentos de maior importancia, foi lhe recommendado que, na altura de Guiné, se afastasse quanto podesse d'Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas.

Obediente a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarando d'Africa, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanicas ou *pelagicas*, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem aos 23 d'Abril, avistou a loeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma dellas, foi um alto monte que, em attenção a festa da paschoa que se acabava de solemnisar a bordo, foi chamado *Paschoal*; nome que ainda conserva esse monte, mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecença d'essa parte do littoral.

A esquadra aproximou-se da costa no dia immediato.

O capitão-mór mandou um batel á terra, o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de linguas africanas e asiaticas, que iam no batel, para se fazerem entender. Assim, o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções.

Isto tinha logar no dia 23 de Abril, cujo anniversario, (em virtude da correcção gregoriana em 1582) se deve celebrar dez dias depois, isto é a 3 de Maio, conforme entre nós effectivamente se admitte.

(Secção V—*Descobrimento da America e do Brazil*)

Cabral suppoz que a terra que descobrira devia ser uma ilha grande; a extensão de costa que elle havia visto, seria de vinte cinco leguas, circumstancia de que um dos pilotos concluiu que o paiz seria parte do continente.

A abundancia de agua, a evidentente fertilidade do terreno e o temperado do clima, tudo se mostrava favoravel para um estabelecimento, que Pero Vaz julgou muito conviria alli fundar, como logar onde se refrescasse nas viagens para Calicut, mas principalmente para converter os indigenas.

Foi Gaspar de Lemos despachado para Lisboa com novas da descoberta, e sabe-se que levou comsigo um dos selvagens. Tambem aos indigenas, quando

virão que os seus hospedes estavão para partir, não persistiram em repellir os dous criminosos que se queria deixar entre elles.

A estes porém faleceu-lhes o animo, quando chegou o momento decisivo, e lamentavão a sua sorte com vozes tão sentidas, que moveram a compaixão d'estes pobres indios, os mais mansos e dóceis de todas as tribus brazileiras. Um d'elles comtudo viveu, para voltar a Portugal, e serviu mais tarde como interprete n'aquellas partes. Da armada desertaram dous moços, escondendo-se na praia, tentados pela perspectiva de liberdade e ociosidade da vida selvagem, de que apenas havião visto a superficie.

(Ramuzio—*Navegação de Pedro Alvares*, vol. 1º).

O Brazil, com as suas *steppes* immensas e as suas florestas virgens, constitue a parte mais consideravel da America Meridional.

E' verosimil que elle tenha sido descoberto por Martim Behaim.

Em 1500 lá aportou o almirante portuguez Cabral, acompanhado de Americo Vespucio, tomou posse da terra em nome de Portugal, erigindo um cruzeiro na costa, e chamando-a Santa Cruz. Os habitantes indigenas seguiram com interesse o officio divino dos Portuguezes, o que estes interpretaram como um augurio favoravel.

Uma tradição antiga refere que o apostolo S. Thomé veiu ao Brazil.

(*Diccionario Encyclopedico da Theologia Catholica*, pelos Drs. Wetzer, e Welte, art. *Brasil*, assignado por Herz).

Brazil foi descoberto a 3 de Maio de 1500 por Cabral, que, dirigindo-se com uma flotilha á India, foi pelas correntes arrastado para o occidente, e aproou junto a Porto-Seguro. Elle deu ao paiz o nome de Santa-Cruz, que pouco depois foi substituido pelo de Brazil, da madeira assim chamada que ha alli em grande abundancia. Quasi ao mesmo tempo reconhecia Pinzon a costa no Maranhão; porém o governo hespanhol, para quem elle navegava, lá não fundou nenhum estabelecimento.

Os Portuguezes, não encontrando ouro nem prata no littoral, por muito tempo descuidaram-se da sua descoberta. Afinal o rei D. João III, apercebendo-se da importancia daquella rica região, em 1530 dividiu o littoral em diversas capitanias, distribuindo-as entre alguns fidalgos da sua côrte com o encargo de povoal-as. . . Os Judeus Portuguezes em 1548 haviam já introduzido na Bahia a canna de assucar, assentando assim as bases de sua futura riqueza.

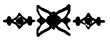
. . . . . .

Quando os Europeus, no principio do seculo XVI, aproaram ao Brazil, acharam toda a costa occupada

pela grande familia dos Tupys, que dividia-se numa porção de tribus, a mór parte em hostilidade permanente, umas com as outras, sendo as principaes os *Carijós* que occupavam a costa de Santa Catharina, os *Tamoyos* que estendiam-se ao norte destes até. Angra dos Reis; os *Tupinambás*, os *Tupiniquins*, os *Tupinans*, que vagavam no Brazil central; os *Tayabós*, os *Cahetés*, os *Pitaguares*, que espalhavam-se entre o Rio Grande e o Amazonas. Toda esta gente vivia da caça e da pesca, sem pouso fixo e sem outra organisação social mais do que a de algumas reuniões em que resolviam-se negocios de interesse geral, e a submissão a certos chefes ou *caciques*, cuja auctoridade, fóra do tempo de guerra, era puramente nominal. Perfuravam-se nos labios, nariz e orelhas, e untavam o corpo de substancias oleosas. Finalmente eram em seu maior nnmero anthropophagos, mas isto só em damno de inimigos. Em meio, porém, de tanto embrutecimento conservavam idéas de generosidade, e timbravam em ser fieis á sua palavra. Distinguiam-se tambem por uma grande coragem. Os *Tupinambás*, principalmente, eram os que se avantajavam ás outras tribus, quer pelo numero, quer pela influencia. A raça *Tupy* havia recentemente conquistado o littoral á outra de costumes tão barbaros, que ella a reputava uma horda selvagem. Essa era a dos *Tapuyas*, igualmente subdividida em numerosas tribus. Mas a conquita não havia sido completa D'ahi uma comfusão que depois reproduziu-se nas narrativas dos primeiros historiadores do paiz. Hoje distinguir a gente da raça *Tupy* da de origem Tapuya é uma das maiores difficuldades

que offerece a etnographia brasileira, e está ainda por saber-se donde os primeiros vinham, quando deu-se a invasão. Estes oppuzerám a principio viva resistencia aos Portuguezes. Vencidos apezar disso, preferindo abandonar seu paiz a submetter-se, pela metade do seculo XVI começaram a emigrar, unico facto notavel da historia dos aborigenes. Os Tupinambás retiraram-se para a linha do littoral da Bahia a Pernambuco, e d'ahi para o Maranhão e para a embocadura do Amazonas. Encontrando em toda a parte inimigos ou molestias que até ahi não conheciam, avançaram cada vez mais longe, e subindo o rio Amazonas estacaram á foz do Madeira, onde os dois viajantes Spix e Martius descobriram em nossos dias seus ultimos despojos numa aldeia chamada Tupinambara.

(*Nuova Encyclopedia Popular*, editada em Turim em 1845, art. *Brasile*).



Ha nas margens do Tejo um monumento a que prende-se mais de uma recordação na historia de Portugal. . . E' o velho convento dos Hyerorimitas de Belém.

Lá celebrava-se no seculo XVI uma grande festa nacional. Os cantos patrioticos misturavam-se aos hymnos solemnes da Egreja; os sons do campanario, levados nas azas do vento até os poeticos pincaros de Cintra, juntavam-se ás fanfarras dos soldados, e aos gritos de alegria de que os marinheiros enchiam

os ares. Quem houvesse transposto o limiar do mosteiro teria sido espectador de uma destas scenas que não se veem mais em nossos dias. O rei D. Manoel tinha a seu lado o grande capitão Pedro Alvares Cabral, encarregado da expedição que tinha de succeder á de Gama. O estandarte real da ordem de Christo com as suas dobras fazia sombra aos ministros que celebravam os santos mysterios. A alevantada voz do bispo de Ceuta, e depois de Viseu, Monsenhor Diogo Ortiz, echoava sob as abobadas do templo. Erguendo-se no throno, o rei cingiu á cabeça de Pedro Cabral o chapéo que Roma costuma enviar em signal de apreço aos mais famosos capitães. O cortejo desfilou depois pelas ruas de Lisboa em direcção ás margens do Tejo. O rei e o capitão attrahiam as vistas de todos. Dir-se-ia que os espiritos entreviam alguma cousa de sublime, algum maravilhoso acontecimento futuro. Uma poderosa flotilha, a mais brilhante que já ancorara nessas aguas, só esperava Pedro Cabral para velejar.

Era o seculo de ouro da litteratura portugueza; eram para essa nação os dias da Grecia no tempo de Pericles, os de Roma no tempo de Augusto, os tda Italia no tempo dos Medicis, os da França no empo de Luiz XIV. João de Barros polia o pomposo estylo de que servir-se-ia Camões alguns annos mais tarde, e dava a lume sua primeira década no momento em que o grande poeta, impellido pelo destino, ia cantar na gruta de Macao os feitos dos seus compatriotas, numa linguagem sempre *nova de immortalidade e de gloria.*

Cabral tinha por companheiros Nicolau Coelho, que

antes seguira Vasco da Gama, e Bartholomeu Dias, que havia descoberto o Cabo da Bôa Esperança.

Era decorrido apenas cerca de um mez e meio, quando Cabral, sem o esperar, viu as terras do Brazil, e dellas tomou posse em nome do rei de Portugal. A 24 de Abril deitou a ancora em Porto-Seguro, e ahi celebrou-se o primeiro acto religioso no sólo dessas vastas regiões, onde a humanidade era representada só por algumas tribus errantes.

(Padre Romualdo Maria de Seixas Barroso—*Quelques mots sur l'Eglise de Bahia (Brésil)*

Com as armas reaes foi levantado
Aqui da redempção o sinal santo:
Da missa o sacrificio celebrado
Alli se vio com acatamento tanto.
O selvagem da terra então prostrado
Assistio. . . oh! que vel-o era um encanto!
Adorando de um Deus desconhecido
Um mysterio por elle não sabido.

(*Gonçalves Teixeira*—A Independencia do Brazil).

Na vasta divisão ao Luso veio
O precioso Brazil contido fica;
Paiz e gentes de prodigios cheio,
D'America feliz porção mais rica;
Aqui do vasto oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso occaso.

(*Santa Rita Durão*—Caramurú).

O CAMINHO uma vez descoberto, logo nelle precipitaram-se os aventureiros e alguns homens de genio.

Acabámos de falar em Colombo e Americo Vespucio. Em 1500 o Portuguez Alvares Cabral, que dirigia-se ás Indias orientaes, foi arrastado por uma tempestade ás costas do Brazil de que tomou posse em nome de seu soberano . . . . . .

Essas descobertas suscitaram graves questões, entre as quaes a de como tão vastas regiões haviam sido povoadas. Hoje está verificado que os piratas scandinavos já visitavam a Groenlandia no seculo sexto, e lá deixaram colonias. No decimo seculo dois Irlandezes, Biarn e Leif, abordaram á região depois conhecida sob o nome de Nova Inglaterra e Nova Escossia, e á qual deram o nome de Finlandia; não é impossivel que tempestades iguaes á que levou Cabral para as costas do Brazil ahi tenham conduzido tambem navios phenicios e carthaginezes; pela sua parte septentrional, a America toca na Asia, e entre os indigenas escontram-se costumes, tradições, monumentos, que indicariam uma origem commum, e relações provaveis com o Egypto, e talvez mesmo com os christãos mais tarde.

(CHANTREL—*Historia popular dos Papas*).

O REI Manoel confiou a Pedro Alvares Cabral o commando de uma frota para o Hindostão, para continuar a obra de Gama, e estabelecer um centro

de commercio na costa do Malabar. A frota, de treze navios, com cerca de 1.200 homens desaferrou de Lisboa em 9 de Março de 1500. Depois de passar as ilhas de Cabo Verde, por alguma razão não ainda conhecida, quer impellido por temporaes, quer para fugir das calmarias que o podiam embaraçar na costa de Guiné, Cabral tomou uma direcção um tanto mais para oeste do que pretendia, e em 22 de Abril, depois de cançada navegação de menos de 60 leguas por dia, na média, achou-se na costa do Brazil, pouco além do limite a que chegara Lepe.

Era bastante facil atravessar assim, sem tal intenção o oceano, porquanto n'essa latitude a costa do Brazil está apenas a dez graus a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde, e a corrente equatorial ao sul, desconhecida de Cabral, pende fortemente para o proprio ponto onde elle foi levado. Approximando-se d'ella d'este modo, Cabral estava certo de que esta costa devia cahir a leste do meridiano papal. Conseguintemente, no 1º de Maio, em Porto-Seguro na latitude de 16º 30' Sul, tomou posse formal da terra para Portugal, e despachou Gaspar de Lemos em um dos seus navios para Lisboa a levar a noticia. Em 2 de Maio levantou ferro e partiu para o Cabo da Bôa Esperança. Ao passar o famoso promontorio, o irado Genio do Cabo fez cahir a sua vingança sôbre o audaz capitão que tinha ouvido revelar o seu segredo. Em uma horrivel tempestade sossobraram quatro navios, e em um d'elles encontrou nas aguas a sepultura o denodado Bartholomeu Dias.

Cabral deu á terra que tinha achado o nome de Vera Cruz, que presentemente é Santa Cruz; mas quando

Lemos chegou a Lisboa com a noticia levava comsigo lindos papagaios, e entre os primeiros nomes postos em antigos mappas da costa do Brazil, encontramos os de—Terra dos Papagaios—e Terra da Santa Cruz.

A terra está tão evidentemente para leste, que a Hespanha não podia contestar que, afinal, havia para Portugal alguma cousa no—«mar oceano».

Ha muito que o Dr. Robertson observou, que, se Colombo nunca tivesse existido, e o encadeamento de causas e effeitos em acção independentemente d'elle não tivesse mudado, o descobrimento da America não se demoraria por muito tempo. (*) Ella teria sido descoberta por acaso em 22 de Abril de 1500, dia em que Cabral viu pela primeira vez a costa do Brazil. Todos os outros que navegaram para as costas occidentaes do Atlantico desde 1492 foram successores de Colombo; Cabral não. Na ordem de sequencia causal elle foi o successor de Gama e Dias, de Lançarote e Gil Eannes, e o capricho do vento e das ondas que o levaram a Porto-Seguro, nenhuma relação teve com o triumpho scientifico do grande Genovez.

Esta aventura de Cabral teve interessantes consequencias. Poz em movimento uma serie de acontecimentos que acabaram no fim de alguns annos por consignar no mappa o nome de «America». (Pags. 96 a 99).

(Segue a descripção da viagem de Americo Vespucio ao Cabo de S. Roque e d'ahi para o Sul até o de Santa Maria).

---

(*) Robertson. *Historia da America* liv. II. Harrisse faz a mesma ponderação no prefacio do seu *Christovan Colombo*.

O nome do navegador Florentino veio a ser synonymo do que hoje chamamos America do Sul, e esta significação lata veio a ser tão firmemente estabelecida, quanto a sua significação restricta foi usurpada pelo nome—Brazil. Tres seculos antes do tempo de Colombo o páo de tinta vermelha, chamado páo-brazil, era um artigo de commercio, com o mesmo nome, na Italia e na Hespanha. Era uma das cousas de valor que vinham do Oriente, e quando os portuguezes acharam em abundancia n'aquellas florestas tropicaes o mesmo páo que tão bello pareceu a Vespucio, o nome Brazil ficou desde logo vinculado ao paiz, e concorreu para desligar o nome America das suas associações locaes. (*)

---

(*) O historiador portuguez Barros declara que a substiuição do nome de Santa Cruz pelo de Brazil deve ter ido obra de algum demonio; pois o que vale este miseravel páo que tinge panno de vermelho comparado com o sangue derramado pela nossa eterna salvação!—"Porém como o demonio per o signal da Cruz perdeo o dominio que tiuha sobre nós, mediante a Paixão de Christo Jesus consummada n'ella; tanto que daquella terra começou a vir o páo vermelho chamado Brazil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um páo que tinge pannos, que daquelle páo que deo tintura a todo os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que nelle foi derramado." (Barros. Decadas da Asia, Lisboa 1778, Tom. 1.º pag. 391.)

(JOHN FISKE—*The Discovery of America*, vol. 2.º)

Guanahani, a guarda avançada do Novo Mundo, foi vista por olhos europeus seis annos antes do descobrimento da America do Sul. Em 1498 Colombo desembarcou perto da embocadura do Orinoco e referiu em linguagem enthusiastica «a belleza da nova terra» e declarou-se impressionado como se «nunca pudesse sahir de um logar de tantos encantos». Entretanto, a honra do descobrimento do hemispherio occidental, deve ser conferida a Vicente Yanes Pinzon, que foi companheiro de Colombo, e commandou a *Nina* na primeira gloriosa viagem que revelou ao Velho Mundo a existencia do Novo. Pinzon desaferrou de Palos em Dezembro de 1499, e, cruzando o equador, deliciou os seus olhos em 26 de Janeiro de 1500 um promontorio verde que chamou Cabo da Consolação. Este é hoje conhecido como Cabo de Santo Agostinho, a terra avançada logo ao sul da cidade de Pernambuco. D'ahi seguiu rumo do norte, descobrindo as vastas embocaduras do Amazonas, e tocou em varios pontos até chegar ao Orinoco.

Quando Pinzon contemplou os palmeiraes e densas florestas, e sentiu recender a especiarias as brisas bafejadas da costa, suppoz estar visitando a India de além Ganges, e acreditou ter já navegado para além da afamada Cathay. Em nome de Castella tomou posse da auspiciosa terra; mas, antes de elle chegar á Hespanha, Pedro Alvares Cabral, distincto navegador portuguez, tinha tomado para o seu rei o territorio. Na volta de Vasco da Gama a Portugal, em 1499, com a certeza de ter descoberto o caminho

para as Indias pelo Cabo da Boa Esperança, o rei D. Manoel resolveu mandar uma grande armada áquellas famosas regiões, com instrucções para entrar em trato commercial com os soberanos orientaes, ou, no caso de recusa, fazer-lhes a guerra e submettel-os. O commando da expedição foi confiado a Cabral, e, a 9 de Março, uma mumerosa frota com os seus mil e quinhentos soldados e marinheiros desaferrou no meio de grandes cerimonias religiosas e militares, honrando o proprio rei o acto com a sua presença.

Com este punhado de homens, destinados a sujeitar o Oriente ás nações commerciaes de Portugal, Cabral fez derrota para as ilhas de Cabo Verde, e d'ahi, com o intuito de evitar as calmarias que reinam na Costa d'Africa, navegou tanto para oeste, que, sem menor intenção de sua parte, descobriu a 21 de Abril de 1500, a mesma terra que, noventa dias antes, fôra visitada por Pinzon.

O descobrimento de Cabral foi, entretanto, *na actual provincia do Espirito-Santo*, perto do monte Paschoal, que está a oito graus ao sul do Cabo de Santo Agostinho.

Alguns escriptores brazileiros de má vonta de mencinam a viagem de Pinzon; outros ignoram-n'a inteiramente, querendo, ao que parece, attribuir toda a gloria a um dos seus antepassados portuguezes.

Cabral foi, sem duvida, impellido pela monção e pelas correntes,—de que não tinha conhecimento—para a costa do Brazil, e assim fez a sua feliz descoberta. Hoje os navios que partem da Europa para as Indias Orientaes, podem (como bem demonstrou o tenente Maury nos seus mappas dos ventos e das

correntes) fazer as mais rapidas viagens aproveitando-se das maravilhosas monções (*trade-winds*) navegando primeiro para a America do Sul, e depois na direcção do cabo de Bôa esperança. Pinzon sahiu de Palos com o fim de fazer descobrimentos occidentaes; Cabral partiu de Lisboa com instrucções para se dirigir aos descobrimentos orientaes de Vasco da Gama; mas, porque um feliz accidente, (outros dizem uma horrivel tormenta) arrastou a sua armada para o Brazil, e isso, tambem, mezes depois de ter desembarcado o navegador hespanhol no cabo de Santo Agostinho, não ha nem razão nem justiça no orgulho nacional que pretende privar da prioridade do descobrimento a Vicente Yanes Pinzon.

No domingo de Paschoa foi celebrada missa, solemnidade que foi repetida no 1º de Maio; e na presença de milhares de aborigenes, foi levantada uma grande cruz com as insignias de D. Manoel, e a terra a que deram o nome de *Vera-Cruz* foi solemnemente declarada possessão do rei de Portugal.

Foi o padre Fr. Henrique de Coimbra quem dirigiu as cerimonias religiosas, e nas quaes elle foi piedosamente acompanhado (assim resa a chronica) pelos indigenas *imitando os gestos e movimentos dos portuguezes*.

Foram deixados dous degradados com os naturaes, e um d'elles veio a ser depois muito util como interprete. Cabral despachou para Lisboa Gaspar de Lemos, a partecipar ao monarcha o descobrimento e a posse em summa da nova Terra da Vera Cruz, depois do que seguiu a sua derrota para as Indias Orientaes. O papa de Roma fixou uma regra

determinando a propriedade das terras descobertas pela Hespanha e Portugal; e assim ficou disposta a questão entre Pinzon e Cabral.

(*Brasil and the brasilians*, pelos Reverendos JAMES C. FLETCHER e D. P. KIDDER, 9.ª edição. Londres, 1879, pags. 46 a 48.)

Irá logo o Cabral, varão famoso,
Ver do Brazil a costa prolongada
Onde um trophéo levanta glorioso,
Em que deixa sua fama eternisada.

(G. PEREIRA—*Ulysséa*, canto 7).

Da nova região que attento observa
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Coberta a praia está de grã caterva
De incognita nação que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida
Erguendo-lhe o trophéo do autor da vida.

(*Santa Rita Durão*—CARAMURÚ).

## Carta do Rei D. Manuel aos reis catholicos da Hespanha, Fernando e Isabel partecipando-lhes a descoberta

Muy altos e muy excelentes y muy poderosos principes senores padre y madre.

. . . . . .

« O dito meu capitão (Pedro Alvares Cabral) com treze náos partio de Lisboa a 9 de Março do anno passado. Nas oitavas da Paschòa seguinte chegou a uma terra que novamente descobrio, a qual poz o nome de Santa Cruz, na qual achou as gentes núas como na primeira innocencia, mansas e pacificas, a qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse, porque é mui conveniente e necessaria para a navegação da India, porque ali reparou seus navios e tomou agua; e pelo grande caminho que tinha de andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra; apenas me enviou d'ali um navio para me notificar de como a achou, e fez o seu caminho por via do cabo da Boa Esperança

Cintra, 9 de Julho de 1501.

(Do *Brazil Historico*, vol. 1º, pag. 66)

Entre varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brazil. Era, pois, natural que apenas apparecesse um paiz, a que se podesse applicar, se fixasse n'elle este nome, que

até então andava vago e incerto, e d'aqui, provavelmente, veio o ter elle prevalecido sobre a denominação official, e até mesmo santificada pela sancção religiosa.

(SOUTHEY—*Historia do Brazil*).

PARTINDO de Lisboa a 14 de Março, e continuando sua viagem, foi tal sua ventura que a 24 do seguinte Abril depois de uma espantosa tormenta que lhe poz a mão na vida, por descanço d'ella e para recuperação da eterna, que infinitos barbaros tinham em perdição, descobriu a provincia do Brazil, terra conjunta com a do Perú e novo mundo, muito fertil e fresca, e tão sadia, que a vida de seus habitantes mais lhes falta pelos desamparar a natureza, que por enfermidade alguma que os persiga.

(*Dialogo de varia historia*, Dial. IV).

. . . . . a cruz entanto
Sublime n'um outeiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prostra humilde, pondo em terra a bocca;
Pasma o gentio e admira com espanto
A melodia com que o Céo se invoca,
Hymno entoando á cruz pios cantores,
E respondendo as tropas e os tambores.

(*Santa Rita Durão*—CARAMURÚ).

# A BAHIA CABRALIA (*)

STA Bahia é formada pela curva intensa da costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a Corôa Vermelha, ao sul, e pelos recifes Sequarahyba, Itassepanema, Alagadas, Baixinha da Corôa Vermelha e pela rocha da mesma corôa. Tem a bahia 12.964 metros de comprimento, sobre 5.556 de largura, sendo protegida pela linha de recifes que margêa a costa.

As coordenadas da ponta norte que forma uma das entradas são: 16°—15'—35" de latitude e 4°—9'—15" de longitude, referida ao meridiano do Rio de Janeiro. São cinco os recifes que fecham a leste a bahia, todos differentes e situados desde a ponta norte a Corôa Vermelha; formando cinco passagens, das quaes quatro são tão profundas que dão ingresso á navios das maiores dimensões. A quinta, que fica mais ao norte, entre a ponta de Santo Antonio e o recife Sequarahyba, só é praticavel por embarcações de pequena cabotagem que navegam ao longo da costa por dentro dos recifes dos Araripes.

Depois do recife Sequaratyba, o que fica mais ao norte é o Itassepanema, a rumo S E da ponta de

---

(*) Extrahido dos "Estudos sobre a *Bahia Cabralia* e *Vera Cruz*" pelo Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Bahia, 1899.

Santo Antonio. Tem elle 3.700 metros de comprimento N N E, S S W, ficando a descoberto em quasi toda a sua extensão; tendo no centro uma corôa chamada Coroa Alta. Este recife forma com o immediato, Alagadas, uma passagem de 1.389 metros com 12 metros de profundidade. A esta passagem chamam Boqueirão Grande.

A rumo S. S. W do Itassepanema se acham dois recifes, tendo um 415 metros e o outro 393 de comprimento, ficando na baixa mar com 2 metros d'agua, deixando entre si uma passagem a que denominam Boqueirão Pequeno e ambos os recifes —Alagadas. A sondagem desta passagem dá de 15 a 12 metros. A rumo S W das Alagadas existe uma rocha coberta, onde o mar raramente quebra chamada Baixinha da Corôa Vermelha e forma o limite sul da grande passagem. Esta rocha fica a rumo de 43° S E da Egreja de Santa Cruz. Tem ella 48m,50 de extensão, accusando a sonda, sobre ella, na baixa mar, 4 metros.

Pode, entretanto, ancorar qualquer navio, pois, em torno, a sonda diz que tem de 11 a 14 metros de profundidade. A 1200 metros da Baixinha e a rumo S S W della está o recife da Côroa Vermelha que, indo juntar-se a ponta da mesma coroa forma a extremidade Sul da bahia.

Sobre este recife, que fica a descoberto, na baixa mar, está a Corôa Vermelha, com 55 metros de comprimento por 19 de largura sempre visivel na prêa-mar. O recife da Corôa-Vermelha que fica a rumo N N E, forma com a costa, a que se liga, e que corre a rumo de N W um porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, accusando a sonda de

10 a 15 metros de profundidade. No canal que fórma á Baixinha com o recife sobre o qual se acha a Corôa Vermelha, diz a sonda ter 11 metros, sendo esta a quarta passagem que dá ingresso á bahia.

Ao sul o recife caminha sempre acompanhando a costa até unir-se aos de Porto-Seguro, tendo antes formado a pequena enseada do Mutá, de barra muito estreita, formada ao norte pela ponta sul do recife da Corôa Vermelha e ao sul pela ponta Itá, a que denominam Boqueirão dos Francezes.

O canal existente desde a Corôa Vermelha até Porto-Seguro, por dentro dos recifes, só pode ser navegado por canôas, isso mesmo na prêa-mar.

---

## A Corôa Vermelha

Sobre uma rocha calcarea de cento e trinta e cinco metros de comprimento, formando com a ponta sul da costa, na baixa-mar, verdadeiro promontorio, se acha a Corôa Vermelha, formada de areia grossa de côr amarella escura. Esta corôa, que fica sempre a descoberto, fórma uma ilhota com 55 metros de comprimento por 19 de largura.

O recife que lhe serve de base dirige-se a rumo N N E e se vem ligar á praia que corre a rumo de N W, formando o *seguro port* de Cabral. Não é de mais repetir que foi ahi que no sabbado 25 de Abril do anno de 1500 (5 de Maio) ancorou a esquadra de Cabral. Que foi *n'este ilhéo grande que na bahia está* que no domingo de Paschoela, 25 de Abril (6 de Maio) *pela manhã determinou o Capitão ouvir missa e pregação.*

Que foi n'este ilhéo, *debaixo de um esperavel, que o padre frei Henrique, em voz entoada e offerecida com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, celebrou a primeira missa.*

Que, finalmente, neste ilhéo, pela primeira vez, foi erguida *alta da parte do evangelho a bandeira de Christo com que sahio de Belèm* a esquadra de Cabral. Da Corôa Vermelha, descortina-se toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte até a ponta sul, onde se acha collocada a cruz dos capuchinhos. D'ahi domina-se toda a enseada do Mutá ao sul e barra do Mutary ao norte.

---

## O Monte Paschoal

Na imposibilidade de ir de perto estudar este monte, primeira porção de terra avistada pela esquadra de Cabral em 22 de Abril de 1500 (3 de Maio), assim como photographal-o do mar, devido á quadra em que elle se acha, coberto sempre de neblina, procuramos em uma manhã clara apanhal-o, embora a grande distancia, da torre da egreja de Porto-Seguro.

A distancia não dá logar a que se possa fazer precisa e nitida idéa; entretanto, aqui juntamos a descripção feita pelo almirante Mouchez, afim de que se possa mais claramente formar juizo a seu respeito: « Latitude 16° 53' 20," longitude 41° 44' 47" (meridiano de Paris), altura 536 metros, visivel a 16 legoas. Visto de éste e de nordeste, esta montanha apparece como um cabeço isolado de fórma arredondada, ligeiramente conica, dominando as terras circum-

visinhas; mas de sueste vê-se-o acompanhado de muitos cabeços menos elevados e de um pico muito notavel tendo a fórma cylindrica de uma grossa torre sobre o cume de uma montanha. Este pico é o João Leão, que está a 12 milhas a rumo de S W a W do Monte Paschoal e parece um pouco mais elevado que elle. São estes os unicos cumes, vistos de largo, que se encontram entre os morros de Commandatuba (15° 1/2 de latitude) e as altas terras do Espirito-Santo (20° de latitude).

Este monte está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos.»

Bahia (linda terra), monumento
D'antigos Portuguezes celebrados,
Altiva por prospecto corpulento,
Dominados dos Engenhos apostados.
Goza Mitra Primaz, e foi já assento
De Grandes Capitães, e bem prendados:
Por commercio feliz vive brilhante
Dos rijos Hollandezes triumphante.

(Padre *F. do N. Silveira*—Coro das Musas).

# Centenario do Brazil

**Que data de mez e dia do corrente anno de 1900, corresponde com o dia 22 de Abril de 1500, *de accordo* com a reforma do Calendario juliano, feita pelo papa Gregorio XIII em Outubro do anno de 1582?**

O sabio não deslustra o desacerto n'um conceito de qualquer assumpto, o *erro* de calculo n'uma equação algebrica, n'um problema aritmetico, no computo de um Calendario. A reflexão corrige a inadvertencia; a rectificação emenda o erro.

Era eu bem menino ainda quando li de um poeta carioca a estancia que ahi vai:

"No fim do seculo decimo sexto,
segundo a historia do melhor texto,
aos vinte dois do mez de Abril,
Cabral a costa viu do Brazil."

Os historiadores, que não são poetas, antes prosaicos, nos quaes não ha que fiar, e muito que desconfiar, que são submissos repetidores, e nunca investigadores acurados, são, *quasi* a uma, de consenso.

Foi, portanto, no dia 22 de Abril do anno de 1500, que Cabral deu com as terras do Brazil.

Vejamos agora no anno de 1900 em que mez e dia deve corresponder o dia 22 de Abril de 1500.

O anno de 1500 foi bisexto. Os annos bisextos teem letra dominical dupla: a letra do anno de 1500, é a dupla *E D*. A letra *E* serve para os mezes de Janeiro e Fevereiro e *D* para o mez de Março a Dezembro. A letra *D* indica que o 1º de Abril de 1500 foi uma 4ª feira; o dia 22, tambem 4ª feira.

Julio Cezar, 45 annos, conforme uns, 46 conforme outros, antes da era Christã, estabeleceu o calendario que ficou sendo chamado Calendario juliano.

N'esse tempo tinha-se como certo, que o sol gasta exactamente 365 dias e um quarto em fazer sua revolução annual. Conseguintemente, Julio Cezar prescreveu a intercalação de um dia todos os quatro annos; de sorte que trez annos communs de 365 são seguidos de um anno bisexto de 366 dias. O dia intercalado ou complementar do anno bisexto se ajunta ao mez de Fevereiro que então conta 29 dias.

O periodo de tempo conhecido por *seculo* é a reunião de cem annos julianos de 365 dias e um quarto. Este periodo comprehende 36525 dias.

O calendario juliano regulou sem mudança nos paizes catholicos até o fim do XVº seculo.

A intercalação de um dia todos os quatro annos no calendario juliano torna o anno civil maior que o solar; pois resulta de um anno de $365^{ds.},25$; emquanto que o valor medio do anno tropico é realmente de $365^{ds.},2422166$.

A differença de $0^{d.},0077834$ por anno se eleva a $0^{d.},0311336$ em 4 annos e a $3^{ds.},11336$ em 400 annos.

D'esta sorte, o anno civil adoptado no calendario juliano sendo muito longo, seu começo retardava *sempre sobre* o começo do anno solar.

A differança era de 10 dias no fim do seculo XVI, em 1582. Para obstar a este inconveniente, determinou o papa Gregorio XIII (*Buoncompagno*) aconselhado pelo astrologo Luiz Lilio, que se cortassem 10 dias ao anno de 1582, e ficou assentado que, para o futuro, trez annos seculares, que segundo os regulamentos feitos por Julio Cezar deveriam ser *bisextos*, fossem *communs* e que no quarto somente se intercalasse um dia supplementar.

Na bula da reforma ordenou o papa Gregorio que o dia seguinte ao de 5ª feira 4 de Outubro de 1582 se chamasse 6ª feira 15 de Outubro do anno de 1582.

Em França o corte de 10 dias no Calendario só teve logar no mez de Dezembro seguinte. Por cartas-patentes do rei Henrique III, o domingo 9 de Dezembro de 1582 foi seguido immediatamente da 2ª feira 20 de Dezembro de 1582.

Depois desta correcção de 10 dias, continuou-se na intercalação juliana de um dia todos os quatro annos. Porém como ella produz um retardamento de 3 dias em 400 annos, ficou convencionado suprimir o dia intercalar nos trez annos de 1700, 1800, e 1800, e que trez annos seculares communs seriam seguidos de um anno secular bisexto.

O anno secular de 1600 sendo bisexto nos dois calendarios, o avanço do calendario gregoriano sobre o calendario juliano ficou de 10 dias durante o seculo XVII; de 11 dias no seculo XVIII; de 12 dias no seculo XIX, e agora desde o 1º de Março de 1900, de 13 dias.

Basta ajuntar 13 dias, do 1º de Março em diante, á uma data juliana para ter a data no calendario gregoriano.

Portanto o dia 22 de Abril de 1900, 4ª feira, corresponde ao 6 de Maio de 1900, Domingo. A letra dominical do anno de 1900 é *G*.

No calendario gregoriano, fundado sobre o movimento do Sol, as estações voltam nas mesmas épocas do anno. Não acontece o mesmo em relação as *festas moveis* que são reguladas pelo movimento combinado do sol e da lua, e que dam-se em datas differentes de um anno para outro. Estas festas são sempre separadas da festa movel da Paschoa por intervalos do mesmo numero de dias.

A festa da Paschoa é celebrada na 1ª dominga depois da lua cheia, que cai no dia do equinocio da primavera ou alguns dias mais tarde. O equinocio tendo sido fixado em 21 de Março pelos computistas e o decimo quarto dia da lua contado com a epacta, sendo reputado o dia da lua cheia, o Domingo de Pascua pode cahir ao mais cedo a 22 de Março e ao mais tarde a 25 de Abril.

As taboas abaixo servem para transformar as datas gregorianas em julianas e as julianas em gregorianas.

| *O calendario gregoriano avança* | *Datas julianas* |
|---|---|
| De 10 dias de 5 de Outub. de 1582 | a 18 de Fev. de 1700 |
| " 11 dias de 19 de Fev. de 1700 | a 17 de Fev. de 1800 |
| " 12 dias de 18 de Eev. de 1800 | a 16 de Fev. de 1900 |
| " 13 dias de 17 de Fev. de 1900 | a 15 de Fev. de 2100 |

— —

| *O calendario juliano retarda* | *Datas gregorianas* |
|---|---|
| " 10 dias de 15 de Outub. de 1582 | a 28 de Fev. de 1700 |
| " 11 dias de 1º de Março de 1700 | a 28 de Fev. de 1800 |
| " 12 dias de 1º de Março de 1800 | a 28 de Fev. de 1900 |
| " 13 dias de 1º de Março de 1900 | a 28 de Fev. de 2100 |

Fica provado; parece? que o dia 6 de Maio de 1900, Domingo, é o dia que corresponde ao dia 22 de Abril de 1500 e não o dia 3 de Maio, como tenho lido em escriptos relativos a questão.

Se desacertei, provem; se *errei*, rectifiquem o calculo. Aceito de bom grado a correcção, ou a rectificação.

*In libro qui inscribitur in sapientem non caaere injuriam.*

Bahia, 21 de Abril 1900.

Dr. Rozendo Aprigio P. Guimarães.

# REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico

E

# Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Mexima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulos.

JUNHO DE 1900

ANNO VII VOL VII N. 24

BAHIA

—

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII Junho de 1900 Num 24.

# O Centenario na Bahia

A Bahia, acudindo ao appello que lhe dirigira o Instituto Geographico e Historico para a commemoração do centenario do descobrimento do Brazil, dignificou, em expansões francas da alma popular, o grande facto historico, que regista o nosso nascimento na civilisação.

O pensamento que nesta agremiação scintillara fulgurante ao cuidar ella nesse testemunho da consciencia de nossa individualidade, e despertara, desde os primeiros momentos o enthusiasmo que accendem nos animos emancipados as idéas generosas, corporisara-se na adhesão sympathica de todas as classes no meio de applausos unanimes.

Foi assim que em uma grande reunião realisada no salão da Intendencia Municipal a 23 de Outubro de 1898, sob a presidencia do Governador do Estado e assistencia do consul de Portugal, organisou-se um programma de festas, que deviam ser levadas a effeito, sob a direcção de uma commissão eleita de

seu seio, constituindo a representação de todos os elementos interessados no facto que se ia commemorar.

O vasto plano de festa, traçado pela commissão, que secundando os esforços do Instituto, alargava o circulo de taes manifestações, que não se podiam limitar ás deliberadas por aquella associação, soffreu, por varias circumstancias de ordem economica, sensiveis modificações, ficando resumido ao que foi executado, e teve condigno realce nas irradiações de enthusiasmo de que foram revestidas as festas.

O acontecimento de ha quatrocentos annos, que assegurara a Portugal o melhor quinhão de suas conquistas, a mais soberba gloria de suas ousadas aventuras maritimas, descerrando-lhe vastissimo campo á multiplicação de sua riqueza e de seu poder, si não se desdobrava em oblações da colonia perdida ao colonisador afortunado e imprevidente, desentranhava-se em manifestações espontaneas e dignas da vontade de um povo livre á nação de que bebera o primeiro leite de sua existencia.

O vulto epico do navegador, que tivera a dita de engastar na corôa portugueza o Brazil como a mais bella gemma de sua opulencia, estava-lhe diante dos olhos da estatura de um predestinado.

Pouco importa que a fama desmedida da marinha lusa tivesse levado o venturoso rei, a quem servira, a sepultar-lhe essa gloria, que o tempo teria de vingar, exhumando-a.

Mais do que na historia do feito, envolvido nas fulgurações dos arrojados commettimentos *daquelles que por obras valerosas se foram libertando da lei da morte*; mais do que na legenda que os consagrava como da estatura dos heróes de Homero, o nome de Cabral era o de um genio bemfazejo, abrindo aos destinos da humanidade uma senda larga e triumphante, creando um nucleo poderoso de actividade e intelligencia, de onde surgiria mais tarde uma nacionalidade talhada para o progresso e para a liberdade.

A mocidade evocou-o em transportes de jubilo e a

infancia o repetiu em hymnos vibrantes, em acclamações ininterruptas e vivazes.

Era um preito de justiça altamente significativo e honroso em que fraternisavam animos amigos e sinceros, inspirados de gratidão.

Dando essa prova da comprehensão que tem de seu papel, no momento actual de sua vida, a terra que, no Brazil, primeiro banhou-se dos clarões da civilisação christã, não procurou affirmar, senão que pelos mesmos mares sobre os quaes arfaram indecisas e inquietas as velas da frota lusitana, continuará, num movimento crescente, a fazer affluir aos centros do velho continente os productos do seu trabalho; elevando o seu nome pelo exercicio consciente de sua liberdade, pela multiplicação de sua actividade, pela força privilegiada de sua intelligencia.

---

As festas celebraram-se na ordem em que as vamos enumerar e foram descriptas pela imprensa, que prestou á commissão solicitos e optimos serviços, publicando edições commemorativas, bem como artigos e poesias inspirados.

Foi este o programma das festas publicado pela commissão:

**Dia 1.º de Maio**

A's 9 horas da manhã missa campal celebrada pelo Exm. Sr. Arcebispo na praça Duque de Caxias, partindo em seguida, dalli até a praça Municipal, um prestito civico.

**Dia 2**

Sessão solemne no salão nobre do Conselho Municipal, presidida pelo Sr. Governador do Estado, subindo á tribuna o conferente Conego Manfredo de Lima ás 12 horas do dia, não havendo convites especiaes.

A' noite illuminação e musica nos coretos, e espectaculo de gala no Polytheama com o drama— *Cabral.*

### Dia 3

Alvorada nos quarteis, salvando de hora em hora um parque de artilheria nos angulos da praça Duque de Caxias.

A's 9 horas missa e *Te-Deum* na egreja da Sé com assistencia do Sr. Arcebispo, cabido metropolitano, autoridades civis e religiosas.

A's 12 horas sessão solemne anniversaria do Instituto Geographico no seu edificio, situado na praça historica «Quinze de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), que será inaugurado.

A's 5 horas da tarde grande parada de revista militar no Parque Duque de Caxias, formando todas as forças militares federaes e estaduaes.

A' noite illuminação e musicas nos coretos, e espectaculo de gala no Polytheama.

### Dia 4

Grande concerto vocal e instrumental ao meio dia no salão nobre do Conselho Municipal.

### Missa campal

Com a missa campal tiveram começo as festas do Centenario.

Desde as primeiras horas do dia notava-se grande movimento da população, que de todos os pontos da cidade affluia para o Campo-Grande, onde se achava erigido um altar sobre um monte rodeado de arvores e varias plantas, no qual deveria officiar o Sr. D. Jeronymo.

A's 9 horas da manhã já a extensa praça Duque de Caxias estava apinhada de povo; vendo-se, no pavilhão e fóra delle, representantes do clero secular e regular, seminarios, communidades, representante do Governador do Estado, os secretarios do Estado, commissão executiva dos festejos, presidente e membros do *Instituto Historico e Geographico*, officiaes de terra e mar, consules, commandante e

officiaes da brigada policial, muitos representantes da guarda nacional, idem d'*A Bahia*, do *Correio*, *Diario* e *Jornal de Noticias*, membros do funccionalismo publico, estendendo-se pelas alamedas do parque as associações convidadas e o grande e festivo cortejo de creanças de escolas publicas, municipaes, collegios e outras.

Ameaçando chuva, foi o altar collocado no pavilhão da esquerda do monumento, celebrando então ahi a missa o Sr. Arcebispo, que ao terminar fez uma allocução analoga ao acto.

Por essa occasião foram entoados pelas creanças das escolas municipaes hymnos patrioticos.

Logo após organisou-se o prestito civico, bello e magestoso pelo seu numero excepcional.

O importantissimo cortejo desfillou na ordem seguinte:

Esquadrão de lanceiros da brigada policial.

Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, precedido pela sua philarmonica.

Philarmonica Carlos Gomes.

Banda de clarins e tambores do 16° batalhão.

Alumnos da escola do Pilar levando bonito estandarte.

Na vanguarda via-se uma allegoria, representada por tres interessantes creanças.

Escola dos Mares, a cargo do professor Gonçalo Botas.

Escola da Penha, dirigida pelo professor Cincinato Franca e precedida pela philarmonica *Lyra de Apollo*.

Escolas municipaes, antecedidas de um estandarte branco.

Externato S. Domingos.

Escola dos Mares, regida pelo professor Presciliano Leal.

Os alumnos levavam bandeirolas com as côres nacionaes e as iniciaes C. B. em doirado.

Escola de Sant'Anna, do professor Leopoldo dos Reis.

Dous alumnos iam na frente conduzindo uma effigie de Cabral, trabalhada a crayon.

Escola da Rua do Passo, dirigida pelo professor Lucio Casimiro dos Santos, precedida de cornetas e tambores do 9º batalhão.

Escola Mixta da Lapinha.

Escola do Rio Vermelho.

Gymnasio Archiepiscopal, puchado pela banda do 5.º batalhão de policia.

Lyceu de Artes e Officios, cujos alumnos empunhavam flammulas, umas verdes, outras amarellas.

Collegio Piedade. Todas as alumnas trajavam de branco. Dos hombros pendiam fitas azul-celeste franjadas de ouro e tinham o nome do collegio.

Collegio N. S. dos Anjos Levava vistoso estandarte, um anjo de roupagens verdes e azas brancas.

Trajo branco e cinto verde em alças amarellas.

Como distinctivo uma rosa de folheta dourada e palmas verdes.

Instituto Normal—Escolas annexas e alumnas do curso normal, seguidas do corpo docente e da secretaria do mesmo estabelecimento.

Era branco o trajo das alumnas, que tinham por distinctivo uma roseta encarnada

Levavam bonito estandarte granate.

Quatro normalistas levavam aos hombros o andor com o retrato de Catharina Paraguassú.

Puchava o Instituto a banda do 3.º de policia.

Gymnasio da Bahia—distinctivo sulferino e oiro. Um alumno levava a bandeira nacional.

Escola de Bellas-Artes.—Estandante rico e de muito gosto. Distinctivo—Um laço de fita branco e vermelho.

*Club Cycle Bahiano* —Os socios deste club apresentaram-se de maneira a conquistar merecidos elogios.

Levavam com suas bicycletas pequeno e elegante estandarte, tendo a haste de metal prateado.

Trajo branco, bonet preto e largas faixas de gorgurão listradas de branco e encarnado.

Philarmonica União dos Chapelleiros.

Banda de tambores e clarins da brigada policial.

Collegio Santa Luzia—De branco, inclusive o calção, faixas verdes a tira-collo, com a denominação do collegio, em lettras doiradas.

Collegio Florencio—Uniforme branco.
Collegio Carneiro - Uniforme azul marinho.
Philarmonica da Barra.
Collegio 7 de Setembro com a bandeira do estabelecimento feita de séda verde e emblema e dizeres em oiro.
Collegio S. Salvador—De branco, cinturão de oleado preto.
Precedia os alumnos deste collegio a banda do 9.º batalhão de infanteria.
Faculdade de Medicina e Escola Livre de Direito, levando erguidos os seus riquissimos estandartes.
Escola Polytechnica.
Na vanguarda das escolas superiores, que levavam o andor com a effigie de Tiradentes, marchava a banda do 2.º batalhão da Brigada policial.
Associação Commercial antecedida da banda do 1.º corpo de policia.
Colonia Portugueza.
Commercio.
Beneficencia Hespanhola com a respectiva bandeira.
Banda do 26 batalhão.
Classe Caixeiral—Compunha o seu prestito cerca de oitocentas pessoas.
Centro Operario.
Banda do 16.º batalhão.
Sr. general commandante do districto, seu estado maior, commandantes superior da guarda nacional e da brigada policial, officialidade.
Quatro officiaes levavam o andor do marechal Deodoro da Fonseca.
Ao attingir o prestito um dos angulos do forte de S. Pedro desenrolou-se uma bandeira nacional, atravessada em cordeis, daquella fortaleza para um predio fronteiro, e *confetti* côr de rosas cairam sobre a effigie do fundador da Republica.
Banda do 5º batalhão de artilharia.
Instituto Geographico e Historico, levando a charola de Pedro Alvares Cabral.
Quatro marinheiros nacionaes levavam aos hom-

bros a primeira pedra do monumento do descobridor do Brazil.

Seguiam-se: membros da commissão executiva e do Instituto, senadores e deputados estaduaes; secretarios do Estado; official de gabinete do Sr. Dr. governador, que não compareceu á missa nem ao prestito por incommodo de saude, segundo fez declarar; membros do Conselho municipal; representantes da imprensa, altos funccionarios, etc.

Fechava o prestito o corpo de bombeiros com o seu arsenal, clarins, etc.

O prestito que gastára cerca de tres horas em seu trajecto chegou á praça Municipal a 1 hora e 45 minutos da tarde, debaixo de vivissimos applausos de quantos lhe aguardavam a passagem enfileirados nas ruas de seu transito, bem como das janellas das casas, que estavam apinhadas de senhoras e creanças.

Tendo-se de proceder nesta praça a collocação da pedra do monumento a Cabral, dirigiu-se a commissão executiva para um pavilhão ahi mandado construir para essa cerimonia, que foi presidida pelo Dr. Octaviano Muniz, que representava como secretario interino do Interior o Sr. Dr. Governador do Estado.

Pronunciaram por essa occasião discursos eloquentes e substanciosos os Srs. Dr. Salgado, consul de Portugal, José Antonio Costa, ex-secretario da agricultura do Estado, e presidente da commissão executiva.

Durante esta cerimonia ouviam-se hymnos patrioticos, cantados por centenas de creanças, e executados por muitas bandas de musica.

Após o discurso do Dr. Costa, o Dr. Braz do Amaral leu a acta, depois do que collocou em uma caixa de madeira, contida em outra de marmore, exemplares das edições de 30 de Abril do *Correio de Noticias*, *Diario de Noticias*, *A Bahia* e *Jornal de Noticias*; o numero especial da «Revista do Instituto Historico», o numero especial d'*A Bahia Typographica*: e moedas da epoca.

Na occasião de ser a pedra depositada na compe-

tente cava, e depois das principaes pessoas atirarem pasadas de cimento, o secretario do interior ergueu vivas á memoria de Cabral, á Bahia, berço da nossa nacionalidade, á Republica, á Constituição e á commissão do Centenario; sendo outros vivas levantados pelo Intendente municipal.

São estes os termos da acta:

ACTA DA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A PEDRO ALVARES CABRAL

No dia primeiro de Maio do anno de mil e novecentos, no meio da Praça Municipal, n'esta cidade da Bahia de Todos os Santos, perante o exm. sr. governador do estado, general commandante do districto, intendente do municipio, secretarios do estado, imprensa, capitão do porto, auctoridades de terra e mar, federaes e estaduaes, corporações e associações que compareceram á procissão civica, que partiu da praça Duque de Caxias em direcção a este ponto, após a missa campal alli celebrada, pelo Exm. Arcebispo, foi pelo Exm. Sr. Dr. José Antonio da Costa, presidente da commissão que promove, por iniciativa do Instituto Historico da Bahia, a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, declarado que tinham sido convidadas as pessoas presentes, para assistirem á collocação da 1.ª pedra do monumento que a Bahia vae erigir ao navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, symbolisando o facto do descobrimento, que abriu este paiz a civilisação, concedendo em seguida a palavra ao Exm. Sr. Dr. João Salgado, consul de Portugal, que em nome de sua nação proferiu algumas palavras relativas ao mesmo facto, depois do que o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, governador do estado da Bahia, collocou a primeira pedra do monumento, tocando as musicas, que se achavam na praça, o hymno nacional.

E eu, Dr. Braz do Amaral, primeiro secretario da commissão central executiva, que promove a commemoração do 4.º centenario da descoberta do Brazil,

lavrei a presente acta, da qual serão conservadas duas copias competentemente assignadas pelas autoridades e mais pessoas presentes. no Instituto Geographico e Historico da Bahia e no Archivo Publico.

(Seguem-se as assignaturas.)

*Declaração*—Declaro em tempo que o exm. sr governador, não tendo comparecido por molestia, foi substituido pelo Sr. Dr. Octaviano Muniz Barretto, secretario do interior, e que assistiram ainda a inauguração o sr. capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, pela marinha, e os representantes da imprensa.»

---

Na pedra do monumento foram gravados os seguintes dizeres.

«No dia 1.° de Maio de 1900 o Sr. Governador Dr. Luiz Vianna collocou esta pedra do monumento a Pedro Alvares Cabral, construido por iniciativa do «Instituto Geographico e Historico da Bahia» para perpetuar a commemoração do 4.° centenario da Descoberta do Brazil».

---

A' noite tocaram bandas militares nos pavilhões erguidos nas praças, que se achavam ornamentados com flammulas e bandeiras; illuminando os edificios publicos e muitas casas particulares.

---

O Governador do Estado offereceu um banquete ao almirante Schley e á officialidade dos navios da armada americana surtos em nosso porto, que tinham vindo assistir ás festas do Centenario.

Ao banquete estiveram presentes, além de altos funccionarios do Estado e da União, os presidentes das duas casas da assembléa legislativa, intendente municipal, os consules de Portugal, dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, da Italia e da Hollanda.

Ao champagne o Sr. cons. Luiz Vianna, em alevantadas phrases brindou aos Estados-Unidos da America do Norte na pessoa do seu presidente Mac-Kinley, representado alli pelo illustre almirante Schley e seus dignos camaradas.

O almirante respondeu em hespanhol, agradecendo e brindando o presidente da Republica na pessoa do Sr. cons. Luiz Vianna e a união da familia americana.

A's 9 1|2 horas terminou o banquete, seguindo-se ás 10 o baile, que se prolongou animadissimo até 4 horas da manhã.

---

No dia 2, conforme marcava o programma, realisou-se no salão nobre do paço municipal, a sessão solemne para conferencia do conego Manfredo Alves de Lima

Apesar da copiosa chuva que cahiu sobre a cidade, foi notavel a concurrencia á sessão, á qual compareceram os Srs. Governador do Estado, intendente e conselheiros municipaes, a meza e membros do Instituto Geographico, presidente e membros da commissão executiva, directores de collegios, funccionarios federaes e estaduaes, artistas etc

Presidiu-a o Sr. Dr governador, ladeado dos srs. Drs. intendente e presidente da commissão.

A 1 hora da tarde, aberta a sessão, occupou a tribuna o illustrado conferente, que em discurso substancioso prendeu com vivo interesse durante uma hora a attenção do escolhido auditorio, que o applaudiu calorosamente.

---

A' noite houve espectaculo de gala no Polytheama Bahiano, representando-se o drama de Arthur Azevedo—*O Badejo* e a comedia—A *carta anonyma.*

Foi extraordinaria a concurrencia.

Antes, porém, do espectaculo foi executado pela orchestra o hymno nacional, e em seguida a com-

posição do maestro José Nunes intitulada—«Hymno a Pedro Alvares Cabral»; recitandc depois o actor Eduardo Vieira uma poesia de Demetrio Alvares, que foi muito applaudida.

---

A's 9 1|2 horas da manhã do dia 3 de Maio forão celebrados na egreja da Sé missa e *Te-Deum* em acção de graças pela data faustosa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil.

Pontificou o Sr. D. Jeronymo Thomé. Compareceram todo o clero superior, o intendente municipal e o presidente do Conselho, commissões do «Gabinete Portuguez de Leitura», da «Real Beneficencia Portugueza» e representantes da imprensa,

Nesse dia celebrou o Instituto a sessão magna annunciada.

A imponencia de que esteve revestida essa solemnidade, que se elevou á altura do acontecimento celebrado, deixou viva e perduravel impressão no animo de quantos alli estiveram presentes, que o foram em numero avultadissimo, não obstante os repetidos aguaceiros que cahiram sobre a cidade, impedindo quasi a toda a gente a sahida á rua.

A direcção, que, para dar maior realce á festa, inaugurou nesse dia o novo edificio de suas sessões, de que ha tempos fizera acquisição por compra do predio á praça «Quinze de Novembro», não poupou esforços para que a sessão tivesse o maior brilhantismo.

O auditorio, sobre ser numerosissimo, era constituido do que de mais conspicuo possue a Bahia nas lettras e sciencias.

Presidiu a sessão o Dr. Luiz Vianna, governador do Estado, ladeado pelos Drs. Salvador Pires, presidente do Instituto, e João Torres, 1.º secretario.

Era 1 hora da tarde quando começou.

O Cons. Salvador Pires, produzindo a oração de abertura da sessão, declarou inaugurado o novo edificio do Instituto Geographico da Bahia e agra-

deceu o comparecimento das pessoas presentes áquella solemnidade.

Seguiu-se-lhe com a palavra o Cons João Torres para fazer a leitura do relatorio do movimento da associação no anno findo.

Logo após occupou a tribuna o orador official, Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos, cuja palavra, tantas vezes laureada, vibrou em magnificos accentos de eloquencia e erudição.

Calorosos e prolongados applausos acolheram o seu substancioso discurso.

Retirando-se o Sr. Dr. Luiz Vianna por ter de receber no palacio do Governo os cumprimentos officiaes do estylo, assumiu a presidencia o Cons. Salvador Pires; occupando o seu logar de 2.º secretario o Dr. Isaias Santos.

A tribuna do Instituto foi successivamente occupada pelos Srs. Dr. João Salgado, consul de Portugal, professor Borges dos Reis, que leu valiosa monographia de sua lavra sobre usos e costumes dos indigenas, Damasceno Vieira, que discorreu sobre o descobrimento e o capitão Arthur Gomes de Carvalho.

Todos os oradores, ouvidos com a attenção de que eram dignos, colheram justos e repetidos applausos.

A sessão terminou ás 3 1|4 da tarde.

Durante a cerimonia tocou a banda do 1.º corpo do regimento de policia, que executou ao finalisar a sessão o hymno nacional.

Foi distribuido um numero especial desta «Revista» em homenagem ao 4.º centenario da Descoberta do Brazil.

---

Em espectaculo de gala representou-se no Polytheama Bahiano o drama—«Pedro Alvares Cabral» —do Sr. Eduardo Victorino, secretario da Companhia Dias Braga.

Foi grande a concurrencia; comparecendo ao theatro o Sr. Dr. Governador do Estado, de cujo cama-

rote assistiu ao espectaculo o almirante americano Schley, que fôra acompanhado de diversos officiaes americanos.

Depois de executados pela orchestra o hymno nacional, o hymno a Pedro Alvares Cabral, a mocidade das escolas superiores ergueu enthusiasticos vivas, que foram respondidos pela maioria dos espectadores; sendo os vivas do estylo levantados do camarote do governador.

Do palco, onde ao assomar foi recebido com calorosas palmas, recitou em seguida o festejado poeta rio-grandense Damasceno Vieira a sua bellissima composição poetica—«A Flor do Manacá», colhendo geraes e merecidos applausos.

Teve então execução o drama, que foi intelligentemente interpretado pelos artistas.

---

Uma das mais bellas feições da commemoração do acontecimento de 1500, que tanto interesse despertou no espirito publico, foi sem duvida o concerto realisado no dia 4, no salão nobre da Intendencia municipal.

Uma affirmação cabal da nossa aptidão e do nosso gosto pela arte era indispensavel naquelle conjuncto de esforços intelligentes.

Em verdade foi isso o que se conseguiu mostrar naquella festa artistica, que coube ser organisada pelo Dr. Alberto Muylaert, director interino do conservatorio de musica annexo á Escola de Bellas-Artes.

Ao meio dia estava litteralmente cheio o salão, no qual era notavel o numero de senhoras.

O concerto começou pouco depois de 1 hora da tarde, com a execução da ouvertura do «Guarany» pela banda dos alumnos do Collegio dos Orphãos de S Joaquim, sob a regencia do seu habil e infatigavel professor Guilherme Mello.

Finda a ouvertura, foi brilhantemente satisfeito o seguinte programma:

I PARTE—1.º—Mendelsohn—Marcha nupcial para 2 pianos a 8 mãos—Dd. Maria Alves e Imbassahy Gomes, e Sr. Boccanera, alumnos do conservatorio, e seu professor Alberto Muylaert.

2.º—Alard—Symphonia para 2 violinos — Mademoiselle Olga Domschke e professor Scheel.

3.º—Gounod—Ave-Maria—para canto, piano, harmonio e cordas—Dd. Almerinda Ribeiro, M. Alves, Alice e Alzira Ribeiro, Hilda Imbassahy, Isaura Aguiar e Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Luiz e Jorge Dantas, alumnos do conservatorio, mademoiselles O. Domschke e Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, V. Amaral, Ignacio e Luiz Brochado, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

4.º—Quinteto de Widor—para pianno, harmonio, flauta, violoncello e violino—Srs. Muylaert, Fróes, A. Barros, Zeferino e Maiffre.

5.º—Wagner—Grande côro de Lohengrin — por todos os alumnos do conservatorio.

No intervallo da 1.ª parte a banda de musica dos Orphãos de S. Joaquim executou, com muito brio, um trecho da *Lucrecia Borgia*, merecendo muitos applausos.

II PARTE—Moskowsky—Serenata para cordas.

Haendel—Largo para piano, harmonio e cordas—Dd. Alice e Alzira Ribeiro, M. Alves, H. Imbassahy, I. Aguiar, Srs. Maiffre, Custodio, Zeferino, Tolentino, Dante, Jorge e Luiz Dantas, alumnos do conservario, e mademoiselles O. Domschke, Joaquina Lacerda e Srs. Bastos, Araujo, Muniz Barretto, Muylaert, Fróes e Scheel.

2.º—Fantasia—Para violino sobre o Ballo in Maschera, pelo seu auctor F. Muniz Barretto.

3.º—Saint-Saens — Aria para soprano da opera Sansão e Dallila—D. Almerinda Ribeiro.

4.º—E. Grieg — Suite de Per Gyntt (drama de Ibsen).

*a*)—A scena da morte d'Ase.

*b*) A scena da dança d'Anitra, para cordas, pelos alumnos, amadores e professores citados.

5.º—Saint-Saens—Dança macabra para 2 pianos a 4 mãos, pelos professores Muylaert e Fróes.

Foi debaixo dos applaulos calorosos dos assistentes que todos esses trechos finalisaram.

Encerrou o concerto a banda dos Orphãos de S. Joaquim, que executou magistralmente o hymno nacional.

---

A's 5 horas da tarde desse dia realisou-se no parque Duque de Caxias a retreta annunciada em accrescimo do programma.

Tomaram parte nesse excellente certamen todas as bandas militares, sob a regencia do alferes Joaquim Pedro, solicito e antigo professor das bandas do regimento policial.

A concurrencia foi enormissima, graças ao tempo que fez, em contraste com os dos dias anteriores, em que copiosos aguaceiros se succediam ininterrompidamente.

Foram executadas as peças seguintes. que muito agradaram ao publico assistente:

1.º Hymno Nacional.—2.º Hymno do Centenario. —3.º Hymno da Republica.—4.º Symphonia do Guarany.—5.º Homenagem á Bahia.

Entre essas peças produziram magnifico effeito a *Symphonia do Guarany* e a *Homenagem á Bahia* do maestro Domenech.

Durante as noites desses dias de festa illuminaram os edificios publicos e tocaram nos coretos erguidos nas praças principaes bandas militares; havendo sempre notavel concurrencia de pessoas,

---

Em consequencia das chuvas abundantes deixou de realisar-se no dia marcado no programma a parada militar, a qual entretanto no dia 6 effectuou-se com grande luzimento.

Formados ás 9 1/2 da manhã no largo do Cruzeiro o 5.º de artilharia de posição, o 9º e o 16º de in-

fanteria de linha, o 1º, o 3º e o 5º do regimento policial, constituindo uma divisão, seguiu esta, após as continencias á bandeira, sob o commando do coronel Saturnino Ribeiro da Costa, para o parque Duque de Caxias, guardando a seguinte ordem:

Coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior, commandante da divisão, com o seu estado maior;

1.ª brigada, commandada pelo coronel Lydio Porto, commandante do 16º batalhão, e composta dos referidos 9º, 16º e 5º, na ordem em que aqui ficam escriptos;

2.ª brigada, commandada pelo coronel Affonso Pedreira de Cerqueira, commandante da brigada policial, e composta dos 1º, 5º e 3º batalhões, nesta mesma collocação.

A's 10 horas e 1/4 entravam as tropas no parque Duque de Caxias, onde tomaram as seguintes posições: 5º de artilheria e 3º de policia, lado do *Chalet Parisien*; 9º e 16º batalhões, lado do Club Inglez; 1º e 5º de policia, lado chamado Banco dos Inglezes.

No pavilhão levantado no ponto do ramal do Rio Vermelho estavam os Srs. Dr. governador do Estado, os Drs. secretarios do interior e de segurança publica, o presidente do Senado Estadual, o presidente e membros da commissão executiva das festas commemorativas, representantes do *Instituto Geographico e Historico*, iniciador dessas festas.

A's 10 e 45 minutos chegava, acompanhado do seu estado-maior, o Sr. general de divisão Roberto Ferreira, commandante do districto, que se collocou ao lado direito do pavilhão, junto á bandeira nacional. Salvou então a artilharia; passando em seguida o Sr. general Roberto Ferreira, acompanhado de seu estado-maior e do Sr. coronel Saturnino Costa, revista ás tropas, que começaram a desfilar ás 11 e 15 minutos.

Após a passagem das tropas em frente ao pavilhão, o Sr. general Roberto Ferreira e o Sr. capitão de mar e guerra Alves Camara, foram apresentar ao Sr. governador do Estado os seus cumprimentos; retirando-se todos logo depois.

As tropas apresentaram-se com ordem e muito asseio.

A concurrencia de assistentes a esta festa foi extraordinaria.

Por essa occasião o Dr. Braz do Amaral, secretario da commissão executiva do Centenario, solicitou do Sr. Dr. governador do Estado que procedesse á distribuição de algumas das medalhas commemorativas, mandadas cunhar pelo Instituto Geographico, o que S. Ex. fez offerecendo uma a cada um dos seguintes Senhores: general Roberto Ferreira, comandante do districto militar; Dr. Octaviano Moniz Barretto, secretario do interior; Dr. Asclepiades Jambeiro, secretario de segurança; Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, capitão do porto, e representando a marinha; Dr. José de Aquino Tanajura, presidente do Senado Estadual; Coronel Dr. José de Siqueira Menezes, delegado do chefe do estado-maior do exercito, no Estado; Tenente-coronel Dr. Ildefonso Martins, delegado da directoria geral de saude do exercito no Estado, estes dois ultimos fazendo parte, naquella occasião, do estado-maior general.

O Dr. Braz do Amaral offereceu, em nome da commissão, uma medalha ao Sr. Dr. governador do Estado.

Foram egualmente enviadas medalhas ao Sr. almirante Schley e a cada um dos commandantes dos tres vasos de guerra americanos, surtos neste porto, e os quaes assistiram ás festas do centenario.

Essas medalhas são de bronze, e têm o diametro de cinco centimetros.

Em uma das faces vê-se, em relevo, uma caravella portugueza de 1500, navegando com os pannos enfunados, e em torno os dizeres: «*Quarto centenario do descobrimento do Brasil—1500—1900*.»

Na outra face, as palavras *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, cercando o emblema dessa associação, um escudo encimado por uma estrella e atravessado pelo distico *Urbi et orbi*.

O desenho dessas medalhas fôra apresentado pelo Sr. Dr. Braz Amaral.

Em uma das reuniões dessa commissão, na residencia e sob a presidencia do erudito Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima, foi esse desenho approvado.

As medalhas cunharam-se em Lisboa, sendo destinadas ás auctoridades mais elevadas do paiz e sociedades congeneres do *Instituto Historico da Bahia.*

Nesse mesmo dia realisou-se no *Hippodromo S. Salvador* a corrida annunciada em homenagem á data que se commemorava.

Foi enorme a concurrencia, sendo notavel o numero de senhoras, que se viam na archibancada.

Compareceram a esta brilhante festa hippica os Srs. Drs. Governador do Estado e almirante Schley.

---

**Moção da Camara**

Em sessão da Camara dos Deputados do dia 5 o Dr. Souza Britto, em eloquente improviso, fundamentou a seguinte moção, que foi approvada unanimemente, assim como a emenda que em seguida publicamos:

A camara dos Srs. Deputados congratula-se com a Bahia pela grandiosa data que commemora o 4° centenario da descoberta do Brazil, e levanta em seguida a sessão.

Em Camara, 5 de Maio de 190 ! —*Souza Britto.—Cerqueira Lima.—Themistocles de Menezes.—Octacilio dos Santos. — Prisco Paraizo. — Gustavo das Neves.—José Pires —Odalberto Pereira.—Ramiro de Azevedo. — Mariani Wanderley.—Hermelino Leão.*»

O Dr. Raphael Jambeiro fundamentou a seguinte emenda :

Depois da palavra—Brazil, accrescente-se: « E insere na acta um voto de louvor ao «Instituto Geographico e Historico», a cujos esforços e iniciativa se devem as festas aqui realisadas.

Em Camara, 5 de Maio de 1900.—*Raphael Jambeiro.—Odalberto Pereira.*»

Em muitos pontos do interior do Estado foi o memoravel facto celebrado com festas enthusiasticas; recebendo o Governador do Estado, a commissão executiva e autoridades superiores telegrammas de congratulação por esse motivo.

---

Como dissemos, a imprensa da capital, reflectindo o sentimento geral e interpretando-o dignamente, deu vivo impulso ás festas, e publicou edições interessantes pela boa escolha de artigos e poesias referentes ao assumpto dellas.

Isto, porém, que já era uma homenagem de alto preço á data celebrada, teve o esmalte de publicações outras, que valiosamente vieram attestar o estado actual da nossa intelligencia, como uma realidade apreciavel e um enthusiasmo fecundo.

Foram ellas:

*Carta de Pero Vaz Caminha a El-Rei D Manuel*—com o *fac-simile* do texto original—Edição para o Instituto Geographico e Historico da Bahia.

*Pindorama* — romance descriptivo do descobrimento por Xavier Marques. Obra premiada em concurso.

*A Descoberta do Brazil*—drama em 4 actos, por Moreira de Vasconcellos. Obra premiada em concurso.

*A Bahia Cabralia e Vera-Cruz*—pelo major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, mandada publicar pelo governo do Estado.

*Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*—n. 23—commemorativo do Centenario.

*A Flor de manacá*—poemeto de Damasceno Vieira.

*A Sublime Epopéa*—synthese lyrica em tres cantos pelo Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão.

*Guainumby*—scenas de costumes indigenas, por Carlos Gomes.

*Thesouro do Brazil*—de Damasceno Vieira.—Obra commemorativa. Estudo historico dos principaes acontecimentos occorridos no Brazil desde 1500 a 1900. Nos prelos da *Empreza Editora*.

Na Capital Federal foram feitas as seguintes publicações.

*Brasil*—pelo Dr. Zeferino Candido.

*Historia do Brasil*—por João Ribeiro.

*Galeria Historica*—pelo Dr. Ramiz Galvão.

*Geographia do Brasil* — por Eliseu Reclus, traducção do Dr. Ramiz Galvão.

*A Missa de Frei Henrique e o Descobrimento do Brasil*—pelo almirante Fonseca.

*Revista Maritima*—numero especial, commemorativo, 11 do vol. 19.

*A Colonia do Sacramento*, obra editada pelo «Retiro Litterario Portuguez».

——

Em Pernambuco:

Carta de Pero Vaz de Caminha, prefaciada e com um appendice pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

——

Em S. Paulo:

*Pindorama*—revista historica em 4 actos, pelo padre Araujo Marcondes.

——

No Paraná:

*O Paraná no Centenario* — obra mandada editar pelo governo do Estado.

——

No Amazonas:

*As Duas Americas*—por Candido Costa.

——

Em Santa Catharina:

*A Ilha*, 1º volume—de Virgilio Varzea.

——

Em Portugal:

*Brasil-Portugal*—numero extraordinario comme-

MARIO GIOVANNETTI

morativo: 1 volume de 100 paginas, com 150 gravuras.

*Descobrimento do Brasil*—romance historico por Alberto Pimentel.

Além das festas realizadas no Pará, entre as quaes salientaram-se as da intelligencia em sessões litterarias, cabe-nos registrar a fundação do «Instituto Historico e Ethnographico do Pará», em commemoração ao descobrimento do Brazil.

——

**Concursos litterario e artistico**

A commissão executiva do centenario, de accordo com o n. 5 do programma approvado pelo Instituto, declarou abertos dois concursos litterarios:

*a*) para um drama de assumpto nacional, o qual seria levado á scena n'um dos theatros d'esta capital;

*b*) para um poema descriptivo do descobrimento do Brazil, ou um esboço historico sobre o mesmo assumpto

Os dois trabalhos preferidos no julgamento dariam direito a cada um dos seus autores ao premio de 1:000$000, sendo impressos á custa da commissão, cabendo aos autores 100 exemplares da sua producção, ficando de todo garantidos os direitos de propriedade.

A commissão julgadora d'esses concursos ficára constituida dos seguintes socios: Drs. Satyro de Oliveira Dias, Alfredo de Andrade, Braz do Amaral, José Octacilio dos Santos e Aloysio de Carvalho.

A essa commissão foram enviados os seguintes trabalhos:

1.—*Jaraguá*, drama indigena, em 4 actos e uma apotheose, com o pseudonymo *Hostiario*;

2.—*A Descoberta do Brazil*, drama em 4 actos, pseudonymo *Angelus*;

3.—*Os Degráos de um throno*, ou a *Honra dos Paulistas*—drama em 5 actos, em verso, pseudonymo *Orlando Rosas*;

4.—*Descoberta do diamante no Brasil*—drama em 3 actos e 10 quadros, pseudonymo *Raymundo de Castella*;

5.—*A Carta Regia*—drama em um acto, pseudonymo *Alea jacta est:*

6.—*Pindorama*—romance-poema, pseudonymo *F. Franco*;

7.—*Guaynumbi*—scenas de costumes selvagens, por Carlos C. Gomes

Lidos demorada e cuidadosamente esses trabalhos, foram unanimemente premiados, o drama *Descoberta do Brasil* e o romance-poema *Pindorama*.

Abertas as cartas reveladoras dos pseudonymos, verificou-se que *Angelus* era o talentoso actor dramatico brazileiro Francisco Moreira de Vasconcellos, então fallecido, e *F. Franco* o conhecido jornalista e litterato bahiano Xavier Marques.

Os originaes de todos esses trabalhos ficaram rubricados na primeira pagina pela commissão julgadora e carimbados com o sinete do «Instituto Geographico e Historico».

Infelizmente, apezar dos esforços empregados pela Commissão do Centenario e da subvenção especial que lhe foi concedida, a Companhia «Dias Braga» não quiz levar á scena o drama premiado em concurso, sendo representado o drama *Cabral* do Sr. Eduardo Victorino, director da Companhia.

---

Ao concurso de esculptura aberto pela Commissão para o monumento commemorativo do Centenario, enviaram suas propostas varios artistas nacionaes e estrangeiros, de grande talento e merecimento comprovado.

D'entre elles destacamos os Srs. Jozeph Gabriel Sentis, professor da nossa Escola de Bellas Artes; Domiciano Rossi e Amedeu Zanni, S. Paulo; An-

tonio Teixeira Lopes: Antonio Augusto da Costa Motta, da Escola de Bellas Artes de Lisboa; Ignacio José de Souza; Guilherme & Comp.; Vera Cruz de Villa Nova de Gaya; *Semper Fluctuat* (L. Wilde).

Em sessão de 13 de Março foi escolhido pela Commissão do Centenario o projecto do monumento executado pelo professor J. G. de Sentis.

O esquisso mede 2m,25 sobre 1 metro de base e e 1m,30 de diagonal.

Cabral, vestido de sua armadura de almirante da frota, está no centro de um magestoso grupo, erecto e radiante, apontando para o sólo com a mão direita.

A' direita e para o fundo, um sacerdote, frei Henrique de Coimbra, occupa-se em fincar no torrão gentio uma cruz talhada em madeira tosca.

A' esquerda e em plano inferior, sentado, um indio nú de fórmas vigorosas, apunhando com a mão esquerda arco e frecha, olha com pasmo para Cabral.

Ao fundo, sob a fronde de uma palmeira, uma india, tendo sobre os joelhos uma creança, que estreita contra o seio, tenta afastar o seu homem de ao pé de Cabral, travando-lhe do braço.

A columna sobre a qual se eleva o grupo, representa uma torre fortificada, de rigoroso estylo manuelino, tendo na base, em cada um dos angulos, pequenas guaritas, no cimo de cada das quaes veem-se os bustos de quatro homens notaveis da época.

Nas quatro faces do monumento, entre as guaritas, destacam-se baixos relevos, symbolos da marinha, do commercio e da industria, as armas portuguezas, as armas indigenas.

O grupo, como os bustos e os baixos relevos serão de bronze e a columna de marmore.

O monumento deverá ser de 15 metros de altura sobre 8 de base.

---

## Congresso Chatolico

Para commemorar o 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, sob a presidencia de honra do Exm. Sr. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil, se reuniu o primeiro Congresso Catholico Brazileiro na Igreja Cathedral de S. Salvador, no dia 3 de Junho do corrente anno.

A reunião do Congresso foi precedida de uma solemne procissão, extraordinariamente concorrida, no domingo 27 de Maio.

As sessões do Congresso, ao qual compareceram os bispos do Pará, de S. Paulo e de Petropolis, sacerdotes e seculares da Capital Federal, e de quasi todos os Estados da Republica, e ao qual adheriram todos os prelados brazileiros ausentes, bispos de varias republicas americanas, muitas corporações e que mereceu a approvação do Papa Leão XIII, tiveram logar de 3 de Junho até 10 do mesmo mez, quando solemnemente foi encerrado o Congresso, tendo o Exm. Sr. Arcebispo pronunciado os discursos de abertura e de encerramento.

# Discurso do Dr. José Antonio Costa

Presidente da Commissão

*Exm. Sr. Governador*

*Senhores*

Investido pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, como presidente da commissão tirada do seu gremio, do encargo de promover condignamente a commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, sinto-me preso ao dever de dirigir algumas palavras, por occasião de realisar-se o acto do lançamento da primeira pedra do monumento destinado a perpetuar a memoria de Pedro Alvares Cabral, o destemido nauta a quem coube a ventura de fazer surgir do desconhecido esta formosa região, que a nossa boa fortuna aprouve destinar para nossa Patria.

Não é essa uma elocução que vá buscar sua filiação em inconfessaveis preconceitos de nativismo, mas sim no mais elevado, nobre e justo dos sentimentos, o amor da Patria, que a todos nós avassala e prende com eguaes e fortes liames, tenhamos nascido nos mais cultos paizes do universo, ou nas mais frigidas ou adustas regiões da terra.

Ha 400 annos, occorrera o memoravel facto, que é nosso intuito commemorar.

Era então este paiz uma especie de grande tela, disposta para receber a impressão de todas as tintas adequada a transmittir todas as imagens, que a

alma forte do grande povo que o achara entendesse, de nella fixar.

E, para gloria desse povo, é grato reconhecer, que, com a sua melhor gente si não esboçara nesta tela as vivas côres que constituem uma nacionalidade ousada e aventurosa, lançara nella as colorações as mais risonhas e sympaticas, quaes as que caracterisam a cortezia, a generosidade e a bravura, que lhe são virtudes peculiares.

Por essas afinidades, nós somos os verdadeiros filhos d'essa outr'ora grande e poderosa nação; as idéas, os sentimentos, os preconceitos, os defeitos como as virtudes, que nos são proprios, é no bom e nobre paiz europeu que tiveram e, porventura, continuam a ter suas origens.

Foi um preito de homenagem a este paiz o que n'este momento lhe rendi, volvendo para elle o meu pensamento, antes de fixal-o no grandioso feito, que agora estamos commemorando.

E' a quarta vez que o tempo, em sua fatal e necessaria successão, ha deixado marcos na estrada que trilha a nossa patria, desde a época do seu descobrimento.

E nada que recorde essas datas notaveis se ha feito para demonstrar á posteridade as effusões de alegrias com que passaram.

Era que, então em sua juventude, o nosso paiz não tinha amadurecidas as qualidades de criterio, de sentimento de patriotismo, além de outras circumstancias, que lhe permittissem pagar o grande tributo de gratidão.

O fixar agora no marmore e no bronze o vulto do grande navegante, e os symbolos do feito notavel do descobridor do Brazil, é o attestado evidente de que o Brazil já attingiu a grão adeantado de civilisação, sem o que não se realisariam essas homenagens ao homem que o retirara do nada de sua anterior existencia.

Os sentimentos de admiração e de respeito que determinam em um povo a necessidade d'essas manifestações são, além do mais, seguro penhor

de sua elevação no concerto dos outros povos do universo.

A veneração á memoria dos grandes homens, que pelos seus feitos, pelos seus actos de bravura, pelo seu genio nas conquistas pacificas da intelligencia, contribuiram para a gloria de um povo, é estalão para aferir-se a sua vitalidade e tirar-se os vaticinios de que elle gravará indelevelmente o seu nome nas paginas da Historia.

Nenhuma das grandes nações, de qualquer das edades da historia universal, tem deixado de prestar os tributos de sua veneração á memoria dos seus legisladores, dos seus estadistas, dos precursores e fundadores de sua organisação politica.

A culta e intelligente Athenas tão bem perpetuou a memoria de Acrops, Solon, Thales, Pericles e outros, já pelas obras dos seus historiadores, dos seus philosophos, dos seus poetas e escriptores, já no marmore, já na tela, aos quaes sabia emprestar pelo genio de seus artistas a essencia da propria vida, que sobre elles ha perpassado a successão de milhares de seculos, sem se ter obumbrado o seu nome nas trevas do esquecimento.

A forte e poderosa Roma, atravez as vicissitudes de sua accidentada existencia politica, transmittiu ás gerações futuras os nomes de toda uma pleiade de homens notaveis, que em tão grande numero difficilmente outra nação conterá, como os Tarquinios, os Scipiões, os Pompeus, os Gracchos, os Catões, Cezares e outros, que assim dilatados fizeram os limites da primitiva e modesta *urbs*, que estes entestaram no tempo do seu apogeu com os proprios limites do mundo conhecido.

As nações modernas todas sem excepção porfiam em elevar estatuas, dedicar monumeutos, despertando no povo os sentimentos de admiração pelos grandes vultos, honra da sua patria, gloria do grupo ethnico a que pertencem.

E', pois, o respeito, a veneração pelas grandes individualidades relacionadas com a historia de uma nação, a caracteristica mais evidente, mais

palpavel, da sua elevação moral e da boa organisação politica e social d'esta.

Não basta, porém, Senhores, que manifestemos estes sentimentos para com aquelles a quem a lei fatal que regula a evolução da materia tenha completado o seu cyclo; mas, sim, egualmente, para com os nossos contemporaneos, jungidos comnosco á mesma cadeia de tribulações de que é tecida a vida humana.

Nada mais funesto ao progresso de uma nação do que o espirito de demolição e de duvida, da maioria do seu povo, sentimentos que annullam por contraposição os de respeito e veneração á pessoa e actos dos seus concidadãos.

A Historia, onde vamos sempre sugar os ensinamentos para boa deducção dos nossos juizos, é que nos diz que sem esse acatamento, esse respeito aos actos dos seus concidadãos, não ha povo que possa elevar-se, engrandecer-se e fortalecer-se.

Lêde a Historia, e vereis o contraste dos destinos do povo atheniense e do romano; aquelle, apezar de mais culto e intelligente do que este, conserva-se fraco em todo o seu longo periodo historico.

Era que em Athenas, emquanto vivo, o banimento ou a morte constituia a recompensa para o cidadão que elevava-se por qualquer feito notavel, ou pela sua intelligencia, acima da craveira commum ás mediocridades ciosas das prerogativas que lhe outhorgavam a organisação politica e social estabelecidas.

Em Roma, pelo contrario, a riqueza, o triumpho, a gloria, as honras excepcionaes, eram a merecida recompensa tributada ao cidadão, a quem os seus talentos, a sua bravura, e os seus serviços, emfim, trouxeram á republica ou o goso de mais uma obra prima, ou a posse de mais uma provincia, ou ainda qualquer outro fructo que sóem dar o trabalho e a intelligencia.

E porque não trazer em apoio ao que venho discorrendo facto recentissimo, que se passára com o povo mais forte e poderoso da Europa?

A Inglaterra aprestára as suas esquadras, despachára os seus exercitos com os seus melhores generaes, para o fim de levar a guerra a um povo julgado fraco e facil presa de armas superiores. Os vaticinios eram todos errados, e uma serie de derrotas das hostes britanicas o demonstrou.

O povo inglez, por isso, não negou o seu apoio, não desacatou aos seus generaes, cujas derrotas antes preferiu attribuir a eclipse da boa estrella que os acompanhára em outros campos de batalha, do que á sua inepcia, á sua imprevidencia, ou á sua carencia de bravura, amparando-os assim do sacrificio inutil a que estariam votados, si este povo não tivesse os sentimentos de respeito e veneração á dignidade e aos feitos dos seus concidadãos.

Exemplos são estes das vantagnes que colhe uma nação, onde predominam os principios de respeito pelos actos dos seus concidadãos, e de veneração pelos feitos notaveis dos seus homens de acção.

Digamos, Senhores, a esta juventude estudiosa que nos cerca, quando pela primeira vez no Brazil se pensa em elevar um monumento em commemoração ao seu descobrimento, que essa manifestação não surgiu do acaso, sem ligações com a nossa evolução, mas sim consequencia da existencia entre o nosso povo d'aquelles sentimentos de respeito e veneração a que me referi.

Essa, a mais alta significação da solemnidade a que assistimos, e praza a Deus que a minha longa deducção se firme no espirito destas centenas de alumnos das nossas escolas, aos quaes cabe a responsabilidade pelo futuro da Patria.

Aos mestres, eu solicitaria que desenvolvessem esses principios, que incutissem no espirito dos seus alumnos a veneração pelos grandes homens do nosso paiz, a admiração pelas obras de nosso paiz, a admiração pelas obras de sua intelligencia, o amor, finalmente, á nossa Patria, quer seja a entidade moral, quer a propria materia que a fôr-

ma, que é essa região cumulada pela natureza dos dons mais ambicionados pelo homem

Educar, Senhores, a mocidade, sob o regimen politico que escolhemos, é tarefa mui difficil, e infelizmente não emprehendida ainda.

Tem a educação, segundo as exigencias da organisação republicana, o dever de formar de cada cidadão uma unidade, que tenha valor por si proprio, que se reunan constituindo um numero qualquer de unidades, mais que valham neste caso tanto quanto a somma de todas ellas.

Devemos, por isso, relegar em materia de educação para o rol das cousas imprestaveis a applicação que se poderia fazer—do apologo do feixe de varas.

Não! Muitos homens fracos de corpo, com o espirito povoado de preconceitos, sem o sentimento forte de patriotismo, sem firmeza de caracter, constituirão sempre um todo desvalorisado.

E' na escola que se poderá crear verdadeiramente aquella unidade valida, á qual a Republica, nos trabalhos da paz ou nas provações da guerra, parodiando a ordem de batalha do almirante Nelson, em o memoravel dia de Trafalgar, possa dizer—«que confia que cada cidadão cumpra com o seu dever—» e para isso é essencial que a educação o torne apto a cumprir.

Exm. Sr. Governador, meus Senhores: a associação de idéas e o desejo de não fazer rhetorica foram me levando por essa conversação a tratar de assumptos que se encadeiam, não obstante a sua apparente diversidade.

Mas, como evitar deante da magnitude d'este acontecimento da descoberta do Brazil, que foi o alpha, o principio da organisação da nossa nacionalidade, que o espirito se volva para o omega, para o fim a que devemos tender, que é dar-lhe uma forte instrucção, que o emparelhe com os mais adeantados do Universo? Como não pugnar, em qualquer occasião, para que seja uma possibilidade surgir em seu seio intellectuaes da natureza dos

Edison, Graham, Bell, Westhnghose, Morse, Maury e outros muitos, que mui alto fazem cotadas a intelligencia e o genio norte americano?

Eis porque, meus Senhores, n'esta festa em que procuramos elevar um monumento a feitos do passado, o meu espirito, resvalando rapidamente pelo presente, fixou-se n'esse outro monumento que a actual geração pode elevar para o futuro; e este monumento será construido por essas novas gerações, que nos succederem, bem educadas, bem instruidas, fortes de corpo e de espirito, realisando o idéal da existencia humana—expresso pelo aphorismo latino—«*Mens sana in corpore sano.*»

# CONFERENCIA

DO

## Conego Manfredo Alves de Lima

*Meus Concidadãos:*

Patria, Patria! das sombras magestosas dos tumulos e das venerandas ruinas de um passado saudoso, quatro longas gerações te contemplam, transmittindo-te as saudações pelas tuas glorias!

Patria, Patria! Abrem-se, hoje, pagina por pagina, os brilhantes annaes de tua historia preciosa, onde fulguram os nobres feitos, que assignalaram os teus filhos na grande obra de tua Liberdade!

Patria, Patria! chegou o dia, em que o mundo civilisado subiu ao capitolio de tuas glorias, para admirar os teus bravos, os teus defensores, os teus heróes!

Um céo limpido e transparente, adamantinado de estrellas, não pode hoje rivalisar com os esplendores de tua grandeza e com os rutilos clarões de tuas celebres tradições.

Patria, Patria! das margens formosas do soberbo Atlantico até os pés dos Andes: das ribas faceiras do rio da Prata até as cabeceiras do gigantesco Amazonas, milhares de vozes se confundem n'uma acclamação solemne, e, n'um enthusiasmo indescriptivel, glorificam o teu passado e saudam o teu porvir!

E neste magnifico, imponente e estrepitoso concerto, ouve-se uma voz: é a da tua Filha primogenita, a Bahia, o berço de tuas glorias, a primeira que sonhou na tua Liberdade, quando dormias o primeiro somno nos braços da Cruz do Senhor!

Acceita, acceita o modesto cantico da Filha que te felicita, ó Patria; guarda bem no intimo as homenagens e a admiração dos teus filhos e recolhe, na arca santa de teus peregrinos affectos, as flores de sua gratidão!

Patria, amada Patria! a Bahia, de joelhos, te saúda!

* * *

Era no seculo XV; não mais se ouviam os ultimos suspiros da Edade Média, onde se sepultaram, para sempre, anachronicas instituições, habitos exquisitos, idéas extravagantes, que dentro em pouco a civilisação devia condemnar.

Eram chegados aquelles seculos famosos, dos quaes falára, com os olhos de vidente, um philosopho; seculos, em que o «oceano alargaria as prisões das cousas, e a enorme terra se patentearia, e Typhis descobriria novos mundos, e Thule não seria no globo a ultima das terras».

Dois povos surgiram, disputando o dominio dos mares «nunca d'antes navegados»: Portugal e Hespanha. Nesta, o heróe é Christovão Colombo, que, em busca de um novo caminho para as Indias, arranca, das profundezas dos mares, um novo mundo, a perola dos continentes; naquelle são diversos os que se arrojam ás emprezas maritimas.

Sim, era chegada a vez de Portugal. A pequena nacionalidade ia mostrar que na historia devia ter um logar tão distincto com os mais celebres povos e que ninguem registraria façanhas tão assombrosas como as que praticaram os seus filhos. Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, e outros traçaram o vasto campo, onde foi levantada a mais sublime das epopéas.

Mas, entre todas as suas conquistas maritimas, a de maior importancia social e historica foi a do Brazil por Cabral, obra do acaso, como está por demais provado, e que, entretanto, foi para Portugal um verdadeiro acontecimento.

Que determinaria este feliz acaso? As esplendidas

riquezas do Oriente fascinavam a Portugal e a urgente necessidade de assegurar o commercio naquellas seductoras pairagens movem D. Manuel, o Venturoso, a enviar uma expedição, chefiada por Pedro Alvares Cabral. E no meio de alegrias, de contentamento e de esperanças, o intrepido marinheiro deixa, a 9 de Março de 1500, as aguas saudosas do Tejo e, procurando o mais possivel afastar-se das costas d'Africa, atirou-se ás correntes oceanicas, a cujo impulso a destimida frota, a 21 de Abril, distinguiu signaes de terra. Que de indizivel e de mysterioso não se passaria nos corações dos gloriosos descobridores? Que terra era esta que uma singular casualidade conquistára á civilisação?

Seria, porventura, a sublime Atlantidas de Platão ou algumas das ilhas « afortunadas dos poetas »? Era a flor mais mimosa do jardim inventado por Colombo; era o paraizo do Novo Mundo, era a formosa terra da Santa Cruz, depois Brazil. Uma terra amena, onde cantava o sabiá, uma natureza esplendida, onde errava o Tabajara, um céo de anil, onde os raios de um sol deslumbrante se misturavam com as coruscantes irradiações da fé de Christo!

A magestade da creação estava alli concentrada.

Que florestas soberbas, que vegetação luxuriosa!

«Levanta-se a carnaúba como uma columna coroada por um capitel de folhagens, o feto com as suas palmas gigantescas, as myrtaceas, as scitaminias, as bromelias, a figueira atormentada e colossal, a mangueira, o cedro, a peroba, as palmeiras, as guttiferas . . Dos braços tortuosos das grandes arvores pendem, como lagrimas, as orchideas, e os cipós entretecem os troncos, fazendo de tudo uma massa viva, em cujo seio habita o animal.

Infinitos os contornos das folhas, singulares, extravagantes as parasitas vegetaes, os musgos, os lychens, e deslumbrantes as flores, abrindo-se por entre uma ramagem de um verde sempre vivo, formam um conjuncto de que os tons se esbatem á luz de uma atmosphera saturada de vapores leves».

Tudo devia encher de assombro os primeiros exploradores.

Troncos tão elevados cujo aerio cimo baloiçava, ao minimo sopro do vento, guarda-sóes, ou leques de palma, e florestas de arvores desconhecidas que o ferro nunca tocara», um poetico firmamento povoado de brilhantes constellações, onde Venus mostra-se «enfeitada de diademas» e noites sem eguaes onde os pyrilampos apparecem como chuvas de estrellas derramadas do céo, tal era a terra encontrada!

Portugal exultou de contentamento á grata noticia do novo descobrimento, e apressa-se em communical-a a toda a Europa.

Aberto estava um vasto e opulento campo, onde deviam agir, com toda a pujança e arrojo, a fé, a sciencia, as industrias e o commercio.

Entretanto, Senhores, o rei que a tantos titulos gloriosos juntára est'outro—Senhor da navegação, da conquista e do commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia e das Indias, não ligou a devida importancia ao paiz descoberto.

Dir-se-hia o boçal artista que, encontrando rica e preciosa pedra, abandona-a, por desconhecer-lhe as excellentes qualidades. Ah! Senhores, havia um motivo e poderoso motivo pelo qual as côrtes lusitanas bem depressa esqueceram o Brazil. O commercio vantajoso das Indias, a ganancia de grandes lucros sem esforço e notavel trabalho, concorreram principalmente para isso.

Só em 1521, no reinado de João III, fundaram-se dois nucleos coloniaes sem resultados praticos e com grandes despezas para as côrtes.

O caminho dourado do Oriente, illuminado por todas as fascinações das riquezas e aplainado pelas facilidades de immensos reditos, magnetisava todo o commercio de então, monopolisando toda a actividade humana

Ainda assim, o rei, com vistas mais largas, recorreu á formação de capitanias hereditarias, systema empregado, com vantagem, na Madeira e nos Açores

e que, certo, provaria mal no Brazil, immenso e vasto, e para cuja colonisação havia mister de recursos, braços fortes e trabalho serio e intelligente.

A' boa vontade do rei contrapoz-se a sua politica estreita e retrograda; como era fundar colonias restabelecendo o feudalismo da edade media, que já tinha recebido o golpe de exterminio, delegar aos donatarios poderes exhorbitantes, como o de captivar os indios e de vendel-os: transformar as capitanias em asylos de criminosos e restringir o mais que fosse possivel o commercio com os naturaes do paiz. Isto não era propriamente uma colonisação, era o estabelecimento ferrenho de uma estupida feitoria.

Como era de prever, foi despresado similhante systema. E como os desastres economicos ás vezes despertam os estadistas e os administradores das cousas publicas, teve D. João III a feliz lembrança de estabelecer um governo geral no Brazil, o qual foi confiado ao intelligente e experimentado Thomé de Souza, em cujo encargo houve-se com distincção e civismo.

Era em 1549, quando sulcou os mares a expedição á cuja frente estava o primeiro governador geral.

Meio seculo se passou de tentativas infructiferas, de planos frustrados e de trabalhos improficuos.

O dia, porém, de 29 de Março de 1549 foi illuminado de novas esperanças: ao Brazil aportava, com toda a sua comitiva, o novo governador.

Podia-se, em verdade, dizer que firmavam-se não os fundamentos de uma colonia, mas os de uma futura nação.

Teve começo a obra mais duradoura e mais humanitaria para o Brazil, a catechese dos selvicolas, onde se immortalisaram, impondo-se á gratidão e ás honras da historia, os benemeritos jesuitas Nobrega, Antonio Peres, Leonardo Nunes, no começo, e depois o immenso padre Anchieta, cognominado o Apostolo do Novo Mundo.

Falando d'este memoravel evangelisador, disse o nosso distincto publicista o Sr. Dr. Sylvio Romero:

« Um dia partiu para o Brasil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo desta terra, um devotado aos selvagens, um agente, um factor de nossa civilisação. Não poderei escondel-o. Anchieta é, a meus olhos, um vulto altamente sympathico. Chegado ao Brasil aos vinte annos de edade, aqui viveu quasi meio seculo, e nunca mais lhe passou pela mente voltar para a Europa ; dedicou-se fortemente, fanaticamente á catechese dos brazis; viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, comedias, hymnos; por amor d'elles, soffreu. Entre seus queridos indios morreu. »

Bello espectaculo, meus Senhores! ver-se o humilde filho de Loyola, á sombra do nosso frondoso e soberbo jequitibá, pregar ao selvagem a Liberdade da Cruz: contemplar-se o modesto apostolo do evangelho com a cruz em punho amansar aquelles homens indomaveis, apontando-lhes a porta magestosa do templo da civilisação!

Não eram soldados que elles apparelhavam para um conquistador; nem tão pouco os bons dos missionarios eram homens mercenarios que trabalhavam á discrição de um rei: eram doutrinadores que preparavam no homem livre o cidadão, o futuro brazileiro.

Em um trabalho desta natureza não me cabe descrever todas as differentes phases por que passou o Brazil, nem tambem entrar nos detalhes dos acontecimentos que precederam sua emancipação politica. Devo, porém, confessar que mais de dois seculos de vida esteril atravessou o nosso caro paiz.

A inaptidão de muitos dos seus administradores, a ambição dos colonos, as luctas incessantes com os indios e as discordias entre o poder civil e o religioso, e acima de tudo a ambição e o egoismo, tudo concorreu para certas paginas tristes e vergonhosas da nossa historia colonial.

O padre Antonio Vieira dizia que no Maranhão os dizimos rendião seis a oito mil cruzados, dos quaes o governador tomava metade para si e dava

o resto aos seus subordinados. As egrejas sem rendas cahiam em ruinas, e os clerigos viviam á custa dos naturaes.

«Os governadores vendem os postos militares, tirando o accesso aos soldados; vendem a justiça, inventam crimes para espoliar os particulares; compram e escravisam os indios.»

A tudo isto accrescentem-se as transformações politicas da Metropole, perdendo os direitos de nação independente, as varias invasões de estrangeiros cubiçosos das riquezas de um paiz, cuja fama ia espantosamente e ver-se-há que lhe era impossivel o progresso.

Por mais trefegos e exaltados que sejam os espiritos, não podem estar fadados a uma agitação constante e a essas luctas inefficazes, semeadas pela ambição e por ignobeis e loucas aventuras. A necessidade de uma situação calma vae pouco a pouco se impondo.

Finalmente, mais de treis seculos se tinham passado, sem que tivessemos vida propria, esperança, futuro e paz.

Nossas minas estavam exhaustas; a Metropole cada vez mais insaciavel, os filhos da terra não passavam de simples aggregados da corôa portugueza; exhausta tambem estava a nossa paciencia.

Quando, em 1789, as idéas liberaes e revolucionarias lavravam por todo o campo social, derrocando as monarchias absolutas e, por entre os gritos do terror e os horrores da guilhotina, planejavam uma moderna sociedade, Minas, que então possuia a gemma da mentalidade brazileira, acenou á Realeza lusitana, e de lá dos antigos mares foram descortinados os primeiros raios de nossa liberdade!

Xavier, o Tiradendes, fôra o insigne heróe, cuja ousadia custou-lhe um selvagem martyrio.

Era ainda noite, a aurora estava longe, e o grande Astro não podia apparecer.

Acontecimentos outros iam desenrolar-se, como outros tantos factores de nossa civilisação.

Era em 1807: na patria famosa de Clovis surgia

um desses homens extraordinarios, que ligam os seus nomes a todos os seculos, um homem que parecia ter nascido para a victoria e para impôr sua vontade inflexivel ao mundo inteiro; um homem que não conhecia impossiveis e que se transportava das vastidões dos mares ás solidões dos desertos; era o Attila dos tempos civilisados, que levava o terror por toda a parte: Napoleão! Na Europa, só uma nação não deixára de tomar parte nos despojos do seu carro triumphal, a Inglaterra, e isto mesmo graças a sua posição insular.

Não podendo levar á illustre Albion o brilho de sua espada, o guerreiro, tambem politico e estadista, recorre ao bloqueio continental como um meio de esmagar sua rival.

Portugal ou devia obedecer ás ordens do exterminador, ou devia preparar-se para receber o golpe de sua espada terrivel. Pensou manter a neutralidade, o que não solveria a questão. Dias depois o exercito francez a invade, e o principe reinante transporta-se, com toda a familia real, para o Brazil, do «*seio de cujo imperio vinha erguer a sua voz.*»

Ao passo que, com esta mudança das côrtes, o Brazil tomava um grande impulso, abria os seus portos ás nações amigas, o livre commercio augmentava-lhe a importancia, o espirito nacional se fortalecia e a inepcia da casa de Bragança ia inconscientemente cooperando para a nossa emancipação politica. Agora, os papeis estavam trocados; a colonia era Portugal, o Brazil era o reino.

Entretanto, em Portugal se davam graves acontecimentos politicos, e as idéas sociaes dominantes e victoriosas por toda a parte iam mudando radicalmente o animo dos portuguezes, que derrocaram as instituições absolutas e proclamaram a monarchia constitucional, sendo os augustos emigrados coagidos a se repatriar, e lá se foi D. João VI, deixando-nos D. Pedro na qualidade de regente.

Começaram então as provocações das côrtes.

Leis, decretos, ordenações acintosas, e até mesmo offensas aos nossos brios, tudo se viu. E, por ultimo, mandaram exigir até o nosso regente, considerado menino de escola, que devia ainda aprimorar sua educação.

Começava, pois, de entrar em agonia franca a grande noite de 322 annos, e, o horisonte social se tingia das côres douradas e formosas de uma bella aurora, e, a 22 de Setembro de 1822, bruxoleava o luminoso Sol de nossa independencia! Eramos um povo livre, iamos ter uma historia nossa!

Eu te saudo, ó dia feliz e memoravel, em que os nossos maiores quebraram, para sempre, os grilhões da escravidão!

Salve, ó 7 de Setembro, dia brazileiro! em que por terra viu-se o despotismo da Metropole!

Eleita a nossa primeira constituinte, e declarados os nossos direitos civis e politicos, começaram os primeiros dias de nossa vida social, onde appareceram, aureolados, continuadores da formação do espirito brazileiro, os Andradas, os vultos homericos de nossa independencia.

Não foram tão beneficas e tão fructiferas as primeiras alvoradas da nossa liberdade; é força confessar.

Tinhamos um principe mais portugnez do que brazileiro, e que só a força dos acontecimentos o collocára ao nosso lado. Sem as qualidades precisas de um estadista e maxime de uma nação joven, na qual era mister formar o caracter e plantar a união, mais propenso ao absolutismo do que á liberdade, estavam contados os seus dias, e, para provar que nada tinha de brazileiro, despede-se 9 annos depois com estas palavras: «Sejam felizes na sua Patria».

Não quero com isto, Senhores, dar o meu apoio ás idéas revolucionarias e á olygarchia então reinantes. Comtudo, em tal emergencia e no meio da exaltação partidaria dominante n'aquella época, era mister que o tino, a moderação e a prudencia do estadista sobrepujassem á violencia, o que não se

deu com Pedro II, o qual julgou dominar a complicada situação com a resistencia.

Todavia, a despeito dos erros politicos, não deixou de concorrer para o engrandecimento da nação que adoptára, e teve o bom senso de poupar, em momento angustioso, o nosso sangue. Brazileiro, digamos a verdade, deixemos de parte os preconceitos, suffoquemos as opiniões pessoaes, brazileiro de coração, de alma, de espirito, de vontade, era a creança que ficava e a quem pertencia o throno; brazileiro era o louro infante que a imperatriz Amelia confiava á mãe brazileira, e de quem despedia-se n'uma carta que era um primor de sentimento e um mundo de puros affectos.

O velho José Bonifacio, o anjo tutelar da Patria, o tomára nos braços e o apresentára aos brazileiros, que o saudaram por entre risos, esperanças e acclamações.

Entramos no periodo da menoridade do rei ou das regencias assignaladas por successos politicos de granda importancia onde os partidos mostraram quanto podem as paixões. A causa publica ia gradualmente progredindo, mas por entre serios embaraços.

Aqui, eram as ambições dos partidos, alli, os interesses individuaes, acolá, o reviver de antigos odios, além, o egoismo, mais além, a indisciplina a insubordinação do exercito, o maior obstaculo á unidade nacional.

Mas, ninguem se assuste: é esta a infancia de todos os povos; a historia da formação das nações é sempre a mesma, com esta ou aquella variante. Que foi a Grecia no seu começo? a invasão dos pelagios, dos helenos, as guerras de Thebas e de Troia, as luctas civis ou as guerras intestinas. Fôra a gloria em Marathona, Salamina, Platéa e Mycale constellada de refulgentes astros, como Milciades, Themistocles, Cimon, Aristides, Leonidas e outros; depois, a decadencia sob o dominio romano.

Foram vãos os esforços da Liga Achaica para conquistar sua independencia.

Que foi Roma? No começo, a lucta entre o povo e os nobres; nas guerras punicas e nas conquistas orientaes, o poder e a grandeza; a paz, no governo de Octavio Augusto; em Nero, o terror, o despotismo; e a narchia militar, quando a purpura real foi posta em leilão; depois, a decadencia e a ruina.

E é por entre este *mare magnum* de paixões, este chocar de systemas politicos: por entre o rufar do marcial tambor e gritos de guerra; por entre os horrores das luctas fratricidas, emfim, no meio deste fluxo e refluxo de idéas, que sobresahem os grandes espiritos, que avultam os grandes estadistas, e que surgem os talentos e as virtudes civicas.

E' ahi que se vê ás vezes uma nação inteira concentrar-se em um só homem, tal é José Bonifacio; é ahi que apparece um Feijo, a encarnação do patriotismo, da energia e da abnegação; um Antonio Carlos, o gigante da oratoria parlamentar, o tribuno destemido.

Assumindo as redeas dos negocios publicos D. Pedro II, á parte algumas perturbações de pouca importancia, sempre suffocadas pelas resistencias legaes, o Brazil seguiu o caminho franco do progresso, marchando de conquista em conquista, sempre na vanguarda das idéas liberaes, assignalando-se ora pela bravura e coragem de seus filhos, ora pelo civismo, pela intelligencia e pela alta politica de seus administradores

Notabilisou-se em todos os ramos da civilisação, e, como um povo ainda envolvido nas faixas da infancia, nada deixou a desejar. Estadistas consummados, politicos eminentes, legisladores insignes, militares de bravura e de provada competencia, marinheiros de heroismo sem rival, não lhe faltaram. Aureliano Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, Carneiro Leão, Feiizardo Mello, Alvaro Carneiro, Silva Lisboa, Paulino de Souza, Miguel Calmon Pin e Almeida, Euzebio de Queiroz, Mattoso Camara, Rio Branco, Cotegipe, Saraiva, Dantas, são no-

mes que honram, com distincção e gloria, a magestosa galeria dos mais illustres estadistas.

Veiga Cabral, Teixeira de Freitas, Joaquim Nabuco, Zacharias, Candido Mendes, Fernandes da Cunha, o Cicero brazileiro, ennobreceram o fôro nacional.

José de Abreu, João Paulo Santos Barretto, Andrade Neves, Araujo Lima, Camara, Osorio, Barróso, Carlos de Carvalho, Saldanha, apontam á historia futura os dias mais assignalados da Patria e recordam commettimentos de assombro e de valor.

Uma nação que, desde o seu exordio, conta em seu seio varões tão proeminentes e que, no grande certamen da politica, da publica administração e de todas as sciencias economico-sociaes, não tinha medo nem receio de medir-se com os homens notaveis e summos estadistas da velha Europa, não é só uma nação grande, é uma nação privilegiada «talhada para as grandezas, para crescer, crear, subir».

Foi sob a mascula envergadura politica de quasi todos esses eminentes cidadãos que no segundo reinado se effectuaram importantes reformas obedecendo umas a opportunidade, outras ao imperio das circumstancias, emfim, ás exigencias do progresso. A reforma do codigo do processo, a da guarda nacional, a do codigo Commercial; a da reorganisação do Conselho de estado, a reforma judiciaria, a extincção do trafico africano, a lei eminentemente liberal e, mais que tudo, justa, equitativa da representação das minorias, uma das mais exhuberantes demonstrações de um governo liberal e uma das mais solemnes affirmações do suffragio popular, a eleição directa, uma conquista relativa das urnas; não fallando em melhoramentos outros materiaes, tendentes a levantar o commercio, as industrias, as artes, em todos os pontos do imperio. eis, Senhores, o modesto quadro traçado pela civilisação nacional de quasi meio seculo.

Ha um facto de singular importancia, que constitúe incontestavelmente, uma de nossas muitas glorias.

O Brazil, Senhores, antes de ser uma grandeza no mundo politico, era uma potencia intellectual. No grande exilio da colonia, era á sombra das mais poderosas mentalidades, que elle gradualmente elaborava a causa de sua emancipação. Ao contrario dos outros povos, que ordinariamente nascem por entre as trevas da noite medonha da ignorancia, nasceu o Brazil aos esplendores de matinal alvorada.

«Basilio da Gama, o auctor do Uruguay, Durão, Gonzaga, «o lyrico sublime», Costa Alvarenga, Pereira Caldas, Moraes e Silva, Hyppolito Costa, o patriarcha do jornalismo; Azevedo Coutinho, principe da economia portugueza; Villela Barboza, illustre geometra; Nogueira da Gama, provecto estadista; Coelho de Seabra, chimico notavel, Conceição Velloso, que produziu a Flora Fluminense; Araujo Camara, eis, Senhores, as fulgentes constellações que precederam os albores de nossa redempção politica.

Um dos mais brilhantes e fecundos sentimentos que caracterisam os povos é sem duvida, o amor proprio, que pode ser no individuo uma fraqueza, mas que nos povos é quasi sempre uma grande virtude, que torna-se a mola a cujo toque se despertam a idéa da unidade nacional, o dever de manter-se a integridade patria, e a obrigação indeclinavel que têm os povos de sustentar a honra, defender os seus direitos conculcados e de arrojar-se contra o inimigo que o affronta. E' este amor proprio que tem formado, através dos seculos, esta raça de gigantes, onde se encontram, a coragem, a abnegação, a austeridade. E este amor, umas vezes chama-se Grecia, outras vezes Roma, aqui é Esparta, alli é Carthago.

E sabeis, Senhores, porque este amor proprio é sempre isto? E' porque elle não se distingue do patriotismo, ou antes é uma fulgida scentelha d'este mesmo sentimento.

Somos um povo de hontem; podemos dizer que ainda estamos na infancia; mas, em compensação. temos tido a nitida comprehensão de todos os

nossos deveres e temos sabido bem avaliar o que valem a honra e a liberdade!

Varios conflictos internacionaes provaram exhuberantemente que a fibra nacional não se conservou indolente e impassivel, uma vez que se melindravam os nossos brios.

Ahi está a tremenda guerra do Paraguay, provocada pela inepcia e boçal ousadia de um tyranno, chefe de estado energumeno, que muito mal entendia das cousas publicas.

No dia em que, do norte ao sul do Brazil, repercutiu o grito de guerra, levantou-se a nação inteira, impellida pelo mesmo sentimento de desaffronta ao pavilhão nacional, e os campos da ingente pugna se coalharam de centenas de legiões voluntarias, que foram desforçar a Mãe-Patria ultrajada.

Desde o soldado até o general, nunca se viu tanto heroismo! Uma serie de ininterruptas victorias coroaram as nossas armas.

Só um revez experimentamos, e assim mesmo os nossos vencidos se tornaram gloriosos como aquella escolhida legião do rei de Esparta, que succumbiu nas Thermopylas com mais honra e gloria do que o inimigo vencedor.

Mais de cem mil de nossos compatriotas foram immolados em holocausto á Patria; porém, os que sobreviveram trouxeram, na ponta da espada, os louros immarcessiveis da victoria!

Nesta campanha se immortalisaram muitos dos nossos filhos, que lograram triumphos soberbos, os quaes podem figurar na historia da humanidade ao lado dos grandes feitos de valor, de temeridade, de audacia e de heroismo

Paysandú, Riachuelo, Humaytá, Angustura, Mercedes, são monumentos impereciveis, mais fortes que o proprio bronze, que attestam altisonantemente ao futuro os prodigios de valentia do brazileiro soldado.

A paixão pela liberdade, Senhores, foi e é tambem um dos sentimentos dominantes do brazileiro. Não sei que de mysterioso ha nesta terra de encantos,

que a escravidão nunca poude aqui enraizar. Sua existencia neste solo foi sempre fugaz e ephemera, como a de horrorosa noite agonisante, que espavorida aguarda as douradas illuminações da aurora. Será porque o nosso céo tem estrellas mais argentinas, nossos jardins flores mais viçosas, os nossos passaros o canto mais celeste, os nossos mares o azul mais bello, as nossas relvas a vegetação mais soberba?

Ou porque os nossos indios viveram nas florestas a cantar o *eterno hymno* da selvagem liberdade? Seja como fôr, Senhores, o que é certo é que, si a nossa esplendida natureza meridional não nos inspirasse tão nobre paixão, tão ardente sentimento o inspiraria a nossa historia politica, que o sublime cantor das *Espumas Fluctuantes* compendiou nestes versos de ouro . . . «o porvir—em frente do passado.»

*A liberdade—em frente a escravidão.*
*Era a lucta das aguias—e do abutre,*
*A revolta do pulso—contra os ferros,*
*O pugilato da razão—com os erros,*
*O duello da treva—e do clarão!»* . . . .

Nestes vibrantes e mimosos versos, vê-se o Brazil colonial em braços com a Metropole, na lucta gigantesca pela sua independencia, e admira-se o povo livre, protestando contra a escravidão!

Do Brazil colonial já tratamos. Vamos agora a largos traços, acompanhal-o na magna campanha abolicionista. Este foi o seu periodo mais memoravel.

No declinio do seculo XIX ainda havia escravos no Brazil!

Uma vergonha para nós, Senhores, que viviamos açoitados pelos protestos do mundo inteiro civilisado! A causa da escravidão não tinha mais um defensor na velha Europa. Já no seculo passado tinha agitado o mundo inteiro, e o mais celebre ministro daquelle tempo, Pitt, a principio favoravel á escra-

vidão, depois capitùla vencido, quando o povo inglez inteiro, appellando para os sentimentos de humanidade, reclamava a extincção do elemento servil.

E Pitt, convertido, exclamou: eu não conheço nada mais barbaro do que arrancar cada anno sessenta, oitenta mil individuos de sua terra natal, pelos esforços combinados das nações mais civilisadas, dos paizes mais esclarecidos, com a sancção das leis do reino que se intitula o mais livre e feliz de todos. Ainda que a esses infelizes fosse provado algum grande crime, pertencer-nos-hia, porventura, sermos seus carrascos? . . . Mas, si fizessemos peior, si chegassemos a fazel-o vender seus irmãos, não é claro que, por meio de invasões de guerra injustas, de condemnações iniquas, elles fariam um numero de victimas sempre crescente á proporção dos nossos pedidos? As guerras da Africa dão-se por causa d'elles ou por nossa causa? São as armas inglezas que, postas nas mãos dos africanos, derramam a desolução n'aquella terra.»

No Brazil encetou-se a propaganda da abolição que, em breve espaço, tornou-se uma questão nacional. Os escravocatas queimaram o ultimo cartucho, appellaram para as urnas e ameçaram afinal o throno.

Ministerios se succederam uns aos outros; varios projectos se apresentam ás camaras até que impetuosa e invencivel tornou-se a corrente abolicionista, e, aos 13 de Maio de 1888, foi sanccionada a lei diamantina, que extinguiu o cancro da escravidão no Brazil! Povo algum festejou um tão assignalado triumpho.

Uma causa que em outros paizes abalára os alicerces do edificio social, causando as mais profundas commoções; que em S. Domingos originára uma guerra temivel entre os senhores e os escravos; que nas provincias do sul dos Estados Unidos fizera perigar o commercio e a lavoura, e derramára sangue, custando ao erario publico vinte milhões de libras esterlinas; uma causa que, dividira os brazileiros em dois partidos implacaveis, é sagrada

por entre acclamações e flores, congregando todos os partidos, sem que haja vencedores nem vencidos! podendo-se dizer que a nação inteira se convertera n'um soberbo carro de triumpho, onde subiu o escravo para desferir o cantico feliz de sua liberdade!

Assim effectuou-se, Senhores, a grande reforma que Roberto Peel dizia ser a mais feliz do mundo.

O triumpho da democracia era cousa inevitavel: a questão era de mais algum tempo. Entretanto, a 15 de Novembro, a nação foi surprehendida com a noticia de que o throno cahira por terra e de que ás horas mortas da noite, quando as estrellas scintillavam no céo, o velho monarcha seguia o caminho do desterro, para nunca mais ver a Patria que tanto estremecera, e morrer mais brazileiro do que era, não consentindo que sobre o seu tumulo descançassem estas palavras de Scipião, o africano: «*Ingrata Patria não possuirás os meus ossos!*»

Nem um protesto se fez ouvir!

Os revolucionarios do Campo de Sant'Anna, parece, tinham magnetisado o povo, que recebera estupefacto, o inesperado acontecimento! Digo estupefacto, senhores, para não me servir da tristemento celebre expressão de um ministro do provisorio tão deponente do caracter nacional. Uma verdadeira aberração historica—, senhores, um acontecimento phenomenal! Aqui começa a historia da Republica Brazileira, guindada ao poder por uma revolução.

Sem que, em these, subscrevamos a theoria dos factos consummados, que é um perigo social e uma affronta ao direito, senhores, a bem da verdade da salvação publica, devemos todos dizer que a nação portou-se como se devia portar em circumstancias tão criticas e tão perigosas!

E tanto mais, Senhores, que é n'estas agitações e commoções assombrosas que consiste a historia da humanidade.

Os imperios os mais florecentes, as republicas as mais poderosas, têm os dias de sua gloria contados. Chegado o tempo marcado pela Providencia, cahem,

se esphacelam. Ninguem se esqueça de que Babylonia foi tomada de surpreza, quando o seu rei deleitava-se n'um soberbo festim . . .

Lembrem-se os que governam d'este dito sagrado, que é uma verdade social.

*Et nunc, reges, intelligite: erudimini, qui judicatis terram.*

Pois bem! a 15 de Novembro de 1888 se proclamava a Republica Brazileira!

Tornava-se uma brilhante realidade o sonho dourado dos primeiros brazileiros que levantaram a questão de nossa emancipação politica; que estava sagrada no coração popular a causa insigne que arrastára ao patibulo o glorioso Tiradentes. A flor exotica da America se estiolava e de suas reliquias levantava-se magestoso o pedestal da Democracia! e um novo sol clarificava os horizontes sociaes.

Aqui, Senhores, era lugar de entrarmos na historia da Republica, que um decennio já conta. Comtudo, devemos francamente confessar que a tão ardua empreza não nos arrojamos.

Escrever-se a historia de um povo que toma uma nova phase politico social, passados alguns instantes, para assim dizer, não entra em plano de historiador serio, imparcial, que tem por fito chegar ao conhecimento da verdade e aprofundar a natureza dos acontecimentos.

Ainda é cêdo para dizer-se o que tem sido a Republica. As paixões dos homens estão muito accesas; as pretenciosas ambições dos partidos não deram logar a que o paiz respirasse uma athmosphera livre e desimpedida.

Os odios de hontem, os despeitos dos que adoravam e continuam adorar o sol que já teve o seu occaso, estão muito vivos. Os enthusiastas do regimen passado querem ver no presente uma Vestal, não podem suppor que uma só mancha ensombrie o sol da democracia.

Elles têm razão em parte, porque é natural que todos os povos, dia a dia, aspirem á perfeição, ao engrandecimento o ao progresso. Mas, hão de con-

vir que as instituições, assim como os individuos não são isentos de faltas; e os povos se constituem Senhores, se consolidam, muita vez, após longos desastres e tormentosas administrações. Porque havemos de ser homens de tão pouca confiança? Em vez d'estas incabiveis lamentações por um passado: d'essas desconfianças e calculado temor, olhemos para o céo, Senhores, e tenhamos fé no futuro! Dias virão em que o Brazil entrará no caminho franco do progresso e gosará d'essa estabilidade, d'essa paz, dessa concordia, d'essa confraternisação, que são as verdadeiras glorias de um povo.

Meus concidadãos! no dia de hoje, em que das alturas dos tempos quatro seculos nos contemplam, saudemos a futura Patria Republicana!

Recolhamos, uma por uma, as lições da experiencia; meditemos nos grandes feitos que conduziram ao Pantheon da gloria os nossos maiores; ouçamos a voz da historia, «a grande mestra da vida», tendo sempre em vista os exemplos de civismo e de abnegação dos nossos pais; e sejam estas civicas virdudes poderosos incentivos para encetarmos a santa jornada em prol do engrandecimento da Patria!

Concidadãos! Os antigos povos, nos dias de regosijo publico, marchavam para o templo, afim de renderem graças ás suas divindades. Inclinemo-nos tambem hoje ante a Cruz divina que nos imprimiu o sello da civilisação, derremando-nos as aguas do baptismo social! Inclinemo-nos ante o Augusto Symbolo, que, apontando ao selvagem o caminho do céo, disse-lhe: caminha, ó rude habitante das selvas, as portas da liberdade se te abrirão.

Mocidade brazileira! esta festa é particularmente vossa, porque é a festa commemorativa do futuro da Republica, e este futuro sois vós.

Sois as flores viçosas que a ornamentam no presente, sois vós as esperanças d'amanhã, de quem os de hoje recebem alento e conforto: sois vós os futuros levitas da cruzada da regeneração social!

Mocidade, mocidade, saudae, saudae a Patria, que é vossa, a Patria que, em vós, será altiva, grande, forte e virtuosa.

Cabral, Diogo Alvares, Martim Affonso, Thomé de Souza, Nobrega, Navarro, Anchieta, Saldanha, Mem de Sá, Marcos Teixeira! a gratidão do povo brazileiro, rompe neste momento quatrocentos annos para pousar sobre vossos tumulos, abençoando a vossa memoria e saudando, em vossos nomes venerandos, a Patria-Mãe, Portugal!

Portugal, Portugal, eis que te abraça aquella formosa Virgem do americano continente, com que o teu intrepido almirante magnificou tuas invejaveis conquistas. Eil-a, sentada no grande templo da Democracia, tendo na dextra o sceptro da liberdade. (*O orador é abraçado no meio de grandes applausos*).

# Virgo Patria

*Stetit, et mensus est terram.*
VIRGILIO.

Caravana aventureira,
Pelos desertos marinhos
Campeia a frota guerreira
De Pedro Alvares Cabral.
Busca nos rastos do Gama,
Por longos, invios caminhos,
A larga estrada da fama,
Onde ha de encontrar vestigios
De quem fizera prodigios,
Em nome de Portugal.

As auras beijam-lhe as velas,
As ondas beijam-lhe as quilhas;
E falam de mil procellas
Em que as lusas caravellas
Nunca viram trepidar;
E lembram mil maravilhas
Desses nautas assombrosos,
Que por mares temerosos,
E no perigo altaneiros,
Sabem vencer pelas armas
E os furacões arrostar;
Desses fortes marinheiros
Que não se temem de alarmas.
E impam de orgulho, ás façanhas
Que os echos vão repetindo
Pelas solidões tamanhas,
Onde paira infinda gloria,
E por cujo ambito infindo
Reboa a tuba da historia,
Cantando homericas vidas
E enthusiasticas mortes
De assignaladas cohortes,
Que passaram, desabridas,
Rompendo os flancos do mar.

Mas que successo inaudito,
Que enorme acontecimento
Guarda o seio do infinito
Para encanto desses olhos,
Que fulminaram escolhos
Na arena dos vendavaes?

A que visão deslumbrante,
Pasma essa turma arrogante,
Que não vacilla um momento,
Quebrando as azas do vento
Nos assomos triumphaes?

E' que, após tantos labores,
Após tantos sacrificios,
Aos bravos navegadores
Se manifestam indicios
De alguma região ignota
Que vão talvez descobrir.
Vêem as azas da gaivota
Que lhes acenam dos ares
Como azas brancas de um sonho,
E verdes como esperanças,
As algas á flôr dos mares,
Desvanecendo lembranças
Do abysmo, que foi medonho
E agora parece rir.

Exultam: já toda a frota,
Sacudindo-se nas vagas,
Aprôa ás longinquas plagas
Que se erguem mysteriosas
No fundo azul—mar e céo.
Aborda-as, e todo o bando
Dessas aguias alterosas,
Que arremeteram bravias
Tamanha presa empolgando,
Eil-o agora que, poisando,
Fecha as azas alvadias...
. . . . . .
De um momento rasgou-se o véo,

## II

*Imagem do infinito, monumento*
*Da primitiva creação do mundo.*

J. DE ALENCAR.

Oh galas! oh prodigio!
Que extranha magestade
Nessa deslumbradora e mascula grandeza,
O' virgem natureza,
Terra da Santa Cruz;
Da creação na gloria immensa, do fastigio,
Impões-te á humanidade,
O' patria de gentios,
Mundo que doira o sol dos tropicaes estios,
Vasta região da luz!

Em fremitos sonoros
Borbulha-te no seio a vida americana,
O' plaga soberana,
Homerico torrão,
Que has de vibrar, um dia, os grandes meteóros
Da civilização!

Parece imaginario
O que descobre a vista!
Como é solemne, e grande, e novo, e extraordinario
O sólo da conquista!
Que festa e que scenario,
Quando em bençãos de luz á terra verdejante
Irrompe do infinito a aurora brasileira!
As nuvens do arrebol
E a vasta cordilheira,
Que em pleno azul immerge a crista sobranceira,
Figuram do levante
Na apotheose augusta, excelsa e flammejante,
As purpuras e o throno em que, de toda a historia
Avassalando a gloria,
Resplende essa corôa immaculada—o sol!
E á noite, oh maravilha
Dos astros! como brilha
O firmamento, aonde o espirito fluctua

Nas mysticas luzernas,
No turbilhão sem fim das lampadas eternas
Illuminando a flux
A abobada do mundo! e com que fausto a lua
Entorna sobre a terra o globo adamantino,
Como um brazão divino
Que aos homens alardeia a triumphante luz!

Pujança desmedida!
Oh seiva tropical!
Por toda a parte a scena avulta e echôa a vida
Num drama original.

Aqui, do S. Francisco as aguas, rebentando
Em formidavel tombo,
Em catadupa enorme, estoiram num trovão
Que, ao tragico ribombo,
As nuvens combalindo e as selvas atroando,
Do bardo grandioso
As vozes arrancara ao plectro sonoroso,
No mesmo diapasão.

Alli, ossea montanha,
Escalavrada e núa, investe pelo ar,
E dos tufões rebate a desabrida sanha,
Esboroando o mar.

Nas lapas insondaveis,
Por onde o vento engole,
Parece que arreganha estrugidoras guelas
A denegrida mole
De talhe gigantesco, e grimpas formidaveis,
E cenho aterrador...
O bronco monumento,
Que ás nuvens desafia o raio das procellas,
Alçando no horizonte,
A solitaria fronte...
O espectro colossal de rigida estructura,
Que a propria noite obumbra e torva o pensamento.
Lembrando a catadura
Do velho Adamastor.

Ao norte, é o caudaloso
Rio, que affronta o oceano em desmarcada enchente..
O monstro, á potestade, o Encelado assombroso
Das aguas... o Amazonas,
Que immensuraveis zonas
Abarca, fecundando os torridos sertões...
—Descommunal serpente
Que em meio dos palmares,
Rojando na amplidão das mattas seculares,
Ao tumido resfolgo abala o continente
Nas virgens solidões.

Massa diluvial, atira-se dos Andes
Nos braços do Equador,
E esbarra o oceano, e então—phenomenos tão grandes
Como esses macaréos de insolito fragor.

Ao sul, passam do pampa os impetos profundos,
As ancias do deserto, os sopros iracundos,
Os furacões brutaes,
Que entram pelo oceano a sacudir montanhas,
E o cavam nas entranhas,
E rugem no furor dos largos temporaes.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E eil-a, a visão da patria exuberante e rude,
Em toda a plenitude
Da sua virgindade:
E eil-a na magestade
Que assombra, no vigor da pura natureza,
—Selvatico paiz que exulta de grandeza,
E candido paiz
Onde da primavera as ambulas cheirosas
Se desatam mimosas
Até no pedernal dos negros alcantis.

E eil-a formosa e grande,
A brasileira terra,—o mundo onde se expande,
Em matizados lumes,
A flora que rebenta, e cresce, e luxuria,
E vae, numa explosão de côres e perfumes,

Da moita mais rasteira á fronde culminante,
Da planta de um só dia
A' milliaria selva,
Do lubrico tapiz de setinoza relva
A' abobada sombria
Dos troncos eternaes...
A flora que germina, intensa, crepitante,
E se esgalha possante
Nuns estos de verdura,
Num magico esplendor de fructos reluzentes
E petalas ardentes,
Num desabrochamento enorme, que fulgura,
De chammas vegetaes.

O' peregrina terra
De amplo e fecundo seio aberto á humanidade,
Que, auspiciosa, o invade
Na civilisadora inundação christan!
Que sonho, que esperança egregia, que destino,
O' mundo peregrino,
A um povo se descerra
No teu descommunal regaço de titan!

Ardente como a aurora
Que os fados te alumia,
Vôe, por ti, minha alma em rasgos de harmonia,
E aos olhos do universo, impavida e sonora,
Acclame-te, ó Brasil!
Mas falta-lhe no vôo á sibylina altura,
O' patria grandiosa!
Do genio a envergadura
Para attingir-te a fronte augusta e luminosa
Em versos culminantes,
E coroal-a abrindo as azas triumphantes
Nos echos immortaes de um cantico viril.

Bahia.

João B. de Castro Rebello.

# Sessão anniversaria do Instituto

## DISCURSO DO CONSELHEIRO SALVADOR PIRES

Presidente do Instituto

*Exmas. Senhoras—Exm. Sr. Cons. Governador do Estado.—Exms. Srs. representantes de nacionalidades, associações e classes diversas—Exms. Srs. socios do «Instituto Geographico e Historico da Bahia»—Senhores do auditorio:*

Quanto é doce e agradavel, meus Senhores, após m anno de operosa jornada tornar á esta cadeira, ue tanto me honorifica, para nella repousar no meno conforto, que provém da permuta de vossas ongratulações pelo nosso profundo reconhecimento gentileza de vossa acquiescencia ao convite para artilhardes a triplice alegria, que, transbordando e nossa alma, diffunde-se por todos os recessos este vasto edificio para onde, de seu modesto berço, caba de ser transportado o *Instituto Geographico e Historico da Bahia*, hoje que a ampulheta do tempo etermina o sexto anniversario de sua installação, omo rememora a imperecivel e gloriosa data do ıgresso no convivio da civilisação ao vasto terri-ɔrio da America meridional, que recebeu o nome a rubra côr de um de seus mui variados produtos vegetaes, avidamente explorados pelos prıeiros colonos, antes de conhecida a opulencia de ua flora, a riqueza inexhaurivel de suas minas, uberdade prodigiosa do sólo, cuja fecundidade

desobedecendo ás leis que regem a genesis humana, desenvolve-se na razão directa de sua virgindade.

Pesa-me, porém, a impossibilidade de transmittir-vos a expressão de meus sentimentos, já pela emoção que me agita neste momento, já por não possuir o segredo ou talento «de dizer de um modo novo cousas velhas», como principalmente por carecer de competencia para fazer a apologia do feliz descobrimento realisado em 1500, pelo protonauta Cabral, missão, em boa hora confiada áquelle que, com os primores de seu estylo, em linguagem peregrina, nos arroubos de inimitavel eloquencia desempenhou-se hontem de tão augusta, quanto bem correspondida incumbencia.

Prevalecendo-me, todavia, do feliz ensejo que se me depara; si não devo, nem posso revibrar os echos da historia patria, tantas vezes, em harmoniosos sons, repassados hontem pela vossa audição, permitti que antes de alongar os meus braços para, em reverente amplexo, agradecer a honra de vossa presença cumpra um dever inherente ao cargo que immerecidamente continúa a ser-me confiado nesta instituição.

Dizer-vos, Senhores, que o *Instituto Geographico e Historico* viceja ao orvalho e á sombra protectora da opinião publica a todos os commettimentos de seus associados, em cujo numero encontram-se, para honra sua, o Exm. Sr. Cons. Governador do Estado, como aquelle que em breve o ha de succeder no governo e na benefica aspersão de favores officiaes, seria proclamar o que está na consciencia geral, como na vossa em particular, e seria fastidioso deante d'isso descer á demonstração de sua prosperidade, porque ella é palpavel e visivel. Envidando esforços, pondo em contribuição seu prestigio collectivo a actual meza do *Instituto* fez acquisição do elegante predio, em que ora nos encontramos, e executou os reparos de adatapção aos seus intuitos, sem que o seu credito periclite, sem que o seu *haver*

sejo inferior aos compromissos que com a pontualidade necessaria têm sido até hoje satisfeitos.

A sua bibliotheca e museu enriquecem dia a dia com as offertas, que porfiadamente succedem-se.

Vêde, pois, que o *Instituto*, modesta aggremiação litteraria, destôa de quasi todas as suas congeneres, que estiolam-se, ou fenecem asphyxiadas pela indifferença, e corajosamente avança para o futuro, confiante na generosidade e na illustração da sempre heroica Bahia, que jamais abdicará os foraes de sua nobreza, cujo lábaro de honra ha sido tantas vezes hasteado nas ameias da gloria quantas ha sido posto em contribuição o talento e bravura dos filhos que a estremecem.

Mas, Senhores, manda a modestia que não prosigamos na expansão de nosso desvanecimento pela incontestavel florescencia deste pequeno arbusto que brotou no cimo destas montanhas, donde ha quatro seculos, na eloquente phrase de Octaviano Muniz, desceu pela primeira vez o oxigénio aos pulmões do homem civilisado.

Sim, meus Senhores, foi pelo coração da Bahia que a civilisação de além-mar, injectando-se no corpo selvagem do gigante da America do Sul, assimilou-se com admiravel presteza no sangue aborigene, e não tardou que o indigena, recebendo da Cruz, que em signal de posse lhe deixaram os seus descobridores, o divino clarão daquella luz vivificante, banisse de sua taba a indolencia do selvicola para rotear o sólo, para indicar aos primeiros bandeirantes os thesouros nelle soterrados, e partecipante depois da riqueza a elles advinda se achasse bastante forte para dizer um dia—basta: beijo reconhecido a mão que conduziu meus primeiros passos na trilha do progresso civilisador; mas a edade, o desenvolvimento de minha musculatura, a cultura de minha intelligencia, a envergadura de minhas azas já me permittem trabalhar, reflectir com madureza, e voar em todas as direcções da liberdade. Não foi um repudio, uma evasão prematura do lar paterno, não foi a revolta de brios offendidos, não foi uma dis-

senção religiosa ou politica; foi a convicção intima da virilidade nacional; foi a evolução natural da civilisação, a causa efficiente da separação do Brazil, constituindo-o nação independente da Metropole portugueza para fazer de uma duas nações amigas, estreitadas, unidas pelos perduraveis laços do idioma, da religião, da fé politica:

"filho e pae da mesma raça,
bebenda na mesma taça,
as mesmas inspirações."

E' por isso que hoje ergue-se inteiro o Brazil, do norte ao meio-dia, de leste ao poente, para commemorar a gloriosa data de seu auspicioso descobrimento, e com a reverencia de profunda gratidão render a devida homenagem ao progenitor da sua civilisação, erigindo um monumento a Pedr'Alvares Cabral, o predestinado pela Providencia para ver primeiro das amuras de sua caravella, acima do nivel das aguas que singrava, um ponto singular no firmamento, o qual, a proporção que avançava na mesma prôa, foi como se desprendendo da abobada celeste até pousar no ponto da terra, que, pelo dia em que operou-se esse como que phenomeno espectral, ficou denominado «Monte Paschoal», fóco de luz do qual irradiou a civilisação para todos os angulos do territorio sul-americano, denominado a principio terra da Vera Cruz, Brazil, mais tarde.

Portugal, povo de irmãos, eis quanto a Patria brazileira vos venera, quanto vos idolatra a Primogenita de Cabral, e o *Instituto* que, n'este momento, tem junto a seu peito o escol de vossos filhos enternecidamente vos saúda, e abraça.

Mas, Senhores, em seus vôos de nação livre, na altivez de suas aspirações nacionaes, o Brazil pensa em occupar um lugar de respeito no convivio das nações poderosas, e reconhecendo que a força procede da união, lança um olhar sobre a carta da America, prescruta a vitalidade das nações visinhas e amigas do novo—Continente e abre o seu

coração á sympathia espontanea do Chile, estende a mão reconciliada e amiga á Republica Argentina, e alongando a vista para o norte lá vê um outro gigante; que moureja sem cessar para sobrepujar a Europa nas artes e industria, nas sciencias e commercio; que collima na mira de suas observações internacionaes a independencia absoluta das duas Americas que, unidas, devem e podem aspirar a hegemonia universal pelo mesmo titulo de successão que conferiu á Europa a herança da civilisação dos povos orientaes, e por ultimo o predominio do universo conhecido, e, pois, á grande União Norte-Americana, o Brazil affectuosamente cumprimenta, e sente que nasce nos dois corações reciproca sympathia, que na phrase poetica de C. de Abreu, é como dois ramos de uma grande arvore:

"bem longe ás vezes nascidos,
mas que se juntam crescidos,
e que se abraçam por fim."

Agora mesmo, nas festas com que a Bahia celebra o 4° centenario do seu descobrimento, quatro vasos de guerra dessa poderosa potencia maritima vieram testemunhar nossas alegrias, saudando hoje á bandeira brazileira, e á tamanha gentileza dispensada á nossa querida Patria o *Instituto* só pode corresponder em nome da Bahia e do Brazil, saudando com fervoroso enthusiasmo á patria de Washington, de Lincoln, de Cleveland.

E' já tempo, meus Senhores, de fazer-se ouvir o illustrado orador do *Instituto* e outros não menos dignos consocios, e oradores representantes de associações que se acham inscriptos, e hão de realçar o brilho desta solemne sessão; mas consenti que reiterando o reconhecimento do *Instituto* á Associação Commercial e á colonia portugueza aqui representadas pela sua direcção e diversos membros seus; levantando um hurrah á luzida officialidade da esquadrilha norte-americana, surta neste porto; agra-

decendo *ex-corde* a todas as associações e classes sociaes aqui representadas, e as que têm tomado parte em todos os festejos do 4º Centenario do Brazil, tão galhardamente executados pela benemerita commissão do *Instituto* e pela commissão central a elle reunida, cujos relevantes serviços ficarão registrados em letras d'ouro nos annaes da historia do mesmo *Instituto*, como já o estão no coração do povo bahiano; eu rendo, por ultimo, á illustrada imprensa desta capital os tributos da mais sincera gratidão pela assiduidade de sua presença em todos os festejos, particularmente nesta sessão, pelas palavras de conforto que tem dispensado ao *Instituto*, desde sua fundação, encarecendo com prodigalidade, e levando bem longe, nos echos de suas phrases, no adejar impetuoso de seus vôos, nas mimosas petalas de suas flores, que assim poderia chamar-se as folhas de seus jornaes, os serviços, aliás, circumscriptos e modestos desta associação, puramente litteraria, que si alguma vez ousa transpor a sua orbita, é sempre confiante na franca coadjuvação do governo do Estado, nomeadamente durante o periodo administrativo do nosso distincto consocio o Exm. Sr. Conselheiro Luiz Vianna, como na da illustrissima camara municipal desta capital, cujas tradições de acendrado patriotismo tantas vezes registrados na historia da mui heroica e leal cidade de S. Salvador, foram ainda agora cathegoricamente confirmados na commemoração festiva do Centenario, nos quaes por iniciativa propria e a expensas de seus cofres assumiu parte saliente e directa; e pois aos seus illustres representantes, como aos da imprensa, dando em nome do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* um expressivo aperto de mão convido-os a erguer commigo um

Viva á Portugal e á colonia portugueza na Bahia!
Viva aos Estados-Unidos da America do Norte!
Viva á memoria de Pedr'Alvares Cabral!
Viva á imprensa bahiana!
Viva á Ratria Brazileira!

# RELATORIO

DO

# PRIMEIRO SECRETARIO DO INSTITUTO

## Conselheiro João Torres

*Senhor Presidente:*
*Illustres consocios:*

Trazendo a esta solemne sessão a communicação dos factos occorridos durante o anno que passou, com dupla alegria vos fallo, podendo assignalar mais um anniversario de vida do nosso Instituto, quando satisfazemos a nossa maior aspiração actual, inaugurando o edificio, adquirido e reformado a custo de muito esforço, onde estabelecemos definitivamente a nossa séde.

Fundada a nossa Instituição com escassos recursos, o poderoso auxilio dos associados e dos poderes publicos conseguiu transformar uma patriotica aspiração de um grupo de dedicados em uma realidade, revestida hoje de pujantes elementos de vida.

Rejubila-me sobre modo a festa que estamos a celebrar, desvaneço-me em dizel-o, tal é o amor que consagro a esta instituição, á qual tenho dedicado a melhor e maior parte das minhas actividades.

Seis annos são passados que, cheios de desillusão e de descrença, reuniamo-nos a 13 de Maio de 1894 no salão do *Gremio Litterario*, e davamos como fundada uma associação scientifica, que, então, não

dispunha de outros recursos senão a boa vontade e o devotamento daquelles que se congregaram para esse fim; e, como sabeis, por disposição dos Estatutos, e como uma homenagem prestada ao antigo Instituto Bahiano fundado a 3 de Maio de 1855, a nossa commemoração é feita no dia de hoje.

Pois bem, um espirito forte,—Tranquillino Torres, não medindo esforços e cheio de fé pela causa que abraçára, poude, com auxilio de poucos, dirigir os primeiros passos do nosso Instituto, dando-lhe a orientação verdadeira a adoptar.

A elle devemos o que somos; o seu excessivo zelo e a sua extraordinaria dedicação firmaram a existencia de nossa associação, fundando os alicerces, sobre os quaes ella se perpetuaria.

Em meio da cruzada desfalleceram-lhe as forças e a morte nos privou de seu desinteressado concurso.

Restava-nos a construcção deixada, apenas, em alicerces.

O illustrado presidente que o substituiu, secundado efficazmente por toda a Meza administrativa, consegue hoje realisar a installação do Instituto em casa de sua propriedade, o que importa affirmar a sua duradoura existencia, uma vez que não lhe falte a contribuição do auxilio dos socios.

Rememorar aqui os obices que encontrámos nesta empreza, seria historiar dia por dia a serie de difficuldades moraes e materiaes que nos surgiram.

Por coincidencia notavel, e que nos deve ser muito cara, a inauguração que estamos a festejar se associou á commemoração do quarto centerario do descobrimento do Brazil.

Tendo tomado a nossos hombros a celebração deste centenario organizámos os festejos na altura dessa commemoração e de accordo com os sentimentos de civismo e patriotismo da população desta capital.

Não nos era licito deixar passar em silencio a data commemorativa do nosso descobrimento: era um dever imposto pelos fins da nossa instituição,

que procura reconstituir com dados positivos os factos de nossa historia e celebrar as datas por elles assignalados.

Em poucos annos de vida já temos prestado os mais alevantados serviços: mantemos uma *Revista* que consubstancia elementos até então esparsos e ignorados, contribuindo poderosamente para a formação da nossa historia escripta; celebrámos festas de glorificação á memoria do sabio padre Antonio Vieira, rendendo justo preito de homenagem e veneração a um dos mais poderosos factores da nossa civilisação, e agora, a commemoração do centenario do descobrimento do nosso paiz vem augmentar a serie destes serviços.

A' Bahia devia pertencer a melhor parte nesta commemoração; as suas plagas foram as primeiras pisadas pelos ousados navegadores da expedição mandada por D. Manoel, em 1500, ás Indias.

A nós, pois, que representamos a historia viva de nossa terra, competia a celebração desta data com a magnificencia de que se tornára digna, pois ella marca o inicio da nossa civilisação.

Alliando á data do descobrimento do Brazil a da inauguração do nosso edificio, cumprimos um dever historico, rendendo a melhor das homenagens que nos era licito prestar.

---

Durante o anno social, celebrou o Instituto 11 sessões ordinarias e 2 extraordinarias. Na sessão de 16 de Abril, approvadas as medidas propostas pela Commissão do Centenario, deliberou-se que a Commissão se entendesse directamente com o Governo do Estado sobre o n. 8 do programma, que dizia respeito ao reconhecimento local e descriptivo dos pontos do littoral, relacionados com o descobrimento do Brazil.

O Exm. Dr. Governador accedendo a tão justo pedido, encarregou aos nossos consocios major Sal-

vador Pires de Carvalho e Aragão e Alfredo Soledade de fazer esses estudos, photographando os pontos necessarios, os quaes desempenharam-se dessa commissão de modo cabal e satisfactorio, publicando um trabalho de merecimento, com o nome de *Bahia Cabralia e Santa Cruz*.

Votou-se ainda, que por estar o predio em obras não seria solemnisado o anniversario do Instituto como de costume, celebrando-se nesse dia uma sessão ordinaria.

Na sessão de 3 de Maio, achando-se presente o distincto litterato Henrique de Coelho Netto, que foi proposto e approvado socio correspondente, o Dr. Braz do Amaral, referindo-se aos trabalhos da commissão incumbida das festas, salientando o auxilio que ella encontrára por parte do Governo do Estado, leu parte de importante memoria historica sobre o Castello da Torre de Garcia d'Avila, que foi ouvida com geral satisfação.

Na sessão de 21 de Maio teve logar na fórma dos Estatutos a eleição da Meza, que foi reeleita, e das differentes commissões, lendo o Cons. Filinto Batsos os apontamentos biographicos do bacharel José de Sá Bittencourt Accioli, e offerecendo ao Instituto por parte do coronel Ernesto de Sá Bittencourt Camara, residente em Camamú, um camafeu de louça brazileira representando o retrato de D. Maria 1ª de Portugal, feito em 1773 pelo mesmo bacharel José de Sá Bittencourt Accioli.

As duas sossões extraordinarias foram convocadas sob proposta do Dr. Satyro Dias para as conferencias, que a convite do Instituto, aqui viera fazer o Dr. Augusto de Carvalho, residente em Macahé, no Estado do Rio, nas quaes procurou demonstrar que a descoberta do Brazil não foi obra do acaso, referindo-se tambem a origem e primitiva significação da palavra Brazil; leu a lettra do hymno do 4.º centenario, que compoz para ser posto em musica e expoz a planta do monumento commemorativo da descoberta do Brazil, concebida e executada pelo mesmo conferente.

Do livro das offertas constam os importantes donativos que no anno findo receberam a nossa bibliotheca e as diversas secções do museu e archivo.

Entre as doações, detalhadamente publicadas na Revista, figuram em primeira linha ainda este anno as seguintes:

Pelos viscondes de Cavalcanti—O Brazil Hollandez por Gaspar Barleus, Amsterdam, 1648; Historia Natural do Brazil por Guilherme Pison e Jorge Margravi, 1647; o Oyapoch e o Amazonas, e uma medalha commemorativa da exposição universal de Paris em 1887; pelo socio commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna uma medalha commemorativa da exposição universal de Philadelphia em 1876; pelo socio Dr. Antonio da Cunha Barbosa, uma Memoria sob o titulo — A *Litteratura Colonial Brazileira*—escripta especialmente para ser dedicada ao Instituto; pelo socio Desembargador Thomaz Montenegro, 53 volumes de relatorios do antigo regimen; pelo socio Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque, um amarrado com flechas e arcos dos indigenas do Alto Amazonas; pelo socio major Rogociano Teixeira, 42 volumes; pelo sr. José da Nova Monteiro, 35 volumes da Collecção da *Revista* do Instituto Historico Brazileiro e mais 52 volumes sobre diplomacia, tratados e questões de limites com as republicas limitrophes; pelo sr. José Luiz da Fonseca Magalhães, 18 volumes; pelo socio Damasceno Vieira, 9 volumes de obras que têm publicado; pelo consocio capitão de mar e guerra Alves Camara uma colleção da *Revista Maritima*; pela Bibliotheca Nacional, 15 pacotes de obras enviadas por sociedades estrangeiras; pelo socio Barão de S. Francisco, 3 importantes autographos; pela secretaria dos negocios do Reino de Portugal, 1 volume das Investigações scientificas do Yatch *Amelia* sob a direcção de D. Carlos de Bragança; pelo socio Dr. Severino Vieira, 2 medalhas commemorativas da visita do General Roca ao Brazil e do monumento ao Duque de Caxias; pelo socio Dr. Manuel Cardoso

Barata, senador Federal, um rico album do Estado do Pará.

A secretaria adquiriu por compra 50 volumes pertencentes á Exma. D. Maria Correia Garcia, inclusive os Annaes da Constituinte de Lisboa.

A *Revista* continúa a ser distribuida com a maxima regularidade, esforçando-se a sua redacção para que ella constitúa valioso e importante repositorio de factos da historia patria, e é tal o empenho que se manifesta fóra do Estado pela acquisição da *Revista*, tal o conceito que esta publicação ja merece, que foi preciso augmentar a verba destinada á despeza da sua impressão e remessa.

E' lamentavel, porém, que o numero de assignantes esteja reduzido a 12.

Além dos exemplares distribuidos pelos socios, é ella offerecida a 46 bibliothecas e associações nacionaes e estrangeiras com as quaes o Instituto se corresponde, permutando-a ainda com 29 revistas estrangeiras e 13 nacionaes, e 39 jornaes nacionaes, postos a disposição do publico em sua bibliotheca, que jà conta numero superior a 7000 volumes.

* * *

O biennio de 1898 a 1900 foi de dolorosa impressão para o Instituto, porque foi grande a perda de seus socios, e que deploramos sinceramente, porque muitos d'elles, e não é preciso recordar, collaboraram comnosco desde a fundação do Instituto, prestando relevantes serviços, taes são: o Dr. Alexandre Garcia Pedreira, major José Maria Barretto Falcão, Dr. Francisco Rodrigues Monção, Dr. José Machado Pedreira, Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha, Christino Ramos de Oliveira, Antonio Moreira de Goes, Conselheiro João Baptista Guimarães Cerne, Dr. João Baptista de Sá e Oliveira, Conselheiro José Macedo de Aguiar, Conselheiro Visconde de Cavalcanti, Dr. Pedro Nolasco

Buarque de Gusmão e o General Frederico Solon de Sampaio Ribeiro.

Conta o Instituto presentemente 288 socios, a saber: 1 benemerito, 8 honorarios, 160 effectivos, e 119 correspondentes.

Dos effectivos são remidos 15 socios.

As nossas finanças vão em crescente prosperidade, graças aos altos poderes do Estado e da União.

Tendo sido approvada em sessão de 6 de Novembro de 1898 a deliberação da meza, de fazer aquisição do predio n. 13 sito a Praça *15 de Novembro* (antigo Terreiro), pertencente ao sr. Visconde de Guahy, foi a compra realizada por escriptura publica de 8 de Novembro de 1898, pela quantia de 38:000$000, sendo o thesoureiro autorizado a gastar o fundo de reserva na importancia de 10:000$000 e a levantar a quantia restante no Banco Auxiliar das Classes, mediante hypotheca do mesmo predio.

As obras de adaptação começaram em Abril do anno passado, confiadas ao zelo e administração do nosso incançavel e honrado thesoureiro, capitão Francisco G. Ferreira Braga; taes foram, porém, os obstaculos que se antolharam desde então, e as modificações por que teve de passar o edificio, que no dia de hoje apenas é inaugurado o salão nobre das sessões. (*)

---

O novo edificio está situado na praça *15 de Novembro* (Terreiro de Jesus), esquina da rua *7 de Novembro* (antiga da Oração).

A fachada do predio contendo 5 janellas de frente, é pintada a verde-mar e illuminada a gaz carbonico, com uma bella platibanda artistica, trabalho do industrial Francisco Ferraro, tendo no centro um escudo com a divisa *urbi et orbi*, sobre o qual está collocado um globo terraqueo.

Neste frontespicio está engastada uma comprida pedra marmore, tendo insculpidas em letras azues o nome—*Instituto Geographico e Historico da Bahia.*

No pavimento inferior, entrada vasta no centro do predio, tendo em frente bella escada de volta para o primeiro andar.

A' esquerda vasto salão ladrilhado, tendo duas janellas

Do balancete apresentado em Fevereiro do corrente anno, na fórma dos Estatutos, consta que a receita no exercicio de 1899 importou em 25:366$000 e a despeza em 26:389$000, tendo-se despendido com as obras do predio até 31 de Dezembro ultimo a quantia de 13:399$900.

Até agora se achava a nossa instituição em estado embryonario, os seus objectos historicos e curiosos, o seu museu, as suas collecções, a sua bibliotheca se viam accumulados em uma sala acanhada, sem ser possivel catalogar, estudar e ordenar.

Temos agora um espaçoso edificio, onde será depositado em variadas secções tudo que completa actualmente o nosso patrimonio.

Faz-se preciso, portanto, muito trabalho por parte dos illustres consocios para a installação das preciosidades que já possuimos.

As commissões que não têm podido dar conta da funcção que lhes é confiada, devem estar a postos

---

de frente e sete de lado, onde funcciona a bibliotheca, destacando-se um grande arco abatido; á direita sala para a secretaria com duas janellas de frente, o archivo, e outros compartimentos.

No pavimento superior está collocado o salão nobre destinado ás sessões e solemnidades do Instituto, que foi augmentado com um commodo lateral, cuja parede foi desmanchada, construindo-se em seu logar um grande arco com molduras; tem 5 janellas de frente e duas lateraes.

No lado esquerdo duas salas com 5 janellas para gallerias de retratos e mappas, museu e quatro gabinetes para objectos historicos.

O sotão está dividido em sete commodos, inclusive tres espaçosas salas cercadas de janellas, destinadas para o archivo de jornaes, brochuras e moveis antigos.

Um pateo interno facilita a communicação de todos os compartimentos por meio de bem lançadas escadas.

A pintura do edificio foi confiada ao artista Jacob José dos Santos, e executada sob as vistas do distincto pintor e professor Lopes Rodrigues, nosso consocio.

A entrada é de estylo moderno-phantasia.

O salão nobre é pintado a oleo e no estylo Luiz XV.

Os demais, compartimentos têm pintura diversa e de gosto moderno.

afim de que possamos organizar o nosso Instituto, na altura de ser equiparado aos seus congeneres.

Toda a dedicação, todo o devotamento dos socios agora, mais do que nunca, é uma necessidade: do que contribuir cada um na medida de suas forças depende a nossa prosperidade e o nosso futuro.

Não nos descuremos; trabalhemos todos em esforço commum, que a nossa missão será cumprida e realisaremos todos os nossos intentos.

O mais difficil está concluido.

E quando a Meza sentir-se desfallecida, apontará para este edificio, como o maior serviço que ella poderia ter prestado ao Instituto.

# DISCURSO

DO

# Cons. Filinto Bastos

ORADOR DO INSTITUTO

*Exmas. Senhoras:*
*Exm. Sr. Governador, presidente da sessão:*
*Meus Senhores:*

Ao *Instituto Geographico e Historico da Bahia* corria o dever de incumbir-se da parte mais notavel da commemoração litteraria do quarto centenario do descobrimento do Brasil; ora, acontece que só nos ultimos dias foi communicado ao substituto do orador desta casa, quando impossivel era dar satisfação plena ao disposto em nossos estatutos, que a este festival faltaria o verbo ataviado e brilhante do seu orador eleito, e que mister se tornava, entretanto, não ficar vasia esta tribuna hoje, dia duplamente memoravel pela data que solemnisa e pela inauguração do edificio da nossa sociedade. *Habent sua fata libelli!*

Por um lance malevolo da caprichosa fortuna foi tambem recusado ao primeiro presidente do *Instituto*, e um dos seus mais esforçados fundadores, o Dr. Tranquillino Leovigildo Torres, presenciar este espectaculo, attestado incontestavel do progresso e da perseverança desta associação.

A' memoria dos consocios fallecidos nestes ultimos doze mezes deviam ser hoje dedicadas palavras de saudade, gratidão e respeito, communicando-se os que ainda estão a labutar entre as desillusões da vida com aquelles que avistaram já a luz da verdade, tendo transposto os «mares sepulchraes» em busca do bem eterno. Devia este discurso lembrar as virtudes e os altos feitos dos que prestaram a este *Instituto* o prestigio dos seus nomes e o concurso de seus trabalhos, dedicando-se ao engrandecimento da nossa sociedade. Mas, além de escassos terem sido os subsidios que a angustia do tempo nos permittiu para uma condigna commemoração, a inadiavel celebração festiva de 3 de Maio de 1900 impõe que, em outra occasião, que se depare opportuna, seja cumprido o disposto em nossos estatutos, no tocante ao elogio funebre dos nossos finados consocios. Por tardia, não perderá em brilho e magnificencia similhante commemoração; as flores da eloquencia e as galas da erudição do nosso orador hão de dar-lhe excepcional realce.

---

Quem descobriu o Brasil?

Que data deve ser assignalada a tão notavel descobrimento, merecendo as honras de uma festa centenaria?

Se á primeira interrogativa difficil, senão impossivel, é segura a resposta, não nos parece que em relação á segunda o mesmo aconteça; pois, um facto ha geralmente acceito como o unico que, sob o ponto de vista sociologico, se adapta á nossa historia, auctorisando-nos a realisar uma grande solemnidade.

Teriam aportado ao Brasil, antes de *Pedro*

*Alvares Cabral*, os tres navegadores hespanhoes *Alonso de Hojeda*, *Vicente Yanez Pinson* e *Diogo de Lepe*, sendo *Alonso* quem os precedeu a todos em Junho de 1499?

Teria sido *Americo Vespucio* o feliz descobridor?

Teriam por habito os normandos e os bretões, especialmente os de Dieppe e S. Malò, mesmo antes do fim do seculo XV, atravessar o Atlantico para procurar no Brasil madeiras preciosas, algodão, macacos e papagaios, como affirma *J. Behin de Launay*, baseando-se em publicação feita por *Mr. d'Avezac*?

Disputem a Hespanha, a Italia e a França, para os seus filhos a gloria da descoberta do Brasil, esta cabe inteira, graças aos designios da Providencia, ao portuguez *Pedro Alvares Cabral* que, ou obedecendo a um plano de ante-mão assentado, ou impellido pelas correntes oceanicas, chegou a nossas praias, ahi confabulou com os incolas selvagens, e d'ahi, após haver deixado erguido o madeiro da redempção — o symbolo do amor divino—o emblema da fraternidade dos homens —enviou aos povos cultos a grata noticia de que mais uma região longiqua fôra accrescida ao mappa já grandioso das possessões lusitanas.

Muitos escriptores ha e de nota, que attribuem a *Vicente Yanez Pinson* a descoberta do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, a 26 de Janeiro de 1500, sendo, portanto, elle o primeiro navegador europeu que chegou a terras brasileiras quasi tres mezes antes de *Cabral*; mas, no conceito mesmo d'aquelles que assim o entendem, acceitando esta solução chronologica, «sociologicamente fallando, os descobridores do Brasil foram os portuguezes» segundo se exprime o illustrado Sr. Capistrano de Abreu. «Nos portu-

guezes inicia-se a nossa historia; por elles se continúa por seculos; a elles se devem principalmente os esforços que produziram uma nação moderna e civilisada em territorio antes povoado e percorrido por broncas tribus nomadas.»

Ora, meus senhores, o grande e sempre memoravel dia em que *Cabral* e a heroica e indefeza maruja portugueza tiveram vista de terra, a saber, como narra *Pero Vaz Caminha*, testemunha presencial,—primeiramente de um grande monte mui alto e redondo e de outras serras mais baixas ao sul d'este e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão poz nome o monte Paschoal e a terra—terra de Vera-Cruz—foi uma quarta-feira—22 de Abril de 1500. E é sabido que o pontifice Gregorio XIII, pela bulla de 25 de Fevereiro de 1582, para fazer desapparecer o erro do *Calendario Juliano*, que dava ao anno solar 365 dias e 6 horas, ordenou que o dia 5 de Outubro de 1582 fosse considerado como o dia 15, passando assim a corresponder a 3 de Maio o dia 22 de Abril dos annos que áquelle succedessem. Por isso é que hoje, quatrocentos annos depois do grandioso descobrimento, aqui nos achamos reunidos!

As scenas tão variadas quão encantadoras e maravilhosas da natureza do novo-mundo; a extensão infinita daquellas florestas, onde primavera eterna vestia de flores e agalanava de delicada fronde verde, de varios tons, as arvores seculares; aquelles veios de prata e crystalinos rios, que reflectiam o asseio apurado dos habitantes primitivos desta região; o sereno azul do firmamento, onde fascinava os olhares attonitos aquella majestosa constellação,que lembrava a vera-cruz--cuja invocação inspirou ao capitão *Pedro Alvares* o nome do paiz por elle descoberto; a docilidade, a confiança

dos indigenas, que tanto pasmo causaram á gente dos navios portuguezes; a cruz plantada sobre a terra então desconhecida á religião de Christo e aos beneficios da civilisação, e recebida pelos selvicolas entre signaes de prazer extraordinario: tudo isso concorria para que as noticias enviadas ao rei venturoso, — a D. Manoel, fossem avivadas pela phantasia dos missivistas e procurassem de alguma sorte attrahir a attenção de Portugal para as maravilhosas terras recem-descobertas.

Grande, porém, era a preoccupação pelas riquezas e pelas coisas da India, para que o monarcha portuguez se lembrasse da terra de Vera-Cruz; e largo periodo correu, durante o qual esteve entregue ás ambições e tropelias dos piratas esta região, antes que Portugal se lembrasse de aproveital-a e cultival-a.

Criminosa indifferença, imprevidencia fatal dos governos que, sabendo repleto o erario publico, descuram das riquezas que um bem dirigido labor devera auferir de novos emprehendimentos, da exploração de veios quasi desconhecidos!

O oiro do Oriente, meus senhores, deslumbrava a côrte portugueza; e o páo-brasil, não obstante a purpura que o revestia, não tinha as scintillações do metal que se impunha ao mercado dos grandes povos.

A empreza do Gama fôra extraordinariamente festejada no Reino; o capitão *Pedro Alvares Cabral* não attraira a nomeada que só mais tarde lhe foi concedida, quando a injustiça implacavel da historia proferiu sua decisão indefectivel

Se el-rei D. Manoel e as altas personagens dirigentes dos destinos de Portugal pudessem entrever no futuro o premio de seu descuido e de sua impericia, abandonando a descoberta de *Cabral*: e

pudessem tambem, por um contraste notavel observar como os productos de uma actividade bem applicada surgem, sem embargo dos tropeços da má vontade e dos descuidos da decidia; se dado fôra aos magnatas da côrte de Lisboa, tendo á frente o seu feliz monarcha, ler no porvir os hieroglyphos indecifraveis da sorte, teriam as desillusões da conquista da India, que tanto sacrificio custou, servindo apenas ao engrandecimento do imperio britannico em terras do Oriente, reservadas a Portugal pequenas possessões pobres, desamparadas, em crescente decadencia naquellas mesmas paragens onde brilharam—fulgidas constellações de incomparavel brilho — a miraculosa energia de Affonso de Albuquerque e a caridade evangelica de S. Francisco Xavier: «Affonso de Albuquerque, em 1503, funda em Coulan a primeira feitoria portugueza; e já por brilhantes victorias, em que a moderação do vencedor era igual ao denodo do combatente já por uma diplomacia habil e uma bondade inexcedivel, concluia tratados com os principes indigenas, lançava os fundamentos do grande imperio portuguez nas Indias, sendo o centro das operações a cidade de Goa.»

O jesuita santo, Francisco Xavier, auxiliava os planos gigantescos de Portugal, dando incremento à obra do Evangelho, pela predica ininterrupta, pelo exemplo edificante e pelos prodigios innumeros de sua caridade ardentissima. Duzentos annos depois, em 1706, entraram os inglezes na posse de Ceylão, assenhorearam-se logo da India, deixando a Portugal a cidade de Goa e um pequeno territorio, Damão e Diu, logares de secundaria importancia!

As selvas brasileiras—o encantado Pindorama dos nossos indigenas,—meus senhores, tinham caido em esquecimento: cessou porém um dia a

apathia letal, o mundo novo começou a interessar às côrtes européas e Portugal sentiu a necessidade instante de cuidar da sua colonisação.

Iniciou-se pelos religiosos da ordem de S. Francisco, á qual pertencera Fr. Henriqu de Coimbra —o celebrante da primeira missa em terras do Brasil, o trabalho da catechese—mais tarde confiado por D. João III, successor de D. Manoel, aos discipulos de Santo Ignacio de Loyola.

Desbaratados os primeiros missionarios, morto ás mãos dos Cahetés o primeiro bispo Pedro Fernandes Sardinha, nem por isso esmoreceu o alento aos obreiros do Evangelho, o inspirador dos Portuguezes daquelles tempos de fé e nobreza; e é incontestavel que aos jesuitas deveu o Brasil colonial as primicias de seu progresso moral, a cultura das letras e das artes, e até o primeiro brado contra a escravidão e — o que mais é—as primeiras prophecias de sua independencia. Nobrega, Anchieta, Aspicuelta, Navarro, Antonio Vieira, e tantos outros, ahi vivem nas fulgurações da historia, attestando a pujança do talento e os ardores da Fé, que tanto faziam realçar as conquistas dos Portuguezes.

Thomé de Souza, Mem de Sà, João Fernandes Vieira e cem outros destacam-se como vultos heroicos, symbolisando a previdencia e a prudencia ou a intrepidez e a coragem dos lusitanos, quer edificando cidades, quer defendendo a colonia das invasões dos inimigos.

As guerras contra os hollandezes e as luctas sangrentas com os francezes bem demonstram quanta energia e perseverança havia naquelle altivo povo, que se não deixava quebrar pelas difficuldades da guerra, e muitas vezes pela incontestavel superioridade das armas e da tactica dos estrangeiros, contra os quaes combatia: bas-

tando-nos citar aquella passagem em que o Bispo Marcos Teixeira «tendo por arma apenas uma cruz, reuniu em torno de si um pugillo de homens bravos e intrepidos, e marchando para esta cidade do Salvador, preparou aquella celebre jornada em que os hollandezes, sem embargo da sua bravura, foram destroçados por Francisco Padilha.»

A figura lendaria de Caramurú, ao qual se ligam o nome e a historia da formosa princeza das tribus que dominavam as terras onde Thomé de Souza levantou esta cidade — a Paraguassú gentil e dadivosa; João Ramalho estabelecendo em S. Paulo uma nova raça possante, da qual mais tarde sahiram os bandeirantes aventurosos; merecem ser estudados conscienciosamente e podem por si sós attestar que tanto valia o patriotismo portuguez quanto queria.

Muitas atrocidades, oriundas da dissolução dos costumes e da ambição desenfreiada dos aventureiros exploradores, macularam mais de uma pagina da nossa historia colonial, envilecendo os pergaminhos de degenerados fidalgos da metropole. Mais de uma vez o patibulo recebeu aquelles que, por um bem entendido e reflectido plano, ou exaggerado sonho de liberdade, haviam preconizado a independencia brasileira Mesmo nesta cidade o padre Abreu e Lima e seus cpmpanheiros regaram de sangue o Campo dos Martyres: e pobres artifices enthusiastas da revolução franceza, foram na Praça da Piedade, ha pouco mais de um seculo, trucidados, sendo chasqueados (!!!) ainda depois de sua morte, por seu ridiculo jacobinismo!

Mas que povo logrou eximir-se a estas miserias e não foi cruel mormente quando a paixão politica ou as dissenções religiosas eram o motivo da lucta?

Fez-se pouco e pouco, mui lentamente, o nosso

*processus* de cultura: difficilmente se nos apparelharam escolas, só muito tarde se abriram os portos ao commercio internacional. Mas, a quem é dado accelerar ou retardar a evolução a que fatalmente obedecem as instituições de cada povo?

Independe a civilisação do poder dos seus chefes ou dos desvarios dos demagogos. Bonaparte, com um poder immenso, imagina pôr-se em antagonismo com seu tempo, pretendendo resuscitar o despotismo militar e vê cahir a sua obra como fôra «um edificio de neve sobre um solo ardente», na phrase concisa e feliz de De Bonald».

E' incontestavel que a união dos brasileiros com os portuguezes, estabelecendo na familia brasileira os costumes, os habitos, as crenças, as tradições, as tendencias da raça lusitana, o nosso caracter muito se resentiu da influencia preponderante da metropole; e por uma sympathia tão espontanea quão arraigada, do mesmo modo que os brasileiros colonos se interessavam pelas victorias da metropole, e fóra dos limites do Brasil se batiam valentes contra os inimigos de Portugal, tambem os portuguezes, por occasião de nossa independencia, ou depois della, como na guerra contra o Paraguay, hão dado provas sobejas de quanto amam a esta segunda patria, tendo levado muitos a sua dedicação, nas luctas de nossa emancipação politica, ao ponto de receber sobrenomes verdadeiramente brasileiros. O Brasil não conta entre seus estadistas de vulto um patriota mais notavel que Euzebio de Queiroz, nem temos em nossa marinha de guerra um nome mais circumdado de glorias que o do Almirante Barroso.

As faltas de Portugal — metropole não foram maiores que os beneficios outorgados por sua civilisação occidental: quando foi proclamada a nossa

independencia, já o Brasil possuira em filhos seus notaveis cultores das sciencias, das letras e das artes; ora, é irrecusavel que tal não se deu senão em virtude do concurso do reino portuguez.

Não me proponho, meus senhores, e nem para isso tive o tempo indispensavel a ligeiro preparo, não me proponho historiar-vos todos os factos, os acontecimentos mais palpitantes, da nossa vida colonial, para justificar o meu asserto relativo á influição benefica e civilisadora de Portugal sobre nossa patria. O que vos affirmo, sim, é que mais estreitos se mostram os laços de cordialidade e sympathia entre as duas nações, sendo ainda hoje o Brasil,—a terra que tão insignificantes cuidados mereceu a El-Rei D. Manoel, o campo mais feraz e extenso em que se desdobra a actividade industrial e commercial dos portuguezes, que daqui transmittem à mãe patria milhares de recursos, para o aformoseamento e o sancamento de suas cidades, para a exploração de suas ferrovias, para a expansão de sua industria agricola, em summa, para todos os ramos de seu progresso e de sua grandeza.

O Brasil, meus senhores, cresceu, desenvolveu-se, luctou por sua autonomia, conquistou a sua independencia, constituiu-se estado livre na livre America; e desfraldando nos ares o pavilhão auri-verde,

> "estandarte que a luz do sol encerra
> "e as promessas divinas da esperança„

pode ver, sem odios, desdobrardas ao mesmo céo, agitadas pelas mesmas brizas, as gloriosas quinas portuguezas, lembrando-se que sob a immortal bandeira da terra de Viriato, Gama, e Albuquerque, recebeu os favores da civilisação do Occidente, civilisação verdadeiramente latina, ex-

pandindo-se na suavidade e na opulencia do idioma;—na fina e bem combinada contextura das leis para a energia das instituições do Direito; —na brandura dos costumes, para a qual muito concorreu a religião de Christo;—na coragem em frente ás adversidades, e até numa certa confiança inexplicavel no *imprevisto* — cujas mãos tomam ás vezes os destinos das nações, norteando-as a seu bel-prazer, e impellindo-as para rumos, até á vespera, nem de leve entresonhados.

E tudo isto se liga intimamente á gloriosa data que hoje festejamos, prendendo-se no ultimo anno do seculo XIX as acclamações do Brasil culto e independente, áquelles que os selvagens tupiniquins, ao expirar o seculo XV, faziam aos navios da afortunada expedição de *Pedro Alvares Cabral.*

Um ardente patriota e inspirado vate lusitano, descrevendo os ultimos momentos de Affonso de Albuquerque, põe nos labios já resfriados do heroe as seguintes palavras:

> "E se avistardes um dia
> a D. Manoel—o Feliz—,
> dizei-lhe que na agonia
> Albuquerque o não maldiz."

Era o esquecimento, o abandono do servidor leal nos transes derradeiros, que fazia o grande heroe enviar palavras de perdão ao monarcha que lhe olvidara os serviços. O capitão lusitano, o grande navegador a quem cabe os louros do descobrimento do Brasil, pois foi quem o apresentou á historia e lhe deu o baptismo da christandade, dos paramos eternos, aonde nos contempla, não nos poderá dirigir phrases que envolvam perdão ou tristezas; o Brasil, quatro seculos depois de sua descoberta, reverente se mostra

e agradecido, bemdizendo á memoria da briosa e feliz expedição portugueza que, em 9 de Março de 1500, partindo do Tejo, foi pela Providencia impellida a estas plagas.

A Republica brasileira e o Reino portuguez, bandeiras desfraldadas aos quatro ventos, approximam-se do tumulo modesto e glorioso do descobridor do Brasil, proclamando á face do universo, sua benemerencia, sua immortalidade, resgatando assim uma divida imposta pela historia —oraculo indefectivel da humanidade—á gratidão nacional. *(Applausos geraes).*

# DISCURSO

DO SR.

# DAMASCENO VIEIRA

*Sr. Presidente*:
*Srs. Consocios*:
*Meus Senhores*:

Lembrar a data do Descobrimento do Brasil é remontar o espirito á missão excepcional que nos seculos XV e XVI desempenharam os portuguezes perante a historia, conseguindo, por meio de extraordinarias e gigantescas expedições, dar á humanidade a posse completa de nosso planeta.

A escola naval de Sagres, collocada na extremidade do Cabo de S. Vicente, foi o ponto de partida dos descobrimentos maritimos com que um pequeno paiz, de modestas proporções territoriaes, ampliou as cartas geographicas daquelle tempo e pelo arrojo de seus feitos, assombrou o mundo, impondo-se aos applausos da posteridade.

Creando a escola de Sagres, D. Henrique, illustre filho de D. João I, identificado com a Renascença que se operava em todos os departamentos do saber humano, tomou a si o alto empenho de, atravez dos perigos inventados pelas

lendas, proceder a explorações minuciosas em toda a costa occidental d'Africa.

O cabo denominado *Não,* situado na extremidade da cadeia do Atlas, era o phantasma que se erguia, como petrificadora cabeça de gorgona, deante dos nautas que pretendiam desvendar a parte maritima do continente negro.

Quem ousava ultrapassar a barreira fatidica?

Corriam na voz popular affirmações temerosas. Dizia-se que nos tropicos, na zona cortada a meio pelo circulo do Equador, existia paragem que, por sua elevadissima temperatura, tornava materialmente impossivel a existencia humana.

A zona torrida ardia em flammas, erguendo nuvens de fumo sobre o dorso encapellado do Atlantico, e estendendo sobre o immenso areal da Africa suffocante lençol de reverberações ardentes. Povoava-se o mar de monstros formidaveis, que interceptavam a passagem dos navegantes. Verde-negras ondas, fustigadas pelo latego das tempestades tremendas, iam, ululantes como feras, arrojar-se de encontro á prôa das náos atrevidas, que commettiam a temeridade de pretender perscrutar os pavorosos arcanos do *Mar Tenebroso.*

Era esta a visão espectral patenteada aos olhos dos navegadores, visão a que o povo imprimia exaggeradas formas, com as ficções da mythologia grega!

Só um espirito superior, completamente liberto de prejuizos e de temores supersticiosos, sentiu-se apparelhado de força herculea para offerecer combate ao oceano e, após renhidas pugnas, subjugal-o e vencel-o sob a quilha das náos.

O genio emprehendedor de D. Henrique, á semelhança de pharol altissimo que de Sagres irrompesse o espaço, desfez em jorros de luz as sombras em que mysteriosamente se envolvia o Atlantico.

Congregando n'aquella escola os mais illustres pilotos europeus, dentre os quaes devia immortalisar-se Christovão Colombo; compulsando escriptores antigos, como Strabo e Ptolomeu, e modernos, como Marco Polo e Averrhóes; mandando construir embarcações capazes de arrostar perigosas travessias; offerecendo recompensas honrosas aos mais afoutos de seus marinheiros, o principe conseguiu que fosse abraçada com enthusiasmo a grandeza de seu plano.

Sob o prestigioso influxo de sua iniciativa, um moço fidalgo de sua casa, Gil Eannes, possuido de coragem heroica, fez-se ao mar em 1434; consegue dobrar o lendario cabo *Não* e em seguida o *Bojador*.

De volta, offerece ao principe rosas colhidas a muitas leguas ao sul do segundo cabo: em retribuição a essas flores, que representam os louros da primeira conquista, D. Henrique, irradiante de gloria, premeia a dedicação e o valor de Gil Eannes fazendo-o cavalheiro da ordem de Christo.

Quebrado o encanto do tenebroso mar, succedem-se as expedições com tenacidade patriotica.

Todo o seculo XV é occupado em descobrir archipelagos, bahias e rios do grande territorio, que até então jazia impenetravel á investigação européa.

Dentre os bravos navegantes, destacam-se dois vultos notaveis: Bartholomeu Dias, o intrepido triumphador do Cabo Tormentoso, e Vasco da Gama, o almirante egregio que, atravez de innumeros perigos, conseguiu aportar ás Indias— façanha que, por sua relevancia, mereceu perpetuar-se nas fulgurantes paginas da mais gloriosa epopéa dos modernos tempos. Em nenhum poema, senhores, vibrou ainda, mais communicativo e mais forte, o amor da patria!

Tão grande como Homero a cantar a bravura dos heróes que combateram deante dos muros de Troya; tão majestoso como Virgilio a memorar as extraordinarias aventuras de Enéas; tão sublime como Dante a crear imponente galeria de personagens que povoam inferno, purgatorio e paraiso, engolfando-nos a mente em successivos assombros, —Luiz de Camões fez de sua patria um idolo portentoso, que foi collocar sobre o altar dessa cathedral sumptuosa que intitulou *Os Lusiadas!*

Para consolidar o dominio portuguez n'Asia e estabelecer ahi fortes relações commerciaes, D. Manoel fez apparelhar grande esquadra, que, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, deixou a barra de Lisboa a 9 de Março de 1500.

Guiado por instrucções que recebera de Vasco da Gama, o almirante, ao chegar às ilhas de Cabo Verde, tomou o rumo de oeste, para evitar as calmarias da costa e melhor contornar o cabo da Boa Esperança. A frota foi então arrastada pela corrente oceanica ou pelagica—phenomeno desconhecido n'aquella época—e dentro de um mes atravessou o Atlantico.

A 21 de Abril começam os navegantes a encontrar signaes de terra proxima—plantas desprendidas do continente e corvos marinhos, semelhantes a gaivotas, cujo bater de azas parece dirigir-lhes saudações pela boa vinda e convidal-os alegremente a visitar a nova terra.

No dia 22 de Abril de 1500 avistam os expedicionarios um monte alto e redondo, que o chefe denomina *Paschoal*, por se acharem no oitavario da Paschoa; à terra dá elle o nome de *Vera-Cruz*. Porque, senhores? A historia é omissa n'esta particularidade.

Não o explica a monumental carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, nem a do *Piloto Por-*

*tuguez*, nem á do physico e cirúrgião-mór d'el-rei, bacharel mestre João Emenelão. Quero, porém, persuadir-me de que Cabral adoptara o nome de *Vera-Cruz* porque na noite da vespera do descobrimento contemplára no céo original disposição de estrellas em fórma de uma cruz.

Cruz real e não imaginaria como aquella que em sonho appareceu ao rei D. Affonso Henrique e decidiu da sorte de uma batalha! Cruz verdadeira, vera-cruz, inapagavel, indestructivel, eterna, a fulgurar como enormes diamantes atravez da noite de todos os tempos! (*Applausos*).

Lembrando a data e o imprevisto acontecimento que attrahiu para o gremio da civilisação extensissima região povoada por tribus selvagens, um brado de reconhecimento se levanta por parte da geração hodierna:

—Salve, terra grandiosa e hospitaleira, que ha quatro seculos acolheste os navegantes europeus com festas e danças, com todas as expansões de alegria que irrompem de corações generosos!

A franqueza e illimitada confiança que revelaram os teus indios *Tupiniquins*, a ponto de conduzirem os hospedes ás suas proprias cabanas, cumulando-os de presentes, são os mesmos sentimentos que te ennobrecem, ó espartana Bahia, prestigiando-te aos olhos de quantos procuram refrigerio á sombra de tuas arvores seculares e estudo no seio de tuas instituições litterarias e scientificas!

Escolhestes, illustres consocios, o dia 3 de Maio para inaugurardes o edificio do *Instituto Geographico e Historico da Bahia*. A que factos interessantes prende-se a faustosa data! 3 de Maio, equivalente pela reforma do calendario Juliano, a 22 de Abril! 3 de Maio, dia memoravel, em que a civilisação, tripulando uma armada de 12 navios,

veiu do oriente para occidente, acompanhando a marcha apparente do sol, trazer a esta região a suavidade dos costumes e os salutares influxos da fé, symbolisada por essa cruz, deante da qual officiou frei Henrique de Coimbra, sob o sussurro mysterioso das ondas, a cobrir de rendas espumantes os recifes da bahia Cabralia! (*Applausos*)

Dia que assignalou á humanidade agigantado passo no caminho do progresso, porque abriu a Portugal amplos horisontes a seus dominios; porque d'esse momento em deante foram lançados n'esta terra os germens da liberdade—arvore colossal que alastrou por todo o paiz as raizes vigorosas e ergueu para o céo, como herculeos braços, os ramos exuberantes de seiva e opulentos de fructos!

Liberdade de commercio para com todas as nações, arrancada pelo illustre bahiano Visconde de Cayrú á indecisão de D. João VI!

Liberdade dos filhos de mulher escrava, proclamada por outro bahiano benemerito, o Visconde do Rio Branco! Liberdude total e incondicional dos captivos, imposta pela vontade do povo á sancção imperial! Liberdade, finalmente, na fórma de governo, ambicionada por todos os espiritos cultos, e traduzida em facto pela bravura e pelo patriotismo de um militar! (*Applausos.*)

3 de Maio! dia de acatada memoria para todos os bahianos que cultivam ou prezam letras!

Ha 44 annos, senhores, um grupo de homens illustrados, vinculados pelo mesmo pensamento e pelo mesmo sentir, lançou as bases de um *Instituto Historico Provincial*, destinado a colligir, archivar e publicar tudo quanto de precioso existe disseminado pelas bibliothecas e pelos archivos d'esta grande ca pital — docum entos de valor inestimavel que convém libertar dos

estragos do tempo e da obscuridade em que jazem, para serem expostos á luz da imprensa como subsidios á historia da Bahia e fortes elementos de estudos á historia patria.

Recordar os nomes d'esse pugilo de patriotas, é dever e homenagem da geração contemporanea e especialmente do actual *Instituto* que, nos 6 annos que hoje conta de extstencia, ampliou, de modo admiravel, a idéa de seu venerando antecessor.

Citemos, senhores, como assistentes a esta festa da intelligencia, seis vultos apenas, como representantes da illustre corporação que findou, sem nos legar vestigios de sua passagem, á semelhança de formosa galera, que, assaltada por irresistivel cyclone, sossobrou em alto mar, arrastando ao abysmo os tripolantes e todos os thesouros accumulados durante annos de porfiadas luctas!

Passam deante de nós augustas sombras circumdadas da aureola de luz que se desprende de seus trabalhos litterarios: é o illustrado arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Santa Cruz, uma das mais altas capacidades do clero brazileiro, personalidade que em seus sermões nos legou um monumento; é o Dr. Agrario de Souza Menezes, poeta e dramaturgo a quem a Bahia coroou em scena, como preito ao seu talento extraordinario; é o Dr. Abilio Cesar Borges, o educacionista incansavel, o escriptor didactico que mais livros espalhou gratuitamente por todas as escolas publicas de nosso paiz, como enxames de passaros a cantar aos ouvidos das creanças hymnos ao progresso da instrucção popular: é José Pedro Xavier Pinheiro, o arrojado poeta que sentiu-se com força para interpretar o divino Dante e traduziu para a lingua vernacula as pavorosas

scenas do *Inferno*, as depurações redemptoras do *Purgatorio* e a glorificação de Beatriz no *Paraizo*; é o Conselheiro Dr. Jonathas Abbot, um dos maiores anatomistas que têm honrado os amphitheatros brazileiros e a quem a illustrada Faculdade de Medecina da Bahia honrou, dando ao gabinete de anatomia o titulo de *Gabinete Abbot*; é finalmente o benedictino illustrado, o coração magnanimo que em occasião do perigo abandonou a sua cella de estudos para ir aos inhospitos campos do Paraguay levar os confortos da religião aos heroes feridos em combates: é o orador que subiu, nas azas da eloquencia ás regiões do pathetico, quando no mosteiro e S. Bento do Rio de Janeiro, fez o elogio da bravura do coronel Fernando Machado, morto em combate; é o monge, cuja facundia attingiu ao sublime, quando rendeu tributo á memoria de D. Romualdo: é, emfim, aquelle de vossos consocios que, : o inaugurar-se este *Instituto* em Maio de 1894, suggeriu a idéa de ser esta associação considerada brilhante prolongamento do *Instituto Historico Provincial*, para que uma e outra idéa, nascidas no mesmo solo bahiano, abraçadas passassem á posteridade Sabeis, senhores, que faço respeitosa referencia á sombra gloriosa que teve entre nós o nome de Frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha! (*Applausos*).

O que estes homens de reconhecido merito não puderam conseguir, pelas circumstancias precarias que atravessaram, vós o realisastes, illustres conso cios, obtendo por compra este predio que dará ao *Instituto* a duração que lhe é propria—a duração do monumento!

Venho cumprir o dever de saudar-vos, com toda a abundancia de meu patriotismo, n'esta occasião em que commemoraes litterariamente o 4.º centenario do descobrimento do Brazil, o

6º anniversario da installação do *Instituto Geographico e Historico da Bahia* e a inauguração d'este edificio, que representa mais uma corôa de victoria a enaltecer os gloriosos trophéos da *Princeza das Montanhas*!

Agora, que a vossa idéa adquiriu fórma, capaz de atravessar seculos, que esplendidos horisontes se não vão abrir aos vossos estudos e ao vosso amor pela diffusão de conhecimentos historicos!

A' semelhança dos antigos templos do Egypto e da Grecia, cujas portas enfrentavam o sol, para que a luz os revestisse de maior solemnidade, este bello edificio—templo de Minerva sapiente—recebe em cheio os raios solares, e o astro-rei, como um Deus fecundo, fonte de calor e de vida, inundando-o de pulverisações de ouro, ha de incutir enthusiasmo no coração dos devotados levitas, fazendo-lhes desabrochar do cerebro flores litterias, como aquelles mimos de vegetação que a natureza esparge pelos campos em dias de primavera! (*Applausos*).

Prosegui, confiantes no futuro, esforçados consocios que ha seis annos propagaes nas paginas da *Revista do Instituto* variados e bellos estudos sobre historia patria e especialmente sobre a historia d'esta grande terra—primeiro scenario em que os portuguezes representaram imponente papel no drama historico da civilisação occidental; primeira cidade que, por seu adeantamento, mereceu a honra de ver-se constituida séde dos governadores geraes!

Como homem de letras e como membro do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, associação que conta 62 annos de benemerita existencia, eu dirijo fervorosos incitamentos ao vosso progresso!

Salve! pelo que no passado fizeram os illustres baianos, vossos predecessores!

Salve! pela victoria que conquistastes no presente, impondo o vosso edificio ao apreço e à admiração de todos os espiritos elevados!

Salve! pelas glorias que ides alcançar no porvir, fazendo d'esta instituição mais um fóco de luz a illuminar a estrada por onde a Republica Brazileira terá de caminhar, coberta de nossas bênçãos e festejada pelos applausos triumphaes de nossos filhos! (*Prolongada salva de palmas*).

# EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

## SETEMBRO

### 1º de Setembro

—Em 1817, o rei de Portugal, nosso soberano então, mandou que o Conde de Arcos lhe informasse —*qual o verdadeiro rendimento do officio de thesoureiro dos defuntos e ausentes*, nesta cidade, que ao tempo era villa.

Parece que a maquia valia a pena, e tinha enchido os olhos aos gananciosos da época . . .

—Em 1826, foi descoberta, e cercada pela policia, uma fabrica de moeda falsa de cobre, vulgarmente conhecida por *chenchen*, que funccionava no engenho Paty, da freguezia do Oiteiro-Redondo, então do termo e comarca desta cidade.

A força, encarregada da diligencia, que foi corôada do melhor exito, marchou sob o commando do tenente Theodorico das Virgens, official do batalhão da Torre de Garcia d'Avila.

Vieram presos—Domingos Fernandes, ferreiro, Carlos José Coelho, Sebastião Francisco Souto Guerra, e mais alguns outros, que trabalhavam na mencionada fabrica.

—Em 1871, falleceu, contando 90 annos de edade, o padre Manuel Teixeira, que primeiro se chamara Manuel Teixeira de Sant'Anna.

Fôra zeloso vereador da camara municipal, e na epidemia do *cholera-morbus* prestou serviços importantes á população flagellada.

Apezar de ser o vigario foraneo, e servir muitas vezes como encommendado na parochia de Nossa Senhora do Rosario, desta cidade, jámais conseguira ser collado nella; muito embora fôsse este o seu sonho constante, e houvesse empregado para realizal-o o mais ingente esforço.

Caprichos do destino!

## 2 de Setembro

—Em 1825, foi publicado este decreto, que é dos mais curiosos com certeza:

«Não se verificando nesta côrte (Rio de Janeiro) os motivos que na de Lisbôa fizeram necessario o alvará de 2 de Abril de 1762, pelo qual se determinou que nenhuma pessoa, de qualquer condição que fosse, podesse andar uma legua della em carruagem de mais de duas bestas:

Hei por bem ordenar que, sem embargo do dicto alvará, ou de outra qualquer ordem em contrario, todas as pessoas que gozam do tratamento de excellencia possam nesta côrte andar em carruagem de quatro bestas.

Estevão Ribeiro de Rezende, do meu Conselho, ministro e secretario de Estado dos negocios do imperio, o tenha assim entendido, e faça executar. Paço, em 2 de Setembro de 1825, 4º da independencia e do Imperio.—Com a rubrica de S. M. o Imperador. —*Estevão Ribeiro de Rezende.*»

Louvado seja Deus!

Para andar puxado a quatro bestas, nesta nossa terra, já foi preciso um decreto imperial, e se ter excellencia! O facto desafiou por aqui commentarios muito engraçados.

—Em 1897, se manifestou nesta cidade, então despercebida, o primeiro caso de variola, importada da capital do Estado, onde estava a peste dizimando a população.

Comquanto a municipalidade mandasse abrir um *lazareto* para tratamento dos doentes pobres, fizesse vir um medico e auxiliares da repartição de hygiene para o trabalho das desinfecções, e contribuisse efficazmente afim de que se procedesse á vaccinação e revaccinação em larga escala, ainda assim a epidemia se prolongou até ao mez de Julho do anno seguinte, victimando cerca de 200 pessoas.

## 3 de Setembro

—Em 1823, o Governo provisorio da Bahia deu ordem ao juiz de fóra da villa de Maragogipe, que depois fez parte da comarca desta cidade, para remetter preso até áquella capital o general P. Labatut, que se achava detido na cadeia da mesma villa, e devia ser apresentado no Rio de Janeiro.

—Em 1872, finou-se o cidadão Epiphanio José de Meirelles, com 35 annos de edade.

Tinha estudado humanidades, e cultivava com muito gosto a litteratura amena.

Esparsos por alguns jornaes e revistas, como o *Brazil Historico*, deixou elle composições ligeiras, que attestam aliás o seu amor ás lettras.

Em 1868, havia sido nomeado supplente do delegado de policia desta cidade.

—Em 1889, recebeu esta cidade a visita do senhor Conde d'Eu, consorte da princeza imperial senhora D. Izabel, herdeira presumptiva da corôa, quando a corôa era a instituição culminante neste paiz.

Teve acolhida cuidadosamente preparada pelo partido liberal, que então governava, e foi hospedado na mesma casa, que poucos mezes depois agasalhava o Dr. Manuel Victorino Pereira, primeiro governador do Estado Federado da Bahia, que faz parte da Republica Brazileira.

Coincidencia, digna de menção!

## 4 de Setembro

—Em 1700, o senado da camara desta cidade, então villa, se lembrou de fixar o preço da louça nacional, exposta á venda no mercado.

Por signal, que a um pote grande taxou-se o preço de 50 réis.

Hoje, dois seculos depois, um pote egual vale 640 réis.

## 5 de Setembro

—Em 1840, chegaram a esta cidade o principe de Joinville e muitas pessoas de sua comitiva, que a bordo do *Belle-Poule* e do *Favorite*, ancorados então no porto da Bahia, conduziam de Santa Helena para a França os ossos de Napoleão I.

Causou muita admiração—ver-se o Conde de Lascasas comer bananas com casca e tudo, ao jantar, no vapor que o trouxera até aqui. Mas, foi exactamente assim, que o illustre titular poude demonstrar o apreço, que dera á saborosa fructa, tão rara então nas estufas européas.

Aquelles dous vasos da marinha franceza, no dia 14, zarparam, seguindo de nossa capital para o seu destino

—Em 1849, falleceu na cidade da Bahia o general P. Labatut, que prestara á causa de nossa independencia reaes e preciosissimos serviços.

Posto que algumas vezes houvesse aberto lucta com os patriotas que nesta cidade batalhavam pela mesma idéa, se deve em todo o caso confessar—que a morte do valoroso soldado cobriu de luto e dó todos os corações verdadeiramente bahianos.

Demais, essas desavenças, embora lamentaveis, provieram simplesmente de ciumes, occasionados pela primazia, que cada qual disputava no serviço da patria brazileira.

Sepultado na egreja da Piedade, depois de pomposos funeraes para que muito concorreu a sociedade *2 de Julho*, annos depois, em 1853, os ossos

de Labatut foram trasladados para Pirajá, como elle proprio pedira, *afim de fazer companhia aos seus irmãos de armas.*

—Em 1893, declararam-se em *grève* os trabalhadores da estrada de ferro *Central da Bahia.*

Tendo o respectivo superintendente augmentado 300 réis diarios ao salario, de cada trabalhador, a *grève* cessou logo.

Não foi ella, porém, a primeira nem a ultima *parede*, occorrida nessa empreza. Em Fevereiro de 1900, por exemplo, uma outra se manifestou com caracter muito mais serio, conseguindo, então, alguns operarios das respectivas officinas, não só que fossem elevados os seus vencimentos, mas tambem que a todos fosse dada passagem gratuita pela ponte de ferro *Pedro II.*

—Ainda em 1893, falleceu na cidade da Bahia, depois de longo padecimento, o negociante portuguez Domingos Gonçalves de Oliveira, que aqui fôra estabelecido por muitos annos e conseguiu fazer fortuna.

## 6 de Setembro

—Em 1822, foi substituida a *Commissão* encarregada de administrar a *Caixa Militar* installada nesta cidade, então villa, pelo *Conselho interino de governo da provincia da Bahia*, que encetou seus trabalhos, funccionando no salão do hospital de S. João de Deus, convertido annos depois em Sancta Casa de Misericordia.

A idéa da creação do *Conselho* partiu principalmente de cidadãos notaveis de S. Francisco e Sancto Amaro, cujas camaras aliás tinham já representado sobre a conveniencia de se estabelecer em todas as villas da provincia commissões de administração da *Caixa Militar*, *ad instar* do que se praticara aqui.

Aventando similhante idéa, seus benemeritos iniciadores propuzeram—que o *Conselho de governo* se compuzesse de representantes das differentes villas, devendo cada uma dellas eleger o seu.

Assim se fez, sobretudo por ter sido reconhecida a necessidade de constituir um centro forte de acção, desde que o Governo provisorio da capital estava sem autoridade alguma, e não podia portanto valer á revolução.

Foi a esse Governo, entretanto, que José Bonifacio se dirigiu, por intermedio do major Montaury, prevenindo os patriotas de que *em seu apoio e para collaborar com elles pela causa proclamada estava a expedir-se do Rio forças de mar e terra.*

Serviu por consequencia, a Cachoeira de *villa capital*, onde se reuniram as forças que vinham de todos os pontos da provincia combater pela liberdade da patria.

Entre outras, a portaria de 8 de Abril de 1823 confere a esta nossa terra aquella honrosa graduação.

Pelo citado Conselho foram nomeados: capitão do porto, interinamente, o official de marinha Antonio João Pereira; cirurgião-mór do exercito—José Maria Cambuy do Valle; commissario assistente da thezouraria geral das tropas — Manuel Maria Alves Amaral; commandante militar da Cachoeira—o coronel Bento de Araujo Lopes Villasboas, que morreu Barão de Maragogipe; sub-inspector do exercito e ajudante de ordens do general em chefe—o tenente-coronel Antonio Maria da Silva Torres.

—Em 1892, falleceu com a edade de 72 annos o ex-negociante Candido Rodrigues da Silva, que affirmava ter descoberto um novo e excellente processo de fabricar o rapé. Era natural desta cidade.

## 7 de Setembro

—Em 1847, foi inaugurada a illuminação publica desta cidade, com os classicos lampeões para azeite de baleia.

Serviu, como primeiro administrador do respectivo serviço, o cirurgião José Caetano Alvim, que passa por ter sido o nosso major Quaresma.

Dentre as muitas pêtas, com que costumava elle regalar os seus admiradores, aqui registrarei uma

só, mas bastante para se aquilatar a força do nosso heróe.

O *Dr. Alvim*, como era elle geralmente conhecido, contava—com uma seriedade de fakir—que tinha plantado no quintal de sua casa uma aboboreira, cujo crescimento deu logar a metter ella as ramas pela janella da cozinha a dentro.

Dos fructos, que pendiam dessas ramas, diariamente se cortava o pedaço preciso para adubar a panella; e—circumstancia supinamente assombrosa—no dia seguinte os mesmos fructos amanheciam de novo inteiros, como si ninguem lhes houvera tocado!

Fale-se com franqueza: isso chega para immortalizar um homem . . .

—Em 1857, foi publicado o 1º numero de mais um periodico. Intitulava-se *Defensor Cachoeirano*, e era editado por Joaquim Tavares da Gama, que de alguns outros tinha sido já o responsavel legal, nesta mesma cidade.

—Em 1872, falleceu na cidade de Sancto Amaro, deste Estado então provincia, e onde era escrivão dos orphãos, o nosso conterraneo Egas José Guedes, com edade superior a 50 annos.

—Em 1873, foi inaugurada, nesta cidade, uma linha de *bonds*, por tracção animada. Bem poucos annos durou, naturalmente pelo pequeno lucro que deixava.

Com as carruagens o mesmo se tem dado, pois ellas ora se ostentam por cá, ora se somem daqui; sem que ao certo se saiba o motivo de taes mutações.

A ultima carruagem que rodou pelas ruas desta cidade, sem contar as que servem nas festas do Carnaval, foi vendida para a cidade da Bahia em 1892.

—Em 1890, depois de benzidos com todas as solemnidades do ritual romano, o cemiterio e a capella respectiva, pertencentes á irmandade da Misericordia, desta cidade, o vigario Heraclio Mendes da Costa celebrou, pela primeira e unica vez, em o novo sanctuario.

*Unica vez*, porque mais nunca o dito sacerdote disse, nem consentiu que outro padre dissesse, missa ali, sob pretexto de não se lhe pedir guia para os enterramentos.

Não obstante, o mesmo parocho acompanha os corpos que têm de ser inhumados naquelle cemiterio, não se recusando mesmo a encommendal-os dentro da capella condemnada.

O alvitre da irmandade, entretante, foi tomado por força da lei que separou do Estado a Egreja; e está, demais, em perfeito accordo com o que foi proposto pela congregação dos Ritos, em 19 de Maio, e approvado pelo Papa, em 8 de Junho de 1896.

## 8 de Setembro

—Em 1716, nasceu na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do termo, e ainda hoje da comarca desta cidade, o padre Miguel Luiz Teixeira, escriptor primoroso e orador sacro de primeira plana

Foi vigario geral, e provisor, do bispado de Algarves.

—Em 1882, perante o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, compareceram a camara municipal, as autoridades ecclesiasticas, civis e militares; e todas, pondo a mão direita sobre os Sanctos Evangelhos, juraram obediencia á sua alteza real o regente constitucional do Brazil, e seu protector e defenror perpetuo; fidelidade á causa do Brazil; e obediencia tambem ao Conselho de governo da Bahia.

Cento e setenta e quatro cidadãos assignaram a acta, que por essa occasião se lavrou.

—Em 1839, chegaram os capuchinhos Fr. Ambrosio de Rocca e Fr. Candido de Toggia, para abrir aqui os exercicios da *Sancta missão*.

Chrismaram elles 1.804 pessoas e conseguiram que se effectuassem 55 casamentos.

Os dois missionarios percorreram, depois, todas as freguezias visinhas, no exercicio do seu ministe-

rio, colhendo a religião e e moral resultados preciosos d'essa villegiatura apostolica.

Foi em 1858 que houve nesta cidade a derradeira *Missão*, tendo então prégado os padres lazaristas.

—Em 1866, finou-se o Dr. Joaquim Gregorio de Souza, desde muitos annos promotor publico da comarca desta cidade.

Além de ser um homem de talento, o Dr. Gregorio possuia o dom maravilhoso de se fazer comprehender per todos os jurados, ainda os mais ignorantes, de que aliás outr'ora o numero era crescido. Servia-se para isto de linguagem chan, que ás vezes tornava-se vulgar de mais.

—Em 1891, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio desta cidade, o estimado cidadão Marcellino Pereira Mascarenhas, agricultor muito conhecido e membro de uma das mais antigas familias do logar.

Era maior de 70 annos.

## 9 de Setembro

—Em 1713, o senado da camara desta cidade, então villa, determinou—que ninguem salgasse peixe com *sal da terra*, mas exclusivamente o fizesse com o que era importado de Portugal; salvo, não havendo deste á venda.

A pena, imposta aos contraventores desta . . . . postura, era de 30 dias de prisão e multa de 1$000 ainda em cima.

Assim, protegia a metropole a industria. . . nacional.

—Em 1869, succumbiu nesta cidade, victimado por uma apoplexia fulminante, o tenente-coronel José Antonio de Araujo Lima.

O finado fôra, durante muitos annos, negociante de fumos; e havia exercido varios cargos publicos, entre os quaes o de vereador da camara municipal e o de commandante de um batalhão de guardas nacionaes.

Tinha perto de 60 annos de edade, e era muito estimavel por seu genio prestimoso.

## 10 de Setembro

—Em 1847, chegou ao porto desta cidade uma canôa que, tendo partido da povoação da Passagem, perto do Andarahy, nas Lavras Diamantinas, descera pelo Paraguassú, cuja navegabilidade da cachoeira para cima se procurou d'est'arte estudar.

Depois de pequena demora, a canôa voltou com um carregamento de seccos e molhados; mas teve que vencer sérias difficuldades para subir os trechos encachoeirados do rio.

Em 1860, quando uma secca tremenda devastou todo o sertão deste Estado, veio da povoação de João Amaro outra canôa buscar mantimentos a esta cidade.

Os ensaios, assim tentados, não deram bom resultado; do que proveio a idéa de se construir a estrada de ferro *Central da Bahia*, que já presta áquella zona bem bons serviços e os pode prestar maiores ainda.

—Em 1855, falleceu na cidade da Bahia, victimado pelo *cholera-morbus* epidemico o brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, proprietario de engenhos de assucar e residente no districto de Iguape, do municipio desta cidade.

Fôra—por muitos annos—commandante superior da guarda nacional, e o Governo para reformal-o neste posto, cedendo á exigencias partidarias, o agraciou com o titulo de Barão de Belém, a que aliás o esforçado bahiano nenhuma importancia deu.

Cavalheiro, de muito valor, e francamente popular, o brigadeiro Rodrigo Brandão encheu uma grande lista com os serviços, que soube prestar á patria. Seu nome impõe-se ao reconhecimento dos posteros, pelas fulgurações que deixou na historia nacional.

Assim foi que elle emergiu, sempre victorioso, das lutas da independencia e dos combates pela legalidade, como attesta a sua brilhante fé de officio. Nas revoluções, conhecidas na Historia, pelos nomes de *Sabinada* e *Federação dos Guanaes*, Rodrigo Brandão salientou-se por serviços memoraveis.

Um soldado tão bravo, que era ao mesmo tempo um homem de espirito fino, se deixou no entanto impressionar de tal maneira pela invasão do *cholera-morbus*, ao ponto de se poder assegurar que morreu fulminado pelo terror, que a epidemia lhe causara.

A Cachoeira bem avaliou a perda, que soffria com o desapparecimento do prestimoso cidadão.

O brigadeiro Rodrigo, além do mais, recommendava-se por seu genio alegre e galhofeiro.

Conta-se d'elle—que tendo certo dia recrutado e prendido muitas pessoas, as foi pondo em liberdade, á medida que por qualquer dellas intercedia alguem. Com tamanha condescendencia, no entanto, o fez, que dentro de poucas horas apenas um homem restava no calabouço!

O brigadeiro mandou vir á sua presença esse infeliz, a quem fallou mais ou menos assim: *Vá-se embora tambem V. pois não me serve, por ser tão desgraçado, que não encontrou em toda esta cidade quem me pedisse por si!*

De outra feita, por occasião de uma batalha eleitoral muito renhida, o brigadeiro, que abominava a politica, resolveu fazer a custa desta uma troça monumental.

E, assim, á proporção que cada um dos candidatos lhe solicitava o voto, escrevia elle o respectivo nome em uma folha de papel. E foi esta exactamente a chapa, que o brigadeiro metteu na urna no dia da eleição. Levava, porém, ella 60 nomes, em vez de 36.

Na conformidade da lei, a Meza do collegio apenas apurou os 36 primeiros nomes da cedula, ficando consequentemente prejudicados os outros.

Em todo o caso, o brigadeiro affirmava aos candidatos ter cumprido seus compromissos todos, não sendo culpado de haver a dicta Meza dado preferencias, cuja razão elle não podia apprehender. De sua parte, tinha havido a maior justiça e lealdade. Desde que todos os candidatos eram dignos e merecedores do seu voto, os fôra attendendo na ordem chronologica dos pedidos feitos. O mais corria por conta da lei.

A tradição reza—que os candidatos *manqués* tiveram de embuchar. . .

—Em 1893, as autoridades locaes iniciaram medidas rigorosas para impedir a circulação illegal de *vales*, que inundavam toda a cidade.

Havia-os desde 100 réis até 10$000 e só depois de uma luta de anno, ou mais, conseguiu-se acabar com o abuso, que fôra aliás introduzido a pretexto da escassez de moeda divisionaria.

—Em 1893 tambem, falleceu no districto da Conceição da Feira, do municipio e comarca desta cidade, o capitão Joaquim Ferreira Mascarenhas, lavrador estimado e membro de familia numerosa e conhecida.

Contava 89 annos de edade.

## 11 de Setembro

—Em 1823, o tenente-coronel Manuel Borburema, cumprindo a ordem constante da portaria de 3, entregou preso o general P. Labatut ao coronel Joaquim Francisco das Chagas Catête, que o conduziu, acompanhado sómente pelo ajudante Antonio Victorino da Silva Guimarães.

—Em 1864, finou-se o Dr. Ricardo Pinheiro de Vasconcellos, que era então juiz de direito.

Tinha sido, em tempo, juiz dos orphãos no termo desta cidade.

## 12 de Setembro

—Em 1705, attendendo ás difficuldades do tempo, o Governador offereceu aos creadores do termo desta cidade, então villa, o preço de 400 réis por arroba (15 kilos) de carne de vacca, porque muito se carecia delia para abastecer a frota real, que se achava no porto da Bahia, mas precisava partir para a India.

Em 1719, ainda vigorava esse preço da carne verde, aqui.

—Em 1726, o vice-rei mandou recolher á cadeia o cabo de esquadra Silvestre de Souza Marques, por

ter este feito violencia aos presos que desta cidade, então villa, conduzira para a da Bahia.

S. Ex., communicando o facto ao respectivo juiz ordinario, dizia—*que o cabo se achava com o contrapeso de um bom grilhão, com o qual purgaria os excessos que commettera.*

E era nos tempos do absolutismo! Hoje, o cabo nada soffreria.

--Em 1795, estando em vereação, o Conselho da cidade da Bahia resolveu—que *por estarem extinctos os 12.000 cruzados que, de ordem do general D. Fernando José de Portugal, a camara desta cidade, então villa, tinha emprestado áquelle Conselho, e continuando a necessidade de se findar a obra da cadeia, se fazia indispensavel de mais 20.000 cruzados, para os quaes tinha elle expedido os competentes avisos á camara para passarem as ordens necessarias, na mesma fórma como o primeiro emprestimo.*

A ordem do general foi registrada no livro 8° folhas 217, o emprestimo se effectuou; mas não consta que os 32.000 cruzados voltassem jámais aos cofres de nossa municipalidade, apezar do general na sua carta affirmar que—*o Conselho e o senado da Bahia ficavam obrigados a indemnisar aquella quantia.*

De resto, não foi este o calote unico de que se pode queixar a edilidade cachoeirana, com relação á sua co-irman da capital. . .

—Em 1838, houve, no recinto da camara municipal desta cidade, um grande *sarilho*, por ter o vereador Manuel Francisco de Salles Ferreira dito em plena sessão, e se dirigindo ao collega que a presidia: *mente, o senhor mente!*

A muito custo se poude apaziguar o tumulto, sem consequencias de maior importancia.

Na sessão seguinte, comtudo, o supradicto vereador compareceu *para pedir publico perdão da offensa*, irrogada ao presidente.

E tudo voltou. . . ao que era dantes.

## 13 de Setembro

—Em 1721, tendo o capitão-mór Antonio Velloso batido um crescido *quilombo*, que existia perto desta cidade, então villa, aprisionou muitos negros fugidos, que foram entregues aos seus respectivos senhores, mediante 15$000 de *tomadia* por cada um.

Regalou-se, o capitão-mór!

—Em 1850, o vereador José Ruy Dias de Affonseca requereu e foi por unanimidade de votos approvado em camara—que se representasse ao Governo sobre a urgencia da construcção de uma estrada de ferro que, partindo desta cidade, cortasse a região sertaneja.

A representação foi immeditamente assignada pelos membros da camara, então presentes, a saber: advogado Manuel Galdino de Assis, presidente, José Ruy Dias de Affonseca, Antonio de Britto Leal, Francisco Martins Curvello, e Alvino José da Silva e Almeida; e no dia immediato seguiu, pelo correio, ao seu destino.

Em 1860, a secca inclemente que devastou uma importante e vasta zona deste Estado, então provincia, salientou mais ainda a necessidade apontada por aquelle prestante cidadão.

Felizmente, a estrada de ferro *Central da Bahia* tem já realizado em parte e pretende de futuro realizar no todo, a esperança concebida com a execução do pujante melhoramento, cuja grande utilidade outras seccas posteriores têm vindo demonstrar.

## 14 de Setembro

—Em 1822, o commandante da força armada, existente nesta cidade, então villa, ordenou—que todos os habitantes e quaesquer outras pessoas, empenhadas na defeza da ilha de Itaparica, se retirassem para o continente, abandonando-a portanto, e levassem comsigo todo o gado e mais o que de precioso por ventura possuissem.

Temor, pouca experiencia, ou talvez ignorancia

estranhavel das condições locaes. a verdade é—que similhante medida foi vivamente impugnada pelos insulares, e tambem pelos moradores de Jaguaripe e Nazareth.

Por delegação dos primeiros, o patriota Thomaz da Costa Ferreira veio aqui se entender com o citado commandante; e felizmente obteve a revogação da ordem, que fôra dada irreflectidamente.

## 15 de Setembro

—Em 1881, falleceu contando 76 annos de edade, o tenente-coronel Christovão Pereira Mascarenhas, que entre nós occupara posição social distincta, e muito se recommendava pela fidelidade aos principios da escola politica de que se tornara adepto.

Um traço de sua vida o photographa nitidamente.

Como houvesse perdido toda sua fortuna, em consequencia de successivivos revezes, o dedicado *conservador* nem por isto se acobardou. Muito ao contrario, ganhando coragem no proprio infortunio, acceitou para viver independentemente o logar de caixeiro, que lhe fôra offerecido.

Lição eloquentissima, digna de ser aprendida! Exemplo, que merece ser imitado!

—Em 1891, se procedeu em todo o paiz, e por consequencia tambem nesta cidade, a primeira eleição depois que fôra proclamada a republica.

Em cada uma das tres secções, em que estava dividida a cidade, obtiveram a primeira votação: para senador—o Cons. José Antonio Saraiva, e para deputado—o Dr. Aristides Milton.

## 16 de Setembro

—Em 1822, partiu da fazenda *Acupe*, onde achava-se acampado, de marcha para esta cidade, então villa, a força commandada pelo coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão; e que dias antes, estando na Saubara, impedira que ali desembarcasse um grande grupo de luzitanos. entre os quaes fez varios mortos e feridos.

## 17 de Setembro

—Em 1853, foi concedida a Lucas Jezler a necessaria licença para edificar na povoação de S. Felix, hoje cidade, e então pertencente ao termo desta, um cemiterio acatholico: o primeiro desta natureza, que se construiu fóra da capital no nosso Estado. então provincia.

## 18 de Setembro

—Em 1822, o Conselho interino do Governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, a esse tempo ainda villa, estabeleceu um correio para o norte, afim de facilitar as communicações com as villas de S. Francisco e de Santo Amaro, bem como com os pontos de defeza em Pirajá, Torre. e outros logares.

E simultaneamente determinou — que o ouvidor interino da comarca mandasse abrir os armazens, lojas e casas de arrecadação que permaneciam fechadas, e aliás cumpria que funccionassem para expôr á venda as mercadorias existentes.

No caso de recalcitrarem os donos desses estabelecimentos. estes deveriam ser judicialmente abertos, e os generos respectivos entregues a uma administração, que o mesmo Conselho houvesse de nomear.

—Em 1824, o *Grito da Razão*, periodico da cidade da Bahia, deu á luz um artigo de que extraio alguns conceitos, por me parecerem opportunos:

«Muito receiamos tocar, escreveu a citada folha, muito receiamos tocar na classe militar; porque de ordinario, e em toda parte, chama-se offensa o que não passa de zelo do amor publico: e tudo querem decidir, não como pede a justiça, mas sim o que elles entendem por brio e pundonor militar.»

—Em 1873, o engenheiro Hugh Wilson, na qualidade de empreiteiro da estrada de ferro *Central da Bahia*, offereceu 3:000$000 para auxilio do calçamento das ruas das Flores e Formoza, desta cidade.

—E no mesmo anno, a camara municipal nomeou

para zelador da arborisação publica—o cidadão Francisco Americo Zenith.

Esse emprego, porém, foi supprimido a 21 de Março de 1878, por ser considerado então dispensavel; visto como estavam já crescidas as arvores, que tinham sido plantadas.

A arborização da cidade, entretanto, continúa ainda hoje; e, graças a ella, a *praça Maciel* e outros sitios promettem ficar muito apraziveis.

## 19 de Setembro

—Em 1864, tendo se reunido a camara municipal desta cidade, elegeu—por unanimidade de votos—uma commissão para represental-a na cerimonia do casamento da princeza D. Izabel, então herdeira presumptiva do throno.

Afim de se incorporar a essa commissão, que se compoz de magnates residentes no Rio de Janeiro, para ahi seguiu pouco depois o vereador tenente-coronel Egas Muniz Barretto de Aragão.

—Em 1891, falleceu o commendador Albino José Milhazes, que contava 57 annos de edade.

Portuguez de origem, mas brazileiro naturalizado, tornara-se negociante abastado, e tinha tomado parte activa nas lutas politicas do districto.

Muito contribuira para augmentar a edificação desta cidade. Tinha a excellente qualidade de ser amigo dedicado e leal.

—Em 1892, falleceu na cidade de S. Gonçalo dos Campos, da comarca desta cidade, o coronel Antonio Carlos da Silva, maior de 70 annos, e professor publico primario, desde muito jubilado.

Por sua intelligencia e actividade, conseguiu gozar de verdadeira influencia no meio de seus conterraneos, que o cumularam de prestigio e distincções.

Nunca teve filhos, e legou aos sobrinhos toda a fortuna que possuia.

—Em 1892, tambem, succumbiu—depois de rebelde enfermidade—o cidadão Satyro da Silva Pinto, com 59 annos de edade.

Era serventuario do cartorio do jury, nesta cidade, e foi sempre um bom irmão.

## 20 de Setembro

—Em 1824, o tenente-coronel José de Sá Bittencourt foi mandado a esta cidade, então villa, pelo Governador das armas, afim de inquirir de um facto occorrido com o destacamento militar, que era accusado de haver commettido violencias, no acto de prender um cidadão.

Por similhante futilidade, ninguem se incommodaria agora. . .

—Em 1854, falleceu o Dr. Joaquim José Ribeiro Guimarães, advogado notavel nesta cidade, e graduado pela Academia de Direito de S. Paulo. Era maior de 50 annos.

—Em 1857, ficou installada, sob a regencia do maestrino José de Souza e Aragão, a primeira *Philarmonica*, desta cidade, a qual tinha por presidente o capitão Joviniano José da Silva e Almeida, que foi depois tenente-coronel. Compunha-se ella de pessoas da *elite* cachoeirana.

## 21 de Setembro

—Em 1854, á noite, foi assassinado — com um tiro—o portuguez Joaquim Cardoso da Silva, que a certa hora do dia tinha tido uma rixa com um tabaréo, a quem physicamente offendera.

Ao pobre roceiro foi, geralmente, attribuido o crime, que elle estava ainda expiando na cadeia, quando o verdadeiro culpado se denunciou, por occasião de se confessar *in extremis* a um virtuoso sacerdote.

Um *erro judiciario*, portanto; unico, mas poderoso argumento, que me leva a combater a pena de morte.

—Em 1863, a companhia de navegação a vapor *Bahiana* requereu e obteve da camara municipal a licença necessaria para construir uma ponte de embarque e desembarque no porto desta cidade.

Annos depois, a ponte ficou acabada, é verdade; mas não era cousa que correspondesse á importancia da terra.

Em 1893, foi ella substituida por outra, um pouco melhor; mas, ainda assim, muito inferior ao que merecemos, em virtude da somma avultada, com que a linha desta cidade concorre para a receita da companhia.

Em 1899, a ponte foi augmentada; e agora, com algum esforço mais, estará completa.

## 22 de Setembro

—Em 1724, o vice-rei mandou—que os officiaes da camara desta cidade, então villa, «prendessem todos *os vadios sem officio e domicilio certo*, que em grande numero andavam pelo districto de Maragogipe, a inquietar os moradores.»

Como estão vendo, os vagabundos vêm de longe...

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que aqui fôra anteriormente installado, deu começo aos seus trabalhos, reunindo-se então com os procuradores enviados pelas outras villas, no salão do hospital de S. João de Deus, que é hoje—como já fiz notar—a Sancta Casa de Misericordia desta cidade.

—Em 1892, foi installado o *pequeno jury*, ou junta correccional, de accordo com a nova lei promulgada pelo Estado, a 15 de Julho do mesmo anno.

## 23 de Setembro

—Em 1720, constando — que o benedictino Frei Joseph de S. Pedro, que apostatara havia mais ou menos quatro annos, estava nesta cidade, então villa, em casa do *official de borrachas* de nome Joseph Vaz: o vice-rei deu ordens terminantes ao corregedor da comarca, ao juiz ordinario da villa e ao coronel da respectiva cavallaria, para captural-o.

Já se vê — que tambem nós tivemos um frade apostata.

—Em 1844, falleceu nesta cidade, onde residia desde muito, o portuguez João José Espinola, deixando testamento, em que fez muitos legados, entre os quaes alguns á Ordem Terceira do Carmo, á egreja da Conceição do Monte, á capella de Nossa Senhora do Amparo e á Sancta Casa de Misericordia.

—Em 1854, a camara municipal desta cidade requisitou do Governo uma barca de excavação para o rio Paraguassú, que já estava obstruido em varios pontos.

Por aviso do mesmo anno, o Governo respondeu—que subindo a 50:000$000 a despeza orçada para similhante serviço, só *no anno seguinte* poderia ser attendida a requisição da municipalidade.

Pois bem. Esse *anno seguinte* jámais chegou!

—Em 1888, falleceu—contando 80 annos de edade, o abastado proprietario Ignacio Rodrigues Pereira d'Utra, Barão do Iguape.

Residia no districto deste nome, do municipio e comarca desta cidade, e ali gozava de muito prestigio.

## 24 de Setembro

—Em 1823, reuniram-se o senado da camara, o povo e a tropa desta cidade, então villa, afim de protestar contra os acontecimentos da noite anterior, em que o batalhão de Minas, aqui destacado, praticara alguns excessos contra a população, *por suppol-a affeiçoada ás idéas republicanas.*

Foi lavrada uma acta da numerosa reunião para repellir a suspeita, e affirmar o mais entranhado amor á monarchia.

—Em 1853, a camara municipal desta cidade representou ao Governo sobre a conveniencia de partir daqui a primeira estrada de ferro, que se tratava então de construir na provincia, hoje Estado.

A camara, porém, não foi attendida, e agora todos confessam—que o traçado escolhido para a via-ferrea do S. Francisco podera ter sido muito melhor.

Mas é que naquelle tempo se procurou sómente

satisfazer a vaidade da capital, por amor á centralização. . .

—Em 1857, foi condemnado á pena de galés perpetuas o soldado do corpo policial de nome Marcello Antonio da Silva, que em frente ao seu proprio quartel, e sem provocação nem conflicto, assassinara o alfaiate Joaquim José dos Santos Reis, conhecido por *Meus-pirões*.

O deploravel acontecimento emocionou profundamente a população, já por causa da victima, que fôra sempre um artista inoffensivo, já pela qualidade do criminoso, que era um dos agentes da segurança publica.

## 25 de Setembro

—Em 1587, foi dado regimento á Relação da Bahia, que então fôra creada, mas sómente em 1652 ficou definitivamente organizada, visto como o alvará de 23 de Janeiro de 1588 mandara sobrestar no estabelecimento della.

—Em 1738, o desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, ouvidor-geral da comarca desta cidade, então villa, num seu provimento notou—que não se *guardava economia alguma na administração das rendas municipaes, e que ninguem se esforçava para que servissem ellas de bemfeitorias publicas, havendo grande deleixo e omissão a respeito.*

Vá com vista a quem entende—que tudo nos outros tempos era melhor e mais moralizado. . .

—Em 1822, uma *Junta da fazenda* substituiu a commissão, creada aqui com a incumbencia de fazer face aos gastos da guerra, que os bahianos sustentavam por amor da independencia nacional.

A *Junta* recebeu da commissão citada o saldo de 3:866$030, mas a receita arrecadada até Maio do anno seguinte se elevou á somma total de 108:780$234.

Uma das providencias, tomadas immediatamente pela *Junta*, foi mandar ella que se entregasse 5:000$

á commissão patriotica da villa de S. Francisco, que carecia de auxilios.

—Em 1859, o norte-americano Herbert G. Booven suicidou-se nosta cidade, disparando sobre o peito um tiro de pistola, depois de haver envenenado duas filhas de tenra edade, que tinha em sua companhia.

Dias antes, a consorte desse infeliz matara-se, tambem.

Foi a miseria, que os levou a tal extremo.

Annos depois, em 1890, a 25 de Março, occorreu em *Barbudas*, proximo a Pelotas, do Rio Grande do Sul, um facto similhante.

O colono allemão Kirch, casado, e com tres filhos, um de 8, outro de 7 annos e o terceiro de 6 mezes de edade, assassinou toda a familia a tiros de revolver, suicidando-se em seguida com um tiro tambem.

—A camara municipal desta cidade mandou, em 1867, continuar a obra do caes de S. Felix, *desde a ponte até ao jardim da casa Curvello.*

—Em 1888, falleceu com 61 annos de edade o Dr. Norberto Francisco de Assis, formado em medicina pela Academia de Pizza, na Italia, de onde chegara a 7 de Maio de 1851.

Servindo, desde 1855, de medico do hospital de Misericordia desta cidade, ahi ganhou bastante pratica de que veio a se utilizar com muito proveito na clinica civil.

E muito recommendavel é a sua memoria, como profissional; pois nenhum outro ainda o excedeu no interesse que ligava á sorte de seus doentes, quer estes lhe podessem retribuir o trabalho, quer não.

Varios e distinctos cargos publicos o Dr. Norberto occupou, taes como os de juiz de paz e delegado de policia; e a todos elles deu sempre cabal desempenho.

O desapparecimento do prestante cachoeirano foi geralmente sentido.

——

## 26 de Setembro

—Em 1817, foi nomeado D. Braz Balthazar da Silveira para coronel do batalhão de infanteria miliciana desta cidade, então villa.

E para tenente-coronel do mesmo corpo foi designado Manuel Ignacio de Lima Pereira, que tinha requerido aquella outra patente, em 26 de Agosto, na sua qualidade de *soldado da companhia da artilheria montada dos voluntarios guarda-costas do principe real.*

Era de perder o folego este . . . brazão.

—Em 1826, a camara municipal desta cidade, então villa, offereceu á Sancta Casa de Misericordia um apparelho completo *para a operação de restaurar a vida das pessoas afogadas*; e fêl-o acompanhar de varios exemplares de certa brochura, explicativa do uso que se deveria fazer do referido apparelho.

O barão de Itabaiana—Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa—tinha doado á camara aquelle *machinismo*, de que aliás a Misericordia não se poude utilizar, por falta do dinheiro que para tanto se fazia mister.

Dahi procedeu—que a Misericordia, em 21 de Outubro, devolvesse o apparelho.

E deste facto originou-se um singular conflicto, que só terminou a 11 de Novembro, mediante a intervenção do presidente da provincia! . .

Que fim teria levado esse novo pomo de discordia?

Ninguem mais delle falou.

—Em 1882, falleceu Fr. João de Sancta Maria e Souza, que tinha nascido na cidade da Bahia em 1826, e para esta se mudara em 1837.

Era professor de lingua latina, prior do convento do Carmo desta cidade, desde 1862, e gozava das honras de prégador da capella imperial, si bem que nunca houvesse recitado um sermão.

Fôra deputado por sua Ordem para ir ao Rio de Janeiro, em 1842, cumprimentar D. Pedro II, que então havia sido declarado maior.

Fr. João deixou muitos discipulos, entre os quaes o autor destas linhas.

## 27 de Setembro

—Em 1842, expirou, na capital da Bahia, o capitão Manuel de Vasconcellos Bahiana, proprietario que fôra do engenho *Pitanga*, desta cidade, onde quiz estabelecer uma fundição de ferro, e que aqui montara, em tempo, uma fabrica de rapé.

No seu testamento, o capitão Bahiana deixou 1:000$000, ou uma legua de terra, á escolha, para quem lhe escrevesse a biographia.

Não houve, entretanto, quem quizesse apanhar esse premio.

—Em 1891, foi inaugurado o asylo de orphãs que, sob o nome de *Filhas de Anna*, existe nesta cidade.

A idéa concebida n'uma hora feliz, pelo cidadão Antonio Carlos da Trindade e Mello, vae produzindo bons fructos; e merece ser animada por todos os corações bem formados.

## 28 de Setembro

—Em virtude da lei de 28 de Setembro de 1871, que, declarando livre o ventre da mulher escrava, mandara proceder á matricula de todos os escravos, existentes então no Brazil, foram—como taes—arrolados na collectoria geral desta cidade, 17.207, a saber, 8.948 homens e 8.259 mulheres.

A 1º de Janeiro de 1876, se verificou—que delles ainda havia 15.164, excluidos os mortos, os alforriados e os que tinham mudado de domicilio.

E até 31 de Dezembro de 1875, por força da citada lei haviam sido matriculados, na mesma collectoria, 2.351 filhos livres de mulher escrava, a saber: 1.172 do sexo masculino e 1.179 do feminino.

O districto da collectoria desta cidade comprehendia então todo o territorio do municipio, que posteriormente foi desdobrado nas comarcas de Cachoeira, S. Felix e Curralinho.

## 29 de Setembro

—Em 1823, uma ordem do dia do commandante em chefe do exercito pacificador da Bahia mandou pagal-o, do 1º de Outubro em diante, como no tempo de paz; attendendo ao mau estado financeiro da provincia.

—Em 1865, marchou para a campanha do Paraguay o batalhão n. 107 da guarda nacional do municipio desta cidade

Foi uma scena profundamente commovedora a despedida desses bravos, que corriam celeres ao theatro da guerra, afim de vingar a honra nacional ultrajada, e que no entanto volviam os olhos, rasos de lagrimas, para a familia e para os amigos, que saudosos cá ficavam.

Honra aos *voluntarios da patria!*

## 30 de Setembro

—Em 1772, segundo li no *Livro do Tombo*, fls. 81 v., procedeu-se a medição do *Fortinho*, situado no rio Paraguassú, 24 1/2 kilometros, mais ou menos, abaixo desta cidade, então villa.

Não se sabe ao certo a data, em que fôra construida essa praça de guerra, devida, entretanto, á iniciativa dos hollandezes.

Ella tinha a figura de um rectangulo simples e irregular, de 100 palmos de frente e 200 de fundo para o dito rio, a que flanqueava pelos tres lados. E servia para defender a subida pelo canal, entre as duas montanhas ahi existentes.

A' entrada do *Fortinho* deparava-se com o *corpo da guarda*, a *casa da polvora*, e o *quartel*; tendo este a face para o terrapleno.

O *Fortinho* estava armado com 8 peças, ficando-lhe a bandeira na face do rio.

Mas delle, que nunca foi devidamente reparado, hoje apenas veem-se as muralhas.

Quando, em 1832, as circumstancias urgiam, foi mandado—em 25 de Fevereiro—o coronel Antonio de Souza Lima, afim de examinar o *Fortinho*, e mesmo fortifical-o, como parecia então conveniente.

Disso, porém, não se passou; mesmo porque, tendo cessado o perigo, ninguem se lembrou mais de que elle poderia renascer.

O juiz de fóra de Maragogipe, comtudo, em officio de 24 do mez e anno já citados, appellida o *Fortinho* de *chave de todo o reconcavo*.

—Em 1831, foi expedido um aviso da Regencia, do então, imperio, mandando—que tivessem applicação a beneficio do hospital da Sancta Casa de Misericordia, desta cidade, os legados pios, pertencentes ao respectivo municipio, e que deixassem de ser cumpridos em tempo; executando-se ácerca da referida instituição quanto se achava disposto no art. 2 da lei de 6 de Novembro de 1827.

O aviso foi remettido á camara municipal, com officio do presidente da provincia, em 22 de Outubro do mesmo anno, afim de ser desde logo executado.

Cachoeira, 1900.

A. MILTON.

(*Continúa*).

# Actas das sessões e Offertas

## ACTA DA 74ª SESSÃO EM 18 DE MARÇO DE 1900

*Presidencia do Dr. Satyro Dias, 1º Vice-Presidente*

Aos 18 dias do mez de Março de 1900, á 1 hora da tarde, n'esta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, presentes os socios Dr. Satyro Dias, 1.º Vice-Presidente, Cons. Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Conego Manfredo Alves de Lima, Alfredo Octaviano Soledade, Eduardo Carigé e Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, foi aberta a sessão, sob a presidencia do Dr. Satyro Dias, na ausencia do effectivo, Cons Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, sendo convidado o Conego Manfredo de Lima para servir o logar de 2.º Secretario, na ausencia do effectivo.

Foram lidas e approvadas as actas das sessões extraordinarias anteriores.

O expediente constou do seguinte:

*Officios*: dos 1ºs secretarios da Sociedade «Perseverança e Auxilio dos Caixeiros de Maceió» enviando a relação dos funccionarios eleitos para o anno social de 1900 a 1901 e da Sociedade «Club

Caixeiral», d'esta capital, enviando a relação dos funccionarios eleitos para o exercicio de 1899 a 1900; do Presidente da Associação Commercial desta capital, enviando a relação dos membros da nova Directoria, empossada a 20 de Fevereiro ultimo; do Director da Secretaria do Senado deste Estado, enviando 4 volumes dos Annaes do Senado relativos ás sessões de 1899.

*Cartas*: dos socios Drs. Manoel de Mello Cardoso Barata e José Pires Falcão Brandão, agradecendo a remessa de seus diplomas de socios correspondentes; do socio Horacio Urpia enviando a traducção da carta de um piloto anonymo portuguez referente á descoberta do Brazil, e traduzida do 1.º volume da obra de João Baptista Ramuzio, impressa em Veneza, 3.º edição, anno de 1563, afim de ser reproduzida na Revista Commemorativa do Centenario, e do Dr Manoel Duarte Moreira de Azevedo, residente na Capital Federal, enviando um manuscripto intitulado «O Primeiro Bispo do Brazil», memoria historica dedicada a este Instituto.

Em seguida é apresentado, na fórma dos Estatutos, o demonstrativo da Receita e Despeza de Janeiro a Dezembro de 1899, a cargo do Thesoureiro Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, importando a Receita em 25:366$398 e a Despeza em 26:389$906. E' remettido com urgencia á Commissão de orçamento.

Pelo Cons. Dr. Torres, 1º Secretario, foi dito que se achavam sobre a mesa as seguintes offertas: do Dr. Augusto de Carvalho 6 autographos, sendo 2 relativos a factos occorridos em Pernambuco por occasião da revolução de 1817; do socio Dr. Antonio Coutinho de Sousa 4 moedas do periodo colonial, sendo uma de prata; do Sr. Julio Meili, de Zurich, por intermedio do Sr. Alvaro

Ramos, uma medalha commemorativa do 4° Centenario da descoberta do Brazil, offerecida e dedicada ao povo luso-brazileiro.

O Dr. Satyro Dias declarou que o Cons. Dr. Salvador Pires, Presidente, não tinha comparecido por motivo de molestia e que a Commissão do Centenario da descoberta do Brazil encarregára ao mesmo Conselheiro de transmittir ao Instituto o que ella julga que se póde levar a effeito por occasião do mesmo Centenario; declarou mais que no dia 10 de Janeiro do corrente anno falleceu na Cidade de Belém, Pará, o distincto consocio General de Divisão Frederico Solon de Sampaio Ribeiro e por esse infausto passamento propunha que se inserisse na acta um voto de profundo pesar, o que foi unanimemente approvado; e, finalmente, que o Instituto recebeu com especial satisfação a visita que hoje fôra feita pelo socio honorario D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo desta Archidiocese, em retribuição a que lhe havia sido feita por uma commissão do Instituto.

Foram lidos os pareceres opinando que sejam reconhecidos e proclamados socios os Drs. Pedro da Luz Carrascosa e Fabio Lyra dos Santos, Pharmaceuticos Ismael Candido da Silva e Adolpho Accioli do Prado, Comm. Manoel de Sousa Campos e João Gama, sendo adiada a votação.

Foram tambem lidas diversas propostas para admissão de socios, as quaes foram enviadas á commissão respectiva.

O Sr. Dr. Satyro Dias por fim declarou que era necessario convocar-se outra sessão, e por isso designou o proximo dia 25 do corrente para ter logar essa reunião.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo, para constar, lavrei a presente

acta que vai por mim assignada—Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 25 de Março de 1900—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—João Nepomuceno Torres—Bonifacio de Aragão Faria Rocha.*

---

## 75.ª SESSÃO EM 25 DE MARÇO DE 1900

*Presidencia do Exm. Sr. Cons. Salvador Pires*

Aos 25 dias do mez de Março de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios, Cons. Dr Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Des. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasans e Alfredo Cabussú. Padre Luiz da França dos Santos, Comms. Pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna e Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Henrique Praguer, Manoel Quirino, Horacio Urpia e Damasceno Vieira, foi declarada aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio Faria Rocha para substituir o 2 Secretario.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

No expediente foi lida uma carta do socio Eduardo Carigé convidando o Instituto a ouvir a leitura do seu drama «Cabral», no proximo domingo, às 2 horas da tarde, no salão da Bibliotheca Municipal.

Tomado em consideração o convite, o Sr. Cons. Presidente designou os socios Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Henrique Praguer e Damasceno Vieira para, em commissão, representando o Instituto, assistirem a leitura desse drama.

Foi lida uma proposta apresentando para socios effectivos do Instituto o Coronel Dr. José de Siqueira Menezes e o industrial Francisco Ferraro, e para socio correspondente o Conego José Cupertino de Lacerda, senador estadoal, residente em Bomfim da Feira, comarca da Feira de Sant'Anna, sendo remettida à commissão competente

O mesmo Sr. Cons Presidente deu sciencia ao Instituto de que, por convite da commissão do Centenario, comparecera á sessão de 15 do corrente na qual, entre outros assumptos, tratou-se do programma dos festejos commemorativos do Centenario, programma que é mais ou menos este, salvo ligeira modificação que possa soffrer:

No dia 3 de Maio, após uma missa campal, a rezar-se, provavelmente no «Campo dos Martyres», a inauguração do monumento symbolico da descoberta do Brazil, e por ser esse dia o do anniversario da installação do Instituto, fará esse sua sessão magna, ficando a conferencia, da qual foi incumbido o socio Revm. Sr. Conego Manfredo de Lima, para o dia seguinte, em logar que deverá ser escolhido pela commissão, terminando os festejos por um espectaculo de gala no dia 5.

Em seguida, foi por alguns socios discutido o assumpto e tornada saliente a impossibilidade de fazer-se a sessão magna no mesmo dia, após as duas solemnidades que devem precedel-a, opinando pela celebração da missa no dia 1.º de Maio.

O Dr. Faria Rocha propoz, então, que o Instituto autorizasse o Sr. Cons. Presidente a entender-se com a commissão afim de harmonisar o programma

dos festejos com a colebração da sessão anniversaria da installação do Instituto, o que foi approvado.

Pelo Sr. Thesoureiro foi pedida autorisação para reformar o debito hypothecario, elevando-o a 36:500$000 (trinta e seis contos e quinhentos), visto tornar-se necessaria a quantia de 5:000$000 (cinco contos de réis) para ultimação das obras do novo predio.

Submettida á discussão, foi sem debate approvada a proposta, e autorisado o Sr. Thesoureiro a fazer a operação de credito que julgue necessaria e mais conveniente para tal fim, no «Banco Auxiliar das Classes».

Foram lidos os pareceres da commissão de admissão de socios sobre propostas anteriormente apresentadas e, por escrutinio secreto, approvados e proclamados socios effectivos: Cons. Eustaquio Primo de Seixas, Drs. Pedro da Luz Carrascosa, Francisco Luiz da Costa Drumond e Quintino Ferreira da Silva, Coronel Francisco Felix de Araujo, Pharmaceutico Ismael Candido da Silva, Comm. Manoel de Sousa Campos, negociante João Gama, Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Engenheiro João Pimenta Bastos, Coronel João Rodrigues Germano e Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado, e socios correspondentes: Drs. Fabio Lyra dos Santos (Feira de Sant'Anna), Antonino Pires de Sousa e Manoel Duarte Moreira de Azevedo (Capital Federal), Dr. Augusto de Carvalho (Macahé), Sebastião de Vasconcellos Galvão (Recife), Philoteio Pereira de Andrade (advogado em Nova Goa, India Portugueza) e José Petitinga (Joazeiro).

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 3 horas da tarde, tendo, em tempo, comparecido o socio Isaias de Carvalho Santos,

2.º Secretario, que de tudo lavrou a presente acta para constar, a qual vai devidamente assignada —Isaias de Carvalho Santos.

Approvada em sessão de 13 de Maio de 1900. —*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*— *Bonifacio de Arayão Faria Rocha* — *Isaias de Carvalho Santos.*

---

## 76ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1900

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA DA INSTALLAÇÃO DO INSTITUTO E COMMEMORATIVA DO 4º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

*Presidencia do Exm. Sr. Cons. Dr. Luiz Vianna*

Aos tres dias do mez de Maio de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, às 12 horas do dia, no salão nobre adquirido e adaptado para ser ahi installado o Instituto como propriedade sua, edificio que é situado na «Praça 15 de Novembro» (antigo Terreiro de Jesus), presentes os Exms. Srs. Cons. Luiz Vianna, socio do Instituto e Governador do Estado, Dr. João Salgado, Consul de Portugal, Drs. Asclepiades Jambeiro, Secretario da Policia e Segurança Publica e Octaviano Muniz Barreto, Secretario interino do Interior, Justiça e Instrucção Publica, commissões do Commercio, do Club Caixeiral e de diversas associações, socios do Instituto Geographico a saber: Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres, 1º Secretario, Filinto Justiniano Ferreira Bastos, adjuncto do Orador, José Botelho Benjamim e Francisco Ferreira Pacheco de Mello, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador,

Alfredo Antonio de Andrade, José Octacilio dos Santos, Innocencio Munoz de Araujo Goes, Joaquim dos Reis Magalhães, José Julio de Calasanse Bonifacio de Aragão Faria Rocha, Pharmaceutico Comm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque. Padre Luiz da França dos Santos, Damasceno Vieira, Corbiniano Esteves de Lima, Luiz Antonio Filgueiras, Alfredo Octaviano Soledade, Henrique Praguer, Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Isaias de Carvalho Santos, 2º Secretario, Capitão de mar e guerra Antonio Alves Camara, e Prof. Borges dos Reis, commissões da imprensa e grande numero de cidadãos representando todas as classes sociaes, foi declarada aberta a sessão e convidado pelo Sr. Cons. Presidente o Exm. Sr. Cons. Luiz Vianna, Governador do Estado, para presidir a sessão.

Assumindo este a presidencia, pediu a palavra o Snr. Cons. Salvador Pires e leu bonito discurso referente aos progressos do Instituto, ás festas commemorativas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil e ao facto da inauguração do predio adquirido pelo Instituto para nelle funccionar. Em seguida obteve a palavra o Snr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario, que leu bem elaborado e minucioso relatorio de todo o occorrido no anno ultimo; seguindo-se-lhe o substituto do Orador, Cons. Dr. Filinto Bastos, que declarou os motivos por que inesperadamente, quasi, tinha de substituir o orador, e leu um discurso de subido valor historico e analogo á commemoração do descobrimento do Brazil.

Pelo Snr. Cons. Dr. Luiz Vianna foi então dito que motivos de ordem superior o chamavam a outra parte e por isso pedia licença para retirar-se, e effectivamente retirou-se, sendo substituido

na presidencia da sessão pelo Snr. Cons. Dr. Salvador Pires.

Este deu a palavra ao Exm. Snr. Dr. João Salgado. Consul de Portugal. que proferiu vibrante discurso, e em seguida ao professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, que leu uma communicação, escripta especialmente para ser lida nesta sessão, sobre as raças primitivas que habitavam o Brazil e o modo de seu apparecimento.

Depois disso foram ouvidos os socios Damasceno Vieira, que leu bonito discurso e o Capitão Arthur Gomes de Carvalho que proferiu discurso patriotico referente ao facto quo se commemorava.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.º Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos. Approvada em sessão de 13 de Maio. *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.— Isaias de Carvalho Santos. — Bonifacio Faria Rocha.*

---

## 77ª SESSÃO EM 13 DE MAIO DE 1900

*Presidencia do Snr. Cons. Dr. Salvador Pires*

Aos treze dias do mez de Maio de 1900, nesta Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os Socios, Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e Filinto Justiniano Ferreira Bastos, Drs. Alfredo Cesar Cabussú, José Octacilio dos Santos, Glycerio Velloso da Silva, Innocencio Munoz de Araujo Góes, José Julio Calasans, Bonifacio de Aragão Faria Rocha e Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Des. Manuel Jeronymo Gonçalves, Francisco Gomes Ferreira Braga, Hen-

rique Praguer, Comm. Pharm. Joaquim Manuel de Sant'Anna, Padre Luiz da França dos Santos, Alfredo Octaviano Soledade, Damasceno Vieira, ãrofessor Elias de Figueiredo Nazareth, Manuel Quirino, Antonio José Gonçalves Neves, Eloy Guimarães, Alfredo Accioli, Pharmaceutico Luiz Antonio Filgueiras, Lopes Rodrigues, Nicolau Tolentino Carneiro da Cunha e Isaias de Carvalho Santos, foi aberta a sessão, sendo convidado o Dr. Bonifacio de Aragão Faria Rocha para servir o logar de 1.º Secretario na ausencia do effectivo, o Cons. Dr. João Nepomuceno Torresa

Foi lida e approvada, sem observações, a acta da sesso anterior.

O expediente constou do seguinte:

*Tres telegrammas*: Um do Conselho Municipal da Cidade da Cachoeira, outro da Sociedade philarmonica «28 de Setembro», do Joazeiro, e, finalmente um outro do Barão d eStudart, do Ceará, e todos de congratulações pelas festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil.

O Barão de Studart pediu ao Cons. Pres. para, juntamente ao Dr. Satyro Dias e Cons. Dr. João Torres, represental-o nessas festas.

*Officios:* do Instituto Polytechnico da Bahia communicando a eleição de sua directoria e Conselho Administrativo, realizada a 9 de Abril ultimo; da Sociedade Beneficencia Caixeiral communicando a eleição dos novos funccionarios para o exercicio de 1900 a 1901 e enviando um exemplar do relatorio apresentado pela administraão, cujo mandato findou; do dr. Arlindo Fragosoparticipando haver sido novamente escolhido para o cargo de director da Escola Polytechnica deste Estado; do Snr. Ubaldo Couto, administrador da junta districtal da Conceição da Praia, communicando a installação desta; da Commissão

executiva das festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil, na freguezia de Santa Barbara das Canôas (Minas Geraes) pedindo á Commissão executiva das festas aqui para represental-a; da Sociedade «União Beneficente dos Alfaiates» participando a eleição dos novos funccionarios e enviando um exemplar do relatorio apresentado; da Secretaria da Camara dos Snrs. Deputados, communicando a eleição da meza directora dos seus trabalhos;do 1º. Secretario do Senado convidando o Instituto para assistir a abertura solemne da Asembléa Geral do Estado, e do Exmo. Snr Arcebispo, D. Jeronymo Thomé da Silva convidando-o para a procissão que se vae realisar a 27 do andante e para as sessões do Congresso Catholico, no proximo mez de Junho, em commemoração da descoberta do Brazil.

*Cartas:* do socio Snr. Damasceno Vieira congratulando-se com o Instituto pelas festas do 4.º Centenario e offerecendo diversos exemplares do seu poema *A Flor de Manacá*; de Monsenhor Ludgero dos Humildes Pacheco, enviando, em nome de um dos parentes do fallecido Brigadeiro José Pedro de Alcantara, a espada que este usou na Campanha da Independencia, sendo então major de artilharia, e do Snr Manuel Henrique do Carmo, enviando em autographo o «Hymno 3 de Maio» expressamente composto para a solemnidade da inauguração do novo edificio do Instituto.

Em seguida, pelo Snr. Cons. Presidente foi dito que as occurrencias mais notaveis, da ultima á presente sessão, foram as festas do Centenario de que foi o Instituto o iniciador, rejubilando-se pelo brilhantismo dessas festas, que tiveram como um dos seus complementos a inauguração do predio.

Referindo-se, particularmente, á commissão executiva exalçou o modo por que se houve ella no desempenho de sua ardua tarefa, e, por isso, offerecia a consideração da assembléa geral a seguinte proposta:

Proposta — Considerando que as distincções honorificas, creadas pelos Estatutos, não o foram para n'elles figurar como lettra morta, senão para galardoar a dedicação e serviços dos socios que contribuirem para o engrandecimento do Instituto;

Considerando que devem ser reputados relevantes os serviços e ingentes esforços envidados pela commissão eleita em 1899 para promover e dirigir as festas do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil:

A mesa do Instituto em sua maioria propõe:

1º. Que seja lançado na acta da sessão de hoje um voto de louvor e agradecimento á referida Commissão do Instituto e á Commissão Central a ella reunida, aos Poderes Publicos e a todas as classes sociaes, corporações e individuos que contribuiram para o realce das festas do Centenario;

2º. Que nos termos do § 2.º do art. 13 dos Estatutos sejam considerados socios honorarios os membros das referidas commissões que forem socios effectivos ao correspondentes;

3º. Que, si algum ou algum dos socios em condição de serem elevados a honorario, nos termos desta proposta, já o forem por serviços anteriores ou por terem adquirido direito a essa classificação (§ 3.º do cit. art.), sejam elevados á cathegoria de benemeritos, de accordo com o § 1º. do art. 15 dos mesmos Estatutos.

4.º Que si for possivel á commissão de admissão de socios interpor nesta sessão o seu parecer

acerca da 2.ª e 3.ª partes desta proposta, seja hoje mesmo submettida ella a discussão e votada. Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 13 de Maio de 1900 (assignados). «Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Bonifacio de Aragão Faria Rocha. Isaias de Carvalho Santos, Filinto Justiniano Ferreira Bastos e Francisco Gomes Ferreira Braga».

Pedindo a palavra o Dr. Alfredo Cabussú, membro da commissão respectiva, disse que só um dos membros se achava presente, estando ausentes os outros dois, dos quaes, um gravemente doente, o que privará, talvez, por muito tempo, o Instituto dos seus serviços.

O Snr. Cons. Presidente disse, então, que, pelos Estatutos, podia nomear substitutos interinos aos dois socios ausentes; mas submettia á consideração da casa si o assumpto devia ou não ser tratado desde logo.

Pela assembléa foi resolvido que se discutisse o assumpto desde logo; pelo que foram nomeados os socios Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes e Damasceno Vieira para comporem a commissão.

Sendo presente á commissão a proposta, deu ella o seu parecer que foi lido e é assim concebido:

«A commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta nos termos em que está elaborada, attenta a relevancia dos serviços de que trata. Bahia, 13 de Maio de 1900, em sessão do Instituto. A commissão, (assignados) *A. Cabussú, Damasceno Vieira. Innocencio Góes*».

O Cons. Presidente fez ver que o parecer era um pouco ambiguo. O Dr. Cabussú disse que a discriminação dos nomes dos socios não podia ser feita de momento, e por isso a commissão attendendo aos termos elevados da proposta não teve duvida

em adoptal-a *in totum*, ficando á meza o cuidado de fazer a discriminação dos nomes dos socios nos termos da referida proposta, que, em discussão, foi sem debate approvada.

O socio Snr. Damasceno Vieira declarou que a commissão designada para assistir á leitura do drama do Snr. Eduardo Carigé, drama que é um optimo subsidio e revela a pertinacia do autor no estudo dos factos que interessam á nossa historia, cumpriu o seu dever.

Passando-se á votação para os diversos cargos, foram recebidas 23 cedulas para cada eleição, e deram o seguinte resultado:

Para presidente: Cons. Salvador Pires 22 votos, Dr. Satyro Dias 1. Para 1.º Vice-presidente: Dr. Satyro Dias 20 votos e outros menos votados. Para 2.º Vice-presidente: Cons. Pedro Mariani 19 votos.

Para 1.º Secretario: Cons. João Torres 18 votos, Cons. Filinto Bastos 3, e outros menos votados.

Para 2.º Secretario: Dr Isaias Santos 19 votos e outros menos votados.

Para supplentes de Secretario: Dr. Abilio de Carvalho 21 votos, Major Aloysio de Carvalho 20, e outros menos votados.

Para Thesoureiro: Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga 19 votos, Eloy Guimarães 3.

Para Orador: Dr. Braz Hermenegildo do Amaral 21 votos, Conego Manfredo Lima 2.

Para supplente de Orador: Cons. Filinto Justiniano Ferreira Bastos 18 votos, Conego Manfredo 2, e outros menos votados.

Commissões: De admissão de socios—Dr. Abilio de Carvalho 22 votos, Dr. Alfredo Cabussù 19, Professor Austricliano Coelho 18, e outros menos votados.

De fundos e orçamentos Horacio Urpia Junior

23, Eloy de Oliveira Guimarães 21, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque 20, e outros menos votados.

De redacção da Revista: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19, Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 17, Cons. João Nepomuceno Torres 14, e outros menos votados.

De manuscriptos e documentos: Dr. Innocencio Munoz de Araujo Góes 21 votos, Conego Manfredo Alves de Lima 21, Cons. Filinto Bastos 19, e outros menos votados.

De estatistica: Dr. Affonso Glycerio da Cunha Maciel 21, Dr Dionysio Gonçalves Martins 21, Pharm. Diniz Gonçalves 20, e outros menos votados.

De mappas: Capitão de mar e guerra Alves Camara 20 votos, Alfredo Octaviano Soledade 19, Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque 13, e outros menos votados.

De biographias: Dr. Joaquim dos Reis Magalhães 19 votos, Dr. Manuel Joaquim de Souza Britto 17, Dr. Guilherme Pereira Rebello 16, e outros menos votados.

Os que se achavam presentes tomaram posse dos cargos para que foram eleitos; e nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2°. Secretario lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.—*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque — Isaias de Carvalho Santos.—Bonifacio Faria Rocha.*

## OFFERTAS

**(Mez de Janeiro)**

Além dos Jornaes e Revistas do costume recebeu a Secretaria o seguinte:

—Pela *Secretaria da Associação Commercial*: Relatorio da Direcção apresentado á Assembléa Geral de 28 de Fevereiro de 1899.

—Pelo cidadão *Angelo Alves Affonso:* Um vol. contendo Alvarás e Cartas regias impressas em 1795.

—Pela *Secretaria do Arcebispado:* Carta Pastoral de D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia, sobre o 4.º Centenario da descoberta do Brazil e 1.º Congresso Catholico Brazileiro.

—Pelo socio Dr. *Manoel de Mello Cardoso Barata:* Discurso pronunciado em S. Paulo no banquete politico offerecido a Quintino Bocayuva, pelo offertante; O Estado do Amazonas, por Arthur Luciani e Bertino de Miranda Lima.

—Pelo socio *Tenente Coronel Raymundo Ciryaco Alves da Cunha:* Album do Pará—em 1899.

—Pelo Dr. *Canuto Sebrão:* Biographie Universelle ou Dictionaire Historique—por uma sociedade de homens de lettras—6 vols; Eléments de Chirurgie Vétérinaire, por J. Gourdon—2 vols.; Dictionaire de Médecine Usuelle, por uma sociedade de homens de lettras—2 vols; The History of England by Thomas Macaulay—vols.-1. 3 e 4; Lexique Grec-Français, por C. Alexandre — 1 vol; Histoire de la Litterature Romaine — por Alexis Pierron—1 vol.; Obras de João Francisco Lisboa —pelo Dr. Antonio Henriques Leal—4 vols.; Philosophie de L'Histoire de L'Humanité, por J. G. Herder—3 vols.; Poemes et Romans de Goethe, traduction nouvelle, por Jacques Porchat—vols. 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

—Pelo professor *Joaquim de Sousa Mascarenhas:* Diccionario Technico e Historico de pintura, esculptura, architectura e gravura—por Francisco de Assis Rodrigues.

—Pelas respectivas *redacções:* Bulletin de la Société Royale Belge, ns. 5 e 6 de 1898 e ns. 1 e 2 de 1899: Bulletin de la Société Neuchateloise de Geographie, tomo XI — 1899; The National

Geographic Magazine, n. 12 vol. 10—1899; Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid, ns. 22 e 23—1899; Le Monde Medical, Revista Internacional de Medicina e Therapeutica, n. 111—de 1899; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 16ª. serie, n. 12; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 29—1899; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1, 2, 3 e 4 do anno de 1899; Revista Maritima Brazilera, ns. 5 e 6—1899; A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 8, 2.ª serie de 1899; Revista Portugueza Colonial e Maritima, n. 27—5 º vol ; Bulletin de la Geographie Commerciale de Paris, ns. 5, 6, 7 e 8 de 1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 12, vol. 12 de 1899.

**(Mez de Fevereiro)**

—Pelo Dr. *Vicente Ferrer Wanderley*: Almanach de Pernambuco para os annos de 1899 e 1900.

—Pela *Secretaria do Interior, Justiça e Instrucção Publica*: Leis e Resoluções do Estado da Bahia do anno de 1899 sob ns. 296 a 349.

—Pela *Secretaria do Senado da Bahia:* Annaes do Estado da Bahia—anno de 1899—4 vols.

—Pela *Directoria da Associação Commercial da Bahia:* Estatutos da mesma Associação.

—Pelo Cidadão *Philoteio Pereira de Andrade*, advogado em Nova Goa: A Inercia da Materia, ensaio philosophico; Os Santos Martyres de Cuncolim; Documentos Konkanis para a historia de Gôa; Paginas de Pedra da India Portugueza, e Padre André Gomes pelo offertante; Contribuição para a Bibliographia Indo-Portugueza, por Ignacio Salvador Leonardo Dias.

—Pelo *Tenente Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha:* Relatorio da Instrucção Publica apresentado ao Governador do Estado do Pará pelo Dr. Augusto O. de Araujo e Souza, Director Geral da Instrucção Publica; Relatorio apresentado a Assembléa Geral da benemerita Sociedade Mecanica Beneficente Paraense pelo seu presidente Torquato de Jesus dos Passos; Geographia Especial do Pará, pelo offertante: Chronica de Iguarapé-Miry, pelo Tenente Coronel Agostinho Monteiro Gonçalves de Oliveira.

—Pelas *respectivas redacções:* Revista Juridica (Rio de Janeiro) fasc 5—Dezembro de 1899; Comptes Rendu de Seances, n. 7—Outubro e Dezembro de 1899; Bulletin de La Société de Geographie de Paris, 4.° trimestre de 1899; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie de Paris—1900; Bolletino della Società Geografica Italiana, vol 1.°, n. 1—de 1900; The National Geographic Magazine, n. 1—Janeiro de 1900; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 24—Dezembro de 1899; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—tomo 23, fasc. 3—de 1899; A lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Abril a Junho e Dezembro de 1899; Bulletin of the American Geographical Society, n. 5, vol. 31 de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n 5 de 1899.

—Pela Secretaria do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano: 4.° Centenario do Descobrimento de Pernambuco em 26 de Janeiro de 1500.

**(Mez de Março)**

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso de Oliveira, director do Instituto Civico-Juridico «Paes de Carvalho»:* Relatorio apresentado ao Senador Antonio

José de Lemos, Intendente Municipal de Belém (Pará) 1899.

—Pelo Cidadão *Demetrio de Araujo*: «O Propulsor»—Orgão da imprensa da Feira de Sant'-Anna, 1 vol. encadernado, contendo os annos de 1896 a 1899.

—Pelos *Snrs. Souza Vianna & C.ia*: «Mala da Europa», ns. 206 e 207, Janeiro de 1900.

—Pelo socio Dr. *Domingos Rodrigues Guimarães*: «O Treze de Novembro de 1899»—na Capital da Bahia (subsidio para a historia—1900).

—Pelo cidadão *Cardoso Junior*; «Larvas»—Com um prefacio de Silva Marques—Rio de Janeiro —pelo offertante.

—Pelo socio Dr. *Francisco de Góes Calmon*: Collecções dos Breves Pontificios e Leis Regias, desde o anno de 1741, sobre a liberdade das Pessoas, Bens e Commercio dos Indios do Brazil.

—Pelas *respectivas redacções*: Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, n. 52 de 1899

Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux ns. 3 e 4—Fevereiro de 1900; Revista Portugueza. Colonial e Maritima, n. 29—3. anno. Fevereiro de 1900; La Geographie, (Bulletin de la Société de Geographie—ns. 2 e 4—de 1900); Bulletin de la Sociedad Geografica de Madrid. tomo XLI, 4.º trimestre—de 1899; Gazeta Medica da Bahia, n. 6 de 1899; «A Lavoura»—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira. n. 1. 1.ª serie—Janeiro de 1900; «O Estandarte Catholico», n. 9. Março de 1900; La Geographie, Bulletin de la Société de Geographie, n. 3—Março 1900.

**(Mez de Abril)**

—Pelo socio Dr. *Guilherme Studart:* Almanach do Estado do Ceará para 1900, por João Camara; Quadro Synoptico dos nomes Indo-Brazileiros, pelo Conego Raymundo Ulysses de Pennafort; Revista Trimensal do Instituto do Ceará) anno 13—3.º e 4.º trimestres de 1899 (2 exemplares.

—Pela *Directoria do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro:* Annuario publicado pelo Observatorio do Rio de Janeiro para o anno de 1900; Boletim Mensal do mesmo Observatorio—Janeiro de 1900; Methodo para determinar as horas das occultações de estrellas pela lua—por L. Cruls — 1899.

—Pelo Dr. *Vieira Fazenda, Bibliothecario do Instituto Geographico e Historico Brasileiro*: Revista do mesmo Instituto, partes 1.ª e 2.ª do vol. 61, 1898-1899

—Pela Exma. Snra. *D. Marianna Ferreira:* Pacificação dos Crichanás, por João Barbosa Rodrigues; The Indian Tribes of Guiana, by the Rev. Brett. London, 1868.

—Pelo Dr. *Alfredo de Carvalho* Revista do Instituto Historico Pernambucano, 2 vols. encad. de 1862 a 1872.

—Pelo Dr. *Manuel Freire de Carvalho*: Paraguasssú, poema epico, por Ladislau dos Santos Titara, Bahia—1835; Discursos de Zacharias do Góes e Vasconcellos em 1868; A Semana de Lisboa, Collecção de Jornaes de 1893.

—Pelo cidadão *Gaspar Guimarães*: As nossas fronteiras e a reorganisação do exercito nacional (artigos de propaganda) Manáos, 1900, pelo offertante.

—Pelas *respectivas redacções:* D Quixote—Diversos ns. até o 121 de 24 de Março de 1900; «No-

tre Dame» Orgão de propaganda do Estabelecimento Industro-Commercial — Notre Dame — da Cidade de Amargosa—n. 1 —de 1900; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 5 e 6—Novembro e Dezembro de 1999; Bolletino della Societá Geografica Italiana—vol. 1. n. 3—Março de 1900; Bulletin de la Société de Geographie de Marseille, ns. 1 e 2—1.° e 2.° trimestres de 1899; Le Globe—Journal Geographique, organe de la Société de Geofiraphie de Geneve. n. 1 —Novembro de 1999, a Janeiro de 1900; Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador—Julho a Novembro de 1899.

**(Mez de Maio)**

—Pelo Pharmaceutico *Pedro Cavalcanti*: Regimento de custas judiciarias do Estado de Pernambuco; A Ilha de Fernando de Noronha, pelo Dr. Francisco A. Pereira da Costa; Estatutos da Sociedade de Medicina de Pernambuco; Sessão Litteraria em commemoração ao 15.° anniversario do Collegio «Onze de Agosto»--Recife; Conferencia Republicana proferida no dia 5 de Maio de 1899 na Cidade de Goyana, por Amaro Rabello Junior; Constituição do Centro Social do Estado de Pernambuco; Historico da Companhia Pernambucana; Silva Jardim—A Republica no Brazil—Conferencia realisada na Cidade do Rio de Janeiro em Agosto de 1888; Relatorio da Inspectoria Geral de Hygiene apresentado ao Dr. Julio de Mello Filho pelo Dr. Eusebio Muniz Costa, Inspector Geral Interino — Recife—1896; Regulamento da Escola de Engenharia expedido pelo Governador do Estado, Cons. Dr. Joaquim Correia de Araujo —Recife—1898; Biographia do Generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca; Exposição de factos

historicos que comprovam a prioridade de Pernambuco na Independencia Nacional, pelo Major José Domingues Codeceira—1890.

—Pela Directoria da Sociedade *«Beneficencia Caixeiral»:* Relatorio da mesma Sociedade apresentado em 1900.

—Pelo Socio Dr. *Aristides A. Milton*: Um covado antigo, oitavado, de jacarandá, e duas medalhas commemorativas da inauguração do templo da Candelaria em 1898.

—Pelos Snrs. Souza Vianna & C.: «Mala da Europa» ns. 35 e 36 do 6.º anno.

—Pelo Revm. Padre *Araujo Marcondes:* Pindorama — Revista Phantastico-Historica em 4 actos—em commemoração do 4.º Centenario do Brazil—1532—São Paulo—1900.

—Pelas respectivas *redacções:* Gazeta Medica da Bahia, ns. 8 e 9 de 1900; The National Geographic Magazine, n. 4—1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, numero commemorativo do 4.º Centenario do descobrimento do Brazil—vol. 6.º—Abril 1900; Revista Maritima Brazileira, ns. 7, 8 e 9—Janeiro a Março e n. 11—Maio—1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 1 e 2 de 1899; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, 1.º trimestre de 1900; Bulletin of American Geographical Society—vol. 32, n. 1—1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Fevereiro de 1900; Boletim do Museu Paraense—n 1, vol. 3—1900; Revista Trimensal do Instituto do Ceará, 1.º e 2.º trimestres de 1900; Boletim de Estatistica Demographo-Sanitaria da Cidade de S. Salvador—Dezembro de 1899—n. 12; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 1 e 2 de 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de

Paris, ns. 9 e 10—1899; Bolletino della Societá Geografica Italiana, vol. 1.° n. 5—190; Bulletin de la Société de Geogrphie Commerciale de Bordeaux, ns. 7, 8 e 9—1900; «A Escola»—Revista Official do Ensino, n. 10—anno 1.°—1900—Belém —Pará.

(Mez de Junho)

—Pela *Secretaria de Justiça do Ceará:* Mensagens, Relatorios e Regulamentos.

—Pelo Socio Coronel *Raymundo Cyriaco Alves da Cunha:* Estatutos do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará — 1900: Estudo sobre os Systemas Penitenciarios, pelo Desembargador Bezerra da R. Moraes.

—Pela Secretaria do *Estado Maior do Exercito*: Revista Militar, fasc. de Janeiro, Fevereiro e Março de 1900.

—Pela *Secretaria do Gremio Polymathico* do Rio Grande do Norte: Uma photographia da Missa Campal celebrada em 3 de Maio de 1900, na Cidade de Natal, em commemoração do 4.° Centenario do descobrimento do Brazil.

—Pelo Socio Dr. *Manuel de Mello C. Barata*: Revista Maritima Brazileira, Maio de 1900; Quarto Centenario do descobrimento do Brasil, pelo Dr. Zeferino Candido—1900; Catalogo da Collecção Numismatica, de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, 3 vols. e 1 Supplemento — 1900, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas; Catalogo Alphabetico da Bibliotheca do Senado Federal—1898.

—Pela Directoria do Museu Nacional: Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 10—1897 a 1899.

—Pela «Representação do Estado do Amazo-

nas na commemoração do 4º. Centenario do Brasilna Capital Federal»: Collecção Numismatica. (Catalogo) de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, sob o auspicio do Governo do Estado do Amazonas, 3 vols e 1 Supplemento.

—Pelo socio *J. A. Ismael Gracias:* Instituições Administrativas das provincias ultramarinas, annotadas pelo offertante—Nova-Góa—1899.

—Pelo Dr. *J. dos Remedios Monteiro:* A Ilha de Fernando de Noronha—noticia historica, geographica e economica—pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa.

—Pelo Dr. *Matheus Vaz de Oliveira:* Um numero do «Diario de Pernambuco»—de 1832.

—Pelo socio *Cons. Dr. Pedro Mariani:* Uma cedula de 10 pesos, do Paraguay.

—Pelas respectivas redacções: Revista de Jurisprudencia, ns 27 a 31—anno de 1900: Gazeta Medica da Bahia, ns. 10 e 11—Abril e Maio de 1900: La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 5—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 4º. trimestre—1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira—Março de 1900; Revista Catharinense, n. 5, anno 1.º—1900, Capital Federal; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 32, 6.º vol., Maio 1900; Revista Maritima Brazileira, n. 12—1900; Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 10 e 11, 1900; The National Geographic Magazine, ns. 5 e 6, 1900; A Escola—Revista official do Ensino, n. 1, anno 1.º—1900.

# BIOGRAPHIA

DO

# PADRE MANOEL LEONARDO ROLIM

(UM JESUITA BAHIANO)

Na cidade da Bahia no Brazil nasceo a 6 de Janeiro de 1732 o padre Manoel Leonardo Rolim. Seus Pais, illustres não menos pela nobreza de sangue e copia de riquezas, que pelo fervor de piedade e solidez de religião, educarão-no com summo cuidado desde seus mais tenros annos, descobrindo n'elle uma indole candidissima e de si inclinada ao bem. Mandado estudar nas nossas escholas os primeiros rudimentos da grammatica e depois as bellas lettras, fez-se espelho e modelo dos seus condiscipulos pela compostura, devoção e diligencia. Na idade de deseseis annos, movido internamente por Deos, impellido pelo desejo de perfeição, pedio e obtev e entrar na Companhia; e assim no dia 1.º de Fevereiro de 1748 foi admittido no nosso noviciado, onde com extraordinario fervor todo se dedicou a formar-se segundo o espirito proprio de sua vocação, exercitando-se na mais ardua e solida virtude.

Ligado a Deos mais estreitamente pelos santos votos, passou aos estudos da rhetorica, e depois da philosophia e theologia, que bem depressa foi obrigado a interromper, expulso com os outros padres no desterro por ordem vinda de Portugal do Ministro Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal. E aqui foi onde o nosso Leonardo mostrou em que conta tinha a sua vocação. Os commissarios regios tendo em consideração a nobreza da familia e as instancias dos parentes, instarão-no para que abandonasse a Companhia e permanecesse no Brasil; porém, o bom moço regeitou com horror as suas propostas,

e disse com maravilhosa firmeza querer antes correr com os outros a mesma fortuna do exilio e manter-se fiel a Deos, ainda quando tivesse de perigar a sua vida. Soffrendo portanto com invicta paciencia e plena resignação os incommodos e padecimentos da longa viagem, quer por mar, quer por terra, da ultima costa da America veio a Italia, e d'ahi a Roma para continuar o curso interrompido da thetologia.

Florescia então o Collegio Romano com numerosa juventude, congregada, para assim dizer, de todas as nações, que com igual fervor e diligencia attendia ao estudo das lettras e da propria perfeição. Ora em uma congregação de moços de tão raras qualidades, o nosso Leonardo conquistou logo para si o amor e a benevolencia de todos. A' vivacidade do engenho junctava uma modestia e compostura inalteravel; tinha de si baixo sentimento e reputava-se o menor entre os seus condiscipulos. No trato era urbano e affavel; sempre prompto a todo o acêno de obediencia; exactissimo na observancia regular; amante da oração e do silencio.

Terminado o curso dos estudos foi mandado como Professor de philosophia para o Collegio de Viterbo onde elle conservou-se até a morte.

Ainda se não tinha passado um anno depois de sua chegada de Roma, que aquelles cidadãos conheceram ter adquirido n'elle não só um douto Professor de sciencias, porém um verdadeiro Pai dos Pobres, um experimentado director das almas, um Ministro zeloso da Gloria Divina, sempre occupado com obras de caridade em proveito e salvação do proximo.

D'ahi resultou que em muito pouco tempo todos o tivessem no conceito de homem Santo, e de operario incansavel. Esta opinião, em vez de diminuir, cresceo todos os dias nos quarenta annos, que elle sobreviveo em Viterbo, ainda depois da abolição da Companhia. O padre Francisco Pagnanelli que tratou longo tempo com elle, e o padre Thomaz de Caro, que foi seu confessor, deixaram por escripto

algumas memorias sobre as virtudes do padre Leonardo, que eu aqui referirei brevemente.

Seu pasto quotidiano era a oração. Em quanto viveo na Companhia aproveitava avidamente todo o resto do tempo, que lhe ficava livre de suas occupações, e o passava só com Deos orando e meditando diante do Santissimo Sacramento na Igreja ou na Capella domestica. Depois de abolição da Companhia, não tendo mais sujeição alguma, passava as noites inteiras na contemplação das cousas celestes. Testemunhas auctorisadas affirmam tel-o por muitas vezes visto absorto com a mente em Deos, arrebatado fóra dos sentidos, com todo o corpo elevado nos ares. Da oração tirava pura luz especialissima para dirigir as almas, e regular as consciencias, penetrando os segredos dos corações e predizendo cousas futuras. Muitos annos antes predisse a abolição da Companhia, e muitas particularidades a pessoas particulares.

Actuosissima foi a sua caridade em adjuctorio espiritual do proximo. Havendo conciliado com a santidade da vida o amor e a benevolencia de todos os Viterbenses, disto se valeo opportunamente em vantagem das almas delles. Assiduo em ouvir as confissões, acolhia todos com singular e amorosa benevolencia. Andava ás traças dos mais transviados, e com boas maneiras induzia-os a reconciliar-se com Deos; de preferencia fazia isto com a gente da mais baixa e humilde condição, que de ordinario vive mais abandonada.

Andando pelas ruas entrava nas lojas e tabernas, parava nas praças e nos beccos, e até mesmo nas tascas convidando todos a seguil-o, aos quaes acolhia com ternura e caridade.

Rara era a tarde em que o bom padre não era obrigado a estar 3 ou 4 horas continuas ouvindo confissões. Familiarisava-se com os esbirros e docemente trazia-os a si; reunia os meninos vagabundos e mendigos, e com invicta paciencia instruia-os nos mysterios da fé, e nos preceitos da moral christã.

Andava tambem em busca dos rusticos pelos campos, em quanto elles trabalhavam os entretinha com santos discursos e dispunha a receber os Sacramentos. Seu cuidado principal era com os enfermos abandonados nos hospitaes, com os condemnados ás prisões e aos trabalhos publicos. Muitas vezes foi a Civitavechia para pregar e cultivar o espirito dos gallés.

Tendo sabido que um salteador feroz para fugir ás mãos da justiça andava errante por montanhas e mattas impraticaveis, poz-se logo á cata delle e reduzio-o á penitencia. Um réo condemnado á morte por mais esforços que fizessem com elle, nada queria saber de Deos nem da alma Foi chamado o padre Leonardo, e este com somente fazer-lhe beijar o Crucifixo o venceo e humilhou aos seus pés

Nem menor era a sua caridade em soccorrer o proximo nas necessidades temporaes. Uma vez por mez dava de jantar aos encarcerados, não se envergonhava de levar elle mesmo ás costas o taboleiro das comidas que elle fazia preparar por pessoas devotas.

De sua pensão não expendeo nunca dinheiro algum comsigo, dando-a toda em esmola aos pobres. Pelo que não havia misero algum na cidade que não recorresse a elle muito certo de ser ajudado.

Dous irmãos contendiam entre si e se odiavam de morte. O padre Rolim tendo sabido que a causa da contenda era uma divida de 50 escudos que um devia a outro, pagou-a do seu dinheiro e reconciliou-os ambos. Pagou tambem uma divida de vinte escudos que trazia muito angustiado um pobre homem. Tendo chegado a Viterbo muitos francezes foragidos, principalmente ecclesiasticos, reduzidos á extrema miseria, o padre Rolim todo cheio de caridade andou por muitos dias em giro pelos mosteiros e pelas casas mais abastadas da cidade, pedindo roupas e esmolas para aquelles dignos sacerdotes expulsos aos bandos fora de sua patria. Nem ainda assim satisfeito empenhou por 3 annos a sua pensão para ter com que soccorrel-os.

Quanto era amoroso para com o proximo, tanto era comsigo mesmo austero. Trazia sobre a carne nua um aspero cilicio, e quasi todas as noites disciplinava-se a sangue.

Foi muitas vezes visto dirigir-se á noite para a porta da Igreja dos padres Servitas e dos padres Jeronymos, e estando alli algum tempo em oração descarregava sobre as costas uma aspera disciplina. Era muito parco na comida, como attesta o conego Filippe Pittirossi em cuja casa elle habitava. O seu alimento era ordinariamente só de legumes, que tomava com escassa medida. Vestia pobrissimamente. Ainda depois da abolição da Companhia uzou sempre de vestes, meias e manto de lã grossa que elle mesmo remendava. Cousas novas não se viu jamais em cima delle, e offerecidas muitas vezes como esmola não quiz nunca acceital-as. Era mantido gratuitamente pelo seu amoroso hospede, e por isso quanto tinha de seu distribuia aos pobres.

Predisse sua morte muitos mezes antes que acontecesse Em sua ultima enfermidade deu exemplos heroicos de virtude, e por fim recebendo com summa piedade os ultimos Sacramentos passou desta vida aos 6 de Janeiro de 1804 contando 72 annos de idade. Divulgada a noticia da sua morte foi acclamado Santo por toda a cidade de Viterbo.

Foram-lhe celebradas solemnes exequias a expensas dos devotos, e o padre Pedro Antonuzzi Sicilianno recitou ao numeroso povo que havia concorrido uma bem desenvolvida oração funebre. Sendo universal a fama de santidade do padre Rolim, muitos enfermos invocaram depois de morto a sua intercessão e receberam curas prodigiosas.

Uma mulher cega recuperou a vista, e uma outra, que era mulher de Julianno Borghesi sarou instantaneamente de varias e complicadas molestias que a haviam reduzido ao extremo. Contam-se outras cousas maravilhosas operadas pelo padre Rolim em vida e depois de morto que por brevidade se deixam.

*(Extr. do Menologio da Companhia de Jesus).*

# SUMMARIO DO N. 24


| | Paginas |
|---|---|
| O Centenario na Bahia. . . . . | 81 |
| Discurso do Dr. José Antonio Costa, presidente da Commissão do Centenario. . | 107 |
| Conferencia do Conego Manfredo Alves de Lima. . . . . | 115 |
| Virgo Patria pelo Dr. João Baptista de Castro Rebello . . . . . | 135 |
| **Sessão anniversaria do Instituto:** | |
| Discurso do Cons. Salvador Pires, presidente do Instituto . . . . . | 141 |
| Relatorio do 1.º Secretario. Cons. João Torres . . . . . | 147 |
| Discurso do Cons. Filinto Bastos. orador do Instituto . . . . . | 157 |
| Discurso do socio Damasceno Vieira. . | 169 |
| Ephemerides Cachoeiranas (Mez de Setembro), pelo Dr. Aristides Milton . . | 179 |
| **Actas das Sessões e Offertas:** | |
| (Mez de Março a Junho). . . . . | 205 |
| **Biographia:** | |
| Padre Manoel Leonardo Rolim (Um Jesuita Bahiano) . . . . . | 229 |

# REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico

E

# Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

SETEMBRO DE 1900

ANNO VII VOL. VII N. 25

BAHIA
Typ. e Encadernação—«Empreza Editora»
LARGO DAS PRINCEZAS NS. 15 E 22

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII Setembro de 1900 Num. 25

## HISTORIA PATRIA

Dous importantes assumptos offerecem o mais largo desenvolvimento:—o descobrimento do Brazil e as primeiras expedições mandadas por D. Manoel para exploração das costas, fixação de marcos e novas descobertas.

Communicando aos Reis Catholicos o descobrimento do Brazil, El-Rei D. Manoel descreveu-o como uma *Ilha grande e bôa para refrescarem e fazerem aguada suas armadas da India.*

Eram discordes as primeiras noticias que chegavam.

Da *Terra dos Papagaios*, como foi o Brazil conhecido desde logo e lê-se nos antigos mappas, asseguravam:—«apenas se tira grande quantidade de canna fistula e de páo Brazil e não achamos mais nada de valor.» (*Collec. Ultram II.*)

Foi D. João III que succedeu a D. Manoel, vinte annos depois do descobrimento, o colonisador do Brazil.

Iniciados os dous nucleos coloniaes de S. Vicente

e Piratininga, á custa de sacrificios ingentes do thesouro portuguez, resolveu D. João III dividir o vasto territorio então conhecido em capitanias hereditarias ou morgadios, vinculando-os em doze validos e magnates do Reino com o fim de cultivarem e civilisarem os extensos dominios, reservando a Corôa para si, entre outros privilegios, a cunhagem da moeda, o quinto dos metaes e pedras preciosas e os dizimos territoriaes.

Abrangiam estas doações regias enorme extensão territorial, cincoenta e mais leguas pela costa:—«com todas as ilhas que se acharem dez leguas ao mar fronteiras a costa e pelos sertões a dentro com a extensão que se achare,—como se lê no fiel extracto destas Cartas de Doação, feito pelo douto João Francisco Lisbôa (*Obras Complet. 3.º vol. pag. 297—Edic. do Maranhão.*)

A cada doação acompanhava o *Foral* regulando os direitos e os tributos dos colonos ao Rei e ao donatario e dos sesmarengos pelas terras que recebessem em emphyteose. Accioli, no vol. III de suas *Memorias Historicas*, transcreve na integra o *Foral* da Capitania da Bahia, em substancia o mesmo das outras.

Estas capitanias, mal demarcadas, sem meios de facil communicação e auxilio nas aggressões externas dos piratas, que infestavam nossos mares, e nas luctas internas com os autochthones; governadas por senhores feudaes em geral experimentados apenas na arte da guerra, dispondo de poucos recursos e de numero limitado de colonos, na mór parte aventureiros, degradados e famulos, não podiam medrar.

Apenas a capitania de Pernambuco e uma outra mais floresciam, devido a sua situação geographica e a melhor pessoal.

Apreciando, em uma admiravel synthese, os systemas de colonisação adoptados em differentes epocas da historia, observa Le Roy Beaulieu: «os particulares representam importante papel na colonisação como exploradores, aventureiros, pioneiros e com-

merciantes. Mas não podem exercer uma acção methodica, prolongada, systematica sobre um paiz barbaro ou selvagem. Levam ao extremo o amor do lucro, o espirito da injustiça e da oppressão. Precursores uteis, auxiliares indispensaveis, têm necessidade de ser contidos e fiscalisados por um poder politico».

Era justamente este poder politico, a que allude o notavel economista, que faltava para organisação e direcção geral das capitanias, fiscalisando e contendo ao mesmo tempo os donatarios no exercicio da auctoridade de que abusavam.

Com este elevado intuito D. João III concentrou o governo de todas as capitanias nas mãos de um Governador Geral, elegendo para a sua séde a Capitania da Bahia de Todos os Santos.

Foi ella de preferencia escolhida, no dizer de Frei Vicente do Salvador, *para que fosse como o coração no meio do corpo, donde todas se socorressem e fossem governadas.*

Do territorio então conhecido no nosso Estado formaram tres capitanias:—Ilhéos, Porto Seguro e a Bahia de Todos os Santos, escopo destas ligeiras notas.

Occupando-me dos primitivos tempos da Bahia, terei necessidade de invocar frequentemente as fontes onde colhi seguras informações para dissipar as *lendas fabulosas* que, na opinião irreflectida de alguns criticos, envolvem a genese historica de nossa terra.

A Bahia de Todos os Santos foi descoberta por Americo Vespucio em uma de suas primeiras viagens a serviço da corôa portugueza.

Alguns chronistas erradamente emprestam a gloria desta descoberta ao navegador portuguez Christovão Jacques. Mas, attendendo-se para a data de sua viagem (1526) e das primeiras explorações do celebre cosmographo florentino ás costas do Brazil, vê-se que já em 1503 Vespucio, em carta a seu amigo o gonfaroneiro de Florença, Pedro Soderini, designava a Bahia como ponto de encontro dos navios da expedição, de accordo com o Regimento que trazia o

commandante Gonçalo Coelho, que partiu de Lisbôa em meiados de 1503.

Em um estudo moderno, reputado dos mais eruditos sobre as viagens de Americo Vespucio, inserido na *Revista Européa* sob o titulo *Il Terzo Viaggio di Amerigo Vespucci*, o celebre americanista *Luigi Hugues* consigna a descoberta da *Baia di Ognissanti* como o resultado de uma das primeiras viagens do insigne cosmographo ao nosso continente, a serviço do Rei de Portugal.

A Capitania da Bahia de Todos os Santos, comprehendendo a vasta extensão—do *Padrão* de Santo Antonio da Barra até a fóz do Rio S. Francisco,—foi doada, por Carta Regia de 5 de Abril de 1534, a um velho fidalgo, Francisco Pereira Coutinho.

A' chegada de Coutinho, em meiados de 1535, havia uma pequena povoação, fundada por Diogo Alvares, fidalgo de Vianna do Minho, que, escapo de um naufragio, residia na Bahia desde 1509.

Da influencia que exerceu sobre os tupinambás e de seu casamento, á face da igreja, com a Princeza Paraguassú, filha do bravo Itaparica, occupei-me na primeira *Carta*, salientando o testemunho de Frei Vicente do Salvador, contemporaneo de Paraguassú, e pregoeiro de suas virtudes como esposa christã. (*Historia do Brazil, vol. 3° pag. 60*).

Sobre a data em que começou a residir Diogo Alvares na Bahia encontra-se a indicação em dous preciosos documentos, sendo um impresso na magnifica publicação, protegida pelo governo hespanhol, a cargo do notavel historiador *D. Luiz Torres de Mendoza—Colleccion de documentos ineditos relativos al descobrimiento, conquista y colonizacion de las posesiones Espanolas en America y Oceania, del Archivo de Indias.*

A este documento referem-se o historiador *Herrera*, citado por *Accioli*, e os *Materiaes e Achêgas para a Historia do Brasil*, no capitulo *Informações*.

Vale a pena transcrevel-o do vol. V, pag. 97 da cit. *Coll. de Doc. Ineditos del Archivo de Indias.* E' a relação da viagem da armada de *Simon de Alca-*

*zaba*, que partiu do porto de São Lucas de Barrameda em 20 de Setembro de 1534, devendo passar pelo *Estreito de Magalhães*, com destino ás possessões hespanholas, *da provincia de Leon.*

Chegando á costa do Brazil, escreve o almirante:

«Y llegamos á tomar otro puerto en la dicha costa que se dice la bahia de Todos Santos á 28 de Julio (1535); en este puerto está un cristiano, que se dice Diego Alvarez, que há *veinte y sets annos* que está en el, *casado*, con mujer y hijos; y estaban con el otros seis ó siete cristianos, que habian escapado de uma carabela, que se habia perdido, podia hacer dos ó tres meses; y de estos se vinieron con nosotros los cuartos de ellos.»

Tempos antes da visita do almirante hespanhol á Bahia, onde dominava o immortal Diogo Alvares, já haviam estado navios de corsarios francezes, naus hespanholas e as duas importantes expedições de Christovão Jacques e Martim Affonso de Souza.

Desta ultima escreveu a narrativa o irmão de Martim Affonso, Pero Lopes de Souza.

De sua visita á Bahia em 1531 foram estas em resumo as impressões do capitão-mór e de seu irmão:

«Aqui se apresentou ao capitão-mór o portuguez Diogo Alvares, que em terra vive entre os indios *os vinte e dous annos anteriores*, e que ahi tinha muitos filhos, havendo-se *alliado* a uma india, cujo nome primitivo corre haver sido Paraguaçú, Catharina o da *pia baptismal*. Por intervenção do mesmo Diogo Alvares, vieram todos os principaes visitar ao capitão-mór, trazendo-lhes mantimentos, que foram retribuidos com as dadivas do costume.

«Admirou Pero Lopes na Bahia a alvura da gente, a bôa disposição dos homens e a formosura das mulheres que não achou inferiores ás mais bellas de Lisbôa. (*Hist. Geral do Braz. tom. I, pag. 117*).

O donatario chegou á Bahia no mesmo anno e dias depois da partida da armada de Simão de Alcazaba, encontrando Diogo Alvares cercado do reduzido numero de christãos mencionado pelo almirante hespanhol.

O aldeamento levantado por Diogo Alvares, a que deu o nome de *São Salvador*, em piedoso tributo a sua salvação do naufragio, demorava na formosa collina da Graça *(Villa Velha)*. As casas eram construidas de taipa de pilão com travessões e guaritas *(Jaboatam- Orbe Serafico—tom. I, pag 39)* em substituição ás antigas cabanas.

Instituiu uma forma de policia adaptada ás circumstancias e aos costumes indigenas e dos fragmentos de seu navio, que dera á costa, armou pequenos barcos *(Accioli—Memorias Hist vol. I, pag 52, Edic. 1835)*.

O donatario, ahi recebido, augmentou a povoação com casas para cem moradores; construiu uma fortaleza sobre o mar e concedeu cartas de sesmarias, entre outros, a Diogo Alvares «de quatrocentas varas de terra de largo e quinhentas de comprido, perto da Villa Velha »

Fez construir dous engenhos de assucar, já tendo encontrado a canna cultivada pelos indigenas sob as vistas de Diogo Alvares.

A canna de assucar não é planta da flora indigena como pretende Lery, Ayres Casal e outros.

O nosso eminente conterraneo o Visconde de Cayrú, apoiado em uma sabia Memoria do Dr. Freire Allemão, escreve a este respeito:

«A canna de assucar não é indigena do nosso paiz; nem a «creoula», a do Malabar, na India, a primeira cultivada, e que tantos beneficios nos deu, como a de Otaiti, conhecida entre nós por «canna de Cayenna», introduzida em 1790, e menos a rôxa de Batavia, de data mais moderna. (Principios de Direito Mercantil—(6ª Ediç.) pag. 363).

Em sua opinião as sementes foram trazidas pelos contractadores de páo-Brazil, nos estabelecimentos passageiros que faziam nas costas do Brazil, tanto que Fernando de Magalhães, quando passou em 1519, encontrou-a em abundancia no Rio de Janeiro.

A historia infeliz do donatario é assás conhecida; da lucta travada com os indios resultou o abandono

da colonia e com a sua morte pereceu a obra iniciada.

Succedeu-lhe no vinculo o filho varão Manoel Pereira Coutinho, que nada emprehendeu, vindo a ceder á corôa portugueza todos os seus direitos ao morgado, pela conversão na quantia annual de 400$000, conhecida nas chronicas por «morgado do juro».

Resolvendo D. João III, como ficou dito linhas atraz, concentrar o governo de todas as capitanias nas mãos de um Governador Geral, escolheu para capital a Capitania da Bahia de Todos os Santos, denominada Capitania da Corôa.

O elevado cargo de Governador Geral foi confiado a Thomé de Souza, do Conselho de El-Rei, varão assignalado nos perigos e guerras da India, «homem muito avisado e prudente.»

Com o Governador Geral para a administração politica de todas as capitanias e da capital, que devia fundar, foram tambem nomeados um Provedor-mór, para os negocios da fazenda, um Ouvidor-geral, para a justiça, e um Capitão-mór, para o governo da costa

Partiu de Lisbôa, a importante expedição, que Varnhagen chama— «Expedição Regeneradora do Brazil,»— commandada por Thomé de Souza e composta, além dos altos funccionarios referidos, de 600 milicianos, 400 degradados, muitas familias de colonos e os primeiros missionarios jesuitas, dirigidos pelo benemerito Manoel da Nobrega.

Thomé de Souza, chegando á Bahia em 29 de Março de 1549 (Carta de Manoel da Nobrega a Simão Rodrigues, esc. da Bahia em Abril do mesmo anno), depois de ter estudado a topographia do terreno, resolveu traçar a cidade no alto da montanha entre o logar que depois chamou-se «Terreiro de Jesus» e o «Largo do Theatro», por ser o sitio mais abastecido de fontes e melhor abrigo para defeza e segurança dos moradores. Começou a edificação da nova capital no dia 30 de Maio de 1549 (dia da Ascenção do Senhor), como se deprehende de um assento existente na Camara dahi (trasladado em nota por Jaboatão e

Accioli), comparado com as Cartas de Nobrega a Simão Rodrigues (Cassiano de Miranda—nota em additamento a Accioli—pag. 389).

Deu o nome á nova Capital de «Cidade do Salvador», que El-Rei D. João III mandou pôr (Gabriel Soares—Trat. Descript. do Bras. pag. 106), e por armas uma pomba branca em campo verde, com um rollo á roda branco, com letras de ouro que dizem

*Sic illa ad arcam reversa est*

tendo a pomba tres folhas de oliva no bico.

Já existia, segundo refere Frei Vicente do Salvador, uma tradição antiga repetida pelos indios velhos, em que era o Brazil comparado a uma pomba, cujo peito é a Bahia e as azas as outras capitanias, «porque dizem que na Bahia está a polpa da terra.»

Thomé de Souza começou a edificação da nossa cidade, lançou as bases da centralisação do governo das capitanias, perseguiu os piratas, fez as primeiras entradas no sertão, introduziu o gado em nossos campos, mandando-o vir da ilha de Cabo Verde, e secundou valentemente a obra da cathechese emprehendida pelos intrepidos legionarios de Ignacio de Loyola.

Em quatro annos e meio de um governo fecundo executou o sabio Regimento que trouxe, redigido pelo Conde da Castanheira, deixando a Bahia saudoso e arrependido de ter insistido com o Rei pelo regresso á Patria.

A este respeito conta Frei Vicente do Salvador uma interessante anecdota, que não posso furtar-me ao prazer de transcrever.

«He costume nesta Bahia ir o meirinho do mar quando entram os navios, e trazer a nova ao Governador donde são e o que trazem; como pois fosse em aquella occasião, e achasse que vinha successor ao Governador tornou-se mui alegre e pediu-lhe alviçaras porque já eram cumpridos seus desejos e estava no porto novo Governador; respondeu-lhe elle, depois de estar um pouco suspenso:—Vêdes isso, meirinho, verdade é que eu o desejava muito e me crescia a

agua na bocca quando cuidava em ir para Portugal; mas não sei que he que agora se me secca a bocca de tal modo, que quero cuspir e não posso

«Não dêu o meirinho resposta», observa Frei Vicente, «nem eu a dou», para que os leitores deem a que lhes parecer »

Convém notar que esta anecdota na penna de Frei Vicente é dupla homenagem rendida a amizade de Thomé de Souza á nossa terra, porque em mais de um capitulo de sua curiosa «Historia do Brasil» queixa-se amargamente o espirituoso frade bahiano de que os povoadores desta terra só tenham o pensamento em Portugal e accrescenta em phrase pittoresca: «mesmo os bens e fazendas que aqui adquirem si pudessem fallar diriam como os papagaios, que a primeira cousa que ensinam é:

«Papagaio real para Portugal».

O fundador de nossa cidade, chegando a Lisbôa foi distinguido pelo Rei com elevado cargo de sua côrte e recebeu a doação de seis leguas de terra para as bandas da Pojuca, na Bahia, e mais oito até o Rio Real, que foram encorporadas depois ao rico patrimonio de Garcia d'Avila.

A Thomé de Souza seguiu-se uma serie illustre de governadores, cujos serviços á nossa terra e a todo o Brazil, no periodo difficil de sua formação, é impossivel enumerar, mesmo em synthese, sem estender demadiadamente esta «Carta».

Na excellente «Memoria sobre o Estado da Bahia», que devemos á alta cultura historica do Dr. Francisco Vicente Vianna, encontra-se uma resenha, por ordem chronologica, dos principaes serviços prestados por aquelles benemeritos varões.

Esta Memoria, universalisada com a traducção ingleza de nosso illustre conterraneo Dr. Guilherme Rebello, foi dedicada á Exposição de Chicago.

E' um trabalho de subido valor historico e que demonstra a riqueza de documentos do nosso Archivo, aproveitados na sua elaboração.

Felizmente, estes preciosos documentos virão á luz da publicidade, para conhecimento de todos, na «Re-

vista do Archivo», de que tenho noticia pelos jornaes, creada pelo Dr. Paula Guimarães, que assignalou ainda mais com este serviço a sua passagem pela administração de nossa cidade.

Rio, 1900.

(*Extr.*) *J. P. B.*

# HISTORIA DAS ARTES

E

## SUA MARCHA PROGRESSIVA NA BAHIA

Dos *Estudos Historicos*, valioso trabalho que o nosso operoso consocio Dr. Cunha Barbosa acaba de publicar, e no qual reuniu importantes dados sobre artistas e obras de arte do Brazil nos tempos coloniaes, transcrevemos para as nossas columnas o que diz respeito á Bahia.

——

«Não foi só no Rio de Janeiro que as artes tiveram um tal ou qual desenvolvimento, na Bahia foram tambem ellas representadas com certo brilhantismo. Sobresahiram o pintor José Joaquim da Rocha, que pintou as cupolas das igrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, e outras. Seus discipulos Antonio Pinto, Antonio Dias, Lopes Marques, Ramos da Motta, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco deixaram preciosos trabalhos, que muito os têm recommendado.

A historica e florescente cidade da Bahia, a antiga capital da rica colonia brazileira, tambem encerra em todos os seus diversos ramos as maiores preciosidades artisticas.

A Bahia teve tambem a sua antiga Escola de Pintura, fundada em meiados do seculo passado pelo celebre litterato e pintor mineiro José Joaquim da Rocha. Della sahiram famosos discipulos, autores de preciosos trabalhos. A cupola das igrejas da Conceição da Praia, a dos extinctos Agostinhos, a de

Nossa Senhora da Palma, etc., além de primorosos paineis, a cupola de S. Pedro Velho, a do Rosario da Baixa dos Sapateiros e seus paneis, a da ordem terceira de S. Domingos e paineis da sacristia.

Não menos notaveis foram, como dissemos, Antonio Pinto e Antonio Dias, que pintaram os primorosos tectos das igrejas do SS. Sacramento da Rua do Passo, da de Nossa da Ajuda, da de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, da de Nossa Senhora da Saude e Gloria.

Foram illustres discipulos de José Joaquim da Rocha: Lopes Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Souza Coutinho, José e Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco já por nós referidos.

Verissimo, o decano desses pintores, pintou o tecto da igreja dos religiosos da Lapa. Foi seu discipulo Lourenço Machado, que pintou o tecto da igreja de Nossa Senhora do Rosario de João Pereira.

Souza Coutinho nos legou o panno de bocca do theatro de S. João, representando a figura da America brazileira.

Theophilo de Jesus, um dos mais eminentes desses artistas, pintou a excellente figura de Mercurio, em que se lia a inscripção: *Ridendo castigat mores.* Este bello trabalho desappareceu completamente.

Theophilo de Jesus e Franco Vellasco foram os dous discipulos mais illustres de José Joaquim da Rocha. O primeiro, depois de se ter aperfeiçoado em Lisboa, no seu regresso á Bahia pintou as cupolas das igrejas dos terceiros do Carmo, do Recolhimento dos Perdões e Boa Sentença, da igreja do mosteiro de S. Bento, da igreja da Barroquinha, da igreja de S. Joaquim, com tres notaveis paineis, a igreja matriz de Itaparica, a igreja de Nossa Senhora do Pilar, quadros e paines dos quatro evangelistas. Pintou tambem a igreja do Senhor do Bomfim e toda a galeria da vida do Redemptor, e da ordem terceira de S. Francisco. Foi um pintor operoso e notavel, a ponto de ter despertado a attenção do primeiro imperador. Falleceu a 19 de Julho de 1847. (1)

---

(1) Dr. A. J. de Mello Moraes.—O *Brazil Social e Politico.*

Francisco Vellasco fôra o primeiro professor nacional da cadeira publica de desenho na Bahia

Foram tambem dignos de nota: Bento José Rufino e Joaquim Tourinho, este autor de uma bella miniatura de Napoleão III e o insigne miniaturista Olympio Freire da Motta, que retratou seu mestre.

A esculptura tambem foi representada pelo celebre Chagas, conhecido por *Cabra*. Foi um esculptor de grande representação. Os seus trabalhos na igreja dos terceiros do Carmo, em que se nota o bello grupo das Dôres, S. João e Magdalena, a imagem da Santissima Virgem, de uma expressão de dôr profunda e admiravel e sobre tudo a imagem do Menino Deus, da Senhora do Carmo foram executados com muita arte e primor.

As suas imagens são tão perfeitas, que parecem tiradas do natural, principalmente as do Menino Jesus de S. Benedicto da igreja de Sant'Anna e da do Sacramento. Segundo o Sr. Dr. Mello Moraes constitue essa imagem uma maravilha de arte. A imagem do Bom Jesus da Redempção é um outro trabalho precioso. Foi celebre artista e chefe de uma escola de esculptura.

Foram tambem celebres esculptores: João de Abreu de Sant'Anna, Felix Pereira e seu discipulo Manoel Ignacio da Costa, autores da magnifica imagem de S. Pedro de Alcantara do convento de S. Francisco. Bento Sabino dos Reis, que compoz a imagem de S. Gonçalo, de uma expressão admiravel, e Feliciano de Aguiar.

Dispondo de tantas riquezas, é lamentavel que este berço de homens tão eminentes nas lettras, artes, sciencias e politica, não encontrasse um só filho, que nos legasse com os seus escriptos a descripção d'essas bellezas.

Nos conventos, no sumptuoso collegio dos Jesuitas, e até mesmo em alguns edificios, com prazer estudar-se-á a pintura e esculptura, a architectura e a decoração.

A riquissima Cathedral, antigo collegio dos Jesuitas, com a sua bella architectura, encerra na

magnificencia do seu interior bellissimos trabalhos de um primor admiravel, a sua linda sacristia, que tanto tem que admirar-se, a sua igreja, que obriga horas inteiras de contemplação, para apreciar-se a riqueza e o bom gosto dos seus trabalhos.

A pintura encantadora de seu tecto, os bellos paineis dos altares lateraes, e sobretudo os pequenos quadros dos dous primeiros altares lateraes, de fórma abobadada representando os martyres do christianismo, pintados talvez por quem devia possuir profundos conhecimentos da arte e da religião, são certamente composições que muito honram a bella patria de Paraguassú.

Tratando d'esse magestoso templo, o Sr. Dr. Eduardo da Silva Prado, em seu artigo *L'Art* no *Le Brésil en 1889*, pag. 519, diz: «A igreja do collegio dos Jesuitas na Bahia era de esplendor admiravel, a sua sacristia era uma das mais magnificas do mundo, com tres altares, dous nas duas extremidades, um no meio da face contigua à igreja, no qual viam-se todas as manhãs mais de vinte calices de ouro vermelho e prata. Em ambos os lados desse ultimo altar existiam duas grandes mesas, entre espaços de duas portas, que davam entrada para a igreja. Estas mesas, magnificamente trabalhadas em bellissima madeira, eram guarnecidas de marfim e de uma grande quantidade de miniaturas, vindas de Roma. O quarto lado da sacristia era revestido de alto a baixo de diversos *croisées*, e o tecto coberto de bellissimas pinturas.

Um viajante francez, Frezier, tendo estado na Bahia em 1714 fez desse magnifico templo uma lindissima descripção: «O convento dos Jesuitas, cuja igreja é edificada de um marmore trazido da Europa, a sua sacristia é bellissima, tanto pela correcta execução dos seus bufetes, pelas suas curiosas madeiras, pelos seus trabalhos de marfim, como especialmente pela ornamentação de seus quadros. (2)

---

(2) Frezier—*Relatation du voyage á l'Amérique du Sud*, etc, Amsterdam, 1717. Vol. II, pag. 535.

Assim ainda se exprime esse illustre viajante em relação a esse imponente templo: «La cathédrale qu'ils appellent Cez (sic) est dans la haute ville. Elle est grande, élevée, tout bâtie de pierres de taille et l'une des plus belles églises que je n'en sache point en France qui puisse lui être comparée. Mais on admire surtout leur sacristie. Les murs sont lambrissés de bois de jacarandá, je suis fort trompé si ce n'est le même que celui qu'on appelle en France bois de violettes, tant il lui ressemble. Depuis le parquet, qui en est aussi, jusqu'au plafond, tout la peinture est exquise. Du côté où les prêtres s'habillent, il y a un grand nombre de tableaux qu'ils m'ont dit être des meilleurs maîtres d'Italie. De l'autre, entre les croisées, ce sont quantités de belles armoires de même bois que les lambris et bien travaillées. Toute belle et toute grande que soit cette sacristie, elle a un air de simplicité et de propreté qui m'a plu pus que tout le reste.» (3)

Uma outra descripção não menos attrahente desse lindo sanctuario é a feita por «Le Barbinnais le Gentil» em 1817, quando, tratando da cidade da Bahia aprecia esse convento. Ouçamol-o: «Il y a plusieurs monastères, celui des Jésuites est situé dans le lieu le plus agréable de la ville et c'est sans dout le plus beau, le plus vaste et le plus riche édifice, on y a admiré surtout la sacristie dont le lambrie est d'écalle de tortue mise en sonore, d'une manière fort delicate.» (4)

Quem como nós, que, tem visitado a legendaria e hospitaleira cidade da Bahia, nas nossas differentes viagens aos Estados do Brazil, que tem procurado estudar as artes modernas e antigas daquelle florescente Estado, poderá bem julgar as bellissimas descripções feitas por esses abalisados escriptores, e avaliar a exacta pintura feita de tão sumptuoso tem-

---

(3) *Journal d'un voyage sur les côtes d'Afrique*, etc. Amsterdam 1723, pags. 238—240.

(4) *Nouveau voyage au tour du monde.* Amsterdam, 1747, Vol. III, pag. 131.

plo. Deveras extasiámo-nos ao contemplar-mos estas soberbas maravilhas da arte, e sentimos não serem ellas sufficientemente conhecidas, para demonstrar o grão de desenvolvimento artistico desta época.

Si da Cathedral formos a Sé, aos conventos de S. Bento, do Carmo e de S. Francisco, encontraremos igualmente preciosidades artisticas de um valor inestimavel.

A igreja do convento de S. Francisco, situado á praça 15 de Novembro, antigo Terreiro, é um dos mais magestosos templos da Bahia. A sua bella e elegante architectura externa previne logo ao espectador o gosto e o luxo das suas riquissimas pinturas e trabalhos esculpturaes internos.

Logo ao entrar admira-se o bellissimo painel do tecto da portaria, tão fresco e alegre, que parece ter sido executado recentemente. Em seguida entra-se na sacristia, onde o visitante precisa demorar-se algum tempo, para melhor estudar os primorosos trabalhos de entalhamentos, feitos em madeira de jacarandá envernizada. Os bellissimos armarios em que se guardam os paramentos religiosos, e os dous bonitos moveis embutidos nas paredes para os atoalhados, são de bom effeito. Mas, o que prende mais a attenção de quem entra neste sagrado recinto, é um elegante altar de entalhamento dourado, com as suas columnas corynthias, de postes dourados, guarnecidos de anjos e flores tão perfeitos como originaes, repousando em pilastras adornadas de festões dourados, terminando em uma cupola abobadada, encerrando a sagrada imagem do Senhor, é um bonito e luxuoso trabalho esculptural. E' rodeado esse altar de dous magnificos paineis, pintados com muito capricho e correcção. A pintura de seu tecto completa a elegancia e riqueza de tão bella sacristia: entrando-se na igreja, fica-se deveras extasiado. Ajoelhado no fervor de nossas orações, pedimos a Deus que nos inspirasse, que nos mandasse Miguel Angelo, Raphael, Leonardo de Vinci e Benevenuto Cellini, que nos désse meças para descrevermos os admiraveis trabalhos de pintura, de esculptura e de decoração

tão bem executados por esses grandes mestres da arte, e como que reproduzidos nesse santo e encantador templo.

O seu riquissimo altar-mór de magnificas columnas corynthias sobre pilastras quadrangulares, e adornadas de festões dourados com os seus capitéis e volutas do mesmo modo douradas, terminados por uma cupola abobadada encerrando a imagem do seu padroeiro, são realmente trabalhos dignos de serem descriptos por uma penna mais competente que a nossa.

O arco do cruzeiro, os dous magnificos pulpitos em que nos lindissimos entalhamentos sobresahem anjos suportando o seu peso. O soberbo tecto do corpo da igreja, todo contornado de cornijas, formando quadros pintados de assumptos biblicos, paineis de um colorido fresco e suave, de tons tão alegres, de expressivas imagens e de felicidade na escolha do assumpto, constituem composições realmente encantadoras.

Terminamos esta tosca descripção, fallando nos dous excellentes altares, o do Santissimo Sacramento e o de Nossa Senhora. De um elegante pedestal quadrangular, parte uma esplendida columna corynthia encimada por um capitél com volutas, sustentando um anjo em adoração. Remata a columna uma cupola pyramidal, tendo no seu vertice uma pequena imagem. Trabalhados em madeira de jacarandá com entalhamentos e decorados de dourados e folhagens de parreiras e cachos de uvas com pellicanos á espicaçal-os, são de um bello e agradavel aspecto

O convento da Graça, na Victoria, contém muitos primores artisticos, devendo-se notar, principalmente, o retrato do famoso padre Antonio Vieira, tão perfeito e tão bem executado que dir-se-hia ter sahido do pincel de Van Dick.

A imagem de S. Francisco na igreja do convento desse santo, é um primor estatuario. Tão natural, tão expressiva, tão perfeitamente executada, que o

celebre viajante Koster, não duvidou declarar que só ella valia o templo todo.

O tecto da igreja do antigo collegio dos Jesuitas, na Bahia, é embutido de escamas de tartaruga de côres diversas, formando um bellissimo painel de effeito deslumbrante.»

---

Ainda sobre o mesmo assumpto escreve um nosso illustrado conterraneo:

«Em 1740 appareceu o pintor José Joaquim da Rocha, (1) em volta de sua viagem, que fez a Portugal, onde adquiriu algum conhecimento na arte da pintura, com especialidade na decoração dos tectos, então em moda, segundo o estylo romano.

Dotado de talento, e não havendo n'aquelle tempo alguem que lhe competisse obteve grande reputação.

Foi successivamente encarregado da pintura de muitos templos, como o da Matriz da Conceição da Praia, Pilar, S. Pedro Velho, capella da Baixa dos Sapateiros e Afflictos e outros, que ainda existem e nos quaes inda que se conheça uma concepção capaz de produzir bellos resultados, encontram-se todavia imperfeições, e algumas assás imperdoaveis, talvez por falta de estudo ao natural, principalmente nas figuras: e isto mais se nota na maneira de decorar o tecto de uma igreja (cujas paredes lisas são ornadas por toda a sua architectura por algumas pilastras), como vistas architecturiaes muito pesadas, e quasi sempre com sombras assás cruas, de modo que fazia a passagem para as meias tintas, como de salto.

Apezar de taes defeitos, o tom geral tendia para o loiro, as cabeças das figuras tinham expressão, suas roupas eram bem lançadas, os toques chatos, e a gradação aerea não era sem merecimento, e até na perspectiva, em que muita vez peccava elle, havia

---

(1) Quanto a terra de seu nascimento não podemos dizer ao certo, porque ao tempo que uns dizem ser de origem bahiano, outros tem-n'o como filho do Rio de Janeiro ou Minas.

pedaços em que a illusão era quasi completa, e é no tecto do já citado S. Pedro, que tal resultado apparece, talvez porque inda elle estava no vigor do seu talento.

Foi por elle tambem exercido o genero de— retrato, porém com pouca vantagem; pois que em taes representações, elle empregava um estylo, a que os francezes chamam *maniere*, e pouca attenção dava ás semelhanças.

Encarregado, como havemos dito, este pintor das principaes obras da Bahia, teve de formar discipulos, que o coadjuvassem: o que pôde conseguir já pela affluencia dos trabalhos, de que o occupavam, como tambem porque alguns paes entregavam-lhe seus filhos para com elle praticarem a pintura, e d'est'arte elle formou uma escola, d'onde sahiram estes pintores, que passo a enumerar: Virissimo de Sousa, Manoel de Sousa Coitinho, José Theofilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Velasco, alem de outros, que se deram a diversos ramos, como estufadores, decoradores, etc.

Virissimo de Freitas, natural da Bahia, foi o primeiro dos discipulos de José Joaquim da Rocha, que se apresentou como contemporaneo de seu mestre; alguns paineis de motivos religiosos, e o ser sempre empregado por seu mestre, lhe deram a reputação de artista: teve discipulos, e foi encarregado da pintura de alguns templos, como o Hospicio da Palma, a Capella de Santo Antonio da Mouraria e o convento da Lapa.

Em alguns templos aconteceu, que se elle encarregava dos paineis do centro da igreja e seu mestre pintava o tecto, em alguns succedeu o contrario.

O estylo deste pintor foi quasi o mesmo que seguia seu mestre, e em alguns quadros, e muito especialmente no tecto da igreja da Palma, ha uma imitação, quasi completa, e a differença, que se pronuncia em suas outras obras, o colloca um pouco abaixo de seu mestre; o tom geral tende mais para o cinzento, suas figuras não eram estudadas, as roupas mesquinhas, o desenho mui pouco correcto

pouca nobreza e relevo: era melhor decorador, e pintor de ornatos.

Apesar da analyse, que vimos de fazer, o pintor Freitas gosou de reputação; e seus discipulos não se distinguiram como os de J. J. da Rocha; porque todos exerceram os ramos de ornatos, estufo de imagens em relevo, ou o que vulgarmente se chama pintura de generos, alguns dos quaes chegaram assás perto da perfeição n'estes ramos.

Morreu velho e acha-se enterrado no Hospicio da Palma.

Manoel José de Sousa Coitinho nasceu na Bahia em 5 de Junho de 1776. Entregue a J. J. da Rocha foi um dos que apresentaram mais disposições naturaes para a arte, a que se ia dedicar; foi o companheiro de seu mestre, coadjuvando-o em suas emprezas, e depois que delle se separou deu-se a pintura de retratos: sendo depois encarregado pelo Governo da direcção da pintura no Arsenal de Marinha, logar donde partiam todas as obras publicas (ou reaes) naquelle tempo.

Este pintor era dotado de genio, e tinha bastante propensão para as representações opticas e d'architectura.

Quando se tratou da abertura do Theatro de S. João desta cidade, elle foi escolhido pelo Conde de Arcos para pintar o grande panno da bocca e toda a decoração do scenario; e foi tambem o primeiro que mostrou como regularmente se deviam de representar taes vistas: entre ellas lembramo-nos de uma sala régia, uma vista de praça e outra de carcere, em que a prespectiva foi sabiamente desempenhada e a illusão completa: teria sido um grande artista neste genero, se por ventura fora conveniente aproveitado, de sorte que se podesse desenvolver a esphera de sua capacidade e talento.

O mausoléo da rainha Maria 1.ª, obra feita no Collegio, foi de seu desempenho; o panno que representa a coroação de D. João 6.º foi de sua execução recebendo o applauso e especial louvor do Conde de Palma, que não só mandou chamar á sua tribuna

para honral-o, como tambem pedir-lhe o desenho para ser mandado para a Côrte: deixou tambem dois quadros da Conceição, um da Intendencia da Marinha, e outro na Thesouraria Geral: são mais suas obras o retrato do Principe Regente, tirado a furto, quando aqui chegou, e a primeira planta do Arsenal de Marinha para ser mandada á Secretaria do Estado:— não deixou discipulos que se distinguissem e falleceu a 30 de Agosto de 1830 com 54 annos, e jaz na Ordem Terceira de S. Francisco.

José Theofilo de Jesus foi tambem estudar com J. J. da Rocha, e dotado de genio para pintar, aproveitou as lições do mestre, acompanhou-o em muita obra sua, até que sobre si foi conhecido como artista: deu-se ao genero de retrato, e a pintura de paineis de devoção; fez uma viagem a Portugal, e voltando já não vivia seu mestre: começou a ser empregado em diversas obras, e a primeira que fez em ponto grande foi a pintura do tecto da Ordem Terceira do Carmo, depois os paineis, que ornam os altares lateraes da Piedade e a pequena capella do Sacramento de S. Pedro Velho, onde ha quatro paineis representando passagens da Escriptura Sagrada: os paineis no mesmo genero para a sachristia de Sant'Anna e Bomfim: foi elle quem pintou o segundo panno da bocca do Theatro.

O pintor de que ora fallamos inda vive, já octagenario, e inda dá exercicio aos pinceis: guardamos silencio sobre seu estylo, defeitos e bellezas de suas obras em deferencia a elle, e mais ainda, porque não estamos em um paiz tão adiantado como a Europa civilisada, aonde em vez de uma critica severa ferir o amor proprio dos artistas vivos, tem produzido effeito opposto, e é pelas reflexões produzidas pelo escalpello da analyse, que muitos artistas se hão corrigido.

Nas exposições publicas assim acontece: ainda ha pouco acabamos de ler a descripção de certos quadros expostos na galleria do Museu Real, em Paris, na qual as bellezas e defeitos são apresentados com toda a imparcialidade, e seus auctores, quando isto se

publicava, inda viviam, com Mrs. Grwn, Gnerchin e outros e que se haviam por mui felizes de seus quadros merecerem a attenção dos sabios e dos amadores para serem conhecidos.

(*Extr.*) J. R. N.

# A SABINADA (*)

## Historia da Revolta da Cidade da Bahia em 1837

### VIII

(*Continuação*)

Vendo Tupinambá tão depressa derrubada sua obra em Itaparica, correu á capital e conseguiu ahi que o governo lhe fornecesse forças para uma segunda empreza n'aquella villa.

Fez marchar uma força de tropa de linha armada por Firmino Mendes Limoeiro, levando uma peça de artilharia. Esta força desembarcou á noite no Manguinho, onde Tupinambá tinha a sua residencia e d'alli dirigiu-se para a villa. Encontrando no caminho com uma pequena força que, ao commando do tenente-coronel Francisco Xavier de Barros Galvão e o major Manoel Rodrigues, explorava por parte da legalidade aquelles districtos, mandou Tupinambá que a força, a cuja testa se achava, fizesse fogo, do que resultou o ferimento de um guarda nacional que se foi curar a bordo da corveta «Sete de Abril».

Continuando sua marcha até a fortaleza da villa sitiaram-n'a e aggrediram-n'a mandando fazer fogo

---

(*) Vide o n. 17 d'esta *Revista* de 1898.

sobre os sitiados e o portão da mesma fortaleza afim de o arrombarem, desenvolvendo muita energia e coragem o dito Tupinambá, ornado com sua fita de juiz.

A força, porém, dos sitiados conseguiu rechaçar o inimigo, resultando deste encontro muitos ferimentos e assassinatos.

Ao meio dia, mais ou menos, embarcava em uma lancha a força com Tupinambá no mesmo porto de Santos em que havia desembarcado.

Este acontecimento é por elle narrado em o seguinte officio que, do Manguinho, dirigiu ao presidente Carneiro a 19 de Novembro.

«Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Ex. que aportei n'este districto do Manguinho e logo que o barco foi embicando, recebemos cinco tiros de meia duzia de homens que estavão n'aquelle logar destacados, e usei da prudencia de não fazer fogo, e sim dar vivas a D. Pedro II e aos itaparicanos, e felizmente demos o desembarque. Dirigindo-nos á fortaleza, ficando os marinheiros com os mandões dentro della, e o Galvão felizmente escapou de uma descarga cerrada que lhe mandei dar.

Remetto a V. Ex. quatro marinheiros que vinhão em um escaler do brigue-barca, os quaes aprisionamos, ficando o escaler em terra.

Lembro a V. Ex. que fico circulado de inimigos por mar e por terra e assim espero reforço, pois eu tambem fico reunindo alguns guardas, e quando faltem estas providencias, será melhor uma boa retirada do que sacrificar-nos.

Espero que me mande pelo mesmo portador dinheiro sufficiente para pagar a quem trabalha, e uma porção de carne de sertão e farinha, pois a que trouxemos, com o barulho do desembarque, ficou no barco.

E' quanto tenho a levar ao conhecimento de V. Ex., de quem espero as mais energicas providencias.—Deus guarde a V. Ex.—Quartel de S. João do Manguinho 19 de Novembro de 1837.—Illm. e Exm. Sr. presidente do estado independente da Bahia – Manoel Joaquim Tupinambá, capitão.»

A respeito dos feitos desse dia, expressa-se o presidente Pedroso, em officio de 23 do Novembro ao ministro do imperio pela fórma seguinte:

«Ousaram os mesmos rebeldes atacar a ilha de Itaparica com uma força de 100—120 homens do 3.º batalhão de caçadores de 1.ª linha e do corpo de artilharia, forão, porém, repellidos e retiraram-se em completa debandada, deixando alguns mortos, outros feridos e outros extraviados, conseguindo voltar para a capital somente 70.

Deve-se este importante successo ao valor e fidelidade do coronel Antonio da Silva Lima que, coadjuvado de alguma força que desembarcou das embarcações de guerra. Só tivemos um soldado ferido levemente.»

Entre as numerosas pessoas altamente collocadas que emigraram para o Reconcavo, estava o arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, que retirou-se para Santo Amaro, donde escreveu uma pastoral ás suas ovelhas, lastimando a sisania que com a revolução se espalhou entre ellas, pastoral que vem publicada na collecção de suas obras.

A impressão de suas palavras no animo dos rebeldes se vê do seguinte escripto assignado —*Um padre de requiem*—de que passa por autor o professor João da Veiga Murici, e que por isso vem junto ao precesso contra este instaurado pela promotoria publica a 25 de Maio de 1838.

Eil-o:

«Já tardava que intermediasse na politica adoptada por esta capital o exm. metropolitano D. Romualdo, sempre revestido do agradavel exterior de que falla Jesus Christo acerca dos sepulchros que, por fóra caiados, parecem bonitos, tendo dentro somente immundicias e ossos de defuntos.

E como perderá S. Ex. Rev. o habito em que está de intrometter-se distinctamente no que é alheio do —requiem—se lhe não é de pouca monta o centumvirato mais ainda o será a ordem senatorica, que póde almejar!

Certamente que quem por outros meios que pelas

virtudes catholicas e erudição theologica obteve a mitra, não póde bem desempenhar a tarefa da religião e da moral, ambiciosamente distrahida pela illicita devoção á politica, como ramo de maior conveniencia humana e terrea.

Fallo agora de uma pastoral que apparecida, fundida em 16 do corrente em Santo Amaro pelo nosso metropolitano, tambem esbaforidamente evadido para o reconcavo com terror panico não proprio dos padres apostolicos.

Essa pastoral começa primeiro por desapprovar e approvar governos civis do que por enviar a predica da communhão christan, sobre o que só se limita a ordenar aos sacerdotes o recitarem todos os dias a antiphona—Da pacem, Domine.

Exm. metropolitano, de que se aterra para perder a resignação apostolica que devem ter os delegados de S. Pedro, se é que V. Ex. algum dia a possuiu?!

Que indigno contraste do apostolo das gentes quando se despediu de seus co-enviados para ir soffrer o martyrio que o esperava!!

Sahiria V. Ex. d'aqui perseguido, como se presume de S. Thomé, nos barbaros tempos dos indigenas d'este sólo?!

Ah! meu Revm. padre tomae uma de duas: ou a causa que adoptamos é de justiça, e por consequencia de direito natural e de lei eterna, e então vós sois um anti-bispo em vosso ministerio e máo theologo em vossa doutrina ou, se nossa causa é injusta e desvairada, vós sois indigno da cadeira que occupaes, por fugirdes aos trabalhos apostolicos e pastoraes, sahindo d'entre aquelles que precisam de vossa pessoal illuminação e de vossa evangelica palavra.

Vêde lá, meu revm. padre, se nos quereis pôr além dos mesmos atheus, deistas e papões, quando entre estes é que os prégadores do evangelho desejavão derramar seu sangue na instrucção da verdade e na correcção dos vicios.

Mas vós, que ostentaes seguir diverso caminho dos antigos padres e dos santos martyres, vós puzestes á

salvação de impiedades e perseguições, porque ninguem apontará um facto que os bahianos de sete de novembro tenhão feito de insultante e violento contra outras pessoas, quanto mais contra vós.

Cuidaveis, sim, que breve se acabarião aqui as lindas salvas de doces, a gorda vitella, o suave Muscatel e outras delicias que regalavão a tão digno successor dos discipulos de S. Pedro e dos ouvintes de S. Paulo.

S. Paulo prégava no meio de seus inimigos, vós fugis d'entre vossas ovelhas, e que vos não offendem, ides prégar de fóra contra ellas.

Benigno Pastor!!

Vós sois mesmo mui suspeito na vossa degenerada pastoral tratando da politica actual, porque perdeis na modificação aqui feita, bem que perdeis naquillo que é estranho á vossa profissão; e por isso podeis ficar certo de que o Espirito Santo não é quem inspirou uma tal Pastoral.

Vós bem sabeis que mesmo a Sé apostolica não é infallivel nas questões de facto, quanto mais vós, como podeis ver nas provincias de Montalté.

Cuidae, para melhor aproveitamento, no que pertence ao vosso clero, ao qual nenhum exemplo daes d'aquelles dictames, que S. Paulo aconselhava e obrava.

Vêde que em vós os actos culpaveis são mais aggravantes do que em vossas ovelhas, tanto para com os homens, como para o tanque de fogo.

Prégae a palavra do evangelho se quereis ser tido por um bom prelado, e não politica, e se algum dever tendes de fallar sobre ella, como inseparavel de moral, è pela doutrina evangelica, isto é suadindo a concordia, a união christã, a fraternidade e o amor de uns para com os outros, e não insuflando os espiritos a prol do odio, da vingança e das hostilidades como fazião os jesuitas rivaes do grande Arnauld.

Vossa pastoral é propriamente um papel incendiario, cheio de atrozes calumnias, imposturas e miscellanias do sagrado e santo como o falso e o indiscreto.

Somos religiosos e amantes do Imperador Constitucional o Senhor D. Pedro II, não obstante vossas atrabilarias invectivas, mais proprias da manhosa panthera, que do zeloso pastor.

Mas, cá fico esperando por outras imposturas vossas.

*Um padre de requiem*, 19 de Novembro de 1837.»

Não posso, acabando de dar publicidade ao escripto acima desse importante bahiano ha poucos mezes roubado á sociedade, furtar-me ao prazer de aqui inserir um outro, assignado—O Philopatro—tambem a elle attribuido, e que vem dar-nos muita luz sobre o espirito da epocha.

«Qual a differença entre o governo do reconcavo e o governo da capital da Bahia? O governo do reconcavo obedece ao imperador constitucional do Brazil, o governo da capital tambem; o governo do reconcavo reconhece um interregno, o governo da capital tambem; o governo do reconcavo respeita o interregno dirigido pelo sr. Pedro de Araujo Lima, o governo da capital respeita o interregno dirigido pelo sr. Innocencio Rocha Galvão e em sua ausencia pelo sr. João Carneiro da Silva Rego; o governo do reconcavo quer dirigil-o debaixo da administração financeira e executiva dos inter-regnantes em nome de sua magestade imperial no Rio de Janeiro, o governo da capital quer dirigil-a sob a administração financeira e executiva dos inter-regnantes ou regentes em nome de sua magestade imperial da Bahia.

A legislação actual serve aos dissidentes, que se acham no reconcavo, e que o tem indisposto, a legislação actual durante a menoridade de sua magestade imperial não serve aos residentes na capital, os quaes a ninguem tem indisposto nem offendido. Se o Sr. Feijó, já regente pela menoridade de sua magestade imperial, pode, fingindo-se doente, ou estando-o realmente, nomear a outrem para fazer as vezes do monarcha e as d'elle, porque o não pode o povo de uma capital como da Bahia, o qual sempre representa por toda a Bahia, nomear, não

quem faça as vezes do Sr. Feijó, mas sim as do monarcha, visto que procedeu nesse acto com a mais bem ordenada acclamação, com a paz e unanimidade.

Nem digão os que hoje discutem que não houve unanimidade na capital; houve expressa e tacitamente. O Campo da Acclamação encheu-se de pessoas de todas as classes respeitaveis, quer civis, quer politicas, quer ecclesiasticas.

A revolução sendo no dia 7 de Novembro, foi no dia 13 que Sande abandona a cidade, illudindo a maior parte da guarda policial de seu commando, depois de ter voluntariamente se incorporado aos Setistas de Novembro, a quem por espaço de 5 dias mostrou a adhesão, valendo-se até de protestos sagrados.

Não lhes pode servir de salvaguarda á sua servil dissensão e torpe arrependimento o não ter apparecido a 1.ª acta fóra de toda a ambiguidade acerca do monarcha, porque sendo de principio sua pessoa reconhecida supremamente na revolução, logo que se vio ambiguidade na redacção da acta, tratou-se de dar todo o expresso e terminante esclarecimento.

E parece até que depois de ter assim praticado é que Sande e os mais começaram a por-se em fuga, offerecendo-nos de seu caracter duas illações: ou que são homens destituidos de honra civil ou que apoiavão a ambiguidade da acta, e então elles é que queriam alguma democracia afim de serem mais fortes os grandes da sociedade.

Fique-lhe a escolha a vontade.

Quanto a nós, por mais favoravel conceito a taes dissidentes, propendemos mais a crer que a primeira illação é verdadeira, pela rasão de que, quando todos os defensores de Paraiso se bandeavão solemnemente para os Setistas de Novembro e parecião sisudos em suas congratulações, pensavão que na eleição dos governantes se lançasse mão dos grandes aristocratas; nesse caso então elles terião permanecido na revolução; elles olharião a emenda com indifferença, e talvez a não julgassem diplomaticamente necessaria.

Logo, quem não vê que a opposição que nos fazem

os hypocritas regressistas é quanto às pessoas que estão no governo desta cidade e não quanto a substancia da revolução.

Um homem que tinha reflectido no desenvolvimento pathetico de seus similhantes disse-me mui bem, que a soberba e a ambição são paixões as mais capazes de sacrificar tudo, de confundir tudo, de envenenar tudo que lhes pode chocar, e que, portanto, um homem obsecado de taes paixões, torna-se rival de seus proprios parentes, de seus amigos, de sua patria, emfim do proprio Deus.

Eis porque os regressistas do reconcavo se têm armado, contra nós, com mais furor ainda do que quando se luctou contra os inimigos de nossa independencia, naturaes de outro paiz, e que, pretentendo recolonisar-nos, commetteram contra nós as maiores atrocidades.

Entretanto que nenhum mal nem physico nem moral temos feito aos nossos concidadãos; nem physico porque ainda não se offendeo a pessoa de alguem; nem moral porque não se fez a mais pequena subtração nas repartições publicas, nem em alguma corporação, exceptuando a abolição metaphysica da guarda nacional por nociva à milicia, e isto não podia jamais offender a alguem, alem de ter sido acto posterior á emigração conluiada.

Como, pois, sem que nós tivessemos incommodado o pessoal de cidadão algum, rebentaram como do averno tão encarniçados inimigos?

Não erão esses mesmos que (a excepção de alguns dos mais sevados de ordenados) agora são nossos adversarios, os que antes de 7 de Novembro em qualquer companhia, e mesmo nas praças publicas vociferavão contra o aurisedento governo central do Rio de Janeiro?

Se não se animavão a promover a revolução, era por temerem a opposição da tropa, ou a licença da gente, que elles appellidavão— canalha.

Ora, esta appellidada canalha acha-se na cidade, mas o que tem ella feito contra a ordem mantida pelas tropas e mais povo?

Logo, desses mesmos presumidos patricios é que nascia o seduzir a chamada canalha para commetter violencias, o que assim mesmo nunca era senão com alguns portuguezes mal indigitados; pois essa canalha é menos soberba do que seus nobres seductores.

Quem induziu a demolição do cemiterio para o que muitos individuos da intitulada canalha receberam patrões?

Quem occasionou proxima e remotamente a celebre abrilada de 1831?

Ora, Srs. patricios, de nobreza imaginaria, quem não penetra hoje o fundo de genuinas intenções de Vs. Mcês?

Só no inexperiente reconcavo é que podeis formar partido com aquelles mesmos da ordem que vós quereis sevandijar, e mais claramente só com os incautos homens da roça é que vós podereis querer sustentar vossas distincções naturaes, armando-vos contra o que chamais canalha, e mais alguma cousa com o auxilio dos mesmos co-irmãos da canalha.

Tal é, comtudo, a cegueira humana, que nunca o pobre e o pequeno hão de deixar de ajudar ao rico e grande contra outro pobre pequeno!!

«Incautos cidadãos do reconcavo, pobres e pe-«quenos na ordem civil, fazei o que aconselha aquelle «proverbio de Salomão—Se te disserem vem com-«nosco, façamos emboscadas para derramar sangue, «armemos laços secretos ao innocente, que nos não «fez mal algum. . .

«Filho meu, não vás com elles, guarda-te de andar «pelas suas veredas — vêde que vós estaes com as «armas nas mãos para um dia servirem de vosso «proprio damno, nada espereis de quem desde já «vos obriga a tirar as vidas de vossos irmãos; nem «Deus pode jamais proteger vossa situação.

«Pelo contrario, bem a vosso pesar vêde, que o «direito da guerra, como dizem os escriptores delle, «autorisa, na verdade, que se faça ao inimigo todo «o mal que se pode fazer, este mal pode ser util «a nossa causa.

«E como vos não envergonhareis de serdes olhados «como nossos inimigos, vós para cujo melhoramento «tambem trabalhamos?

«Sabei que a lei de Deus recommenda não ao «corpo das nações o trabalhar para a sua conser- «vação, como aos homens em particular.

«E' o que estamos fazendo com a possivel con- «formidade com tal divina insinuação; mas vós, que «nem trabalhaes para o corpo das nações, nem para «vós em particular, que esperaes de vossos iniquos «trabalhos?

«Deixaes a vossos encobertos inimigos, sempre «promptos a extorquir vossos serviços quando pre- «cisão e a vos despresar em todas as occasiões!

«Vós nunca passareis entre elles de miseros cam- «ponezes, de quem sempre elles querem os baixos «cortejos e as civis saudações!»

Taes são o caracter, as idéas e a moralidade dos regressistas, que até mesmo já não guardão para comnosco acto algum da legalidade que ostentão como se nós o provocassemos em cousa alguma ao direito de força repulsiva.

O successo das armas, porém, felicitado pela protecção divina nos porá a salvo definitivamente de tantos aggressores e mysantropos.—O Philopatro.»

## IX

A posição imposta, que teve na revolução, já como secretario do corpo de artilharia, já como chefe da 1.ª brigada e interino general da 1.ª divisão, já como familiar de Sabino; o seu reconhecido talento e illustração patenteados com muitos de seus escriptos d'esta importante epocha, muitos d'elles achados depois da revolução, tudo isto justificará, sem duvida, o dar eu a luz muitos escriptos, porque contribuem muito para o esclarecimento da idéa que se deve formar dos homens e da epocha para cuja historia contribuo com a pungente publicação.

O escripto que passo a communicar não tem titulo,

e é concebida nos termos seguintes: «E' innegavel que este governo tem marchado com toda a integridade administrativa e sinceridade em politica, mas como na epocha presente todos têm mais amplamente o direito de representar, convém muito:

«1.º, que todo o seu procedimento administrativo, politico, defensivo e offensivo deve partir deste fundamental principio—que a lei da revolução é tudo aquillo que tende a fazel-a prevalecer, e por isso não ha agora legalidades, antigas contemplações, escrupulos, divisão de poderes, economias espendiosas contra o sagrado progresso da causa; etc.

2.º, que este governo deve entender-se com os consules estrangeiros, propondo-lhes em nome do estado diminuições por metade dos direitos de importação dos generos, que os respectivos commerciantes metterem para dentro da capital, e procurar por todos os meios indispol-os contra os inimigos;

3.º, a fazer um manifesto a todas as nações alliadas, justificando a revolução de 7 de Novembro;

4.º, não permittindo mais que quem se retire para fóra leve genero comestivel de qualidade alguma, sem excepção de pessoa alguma;

5.º, promettendo por um bando a quantia que julgar conveniente a quem de fóra se vier unir ás tropas da capital, ou dois postos de accesso;

6.º, obrigando o commercio a gyrar, aliás expulsar os desobedientes, multados nas quantias que este governo resolver, sendo inimigo da causa todo aquelle que não abrir as suas lojas;

7.º, emquanto se não pode ter a assembléa constituinte, organisar um conselho com qualquer titulo para tratar de legislar sobre o estado actual e propôr ao governo tudo que julgar conveniente a revolução.

A secretaria deste governo continúa a mandar inserir como de proposito nas folhas publicas muitas cousas que convém occultar ao inimigo, e de duas uma: ou deve haver cuidado em sanar um tal prejuizo, ou então dirá com razão o povo, que o governo marcha muito atrazado na habilidade que

deve ter presentemente. Pois mesmo que luctassemos com inimigos externos, nunca tal devia deixar fazer.

Queixa-se tambem o publico de que este governo, operando em uma pensada revolução, só quer marchar restricto ás leis antigas, como si estas não fossem prescriptas pela revolução, e desta fórma ficando no statuquo, entretanto, que os inimigos já usão de medidas arbitrarias, como de obrigar violenta e penalmente os individuos a pegarem nas armas e outras cousas, que não sabemos a fundo, sendo elles os que estão sujeitos ás regras da legalidade.

E de facto, nunca se viu fazer-se uma revolução, e querer-se nella marchar exactamente com formalidades de leis politicas anteriores, causando torpor aos negocios da revolução, d'onde certamente virá resultar o cahir por terra o edificio revolucionario e de nada valerem as observancias de legalidades, de facto para a impunidade dos chefes da revolução.

Tambem já se censura o orçamento que começa a dispôr contra os militares, como si sem tropas pode a nossa revolução consolidar-se ou alguem d'ella sobreviver a ella.

Melhor é gastar avultada somma para em breve tempo destruir obstaculos á revolução, do que poupar dinheiro para depois não a ver vingada; pelo menos ainda não é tempo de se começar a obrar como os coripheus do 7 de Abril, que pensavam que não se precisa de tropa.

A revolução não se ha de sustentar com paisanos nem poupando dinheiro nas coisas precisas ao novo systema; o dinheiro ahi fica, e os inimigos depois rir-se-hão da nossa estupidez e da pouca habilidade do governo, o que não se deve deixar que aconteça. Ou bem que estamos em revolução, em estado temporariamente independente, ou bem estamos pelas leis todas antigas, pelo systema do governo transacto, pela pequena autoridade de presidente de provincia e pela sua ronceira e escrupulosa marcha.

Como prova de sua multilatera actividade publico em seguida mais o escripto que João da Veiga Murici, na sua qualidade de secretario do regimento de artilharia, apresentou ao vice-presidente Carneiro, intitulado «Duas palavras aos srs. officiaes superiores que houverem de commandar em acções de combate e assim tambem aos srs. subalternos, por João da Veiga Murici, 1.° tenente secretario do heroico e invencivel regimento de artilharia de 1.ª linha do estado da Bahia. 1837.

Art. 1.° O commandante em chefe que tiver de combater o inimigo deve primeiro dirigir á sua tropa uma breve fala animadora; isto fará ainda quando dê de repente com a avançada do inimigo, salvo se vir que convém carregar logo sobre ella por achal-a incauta; mas chegando a um ponto essencial d'elle deve preparar aos seus para o ataque por meio da fala e dos vivas principaes.

Art. 2.° Nunca o commandante em chefe deve ao principio metter em fogo toda a sua força; seja ella qual fôr, deve sempre constituir uma reserva, composta de boa gente que fique fóra dos tiros do inimigo, mas em posição de bem observar todos os seus movimentos offensivos.

Ella deve ter por funções: 1.°, reforçar com parte de si algum logar fraco ou batido; 2.°, prohibir que o inimigo córte a retaguarda dos combatentes ou os flanqueie; 3.°: substituir aos combatentes quando estiverem cansados, servindo então estes de reserva; 4.° embaraçar alguma retirada que a vanguarda faça desordenadamente, tomando no ultimo caso a frente ao inimigo em ordem unida e com vivo fogo de descargas cerradas, e até com baionetas se preciso fôr rompel-o debaixo de fogo que vier fazendo; 5.° tomar a retaguarda na retirada quando os combatentes não se retirarem sem ordem ou mui cançados do fogo.

Art. 3.° O commandante em chefe não tem precisão de se pôr, ao menos no principio do fogo, á frente dos seus combatentes; deve ordinariamente andar entre estes e sua reserva, donde possa não só vêr,

sem maior exposição de sua pessoa, os movimentos do inimigo, como os dos seus, e poder com sua reserva acudir aonde fôr preciso; no caso, porém, de alguma ruptura parcial dos seus deve approximar-se ahi com o seu reforço, sem tomar a vanguarda, pois ás vezes estando já quasi ganha uma acção, vem a perder-se pela morte inesperada do chefe victorioso.

Art. 4.º Aos officiaes de fileira não seja permittido levarem clavinas para o combate, porque, entretidos com atirar tambem no inimigo omittem suas principaes funcções de dirigir seus soldados, correr suas fileiras, animar a avançada e coordenar a retirada. Porém, sim, levar pistolas para d'ellas usarem contra o inimigo que tentar aprisional-os, ou mesmo contra qualquer dos seus que lhes desobedecerem formalmente no acto de combate, com perigo de tumulto na fileira de seu commando

Art. 5.º O commandante em chefe sempre que tiver de atacar um posto para tomal-o, deverá fazer em ordem profunda por pelotões, por divisões ou por grandes divisões conforme lhe permittir o terreno, e nunca com extensos e simples cordões, o que só serve para distrahir o inimigo, entretel-o, fazel-o cansar ou gastar a munição, e depois então por outra parte dar-lhe verdadeiro ataque.

Art. 6.º Quando o chefe entender que pode tomar um posto do inimigo, deve carregar sobre elle com uma rapidez sem fazer caso do seu fogo, porque, demorando-se, entra nos soldados a reflexão e a vista apprehensiva dos que morrem ou são feridos, e nesta vacillancia nenhum ardor ou resolução podem haver capazes de effectuar a tomada do posto que se quer.

Art. 7.º Quanto mais extensas e singelas são as linhas, mais fraco fica quem assim combate; até a retirada lhe é difficil, accelerada e sujeita a muitos perigos.

Art. 8.º Sempre que a avançada exceder de uma legua do ponto d'onde se parte, cada official regressará, podendo ser a cavallo, para na sua retirada, no

caso d'ella não poder deixar de ser precipitada, precedendo, comtudo, ordem do commandante em chefe ou de quem o substituir em seu impedimento; não havendo, porém, urgente precisão, claro fica que deve acompanhar a pé aos seus soldados, ordenando-os até se pôr fóra de todo do inimigo. O regresso a cavallo não obsta a presença do official aos seus commandados.

Art. 9.º Nenhum official deve jamais consentir que soldado algum ou outra qualquer pessoa communique em voz alta a outro a morte de alguem no meio do combate.

Art. 10. Quando o commandante em chefe vir que de um ponto principal do inimigo se faz vivo fogo contra os seus, deve entreter somente este ponto, fazendo o forte do ataque nos logares fracos e menos defendidos que vir, investindo a elles com toda a rapidez pelas fórmas quaesquer mais proprias, como já ficou dito: sempre deve procurar illudir ao inimigo com falsos ataques, investindo logo ás operações, segundo a conducta, que nas suas seguir o inimigo, de fórma que onde achal-o forte entretel-o, onde achal-o fraco carregal-o.

Art. 11. Deve-se sempre andar com praticos dos caminhos e das veredas, os quaes não devem occupar-se no fogo, sem andarem juntos aos chefes para delles receberem suas ordens e encaminharem as columnas pelos caminhos convenientes.

Art. 12. Quando o commandante em chefe vir que mesmo a sua reserva é atacada pela retaguarda, então, unindo toda a sua força em columna cerrada, ou se puder, em grande divisão bem unida e algum tanto profunda, romperá por entre o inimigo com a ponta da baioneta até rechaçal-o, e seguirá de retirada a passo largo, mas nunca em tal circumstancia que não possa de vez em quando dar-lhe descargas cerradas, fazendo meia volta á direita com sua retaguarda, que deve destinar para este fim, si o inimigo prosegue; certo de que o maior elogio, que uma tropa pode ter, é o de fazer uma boa retirada, pois por ella é que se conhece verda-

deiramente a disciplina das tropas e a boa direcção dos officiaes e a habilidade do commandante em chefe.

Art. 13. Sempre que houver avançada para qualquer parte, irá acompanhada de uma ambulancia cirurgica e seu respectivo cirurgião-mór, ou ajudante.»

A estes artigos seguem-se mais os seguintes supplementares, intitulados—Artigos provisoriamente feitos para os soldados com força de artigos de guerra:

«Art. 1.º Todo o soldado em acção de combate prestará a maior attenção possivel aos toques de suas respectivas cornetas, ou ás vozes de seus superiores, prompta execução ao que estes ou estas determinarem sob pena de rigoroso castigo.

Art. 2.º Fica prohibido a qualquer proferir no combate palavra alguma que communique aos outros a morte de alguem, e quando por accaso algum ou alguns saibão que morreu o commandante em chefe, devem conservar seus postos até que o immediato official tome o commando e dê suas ordens, o que se não effectuar, devem esperar que seus respectivos officiaes de fileira os mande retirar, e nunca se retirarem sem ordem superior, ou cada um de per si; sob pena do castigo, que pelos officiaes desobedecidos ou outros fôr determinado em conselho militar.

## X

Dizia o presidente Barretto Pedroso em seu já citado officio, que os subdelegados tinhão arrombado todos os cofres e estabelecimentos publicos, inclusive a alfandega.

O Juiz de paz Felix da Graça Lisbôa, no interrogatorio a que foi submettido no processo, que contra elle se instaurou depois da rebellião, confirmou que tinha sido incumbido do arrombamento dos ditos cofres. Bastaria, portanto, somente a asseveração deste facto por essas duas testemunhas para tirar toda a duvida a respeito deste acontecimento.

Com a descoberta, porèm, dos processos feitos a grande numero de compartecipes da rebellião, chegamos á posse de documentos ainda mais positivos e minuciosos, com cuja publicação convém que hoje eu me occupe.

Fal-o-hei a principio com as portarias do vice-presidente do Estado da Bahia, e depois com os corpos de delicto feitos em Abril de 1838 nos differentes estabelecimentos publicos, onde se praticaram os arrombamentos.

«1.ª Illm. Sr. Envie V. S., para a thesouraria ou a este palacio, os ferreiros com os instrumentos necessarios para o arrombamento dos cofres publicos, que o juiz de paz se acha aqui prompto—Deus guarde a V. S.—Palacio da governo da Bahia, 13 de Novembro de 1837-- Illm. Sr. Intendente da marinha ---João Carneiro da Silva Rego.»

«2.ª O vice-presidente do estado ordena ao Sr. Intendente da marinha, que mande proceder a abertura, ainda que seja o arrombamento das portas, que ainda estiverem fechadas, das diversas repartições desse arsenal para o bom andamento do serviço do mesmo arsenal. Palacio do governo do Estado, 15 de Novembro de 1837.—P. S.

Depois de feito o arrombamento, si necessario fôr, convém que se ponha na maior cautella o que contiverem as casas e portas á vigilancia de pessoa de maior confidencia. —João Carneiro.»

«3.ª O vice-presidente deste estado ordena ao Snr. Intendente da marinha, que faça concertar com brevidade todas as fechaduras dos tribunaes que lhe forem enviadas pelo juiz de paz da freguezia da Conceição da Praia. Palacio do governo da Bahia, 24 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

«4.ª O Snr. Presidente do estado ordena ao Snr. Capitão de mar e guerra, Intendente da marinha, que pelas 9 horas da manhã mande á thesouraria deste estado os operarios com instrumentos necessarios para abrirem alguns cofres. Palacio do governo

da Bahia, 25 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

Eis, pois, ahi as autorisações officiaes justificativas dos arrombamentos feitos aos cofres publicos logo em seguida á installação do governo rebelde.

Vejamos agora o que nos contão os exames e corpos de delicto feitos, cinco mezes depois dessas ordens, nos differentes cofres e estabelecimentos publicos.

Do que fez a 3 de Abril de 1838 o Juiz de paz da Conceição da Praia na alfandega consta o seguinte:

«Aberto o cofre geral, não se achou nelle dinheiro e sim apenas duas medalhas francezas de metal, uma carteira de amostras com seis pares de feixos para capote, fingindo pesos fortes.

Achou-se uma pasta contendo 42 lettras de despachos de repartição a vencer em differentes prasos, na importancia de 7:088$070 e dous documentos de despeza, no valor total de 534$532.

Em um segundo cofre de ferro encontraram dous maços de papeis constantes de documentos das entregas feitas pelo thesouro da alfandega á thesouraria geral e outros pertencentes ao thesoureiro Jacintho Alvares de Sá : uma colher de prata grande de servir sopa, 16 ditas de meza e 16 para chá do mesmo metal.

Um terceiro cofre contendo 5 documentos de entrega feita pelo mesmo thesoureiro á thesouraria geral, um livro em que o mesmo lavrava os recebimentos dos direitos, que se arrecadavão e alguns saccos.

Um quarto cofre, pertencente ao Monte-Pio particular dos guardas, não foi então aberto por determinar o juiz, que ficasse reservado para quando voltasse da commissão em que se achava em Itaparica o guarda José Francisco de Carvalho, thesoureiro do dito Monte-Pio.

No exame das gavetas pertencentes ao thesoureiro Jacintho Alvares de Sá e seu fiel Luiz Francisco de Almeida, encontrara-se na d'este uma carteira velha de couro com 20$000 em moeda papel e 560 réis de cobre, e na pertencente ao thesoureiro

achou-se a folha de ordenados dos officiaes da alfandega na importancia de reis 835$282, duas lettras de repartição apontadas pelo tabellião Neves, isto é uma sobre William Ewans & C , de 669$600, e outra sobre Moore Eduard, de 10$540, e outros documentos pertencentes ao mesmo thesoureiro.

Finalmente abriu-se mais um cofre em que nada se achou.

O corpo de delicto, feito a 3 de Abril de 1838 no cofre da Camara, provou que o dito cofre tinha sido arrombado pelas tres fechaduras, cortando-se-lhes as cabeças dos pregos com força de escopo ou talhadeira, tangido por martello, e que, no cortar da cabeça de um prego, tirou-se uma lasca de madeira na ilharga da frente.

Dentro do cofre estavão as tres fechaduras reformadas de novas chaves, sem outra mais outra cousa alguma dentro.

A carteira do respectivo contador estava arrombada, tendo dentro livros e papeis pertencentes ao contador.

O corpo de delicto feito a 24 de Abril de 1838 na thesouraria da fazenda publica e nacional provou que estava arrombado o cofre da repartição das rendas internas, pela fechadura, a cujos parafusos forão cortadas as cabeças.

Um outro cofre de madeira, chapeado, de uma só fechadura, foi arrombado pela tampa, por ser a fechadura de segredo.

Este cofre era da repartição do trôco.

Dous outros, tambem de madeira, chapeados, forão arrombados pelos pregos ou parafusos, e pertencião ao Juizo de orphãos.

Dous mais de ferro batido, com a fechadura no centro ou meio da tampa, tendo um delles 14 linguetas que fechavão para os quatro lados, e o outro 10, fechando egualmente para os quatro lados, e mais com dous cadeados cada um.

Forão arrombados pelas argollas dos cadeados, cortando-se as beiras com talhadeiras, á força de

martello ou malho, desorganisada assim a fechadura e arrancados os tampos.

Mais quatro cofres de madeira, chapeados, de tres fechaduras cada um, todos tambem arrombados pelas mesmas fechaduras, cortadas as cabeças dos pregos ou parafusos que as seguravão.

Estes seis cofres pertencião á Caixa Economica.

Outro cofre de madeira, chapeado, tambem de tres fechaduras, soffreu arrombamento pelo mesmo processo de corte das cabeças dos parafusos, e pertencia aos orphãos de S. Joaquim.

Um outro, pertencente á extincta casa da moeda, de madeira e tres fechaduras, foi como os outros arrombado.

Na repartição do thesouro geral acharão-se: 1º, um cofre pertencente, conforme a gravura que trazia, ao Banco da Bahia, todo de ferro coado, arrombado pelos parafusos que seguravão a fechadura;

2.º, um pertencente ao Deposito Publico, de madeira, chapeado, com tres fechaduras arrancadas pelo mesmo methodo empregado no arrombamento dos outros cofres;

3.º, um pertencente ao *expediente do thesoureiro*, de ferro, arrombado pela tampa a força de martello e malho.

A casa forte do thesoureiro tinha a porta arrombada, duas fechaduras depregadas a força de martello ou malho e um cadeado que fôra arrancado pela argolla.

Dentro dessa casa achou-se um cofre pertencente ao Banco, arrombado pela fechadura a força de talhadeira; dous mais de madeira, chapeados, cada um com tres fechaduras todas arrancadas pela fórma descripta; um mais de madeira tambem, chapeado e arrombado pela fechadura e, finalmente, mais um outro em identicas circumstancias.

Vinte e seis, pois, tinhão sido os cofres que, na alfandega, na Camara e na thesouraria, foram arrombados pelos rebeldes, cahindo, portanto, nas

mãos delles toda a fortuna publica que existia na Bahia.

Della apenas salvou-se a somma de 460:600$, que segundo o officio de 22 de Novembro de Barretto Pedroso ao presidente de Pernambuco, que vem a fls. 67 v. e seguintes do livro de officios dos presidentes, da secretaria do governo do anno de 1837, se deveu ás diligencias e aos bons serviços do thesoureiro geral Manuel José de Almeida Couto, e a de dez contos e duzentos mil réis que comsigo levou para os arraiaes dos legalistas no reconcavo o pagador da intendencia da marinha, João Lopes de Leão.

Estes documentos provão que os rebeldes se apossaram inteiramente de toda a força militar, de todo armamento, e de todo o dinheiro que existião na provincia; portanto, de todos os elementos possiveis e indispensaveis para a completa victoria de sua causa.

Não obstante esse feliz conjuncto de elementos tão importantes, grande foi a inactividade em que se pozeram, e inexplicavel a causa de tal inacção, que veio finalmente matar a empreza principiada sob tão bons auspicios.

Nesse entretanto o que fazião os povos do reconcavo, e a grande massa dos para ali emigrados da cidade?

Logo no dia que tomou posse do governo da provincia em Cachoeira, fez Barretto Pedroso a seguinte proclamação aos bahianos:

«Bahianos! Ao entrar nesta importante provincia, fui profundamente magoado com a noticia de que vossa Capital estava occupada por um grupo de rebeldes, que, em seu tresloucado procedimento, pretenderam nodoal-a com o infame ferrete de desleal e perjura.

Minha magoa, porém, cessou com a certeza, que tambem tive de que o vosso acrysolado patriotismo e a incomparavel energia do Exm. Snr. presidente havião preparado os meios de esmagar a rebeldia,

que ameaça engolir vossas propriedades e vossas vidas.

Bahianos! empossado hoje do honroso cargo da presidencia, afianço-vos que continuarei a pôr em pratica as sabias medidas tomadas por meu predecessor, cujo zelo e actividade procurarei imitar: não conhecerei um momento de repouso emquanto a provincia tiver em sua capital o bando de rebeldes que a conspurca.

Estes meus sentimentos e a profunda convicção que tenho de vossa adhesão ao throno e a integridade do imperio me fazem esperar, que breve, muito breve, será restituida a capital á obediencia das leis, e que nella proclamaremos:

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o Snr. D. Pedro II!

Viva a integridade do imperio!

Vivam os bravos defensores de tão augustos objectos!

Cachoeira, 19 de Novembro de 1837.—Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

Aos soldados que se tinhão deixado ficar na capital, fez elle no dia seguinte esta proclamação:

«Soldados que restaes na capital da provincia!

Que é que vos ahi detem?

A subordinação devida aos vossos officiaes? Não, que essa é tão somente para guardar a constituição do imperio, obedecer e servir ao imperador e á patria, e, pelo contrario, elles se rebellão effectivamente contra a constituição, que juraram contra o imperador e contra a patria, que devem obedecer e servir. O interesse do soldo que os rebeldes vos tem promettido?

E' a maior deshonra em que poderião cahir os soldados brazileiros, a de perjurar, sacrificando a patria a troco de um certo numero de dinheiro; é o mais infame dos crimes em que os perversos vos procurão involver, pois que esse dinheiro que vos promettem é roubado dos cofres publicos, dos orphãos e dos depositos particulares, que elles não podiam abrir, e muito menos arrombar.

Soldados mostrae-vos puros de tamanhos e tão nefandos crimes, da maior de todas as deshonras e torpezas!

Aquelles, que directamente e por factos, tentaram destruir a integridade do imperio e cosummaram este horrendo crime, acclamando a provincia da Bahia em estado independente, estão incursos nas penas de prisão perpetua, com trabalho no gráo maximo, prisão com trabalho por 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 68 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente e por factos destruir a constituição politica do imperio, ou a forma de governo estabelecida e consummaram este crime, acclamando o governo republicano estão incursos nas penas de prisão perpetua com trabalho no gráo maximo, de prisão com trabalho de 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 85 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente, e por factos, desthronisar o imperador, privando-o em todo de sua jurisdicção constitucional nesta provincia, e o consummaram acclamando-a estado independente e republicano, e abandonando-a ao furor do rabido ante-militar Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, estão como elle incursos na pena de prisão perpetua com trabalho no gráo maximo, prisão com trabalho por 20 annos no medio, e por 10 annos no minimo, segundo o art. 87 do codigo penal.

Aquelles que tentaram directamente,ou por factos, contra o regente do imperio, para prival-o em todo de sua jurisdicção constitucional, e consummaram este crime allegando e reconhecendo como governadores da provincia ( a que chamam estado e absolutamente independente ) os rebeldes João Carneiro da Silva Rego e Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, estão incursos na pena de prisão com trabalho por 20 annos no gráo maximo, por 12 no medio e por 6 no minimo.

Aquelles que têm roubado os cofres publicos da

fazenda nacional e provincial, os dos orphãos e dos depositos, arrombando-os, estão incursos nas penas de galés por 1 a 8 annos, segundo o art. 269 do referido codigo. Além das penas civis estão os militares sugeitos ás penas dos artigos de guerra!!

Quaesquer pessoas do povo, e principalmente os soldados e empregados publicos são obrigados a prender criminosos taes, porque emquanto a capital da provincia não fôr d'elles expurgada pelas forças constitucionaes, se considerão em flagrante e por atrozes e nefandos crimes podem e devem ser presos sem culpa formada.

Bahianos em geral! O governo da provincia, fiel á constituição, ao imperador e á patria, vae empregar immediatamente o maior vigor e energia, que tudo quanto ha de mais sagrado, honroso e interessante exige, para restituir a paz, a honra e a dignidade desta provincia.

Todas as embarcações nacionaes e estrangeiras existentes no ancoradouro e franquia da capital vão ser effectivamente retiradas para as aguas de Itapagipe e Itaparica. A esquadra nacional, composta dos navios de guerra—*Carioca*, *Vinte e Nove de Agosto*, *Sete de Abril e Tres de Maio* e das canhoneiras armadas, occuparão posições mais convenientes para, de combinação com o exercito, realisarem o necessario, urgente e indispensavel designio de restituir o imperio da lei, a paz e a tranquillidade da capital.

Soldados! Bahianos em geral!

Extremae-vos dos criminosos, evitae-os e correi aos braços dos vossos companheiros e camaradas fieis, que os males da provincia de prompto desapparecerão.

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o Snr. D. Pedro II!!

Viva o regente interino de imperio!

Vivam todos os bahianos constitucionaes e fieis.

Cachoeira, 20 de Novembro de 1837.—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

## XI

A' proclamação de 20 de Novembro do presidente Pedroso aos soldados da capital respondeu, a 21, o vice-presidente do estado da Bahia com a seguinte aos habitantes do reconcavo.

«Habitantes do reconcavo! Não podendo o governo do estado da Bahia ser indifferente aos males com que ainda hoje vos pretende opprimir uma récoa de despresiveis e fôfos aristocratas que, a custa de vosso sangue e de vossa liberdade, só tem em vista a defesa de seus lucros, ainda que para isso se extinga o doce nome de patria, e com esta desça ao abysmo um numero infinito de seres americanos; e não podendo, outrosim, deixar de abrir vossos olhos em frente da justiça e vossos ouvidos á voz da razão, e sempre solicito, emfim, em promover com todas as forças a seu alcance a vossa paz, união e felicidade, cumpre que, sem cessar, vos falle a linguagem da verdade.

Habitantes do reconcavo! Não vos deixeis fascinar pelos vossos verdadeiros inimigos; cerrae vossos ouvidos a phraseologia fraudulenta d'essas sanguesugas do povo!

Uni-vos aos vossos irmãos bahianos que, pelo seu comportamento, bem têm demonstrado suas justas e bem fundadas intensões.

Não abandoneis vossas familias para d'est'arte defenderdes vossos gratuitos inimigos que, debaixo de uma fingida amisade á patria (nome para elles phantastico e abominavel) vos pretendem armar e matar, deixando-se, porém, elles a coberto do furor dos homens livres, que jamais tributarão respeito ao monstro horrendo do despotismo.

Sim, elles emigraram, suas vistas são a sua defeza e o vosso exterminio; elles dizem que estão promptos a empunhar as armas, porém, onde não vejão o menor vislumbre de perigo, entretanto que vós, e só vós, estaes para elle no caso de expordes vossos peitos ás balas, de que só elles são merecedores.

Sim, se sahiram da capital (onde nadão a paz e a união bahiana,) para vos fazerem a guerra, ou melhor, para sustentarem seus interesses particulares, a elles compete virem bater-nos, e não a vós que nenhum interesse tendes em derramar o sangue de vossos caros compatriotas, e nem no desamparo de vossas familias.

Sim, elles que venhão, e conhecerão então de quanto é capaz um filho da liberdade!

Deponde as armas, entre nos vossos misteres. e commigo entoaremos todos com ineffavel gosto vivas eternos a religião, ao Sr. D. Pedro II, á independencia da Bahia durante a menoridade d'este, e a todos os bahianos dignos d'esse nome tão grande na historia das nações.

Palacio do governo do estado da Bahia, 21 de Novembro de 1837.—João Carneiro da Silva Rego.»

Por esse tempo já se achava em Pirajá uma parte da força que, desde os primeiros dias da revolução, o presidente Paraiso tinha ordenado se organisasse e para ali seguisse.

Nesse mesmo dia, 19 de Novembro, em que na Cachoeira Pedroso tomava posse do governo, passando das mãos de Paim para as suas, temos um interessante officio do chefe de policia Francisco Gonçalves Martins, escripto no dito acampamento de Pirajá ainda ao presidente Paraiso, em que pinta o estado delle.

Diz que a sua posição ainda era a mesma, continuando assim emquanto não chegassem os reforços esperados de Santo Amaro, ou não se conseguisse adquirir algum armamento para as praças que, sendo aliás boas, estavão de braços cruzados.

Não lhes faltavão munições de bocca, graças a actividade do commissario geral, e o triste estado em que se achavão a respeito das munições de guerra, se tinha melhorado; porque, tendo se conseguido com difficuldade alguma polvora e chumbo, trabalhava-se muito na factura de cartuchames, no que se empregavão até senhoras que se achavão no engenho Cabrito.

Esperava-se ser atacado pelos rebeldes antes de vir o soccorro que se esperava da corveta *Sete de Abril*, que tinha entrado, e com cujo commandante não se tinha entrado ainda em combinação.

Com effeito, diz o chefe de policia, si os rebeldes *conhecessem bem seus interesses devião ter já atacado.*

Entretanto armaram com duas peças, segundo constava no acampamento, o paquete *Brasilia*, e tomaram a posição de Mont-Serrat para ver se sorprehendião a tropa que d'ahi devia vir.

Mas o commandante das armas officiara nesse dia ao commandante das forças navaes para que tomasse aquella posição e armasse alguns lanchões para a policia do porto, e que com elle viesse ter uma conferencia para se concertarem mutuamente na disposição de suas forças, no caso de um ataque activo ou passivo.

Esperava Martins nesse dia o visconde de Pirajá e Alexandre Argollo que querião, depois de uma conferencia n'aquelle acampamento, ir organisar uma força em Itapoan, Matta e Torre.

Com effeito já o visconde da Torre tinha estado em Pirajá, onde já a 14 de Novembro dirigira a seguinte proclamação:

« Bahianos! Amigos e camaradas reunidos no acampamento de Pirajá. Eu vos saúdo e annuncio que breve findará vosso soffrimento, pois que do reconcavo marcha força para se reunir n'este ponto e da Torre 1.200 homens, entre estes muitos que tiverão a gloria de fazer a campanha de nossa independencia.

Viva a religião!

Viva o nosso jovem imperador, o Snr. D. Pedro II!

Vivão os bahianos amigos da legalidade e da ordem!

Pirajá, 14 de Novembro 1837.—Visconde da Torre de Garcia d'Avila, coronel.»

Para, pois, de mais perto poder dar as mais energicas providencias, no sentido de augmentar

as forças reunidas em Pirajá deliberou Pedroso partir de Cachoeira para alli, o que fez a 25 de Novembro.

Mas na vespera proclamou ao povo daquella cidade pela fórma seguinte:

«Cachoeiranos! Convindo que immediatamente á entrada das tropas legaes na capital da provincia eu esteja onde possa dar promptas e energicas providencias para o restabelecimento da ordem publica, parto para Pirajá. A vossa rica cidade continúa a ser, entretanto, as éde do governo provincial.

Cachoeiranos! Coadjuvae as autoridades restabelecidas, e continuareis a gosar a tranquilidade indispensavel para o desenvolvimento de vossa industria e augmento de vossa riqueza, firmes como até aqui em guardar vossos juramentos, proclamemos á face do mundo.

Viva a religião!

Viva a constituição!

Viva o imperador, o Snr. D. Pedro II!

Viva o regente interino em nome do imperador!

Vivam os defensores da legalidade!

Palacio do governo da cidade da Cachoeira, 24 de Novembro de 1837. Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

No dia 26 estava o presidente em Itaparica, e no dia seguinte em Pirajá, onde fez a seguinte proclamação:

«Compatriotas e soldados reunidos em Pirajá! Eis-me entre vós para testemunhar o valor e heroismo com que correis a defender a constituição, a integridade do imperio e o throno do nosso jovem e amado imperador, o Snr. D. Pedro II.

Compatriotas e soldados! Os vossos comprovincianos, o Brazil inteiro têm fitos sobre vós os olhos, e observão vosso comportamento; mostrae-lhes mais uma vez que os bravos, que se reunem em Pirajá em defeza do imperio e de sua integridade levão comsigo a victoria. Viva a constituição!

Viva o imperador, o Snr. D. Pedro II!

Viva o regente interino!

Pirajá, 27 de Novembro de 1837—Antonio Pereira Barretto Pedroso.»

Grande tinha sido a actividade deste presidente em ajuntar forças e em dar todas as providencias precisas. Apesar de tudo isto sentião grande falta de armamento as forças agglomeradas em Pirajá. Isto é facil de imaginar-se, quando se ponderar que todo o armamento da provincia se achava nos arsenaes da capital, e estes tinhão cahido em poder dos rebeldes.

Barretto Pedroso fez, pois, todos os esforços para procurar armas onde as houvesse, já requisitando-as do Rio, já de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, já até pedindo emprestado aos consules estrangeiros.

Apesar, pois, de todos estes contratempos, e desvantagens nos arraiaes da legalidade, não se movião ainda os senhores da cidade.

Bloqueiados por mar, e cercados por terra, tinhão incorrido no mesmo erro, e repetião em 1837—38 o mesmo espectaculo de 1822 e de 1624—25.

Em 1822 o bloqueio tornou-se um verdadeiro cerco; cada vez mais densamente apertava-se o circulo dos sitiantes ao redor da cidade, e quando, a 7 de Novembro, os portuguezes quizerão fazer uma tentativa de romperem as linhas inimigas, forão, não obstante uma investida tempestuosa, trez vezes repetida, rechassados, e viram-se forçados a recuar para dentro de suas muralhas com sensibilissima perda.

Era isto a repetição do que a 200 annos se deu na epocha da occupação hollandeza; todo o paiz estava nas mãos dos brazileiros, que retinham os estrangeiros fechados dentro da cidade conquistada, sem que os podessem supplantar, nem pela fome, emquanto estivesse aberta a communicação com o mar

Foi, pois, em ambas as epochas, uma frota a que teve de dar o golpe decisivo. No tempo colonial foi a ella que competiu dal-o; no da independencia deu-o sob o commando de lord Cockrane; na Sabinada vel-a-hemos depois vir decidir a questão.

Por emquanto, porém, de poisde estabelecido o bloqueio, e tomados pelas forças de terra dos legalistas os pontos historicos, vamos ver os rebeldes procurarem romper as linhasinimigas.

Nesta empreza os encontraremos agora a 30 de Novembro e 14 de Dezembro.

Quanto ao feito de 30 de Novembro, eis como uma gazeta da epocha, *O Constitucional Cachoeirano* de 7 de Dezembro de 1837, nol-o relata:

Ao amanhecer o dia 30 atacaram os rebeldes com todas as forças que poderam os pontos da Campina e do Cabrito, montando suas tropas em perto de 800, segundo uns, e em perto de 1.000 segundo outros, concordando as noticias em que a força que acabou Cabrito montava em 300 homens.

Neste ponto achava-se apenas em observação um piquete de 20 homens da expedição de Cachoeira, commandada pelo tenente José Raymundo de Figueiredo Branco.

Conhecendo os rebeldes a insignificancia da força neste ponto, approximaram-se dos constitucionaes, (como se intitulavam os que combatiam pela legalidade) quanto poderam, mas achando n'elles uma desesperada resistencia, retiraram-se antes que chegasse áquelles um reforço de 250 homens commandados pelo coronel Senra, que foi ao seguimento delles até o Engenho da Conceição.

Um dos informantes da gazeta, de que nos vieram estas noticias, dizia que suppunha-se terem perdido os rebeldes muita gente, porque acharam-se 20 armas, muitos sapatos, barretinas, etc., e que até 2 de Dezembro constava de 15 mortos e feridos da gente delles, e dos constitucionaes somente o tenente José de Aquino Tanajura, que teve uma perna quebrada antes do ataque, por ter-se afoitado a ir com apenas 6 homens reconhecer as forças contrarias, e que um sargento de policia, que foi aprisionado, foi logo fuzilado pelos rebeldes, o que deu motivo a querer o commandante das armas entrar na cidade, o que faria se toda a tropa estivesse armada.

No ponto da Campina estava uma guarnição policial da capital com 60 homens commandados pelo major José da Rocha Galvão.

Esta pequena força, insignificante em relação a que a atacou que, segundo informaram as cartas, chegava a 500 homens, resistiu heroicamente até ser reforçada por 600 homens, commandados pelo commandante das armas Argollo, distinguindo-se especialmente o dito seu commandante Galvão e os officiaes de seu commando.

Perderam os rebeldes, segundo o nosso informante, neste ponto, 10 homens, entre os quaes alguns gravemente feridos, 8 prisioneiros, e um homem, que refugiou-se entre os constitucionaes.

A perda destes foi de um soldado policial de cavallaria.

São estas as noticias dos feitos desse dia, dadas pelos constitucionaes. Do lado dos rebeldes nenhuma ha. Comtudo alguma luz dá a seguinte proclamação desse mesmo dia do vice-presidente do estado:

« Bravos soldados da patria!

Valentes defensores da independencia e da liberdade da Bahia!

O governo não pode exprimir seus sentimentos de jubilo e gratidão pela ordem com que hoje marchastes para encarar os nossos inimigos, os inimigos dos direitos da natureza e humanidade.

E' certo, já se não pode duvidar, está segura a liberdade da Bahia com tão valentes soldados; com cidadãos tão abrasados no fogo sagrado do patriotismo, é impossivel que nos possam vencer escravos despresiveis, homens insensatos, que sem algum fundamento nem criterio, sem honra, sem virtudes, se querem distinguir dos outros homens.

Virtude só pode existir nos livres corações, virtuosos são os defensores da liberdade. Recebei, bravos da independencia, recebei, denodados officiaes e soldados, os agradecimentos deste governo. Os ceus hão de abençoar nossa causa.

Deus está com os livres. Elle protege os nossos

irmãos e patricios para que se possam livrar das vergonhosas illusões dos absolutistas, afim de correrem aos nossos braços.

Viva a religião catholica, apostolica romana!

Viva o Sr. D. Pedro II!

Viva a independencia da Bahia durante a menoridade do mesmo augusto Senhor!

Viva a liberdade!

Vivam os bahianos livres!

Viva a briosa e denodada tropa da Bahia!

Bahia, 30 de Novembro de 1837.—*José Carneiro da Silva Rego.*

Bahia, Maio de 1890.

FRANCISCO VICENTE VIANNA.

(*Continúa*)

# EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

Aristides A. Milton

## OUTUBRO

### 1.º de Outubro

—Em 1823, marchou desta cidade—então villa—para a pôvoação de Nazareth o sargento-mór de cavallaria Francisco Theobaldo Sanches Brandão, que por ordem superior assumiu, tres dias depois, o commando do destacamento da referida pôvoação, e da villa de Jaguaripe tambem.

A medida foi dictada, ainda, no interesse de consolidar a independencia nacional, que ali contava inimigos implacaveis e numerosos.

—Em 1832, a camara municipal desta cidade—então villa—mandou distribuir pelas escólas publicas primarias, existentes no territorio de sua jurisdicção, 15 exemplares da *Historia de Simão de Nantua*, que para esse fim lhe tinha offerecido, por intermedio do presidente da provincia, hoje Estado, a *Sociedade Conciliadora*, estabelecida na capital.

A esse tempo, as escólas do municipio tinham sua séde: uma aqui, e outra no arraial da Moritiba.

Presentemente, funccionam só nesta cidade oito aulas publicas de primeiras lettras, a saber, 4 para o sexo masculino e 4 para o feminino. Dellas o Estado mantém duas e o municipio seis, uma é nocturna e sete são diurnas. No Capoeirussú, suburbio

da cidade, existe uma outra escóla municipal, para ensino de ambos os sexos.

—Em 1858, foi aberta á serventia publica a *Praça do Mercado*, que o cidadão Francisco Melchiades de Cerqueira construira, ao Largo da Manga desta cidade.

A população, porém, birrou com o melhoramento, e não houve força capaz de fazel-a se utilizar delle.

De balde, a policia interveio para auxiliar a camara municipal, no proposito de coagir o povo a fazer do novo edificio o centro do commercio de cereaes e verduras. A essa ordem o povo oppoz uma resistencia invencivel!

Em consequencia, foi fechada a *Praça de Mercado* e, passados alguns annos, demolida por amor á belleza do sitio, em que estava servindo de verdadeiro trambolho.

O peior é que até hoje não temos um mercado publico, digno desse nome.

Vem a talho de fouce a recordação de um facto egual, que aqui mesmo occorreu, faz muito tempo já.

O capitão Antonio Paes Cardoso da Silva, tendo melhorado o trecho então concluido do cáes desta cidade, no que despendera *para cima de 12.000 cruzados*, conforme affirmou, quiz obrigar o povo a ir vender todo o pescado para a *praça do peixe*, que elle capitão preparara junto á sua casa de negocio.

O povo resistiu e venceu, não obstante o requerimento longo e pretencioso, que o interessado se lembrou de levar á presença do rei.

—Em 1864, a irmandade do Sanctissimo Coração de Maria, creada na capella do Rosario, ao Monte Formoso, desta cidade, resolveu edificar um cemiterio para sepultura de seus irmãos.

O projecto foi, opportunamente, levado a effeito.

—Em 1872, alguns devotos comprometteram-se a reedificar a capella da Conceição dos Pobres, existente no bairro do Caquende, desta cidade, e cuja primeira pedra tinha sido lançada em 1.º de Janeiro de 1855.

Agora a capella se ostenta modesta, mas graciosa, na praça que tem o mesmo nome do bairro, onde ella serve á pratica do culto catholico.

—Em 1882, se finou nesta cidade, que o tinha visto nascer, José Raymundo de Figueiredo Branco, musico distincto, que á falta de escóla, deixou de ser uma gloria nacional.

Morreu quando apenas contava 32 annos de edade, mas nos legou composições bastantes para se poder aquilatar a pujança de seu talento, e a fecundidade de sua inspiração.

—Em 1893, começou a funccionar a estação arrecadadora dos impostos municipaes, desta cidade, a que o povo denomina *alfandega*, e foi desde então estabelecida no caes dos vapores.

## 2 de Outubro

—Em 1797, o ouvidor-geral desembargador Joaquim Antonio Gonzaga perguntou, na audiencia de correição que abrira, de quem era a villa da Cachoeira. E todos os membros da respectiva camara responderam — «que a Cachoeira era de sua magestade fidelissima, o rei de Portugal».

Hoje, a Cachoeira não é mais, seguramente, de rei algum; mas não faltam cidadãos, que lhe pretendam impôr o dominio eleitoral . . .

—Em 1822, o major José Antonio da Silva Castro, commandante dos caçadores voluntarios do Principe regente, representou ao Conselho interino de governo da Bahia, que tinha a séde nesta cidade, então villa, sobre a necessidade do juramento de bandeira ao seu batalhão.

E assim se deliberou.

Esse batalhão foi o que tomou posteriormente o nome de *Periquitos*, e veio a se celebrisar na Historia, em consequencia do assassinato do coronel Felisberto Gomes Caldeira.

(Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, vol. 30, pag. 290).

—Em 1840, a camara municipal desta cidade fez

expôr aos lavradores do termo varios desenhos de machinas modernas, que — como amostras — lhe tinham sido enviados de New-York.

Os lavradores viram tudo, mas torceram desdenhosamente o nariz.

Dispunham elles então da machina chamada *escravo*, em que confiavam de mais, como ainda hoje confiam na rotina, que si não fôr abandonada os ha de tragar por força.

—Em 1881, foi sepultado o tenente-coronel Fortunato José Ferreira Gomes, que fôra—em tempo—negociante nesta cidade, e depois collector em S. Felix.

Homem de indole pacifica, e cidadão respeitador da lei, gozou sempre de geraes sympathias

Amava doidamente o jogo das loterias, em que perdeu muito dinheiro.

—Em 1893, falleceu com 32 annos de edade o padre Antonio Onofre da Silva, que servira de vigario encommendado nas freguezias de Villa-Nova da Rainha e do Sapé, tendo nascido nesta cidade, onde está sepultado.

—Em 1896, finou-se o cidadão Aristides Martins de Oliveira, que era industrial e commerciante nesta cidade, onde nascera.

Contava 39 annos de edade.

## 3 de Outubro

—Em 1657, foi nomeado o major Pedro Gomes para abrir um *caminho de carro*, desde esta cidade, então simples pôvoado, até á borda da matta da serra do Orobó, logar onde se devia edificar uma villa e casa forte, «como meio mais efficaz de se evitarem as hostilidades, que o gentio barbaro fazia nas freguezias de redor».

— Em 1852, foi assassinado em seu engenho de fabricar assucar, na freguezia do Iguape, termo e comarca desta cidade, o coronel Manuel Ferraz da Motta Pedreira, que occupava posição distincta na

sociedade cachoeirana, e era commandante superior da guarda nacional de Maragogipe.

Nunca foi conhecido exactamente o movel de tão grave crime.

Não será de mais aqui lembrar—que o presidente da provincia reluctou muito em dar posse do pôsto ao coronel Ferraz, sendo preciso que o aviso imperial de 7 de Fevereiro de 1839 assim o determinasse positivamente.

—Em 1892, deu-se começo a uma segunda exploração para trabalhos de desobstrucção do Paraguassú, cuja navegabilidade se vae tornando mais difficil, de dia a dia.

Infelizmente, de estudos ainda não se passou, nem creio que tão cedo se passe. E' pena, entretanto, que se venha a inutilisar uma via de communicação tão commoda e barata.

## 4 de Outubro

—Em 1819, o marquez de Barbacena—Felisberto Caldeira Brant Pontes, que tinha sido o introductor da vaccina no Brazil, conforme já referi, mandou construir um barco a vapor, que foi o primeiro a sulcar as aguas do poetico Paraguassú.

Depois de algumas viagens, esse navio foi atirado por uma tempestade á costa de Mont-Serrat, na bahia de Todos os Sanctos, de onde mais não safou.

Por decreto de 3 de Agosto de 1818, fôra concedido privilegio exclusivo, por 14 annos, ao marechal Felisberto Caldeira, ao commendador Pedro Rodrigues Bandeira, e ao capitão-mór Manuel Bento de Souza Guimarães, para navegarem por vapor os rios e as costas da provincia da Bahia, hoje Estado.

Assim, pois, o primeiro barco a vapor, que navegou em aguas brazileiras foi aquelle, construido para o rio Paraguassú, por iniciativa do marquez de Barbacena.

Em 1822, comtudo, surgiu no Rio de Janeiro a barca a vapor *Bragança*, a cujo bordo foram transportados para Sanctos o patriarcha José Bonifacio

de Andrada e Silva, e a deputação que o acompanhava.

Já naquella época, porém, contavam-se nos Estados-Unidos da America 35 navios, movidos a vapor.

## 5 de Outubro

—Em 1805, tiveram começo as obras da capella do Amparo, desta cidade.

Em 1815, foi transferida para ella a Imagem da respectiva padroeira, que até então se venerava na egreja Matriz.

Data, entretanto, de 1690 a creação da irmandade, transformada depois em confraria, de Nossa Senhora do Amparo, cujo compromisso foi approvado em 2 de Agosto de 1699.

O novo templo, que ella edificou, precisa ainda de ser caiado nos outões e no fundo, mas está collocado exactamente no sitio, em que outr'ora existiu a pequena Casa de oração consagrada a S. Francisco de Paula, cuja bella estatua foi—em tempo—removida para a capella de Nossa Senhora d'Ajuda, onde até agora se conserva.

—Em 1843, a camara municipal desta cidade se dirigiu por officio ao presidente da provincia, solicitando a entrega dos 9:200$000, que a lei do orçamento provincial, promulgada em 18 de Maio do mesmo anno, havia consignado para obras publicas no municipio.

A camara recebeu, não ha duvida, aquella quantia; mas por muitos annos não viu mais um vintem sequer dos cofres provinciaes.

—Em 1857, o presidente da provincia, hoje Estado, nomeou nova commissão para se encarregar de construir um cemiterio nesta cidade, de accordo com o architecto Lenoir.

E' verdade que a planta da obra chegou a ser levantada, dahi porém não se passou.

Si não havia dinheiro...

—Em 1892, foi publicada a lei federal n. 97, per-

mittindo a livre entrada, no territorio da Republica, de immigrantes asiaticos.

Em 3 de Outubro de 1844, o *Correio Mercantil*, da Bahia, já pleiteava pela immigração chineza; e uma vez abolida a escravatura, os lavradores do norte do paiz encaravam aquella providencia como indispensavel e salvadora.

Até o presente, no entanto, nada se tem feito para aproveitar os effeitos da lei com tanto custo votada.

## 6 de Outubro

—Em 1807, uma Carta regia mandou—que fossem sentenciados, de accordo com os autos, e numa só instancia, todos os escravos *da nação Ussá*, que haviam se insurgido em varios pontos da Bahia.

Quaesquer que fossem as sentenças proferidas, deveriam ser executadas immediatamente. O ouvidor geral do crime ficou encarregado de relatar esses feitos, e julgal-os com os demais adjuntos da respectiva Relação.

—Em 1809, um decreto real confirmou solemnemente o privilegio, que os padres da Congregação do Oratorio, em Lisboa, tinham para compôr e publicar,.. «folhinhas do anno», nos termos dos decretos de 27 de Julho de 1709, e de 28 de Dezembro de 1740.

Este facto só por si caracterisa uma época e dá idéa exacta do regimen de governo, que então felicitava a minha patria.

—Em 1880, falleceu na capital da Bahia o cons. Antonio Ladisláu de Figueiredo Rocha, que nascera nesta cidade a 3 de Maio de 1813.

Desembargador aposentado, havia elle exercido antes outros cargos de magistratura, e de policia tambem.

Como vice-presidente, administrara a provincia, prestando-lhe bons serviços, entre os quaes é justo destacar a fundação do asylo *S. João de Deus*, para alienados.

Membro da assembléa provincial, e depois deputado

eleito á assembléa legislativa geral, foi sempre um homem de partido e convicções inabalaveis.

O governo imperial, para galardoar o merecimento do cons. Figueiredo Rocha, lhe conferira as honras de membro do Supremo tribunal de justiça.

## 7 de Outubro

—Em 1875, succumbiu na cidade do Rio de Janeiro onde estava como deputado á assembléa legislativa geral pelo districto desta cidade, o desembargador Manuel Joaquim Bahia.

Anteriormente, havia elle representado o Piauhy, na mesma camara, tendo tomado assento—como supplente—na sessão de 1856.

Juiz de direito, que o fôra em varias comarcas, inclusive a desta cidade; chefe de policia interino daquella provincia; presidente do Tribunal do Commercio da Bahia; o nosso digno comprovinciano foi sempre acatado como homem probo e como Juiz honesto.

## 8 de Outubro

—Em 1657, o governador e capitão general do Brazil—Francisco Barretto mandou abrir uma nova estrada. Partindo desta cidade, que era então pequeno pôvoado, devia terminar ella á borda das mattas do Orobó; «com o fim de evitar as hostilidades, que o gentio barbaro costumava sustentar contra os habitantes da Cachoeira, Jaguaripe, e mais logares adjacentes».

De tão proveitoso trabalho foi encarregado o sargento-mór Pedro Gomes.

—Em 1893, falleceu na sua fazenda *Paulista*, da freguezia de Sancto Estevam do termo desta cidade, o tenente coronel Manuel Pires Pedreira.

O finado que ficara cego, e contava cerca de 90 annos de edade, exercera por muito tempo grande influencia eleitoral na circumscripção de sua residencia.

## 9 de Outubro

—Em 1822. o Conselho interino do Governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, ordedou—que as alfaias, dos templos e das irmandades, destinadas ao culto divino e á piedade christan, fossem convenientemente acauteladas.

E neste proposito dirigiu-se por officio ao ouvidor da comarca, afim de que este, fazendo exhibir os inventarios daquellas preciosidades, intimasse os fabriqueiros, thesoureiros, e quaesquer outros administradores para que as encaixotassem, tomando as especificações necessarias, e depois as remettessem para o centro da provincia, hoje Estado. Ali deveriam ser todas ellas confiadas á guarda de algum proprietario chão e abonado, á escolha do mesmo ouvidor, que disto scientificaria—em tempo—ao dito Conselho.

E assim se cumpriu.

—Em 1874, finou-se o Dr. Francisco Baptista de Moura Leone, que era medico formado na Italia, e residia nesta cidade.

Natural da Barra do Rio Grande, o Dr. Leone contava apenas 39 annos de edade, mas tinha uma clinica extensa.

Era homem de temperamento ardentissimo.

--Em 1883, expirou na cidade do Rio de Janeiro o Dr. Antero Cicero de Assis, juiz de direito em disponibilidade, e deputado geral por Goyaz.

Alma generosa e fidalga, bondoso e magnanimo coração, bem digno era o Dr. Antero de ter passado vida menos triste e penosa. Os ultimos dias de sua existencia foram de tortura e provação.

A memoria de seu nome, no entanto, perdurará bemdicta pelos muitos necessitados, a quem elle soccorreu na penuria, lhes estendendo a bemfazeja mão; sempre, porém, com o segredo e o recato, que o Christo a todos nos ensina e recommenda.

O malogrado cachoeirano, pela independencia de caracter de que forneceu provas inconcussas, principalmente como promotor publico da justiça, que o

fôra por largo tempo na Feira de Sant'Anna, honrou a terra de seu berço.

## 10 de Outubro

—Em 1883 fugiram oito presos da cadeia desta cidade, então villa.

Attribuiram o facto a deleixo do carcereiro, que aliás não foi devidamente punido.

## 11 de Outubro

—Em 1769, tomou posse do governo da Bahia— D. José da Cunha Gran Ataide e Mello, que promoveu a cultura do tabaco (fumo) nos campos desta cidade, então villa.

Nesse empenho, o illustre governador foi dedicadamente auxiliado pelo desembargador José Gomes Ribeiro, encarregado de animar nesta zona o plantio da preciosa solanea.

## 12 de Outubro

—Em 1709, o Dr. J. Pereira, ouvidor geral da comarca desta cidade, então villa, lançou curioso provimento, com endereço á camara, lembrando a esta varios preceitos, que infelizmente logo depois tornaram a cahir num completo esquecimento.

Dentre elles, reproduziremos dois, que o diligente magistrado citou: *oderunt peccare boni virtutis amore; oderunt peccare mali fomidine pœnæ....*

—Em 1822, a Commissão da caixa militar da villa do Rio das Contas, presidida pelo cap.-mór Antonio José de Menezes, levou ao conhecimento do Conselho interino do Governo da Bahia, creado nesta cidade, então villa, achar-se organisada, e disposta a se esforçar pela causa commum.

E fr. José Maria Brayner pediu, e foi-lhe concedida, permissão pelo mesmo Conselho para crear a *companhia guerrilheira de couraças*, com o fim de servir aos patriotas, que estavam se batendo pela causa nacional.

—Em 1841, a camara municipal desta cidade mandou cantar um solemne *Te-Deum*, commemorando a coroação e sagração de D. Pedro II, que era imperador do Brazil.

—Em 1864, falleceu em S. Gonçalo dos Campos, da comarca desta cidade, o padre Gonçalo Pedreira do Couto, que era muito laborioso e conhecido sacerdote.

## 13 de Outubro

—Em 1886, falleceu—com 65 annos de edade—o alferes Tiberio Lopes Regadas.

Passava por ser a *chronica viva* desta cidade, que elle amava com todos os extremos de um acendrado bairrismo.

Intelligente e bem conservado, era de ver o bom senso e criterio, com que tratava os assumptos de interesse geral; assim como o cuidado em que se esmerava em fazer e conservar as melhores relações com os artistas de nóta.

Em tempo, havia sido negociante.

## 14 de Outubro

—Em 1822, o inspector do commissariado de guerra —Antonio Maria da Silva Torres instou com o Conselho interino do Governo da Bahia para conservar nesta cidade, então villa, o *trem de guerra* que nella fôra fundado. E, com o fim de desenvolvel-o, simultaneamente indicou varias medidas que, no seu conceito, deveriam ser tomadas.

Esse *trem* prestou serviços assignalados, e ainda a 17 de Junho havia fornecido ao exercito balleiras de ferro, patronas, pratos de estanho e outros objectos.

## 15 de Outubro

—Em 1855, foi devidamente benzido o cemiterio destinado ás victimas do *cholera-morbus*, que assolava então esta cidade.

O modesto campo sancto ficava situado na area, que a capella do cemiterio da Misericordia e suas adjacencias presentemente occupam.

—Em 1857, uma resolução da Assembléa legislativa provincial creou a freguezia do Senhor Deus Menino de S. Felix, desmembrando para isto o territorio necessario da de S. Pedro da Moritiba, que a esse tempo fazia parte do termo e comarca desta cidade.

—Em 1881, por decreto sob n. 8.278, foi feita á companhia *The Bahia Central Sugar Factories, limited*, a concessão para estabelecer dois engenhos centraes neste Estado, então provincia; devendo ficar um delles collocado na freguezia de Sant'Iago do Iguape, do termo desta cidade.

A mesma concessão foi renovada no decreto n. 635, de 1890, expedido pelo Governo provisorio da republica.

## 16 de Outubro

—Em 1834, o presidente da provincia, hoje Estado, remetteu para esta cidade—então villa—400 saccas de farinha de mandioca, afim de serem vendidas ao povo, sem lucro; pois havia falta absoluta desse genero alimenticio, em nosso mercado.

## 17 de Outubro

—Em 1857, a camara municipal desta cidade indeferiu a reclamação dos negociantes estabelecidos á rua dos Arcos contra a transferencia, que fôra feita, do mercado de cereaes para o *Largo do chafariz*, (Praça da Regeneração.)

Annos depois, o antigo açougue, situado á mesma praça, foi transformado em celleiro publico, tendo antes porém servido de mercado

Esse casarão, no entanto, desde muito devera ter sido demolido para melhor hygiene e o necessario embellesamento da rua do Amparo.

—Em 1893, falleceu e sepultou-se em S. Gonçalo

dos Campos o artista Antonio Salustiano Pimenta, que tinha 49 annos de edade, e nascera cachoeirano.

Era musico de primeira agua, e si tivesse cursado algum dos Institutos europeus a sua reputação seria vasta, quanto incontestada.

—Em 1895, succumbiu na capital da Bahia—o Cons. Dr. Antonio de Cirqueira Pinto, nascido em 1820 na freguezia de S. Gonçalo dos Campos, então do municipio desta cidade.

Servira como lente da Faculdade de medicina desde 1855 até 1890; e de maio de 1891 ao mez de agosto de 1895 exercera o cargo de director da mesma; tendo sido sempre bemquisto e respeitado.

## 18 de Outubro

—Em 1698, foi mandado construir nesta cidade, então villa, o primeiro matadouro, que ficou bem collocado no largo outr'ora conhecido por *Curraes velhos*, e hoje denominado *Marechal Deodoro*.

Dessa data em diante, o serviço da matança tem mudado muitas vezes de logar; mas, não obstante, o matadouro actual, situado aos *Tres Riachos*, está longe de corresponder ás necessidades e á importancia da população a que serve.

—Em 1704, prestou juramento o primeiro escrivão de testamentos, nomeado para a freguezia de Nossa Senhora do Rosario do Pôrto da Cachoeira, desde 1837 elevada á categoria de Cidade.

Chamava-se elle—Manuel Alvares Mendonça.

—Em 1851, foram pelo governo da provincia expedidas as ordens necessarias, afim de ser executado o decreto n. 798 de 18 de junho do mesmo anno, que approvara o primeiro regulamento para o registro de nascimentos e obitos, e deveria vigorar desde o 1.° de Janeiro de 1852.

O governo, porém, não teve o poder de coagir a população á observancia da nova lei, que cahiu em desuso, e só muitos annos depois resurgiu, debaixo de outra fórma, e ao influxo de idéas mais adiantadas.

## 19 de Outubro

—Em 1712, o senado da camara desta cidade, então villa, fixou o prazo improrogavel de 30 dias ao cap. João Rodrigues Adôrno, afim de que este desse começo ás obras do caes, que se obrigara a construir como apoio a uma ponte para embarque e desembarque, á margem esquerda do Rio Paraguassú.

As despezas a se fazer com esse melhoramento seriam cobertas pelo producto do imposto de 10 réis por cada rolo de tabaco (fumo), que o cap. Adorno estava autorizado a cobrar.

O cáes apenas num pequeno trecho ficou prompto e só 185 annos mais tarde poude ser conciuido!

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, resolveu abrir aqui a Casa da moeda, em razão da falta de numerario, que se fazia geralmente sentir.

O acto do Conselho dizia assim: «O Conselho interino do governo desta provincia conhecendo, por uma parte, que a occupação militar da cidade pela insubordinada tropa de Portugal, e consequente estagnação do commercio interno e externo da mesma provincia tem produzido a falta de numerario, e a notoria mingua das rendas publicas, tanto mais sensivel na crise actual, quanto se approxima a chegada de parte, e a organização do todo do exercito libertador; e urge cada vez mais a necessidade, que já soffrem os proprietarios de engenho, e demais fabricas, dos capitaes necessarios ao seu custeio e laboração: e reflectindo, por outra parte, que ha nesta provincia uma Casa de moeda, de longo tempo estabelecida na sua capital onde, por se evadirem os officiaes della para o reconcavo, se acha inutilisado aquelle estabelecimento do qual a provincia não pode prescindir, nem privada por mais tempo; o mesmo Conselho, desejando prover ácerca de um objecto tão necessario e transcedente, de um modo regular e consentaneo á economia publica, e

conformando-se ao real decreto do 1.º de Agosto deste anno, que autoriza a adopção de medidas extraordinarias, sendo de mister á salvação desta provincia.

Ordena — que se estabeleça e abra nesta villa da Cachoeira a Casa da moeda, ora inutil na cidade, sendo composta dos officiaes mais necessarios e indispensaveis, em o qual numero entrarão — com decidida preferencia — segundo suas graduações e antiguidade, os que já foram taes, e se acharem no reconcavo, servindo de provedor interino aquelle que for determinado pela lei, o qual designará a casa que mais commoda for para o assentamento d'esse estabelecimento, que deverá trabalhar do mesmo modo, e segundo as mesmas leis e regulamentos da Casa da moeda da cidade, sem alguma alteração do valor e typo das moedas.

O secretario d'este Conselho expeça as ordens necessarias para execução da presente portaria, e a faça constar a quem pertencer. Sala das sessões na villa da Cachoeira, 19 de Outubro de 1822 — *Albuquerque*, presidente. — *Calmon*, secretario interino. — *Coimbra* — *Bittencourt* — *Freitas Castro* — *Mello* — *Miranda* — *Silva*. »

Em virtude dessa providencia, começou logo o trabalho ; e pouco depois o Governo mandou aqui reduzir a moedas de 80 réis uma grande porção de cobre, com o fim de occorrer ás despezas publicas.

A imperfeição do cunho e a diminuição do peso daquellas, entretanto, *açulando — como era de esperar — os especuladores particulares a fabrical-a, fez com que dentro em pouco se não distinguisse uma da outra, que todas eram imperfeitas.*

O Sr. J. Meili (Collecção numismatica, as moedas da colonia do Brazil) diz — que não se sabe si o acto do Conselho chegou a ser executado. Mas, o mesmo facto, acima consignado, responde á duvida exposta. ( Vid. ephem de 7 de Junho ).

De mais, o Conselho fez para a Casa de moeda da Cachoeira as nomeações, necessarias para que ella podessse funccionar.

Assim foi que, para as vagas existentes no respectivo pessoal, o Conselho nomeou: Francisco Pessoa da Silva — 1.º abridor; Ignacio Marinho Garento, 1.º ajudante do abridor de cunhos; Luiz da França de Araujo Pessoa, 2.º ajudante do abridor de cunhos; José Braz Quaresma, 2.º cunhador; Zacarias Luiz Pereira de Britto e João Joaquim de Seixas, ajudantes do ensaiador; Joaquim José da Silva e Seixas, escrivão da receita e despeza.

Si não ha moeda alguma com a indicação de que fôra fabricada aqui, o facto se explica naturalmente; pois, todos os cunhos, mesmo o das moedas de 80 réis novas, tinham sido trazidos da Casa da moeda da capital, e utilizados independentemente de qualquer alteração.

— Em 1842, falleceu nesta cidade, onde então se achava, o desembargador João Martiniano Barata.

— Em 1846, a Sancta Casa de Misericordia desta cidade contractou com o dinamarquez Christ. Ruge, architecto, a construcção da torre de sua egreja.

A 23 de Novembro seguinte, a obra teve começo, mas outro foi o artista que a concluiu.

— Em 1881, a commissão popular, que nesta cidade se havia constituido, com o fim de obter a meza de trabalho, em que o benemerito visconde do Rio-branco elaborara o projecto, convertido depois na lei de 28 de Setembro 1871, offereceu á viuva do illustre estadista o precioso movel, afim de que não passasse a mãos de estranhos ou indifferentes do que, aliás, estava ameaçado.

## 21 de Outubro

— Em 1822, os habitantes do reconcavo e do interior da Bahia, dirigiram-se ao principe regente, communicando-lhe—que haviam lançado mão das armas para sustentar a regencia de sua alteza D. Pedro, a quem reconheciam como defensor perpetuo do Brazil.

Ao mesmo tempo, todos elles protestavam repellir as injustas e tyrannicas deliberações do Congresso

de Lisbôa, estando dispostos a sustentar a guerra, para o que se haviam colligado todas as comarcas e e villas da provincia, excepto a de Porto-Seguro, que afinal unir-se-hia para o mesmo alevantado fim.

E accrescentaram—que, á vista do estado acephalo da junta provisoria do governo, estabelecido na capital, tinham elles creado nesta cidade, então villa, o Conselho interino, composto de um procurador de cada qual das villas existentes.

E terminaram declarando—que o dicto Conselho estava installado desde o dia 6 de Setembro, já tendo —por amor da causa nacional—tomado varias medidas, cuja ennumeração detalhadamente fizeram.

—Em 1853, o decreto n. 1.258 mandou separar de novo as varas de juiz municipal, e de orfãos desta cidade, que tinham sido reunidas pelo dec. n. 686 de 24 de Julho de 1850, e primeiramente separadas pelo dec. n. 170 de 15 de Maio de 1842.

O dec. n. 232 de 15 de Março 1890 reuniu-as outra vez, e definitivamente.

## 22 de Outubro

—Em 1796, foi aberta nesta cidade, então villa, a primeira *audiencia de correição*. Presidiu-a o desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, e o acto foi cercado de grande apparato e solemnidade.

—Em 1810, o rei de Portugal, que era nosso soberano tambem, desejando demonstrar seu grande jubilo pelo casamento da princeza D. Maria Thereza com o infante D. Pedro Carlos, perdoou a todos os criminosos, existentes nas cadeias dos districtos das Relações do Rio de Janeiro e Bahia.

Conseguintemente, participaram dessa graça real os presos, recolhidos á cadeia desta cidade, então villa.

E houve—entre elles—um regabofe, real tambem...

Mas, justiça se faça. Não foram contemplados na munificencia de sua magestade—os condemnados por «blasphemia, violencia contra o pudor de mu-

lheres, entrada em mosteiro com fim deshonesto», e como... «ladrões formigueiros».

Para bem comprehender este final, *vide* o Livro 5º das Ordenações do reino.

—Em 1822, depois de ter recebido as necessarias instrucções, partiu desta cidade, então villa, a deputação que o Conselho interino de governo da provincia mandava ao Rio de Janeiro, com o duplo fim de se entender com D. Pedro, e felicital-o em nome do povo bahiano.

A deputação, tendo seguido ás 8 horas da noite, foi pousar no engenho da Ponta, que demora approximadamente a 20 kilometros desta mesma cidade. No dia seguinte, chegou ella á Barra do Paraguassú.

Depois, foi ter á Valença, hoje cidade tambem; sendo alvo ahi de applausos e festas. Entre outras, effectuou-se um sumptuoso baile, que terminou pela madrugada do dia 27.

A deputação, que se compunha do Dr. Francisco Gomes Brandão Montezuma (que morreu visconde de Jequitinhonha) e de Simão Gomes Ferreira Velloso, estava de volta a esta cidade, então villa, no dia 8 de Janeiro de 1823.

—Em 1822, ainda, foi expedido ao Conselho já citado um officio, em que o tenente-coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque communicava, de Abrantes, ter apparecido no exercito pacificador um espião do general portuguez Madeira de Mello, e consultava ao mesmo tempo como deveria proceder no caso.

—Em 1861, se realizou nesta cidade a primeira ascensão aerostatica.

A praça da Manga, onde o sr. Elias Bernardi armara o seu balão, ficou coalhada de povo.

O sr. Bernardi, effectivamente, subiu, mas—na opinião da maior parte dos espectadores—subiu . . . . pouco.

Como se sabe, aos irmãos Montgolfiers cabe a gloria de terem, muito antes que qualquer outro, fendido os ares em um aerostato, que partira de Amonay (França) a 5 de Julho de 1783.

O invento, porém, se deve ao genio de um brazileiro—fr. Bartholomeu de Gusmão, que tendo nascido na cidade de Sanctos (S. Paulo) em 1685, falleceu na Hespanha em 1724.

Já tendo sido applicado á guerra, notadamente na ultima campanha franco-prussiana, o balão continúa a ser objecto de estudos, por parte de mechanicos e curiosos que porfiam para lhe dar direcção á vontade. O problema, comtudo, tem sido muito difficil de resolver.

Em todo o caso, nós—os brazileiros—temos razão de nos envaidar pelo grandioso invento, que tanto preoccupa a sabia Europa.

Por elle, e pelo celeberrimo «jogo dos bichos», devido ao genio do barão de Drummond, é que a Europa virá talvez a se aperceber de nossa existencia...

Mas, assim como nos quer roubar a gloria do primeiro desses inventos, não será de admirar que, passados mais alguns annos nos pretenda negar a do segundo tambem...

E para tanto parece se preparar, pois alguns paizes estão já se... felicitando com a genial concepção do inesquecivel titular.

Bom proveito...

## 23 de Outubro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, que funccionava nesta cidade, então villa, approvou a creação de uma patriotica legião de tropas ligeiras, composta das tres armas, na conformidade do plano apresentado pelo coronel Francisco Maria Sodré Pereira, e pelos sargentos-móres Antonio Maria da Silva Torres e José Antonio da Silva Castro.

—Em 1891, falleceu nesta cidade, onde nascera, o pharmaceutico Presidio Elpidio de Assis.

Era estabelecido em S. Felix, e contava 35 annos de edade.

## 24 de Outubro

—Em 1700, o capitão João Rodrigues Adorno fez doação gratuita do terreno necessario para o consistorio da egreja da Ordem Terceira do Carmo, que ia ser edificado nesta cidade, então villa.

De 1768 a 1769, foram construidos os carneiros, que ainda hoje existem, dentro mesmo do templo, ao lado esquerdo de quem nelle penetra.

A dicta Ordem recebeu Compromisso a 8 de Setembro de 1696, quando fr. Manuel Ferreira da Natividade era vigario provincial da vigararia do Rio de Janeiro, commissario reformador, e visitador geral do Carmo. E por esse Estatuto ainda hoje ella se rege!

—Em 1752, o povo cachoeirano sentiu um verdadeiro alegrão!

Não quiz o Governo d'El-rei, nosso senhor, approvar o imposto, que o conde de Atouguia, vice-rei do Brazil, creara sobre as passagens daqui para S. Felix, e *vice-versa*. E neste sentido sua magestade fez expedir uma *Provisão*, que foi enthusiasticamente acolhida.

Si não houve *copo de agua* nem retrato a oleo, é certo entretanto que os *lundús*, *cocombys* e *cheganças*, divertimentos muito ao paladar da època, ferveram por longos dias, em signal de regosijo e gratidão.

—Em 1796, o ouvidor geral desta comarca—desembargador Joaquim Antonio Gonzaga, lançando um provimento em correição, recommendou *por urgentes e principaes* a obra da ladeira de Belém, e a conclusão da fonte publica da villa, afim de que cessasse a «extravagancia de se ver um chafariz sem agua! . . . »

—Em 1833, um decreto imperial creou muito acertadamente a vara de juiz de direito na comarca desta cidade, então villa, que ao tempo era «a mais populosa do imperio, de grande commercio, e achava-se nas condições do art. 13 das Disposições Provisorias sobre a justiça civil e criminal», na phrase do decreto citado.

Passou logo a servir de juiz de direito o Dr. Albino José Barbosa de Oliveira, que fôra até então juiz de fóra.

Esse magistrado falleceu a 7 de Dezembro de 1889, em Nictheroy, do Estado do Rio de Janeiro.

—Em 1873, finou-se o capitão Vicente Pereira da Cruz, negociante, e juiz de paz do districto desta cidade, donde era filho, e onde foi muito estimado.

Tinha de edade 55 annos.

## 25 de Outubro

—Em 1643, o provincial dos carmelitanos forneceu officialmente uma relação nominal dos religiosos da ordem respectiva. É della se vê—que, a esse tempo, existiam no convento desta cidade, então villa, 15 frades, 2 irmãos coristas, e 6 irmãos de *vida activa*, entre os quaes estava fr. Pedro. . . Peccador. Servia de prior—fr. José da Purificação. Actualmente, nem um frade, ao menos, reside no alludido convento.

—Em 1706, foi nomeado *medidor* e *arruador* desta cidade, então villa, Fernão Pereira da Silva.

Não nos pode ser indifferente a memoria de tão . . . perito profissional que, apezar de ter sido honrado com aquella distincção, sabia tanto do officio, quanto eu sei de hebraico.

E a prova disto nos deixou elle nas muitas ruas tortuosas que, infelizmente, conta a cidade, agora difficil de brunir e alinhar.

Bem podia limpar a mão á parede o tal arruador, que fez obra fina e asseiada. . .

Fique em todo o caso o seu nome exposto á censura da posteridade, e os cachoeiranos assim tomarão vingança cabal do execrando remendão

Ou Fernão Pereira, ou o barão de Haussman que embellezou Pariz. . .

—Em 1822, o general P. Labatut, que se achava em Inhambupe, dirigiu-se ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, para communicar—que ia á Feira de Sant'Anna,

donde faria intimar ao general portuguez Madeira de Mello a ordem de evacuar a capital da provincia.

Este o motivo, allegava Labatut, porque não lhe era possivel chegar até aqui; podendo, comtudo, o Conselho enviar-lhe um delegado, com o qual não se recusaria a tratar.

—Em 1824, rebentou na cidade da Bahia pavoroso motim militar, promovido pelo *batalhão de periquitos*, que em suas fileiras contava numero consideravel de praças, procedentes desta comarca, a esse tempo bastante extensa. Aqui mesmo, fôra organizado o referido batalhão, cujo commando assumira o coronel José Antonio da Silva Castro.

O nome do batalhão provinha do distinctivo da respectiva farda. E antes de se ter incorporado ao exercito, em Pirajá, fôra elle mandado á villa de Nazareth, hoje cidade, em apoio dos habitantes, que não tinham podido ainda se manifestar livremente pela acclamação de D. Pedro como principe regente.

O motim dos *periquitos*, que começara ás 5 horas da manhan, teve como epilogo sangrento a morte do governador das armas—o coronel Felisberto Gomes Caldeira, a quem quatorze balas traspassaram, quando—já preso—descia elle a escada do quartel-general, que então funccionava numa casa nobre, á ladeira do Berquó.

Foi protogonista do movimento um certo capitão Macario, mas na hora de agir pozeram-se á frente dos soldados em revolta dois simples alferes, a saber: Jacintho Soares de Mello e João Pio de Aguiar Grugel. Em face dos seus aggressores, o coronel se portou com admiravel bravura.

Satisfeita, entretanto, a sanha da soldadesca infrene, o cadaver de Felisberto ficou abandonado—durante todo o dia—no logar onde havia sido commettido o pavoroso attentado. Só á noite foi elle conduzido para a egreja matriz de S. Pedro, mas ao mesmo tempo que algumas pessoas piedosas entregavam-se ao funebre serviço, procurando ainda assim o disfarce e o silencio, do quartel dos *periquitos* eram atacados foguetes em profusão!

Como, porém, isso destôa dos sentimentos de cordura e bondade do povo bahiano! . . .

Verdade é—que Felisberto passava por homem de genio assomado e violento. Assim foi que estando nesta cidade, então villa, a coadjuvar o Governo de 1822, irritou-se certo dia, ao ponto de esbofetear um soldado de artilheria,—Estevão Chaves, cuja farda rasgou no acto de agarral-o.

Por isto, os corpos militares que andavam desde muito indisciplinados, accommetteram furiosos o quartel do regimento de milicias, onde Estevão se achava preso com outros camaradas mais. Era proposito de toda a força, commandada pelo coronel Rodrigo Brandão, vingar a affronta feita áquelle soldado. Mas, o Governo interveio logo, designando o cadête Daniel Gomes de Freitas para apaziguar os animos, o que felizmente se conseguiu, depois de haver o proprio Felisberto assegurado a todos a benevolencia imperial e o perdão para o crime perpetrado.

Entretanto, «por occasião da morte do coronel Felisberto, a facção anarchista se esperançava nesta cidade (então villa), onde contava estar semeada a demagogia pela maior parte dos cachoeiranos; e afim de que este partido se podesse mais livremente desenvolver, requereram e conseguiram os facciosos do presidente mandar retirar daquella villa o destacamento do 4º batalhão de linha (o qual muito tempo antes tinha sido para ahi mandado pelo fallecido governador das armas, por lhe constar haver na mesma villa pequenos fócos revolucionarios) e todo armamento que houvesse ahi.

Porém, enganaram-se; seus sectarios neste logar não excediam de meia duzia de pedantes ociosos, que não podiam avultar no numero dos honrados e fieis cachoeiranos, os quaes—a exemplo dos de Sancto Amaro e S. Francisco—formaram um conselho em Camara, e declararam não poderem annuir á ida do destacamento e remessa das armas; e terem deliberado que se avisassem os corpos milicianos para estarem promptos á primeira voz, afim de repellirem

qualquer aggressão, protestando adhesão ás autoridades constituidas e governo de s. m. imperial.» (*Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, vol. 30 pag. 290.)

Provavelmente, por esta attitude da Camara os sediciosos não vieram para cá, si bem que fosse ponto central e defensavel, onde mesmo o ten-coronel Silva Castro tinha mandado occultar uma grande porção de armas.

O crime dos *periquitos* reclamava, em todo o caso, uma punição severa.

Para julgar os culpados foi, conseguintemente, nomeada uma commissão militar, por decreto de 16 de Novembro de 1824. E, de accordo com as sentenças que ella proferiu, quatro dos implicados no dicto crime foram fuzilados no Campo da Polvora (hoje *Campo dos Martyres*), da capital da Bahia, diversos expatriaram-se voluntariamente, e o resto do batalhão foi confinado para Matto-Grosso.

—Em 1824, tambem, foi pelo presidente da provincia Francisco Vicente Vianna expedido um officio ao capitão-mór das ordenanças desta cidade, então villa, declarando—que, em vista do assassinato do governador das armas, «passava elle a reunir em sua autoridade as attribuições militares, emquanto sua magestade ou o Conselho provincial, que já tinha sido convocado, não determinasse o contrario. E, para prevenir acontecimentos desastrosos, o mesmo presidente mandou—«que não se executasse ordem alguma, si não fosse por elle expedida e assignada.»

—Em 1834, a Camara municipal desta cidade, então villa, se reuniu para fazer—perante o povo—a leitura da lei de 12 de Agosto (*acto addicional*), que alterava profundamente a Constituição do imperio.

Tudo se passou—como diz a *chapa*, entre as expansões do mais vivo enthusiasmo.

—Em 1855, falleceu nesta cidade o Dr. João Antonio Sampaio Vianna, que era juiz de direito da comarca de Itapicurú.

—Em 1855, tambem se manifestou rapido incendio

na rua do Pagão, desta cidade, e devorou 15 casas de palha, cujos habitantes ficaram reduzidos á miseria.

—Em 1890, o governador do Estado elevou á cathegoria de cidade, com a denominação de S. Felix do Paraguassú, a modernissima villa de S. Felix, que fica fronteira a esta cidade.

Em signal de regosijo pelo acontecimeuto, houve lá por alguns dias varios festejos populares.

## 26 de Outubro

—Em 1856, falleceu na freguezia da Cruz das Almas —o padre Francisco Manuel dos Sanctos, conego honorario da Sé metropolitana, e vigario collado da parochia desta cidade, em que fora apresentado por decreto de 7 de Dezembro de 1848.

Em principio do seculo XVII, havia no termo da cidade do Salvador, capital da Bahia, 12 vigararias, que eram estas: Pirajá, Paripe, Pitangu, Cotegipe, Matuim, Pasi, Taessupira, Tanfarire, Sergipe do Conde, Paraguassú e Tapariqua. Cada vigario percebia então o ordenado de 30$000 por anno, tendo mais 5$000 de ordinarias.

Quanto á freguezia desta cidade (*vide ephem. de 4 de Janeiro*), têm-na regido—a contar de 1743, primeiro anno de que pude encontrar noticia exacta—os parochos a seguir:

1743, padre Julião Ferreira de Magalhães; 1748, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1749, padre Felippe Rodrigues, encommendado; 1749, padre José dos Sanctos, encommendado; 1751, padre Antonio Brandão, encommendado; 1753, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1754, padre Antonio Brandão, coadjutor; 1754, padre Antonio Pedro Viral; 1757, padre Antonio Gonçalves de Moraes; 1761, padre Antonio Brandão, encommendado; 1762, padre Manuel José de Souza Moreira; 1763, padre Manuel de Lima Moreira; 1768, padre Antonio de Magalhães Teixeira, coadjutor; 1768, padre Manuel de Lima Moreira; 1775, padre Jeronymo das Neves Gama, coadjutor; 1775, padre

Manuel de Lima Moreira; 1780, padre Antonio Dias da Costa, coadjutor; 1781, padre Domingos de Lima Passos, encarregado; 1786, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, coadjutor; 1790, padre Domingos de Lima Passos, encommendado; 1793, padre Gonçalo Cardoso de Moraes; 1796, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, coadjutor; 1802, padre Manuel Bernardino Alves da Silva, encommendado; 1807, padre Gonçalo Cardoso de Moraes; 1810, padre Manuel Bernardino Alvares de Sousa; 1812, padre Thomé Joaquim Ferrão; 1814, padre Custodio Luiz dos Sanctos Varella; 1815, padre Bernardo Maria do Nascimento; 1815, padre Carlos Melchiades do Nascimento; 1818, padre Manuel do Nascimento de Jesus; 1820, padre Manuel Jacintho Pereira de Almeida; 1823, padre Rodrigo José da Hora, coadjutor; 1824, padre Bernardo Maria de Vasconcellos; 1834, padre Vicente Ferreira dos Sanctos; 1840, padre José Pinto Vaz, encommendado; 1842, padre Domingos Teixeira dos Sanctos; 1850, conego Francisco Manuel dos Sanctos; 1855, padre Manuel Teixeira, encommendado; 1857, padre Dionisio Borges de Carvalho; 1859, fr. Pedro de S. João Baptista, *pro parocho*; 1860, padre Manuel Teixeira, encommendado; 1860, conego Dr. Candido de Sousa Requião; 1880, padre Guilherme Pinto da Silveira Salles, encommendado; 1889, padre Heraclio Mendes da Costa.

—Em 1871, falleceu com 55 annos de edade o capitão Manuel Ignacio de Medeiros; «o pobre velho capitão Medeiros», como a si proprio elle se denominava.

Assás amigueiro e prestativo, o capitão Medeiros dispunha de excellentes relações e era muito sympathisado pelas classes populares.

Desde alguns annos, elle servia de partidor do fôro, e administrador das obras municipaes; occupando tambem o cargo de juiz de paz, nesta cidade.

## 27 de Outubro

—Em 1828, subiu ao patibulo Manuel Joaquim de Sant'Anna, enviado desta cidade, então villa, para a capital, como «recunhador» de moedas de cobre de 40 réis, que elle assim transformava em moedas de 80 réis.

Foi o unico punido tão severamente por um crime, que aliás muita gente praticava então, sem ser incommodada.

A opinião publica, por isto, qualificou de assassinato juridico aquella execução.

—Em 1865, embarcou para a capital, com destino á guerra do Paraguay, o batalhão de «voluntarios da patria», denominado «Princeza Leopoldina», organizado aqui pelo respectivo commandante tenente-coronel Hermenegildo Ferreira Nobre.

Contava numero superior a 300 praças, e a despedida desses bravos foi um acto profundamente tocante.

## 28 de Outubro

—Em 1822, chegou da Feira de Sant'Anna o general P. Labatut que, tendo sahido do Rio de Janeiro a 14 de Julho, desembarcara na costa da Bahia, e seguira por terra para Pernambuco, donde voltara por Alagôas, e Sergipe.

Estabeleceu seu quartel no «Engenho-novo».

—Em 1888, succumbiu—depois de atroz padecimento—o Dr. João Borges Ferraz, com 62 annos de edade.

Medico illustrado e cidadão correcto, nem por isto foi feliz; viveu, pelo contrario, combatido por successivos revezes.

Na calamitosa época do «cholera-morbus», o Dr. João Borges prestou serviços de alta valia. E nas Lavras Diamantinas, onde passara parte de sua existencia, deixou elle um nome immaculado.

Fôra supplente do juiz de orphãos, eleitor, juiz

de paz; e exerceu tanto estes, como outros cargos publicos, de modo sempre satisfactorio e digno.

—Em 1893, uma local da imprensa desta cidade noticiou ter fallecido em Sancto Estevam de Jacuipe, de cuja freguezia era vigario collado, o padre Paulo Pereira das Chagas, que se recommendava por sua intelligencia esclarecida.

## 29 de Outubro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, mandou prender e enviar para a fortaleza de Itaparica, o cirurgião Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira, que se tinha evadido da fragata «União», a cujo bordo estava preso.

A 5 de Novembro seguinte, o general P. Labatut requisitou do mesmo Conselho a liberdade do dicto cirurgião, afim de que este fosse á sua presença. O Conselho, porém, recusou satisfazer a requisição feita, allegando ter sido realizada a prisão por ordem de sua magestade o imperador.

O Dr. Sabino celebrisou-se depois, como chefe da revolução em 1837.

—Em 1875, falleceu na villa de Sancta Izabel, hoje cidade de S. João de Paraguassú, de cuja parochia era então vigario collado, o padre Honorato da Conceição Menezes, carmelitano egresso, e maior de 50 annos de edade.

Pastor desvelado, cidadão ordeiro, e amigo extremoso, o padre Honorato era assás considerado por todas as pessoas, que o conheciam de perto, e querido—como não era possivel sel-o mais—por seu numeroso rebanho.

Foi de luto geral, conseguintemente, para aquella população hospitaleira e grata o dia, em que seu parocho amado fechou — para sempre—os olhos á luz da vida.

E durante a molestia que o victimou, o excellente vigario recebeu de toda a população de Sancta Izabel demonstrações inequivocas de uma estima illimitada,

tanto quanto de um reconhecimento profundo e sincero.

Merecia-o bem o digno sacerdote, que soube cumprir irreprehensivelmente os seus deveres de cidadão e de catholico.

O vigario Honorato não tinha nascido nesta cidade, mas vinculara-se tão estreitamente aos destinos della, desde que aqui fôra prior do convento do Carmo, ao ponto de nos merecer estima egual á que consagramos aos mais prestantes cachoeiranos.

## 30 de Outubro

—Em 1758, uma «Provisão», expedida pelo Tribunal do conselho ultramarino, em Lisboa, mandou: 1º. que os ouvidores do civel, e mais juizes conservadores, não admittissem acção alguma contra os moradores da Cachoeira, que não fosse para se tratar «por via ordinaria de libello, e não as que se houvessem de tratar por assignação de dez dias, juramento d'alma, ou outra summaria»; 2º.—que, mesmo por via de libello, não admittissem acção alguma fundada em cessão, ou traspasso feito aos privilegiados, mas tão sómente as que dimanassem do contracto ou da obrigação, que originariamente principiassem com os proprios devedores, e não com outros; 3º.—que as arrematações dos bens moveis e de raiz se fizessem na villa mesma, e ahi se processasem todos os incidentes relativos a ellas, devendo depois então se remetter os autos para o cartorio competente na cidade da Bahia, independentemente de traslado.

—Em 1865, seguiram desta cidade para a capital, com destino a guerra do Paraguay, 73 «voluntarios da patria», que haviam sido alistados na Villa da Barra do Rio-grande, hoje cidade, e marcharam sob o commando do tenente Christovam Lopes Portella.

## 31 de Outubro

– Em 1822, a deputação que daqui partira no dia 22 para o Rio de Janeiro, mandada pelo Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era nesta cidade, então villa, chegou á Barra do Rio de Contas.

Ahi, ella encontrou—pousando—o portador, que as camaras de S. Francisco, Maragogipe, Sancto Amaro, e desta mesma cidade tinham despachado pora ir á côrte communicar ao principe D. Pedro a sua acclamação para regente, effectuada a 25 DE JUNHO.

—Em 1852, falleceu nesta cidade o tenente Bento José Fernandes de Almeida, proprietario abastado e cavalheiro estimavel.

*Cachoeira*, 1900.

A. MILTON.

(*Continúa*)

# A PESCA DA BALEIA NA BAHIA

Data do seculo XII a introducção, na Europa, da pesca da baleia, tornando-se habilissimos nessa industria os pescadores vasconços e biscainhos.

Do meiado do seculo XIV em diante fôra ella ensaiada na costa do Algarve, em Portugal, e ainda hoje existe na Torre do Tombo uma carta datada de 15 de Março de 1424, pela qual D. João I «fez mercê da renda da baleação a Estevam Vasques Filippe».

Com os primeiros descobrimentos maritimos dos Portuguezes, em 1419, a pesca da baleia foi, pouco a pouco, decahindo, chegando mesmo a extinguir-se.

Na Bahia, segundo Frei Vicente do Salvador, fôra introduzida, em 1603, pelo biscainho Pedro Urecha, que viera de Portugal em companhia do Governador Diogo Botelho, successor de Francisco de Souza. Urecha trouxe comsigo duas baleeiras e pessoal experimentado nessa industria, a qual fôra logo ensinada aos colonos portuguezes e aos escravos africanos.

Entretanto, suppomos que a captura desses cetaceos já se fazia em épocas anteriores, fundando-se a nossa presumpção em uma passagem de Pero de Magalhães Gandavo.

Em sua *Historia da Provincia de Santa Cruz* o chronista portuguez tratando, no capitulo 8º, das variedades de peixes que se encontravão nas costas maritimas do Brazil, fez referencia ás «muitas baleias, as quaes costumão vir de arribação a esta costa» e accrescenta. . . «nesta provincia, de que trato, se fez já *experiencia em muitas dellas, que sahirão a costa e dentro das tripas de algumas achárão muito ambar*, cuja virtude ião já digerindo por haver algum espaço que o tinhão comido. E

noutras se achárão no bucho outro ainda fresco e em sua perfeição, que parece que o acabárão de comer naquella hora antes que morressem».

Dahi se infere que antes de Pedro Urecha já se apanhavão baleias no littorial do Brazil e naturalmente com o emprego de arpão, porquanto informa Gandavo que o peixe-boi e outros erão pescados «pelos moradores da terra comarpões».

Refere Gabriel Soares (*Trat. Descript. do Brazil*) que em 1580 encalhárão no Rio Pirajá duas enormes baleias, das quaes se fez tanto azeite «que fartárão a terra delle dous annos».

E' evidente, pois, que no seculo XVI já era utilisado na Bahia o azeite da baleia, e é natural que os pescadores, por quaesquer meios, procurassem captural-as.

Circumscripta hoje em dia ás aguas territoriaes deste Estado, (1) está actualmente em decadencia, conforme veremos mais adiante, ao passo que em fins do seculo XVII «chegou a ser a maior do mundo», como assevera Robert Southey (Hist. of Brazil) e é confirmado pelo academico Rocha Pitta (Hist. da Amer. Portug.) que nos diz que «quando o anno era propicio, se pescavão tres e quatro baleias por dia». Durante o dominio hespanhol a exploração desta industria, na Bahia, era arrematada á fazenda real, de seis em seis annos, mediante 180.000 cruzados, tendo attingido, em 1723, a 205.000. (R. Pitta, Op. cit.)

Antes de referirmos, particularmente, o modo por que se faz essa pesca, descrevamos os petrechos e instrumentos empregados nessa industria.

A baleeira é uma embarcação ligeira, com duas prôas, de 12 a 18 metros de comprimento, tendo fundo de prato, exclusivamente destinada á pescaria da baleia. Estando o vento de feição, desenvolve uma marcha de 12 milhas por hora, e até pouco

---

(1) Tambem era feita, em grande escala, a pesca da baleia no Estado de Santa Catharina.

antes da proclamação da Republica o preço das de maiores dimensões não excedia de 700$000.

Possue a baleeira um só mastro, com inclinação para a pôpa, o qual apresenta na extremidade superior um furo, por onde corre a adriça da grande vela quadrangular, cosida na verga. O leme é o mesmo das outras embarcações e traz á pôpa, do lado de bombordo, um remo, que tambem funcciona como governo.

Além da vela, servem de propulsores ás baleeiras varas e remos. Os carpinteiros de Itaparica e de Caravellas, onde tambem se pesca a baleia, são os preferidos na construcção dessas lanchas.

O pessoal tripolante de uma baleeira compõe-se de dez homens, assim nomeados na giria dos pescadores: o arpoador, o timoneiro, o moço de armas, o balaieiro (especie de ajudante do arpoador), o barrileiro (aguadeiro de bordo), o cafeleteiro (despenseiro de bordo), o arrieiro, o balaeiro do timoneiro (empregado tambem na amura), o escoteiro de dentro e o lancheiro.

A este ultimo compete levar a baleeira ao ancoradouro ou trazel-a para terra todos os dias para o embarque da tripolação.

O arpoador e o timoneiro vencem a diaria de 320 rs., o moço de armas 300 rs. e os demais 240 rs., distribuindo o cafeleteiro a ração de um litro de farinha a cada um.

O armador ou proprietario de baleeiras contrata esse pessoal por seis mezes, pagando-lhe adiantado o salario correspondente a esse tempo.

Conforme as proporções da baleia que entregam nos *contratos*, recebem os tripolantes as seguintes gratificações extraordinarias, si o peixe é grande: o arpoador 140$, o timoneiro 70$, o moço de armas 35$ e os demais 20$ cada um; sendo, porém, o peixe pequeno, recebem metade das importancias indicadas.

Si as lanchas não levarem ao contrato uma só baleia durante a safra, a tripolação é obrigada a indemnisar o armador dos valores recebidos por

adiantamento, trabalhando para o mesmo em outras embarcações ou empregados em quaesquer serviços.

Os principaes aprestos da pescaria constão de 12 arpões, 4 lanças e 1 facão, a cargo do moço de armas. Além destes utensilios, existem as vioneiras de arpão e as de lanças, aquellas em numero de 12 e estas de 4.

As vioneiras são um cabo de uma pollegada de espessura, contendo 96 braças de extensão, cabendo 8 braças a cada arpão. Os cabos vioneiras ou vioneiras de lanças medem 36 braças, das quaes 9 para cada lança, e têm a espessura de 3/4 de pollegada.

Ao empregar-se o primeiro arpão na baleia, acompanha a vioneira um cabo de 80 braças e de 2 pollegadas de espessura, denominado cabo de ostacha.

O arpão de próa é engastado em uma haste de madeira, de 18 a 20 palmos de comprimento com 6 pollegadas de espessura, sendo de 12 palmos as hastes das lanças.

---

A pesca da baleia nas aguas do Estado da Bahia começa em Junho e termina em Outubro ou Novembro, sahindo invariavelmente as lanchas para o mar no dia de Santo Antonio, 13 daquelle mez.

*De Junho a Outubro para o mar se alarga,*
*Qual gigante maritimo a baleia . . .*

(Santa Ritta Durão, *Caramurú*
cant. 7º est. LXIX.)

Nos tres primeiros mezes a pescaria é quasi toda de sotavento, isto é, dentro da Bahia de Todos os Santos, desde o forte Santo Antonio até a enseada de S. Thomé de Paripe; e os outros tres mezes a barlavento, fóra da barra.

Sendo as regiões frigidas do pólo norte insupportaveis no inverno ao crescimento e conservação da prole, procurão as baleias os mares subequa-

toriaes, onde a temperatura é sempre mais elevada do que nos pólos.

As muitas enseadas da costa da Bahia são os lugares preferidos para a emigração e ahi as femeas parem e não regressão para os mares do norte emquanto os filhos não se achão em condições de emprehenderem a travessia

Durante os mezes de permanencia nas aguas deste Estado, dizem os pescadores, o macho da baleia ou caxarrélo exerce a funcção physiologica da reproducção da especie, e como se verá mais adiante torna-se arriscadissima a captura da baleia durante esse periodo.

Avistado o peixe, o pessoal da lancha fica logo a postos e investe o cetaceo ou aguarda que elle se approxime, para o que folgão a escota da lancha, si navegão a panno.

Uma vez junto da baleia, é atirado o primeiro arpão, de preferencia entre a *galha* e a cabeça.

Logo que o monstro marinho recebe este primeiro golpe parte em vertiginosa carreira, e a guarnição trata de retirar o leme, descer a vela e até o mastro. Os pescadores praticos distinguem, ás vezes, o sexo do monstro arpoado pelo impulso e velocidade da carreira.

Depois começa a tripolação a colher o cabo de ostacha, que prende o arpão á baleeira e assim se abeira novamente da baleia, que é então lanceada, si se reconhece a desnecessidade do emprego de segundo arpão.

Os golpes de lança se repetem até que a baleia se extenue, começando a expellir sangue pelo *bufador*. A morte, porém, é rapida si a lança se emprega no *cangotinho*, entre a cabeça e o *bufador*, o que muito favorece a amarração do monstro.

Exige-se muita pericia no serviço de lancear: porquanto, cahindo a lança no *fio do lombo*, pela ferida penetra grande porção de agua e a baleia submerge-se, sendo preciso cortar-se o cabo de ostacha para não ser tambem a embarcação arrastada ao fundo.

Não menor destreza é a da arpoação debaixo da agua, occasião em que o arpoador, a guarnição e a propria lancha podem ser victimas do subito movimento da cauda do animal marinho.

No seculo XVII cada baleia era perseguida por seis lanchas, quatro de arpão e duas de soccorro; actualmente uma unica baleeira é sufficiente para dar combate e capturar uma baleia, e si esta depois de arpoada ou lanceada conseguir desprender-se, sendo novamente arpoada por outra lancha, ainda pertencerá á primeira.

Perigosa, temeraria mesmo se torna essa pescaria, quando ao madrijo (femea da baleia) acompanha o caxarrêlo, sendo este conhecido por trazer a *galha* fóra da agua.

Para se arpoar os dous, os pescadores accommettem de preferencia o madrijo, que, ficando arpoado, atira-se ao caxarrêlo de encontro ao cabo de ostacha, como si quizesse desprender o arpão.

Nesta occasião é lanceado, e si a ferida é mortal tratam tambem de arpoal-o.

Morta a baleia, compete ao moço de armas, que trabalha na prôa com o arpoador, o serviço de amarração. Para esse fim cahe ao mar, levando comsigo o facão e os cabos denominados *cerraboca*, de *bico* e de *galha*, desempenhando de ordinario este serviço com o mar agitado e em uma profundidade de 7 braças, rodeado de vorazes tubarões, que para alli affluem afim de sorver o sangue da baleia, sem lhe causar o mais leve damno. De bordo alão esses cabos e approxima-se o peixe, que é amarrado á lancha.

O modo por que ainda hoje se exerce essa industria não differe dos processos primitivos, como consta da seguinte informação de Francisco de Brito Freire, chronista do seculo XVII:

« Surgindo a baleia em cima da agua, a descobrem tres lanchas, que a pescão.

Quando torna a fundear, remão mui socegadas para ella; e quando torna a apparecer, ferindo-a com um tenaz arpão e largando-lhe o cabo comprido,

a que anda preso, depois se vai cobrando assim como vai a baleia enfraquecendo. Rendida já de todo, ousão a chegar tanto, que sangrando-a com lanças de ferro até o meio da haste, lhe atravessão até o vão do bojo, porque, fóra as costellas e espinhaço (cujos nós divididos pelas juntas não fazem menos capazes assentos que ordinarios tanhos), tudo mais é um monte de peixe e de toucinho, tão brando que se deixa penetrar facilmente. De modo que o arpão a cansa e as lanchas a matão. »

Todos os pescadores são unanimes em proclamar o estranho affecto, a dedicação carinhosa da baleia para com o filho. O monstruoso cetaceo é tambem o symbolo do amor materno.

Pelo filho acovarda-se, padece resignada, sacrifica a propria vida.

Por isso, quando o madrijo anda acompanhado pelo baleato, arpoa-se este levemente, porque assim se tem a certeza de matar aquelle sem muito esforço.

Diz Rocha Pitta que « o amor que este monstro tem aos filhos é tambem monstruoso ».

João de Brito, festejado poeta bahiano, tendo de cantar o amor materno, encarnou-o na baleia.

Não resistimos ao desejo de reproduzir as seguintes estrophes descriptivas, em que a fidelidade de observação resalta de cada verso:

. . . . . .

Descobrindo seu dorso denegrido,
Como ilha fluctuante, surge immensa
Uma baleia ao longe, e com ruido
Arroja dagua no ar columna densa.

Vem ao lado do filho que estremece,
Que acaricia cheia de ternura;
Desce aos antros sem luz, onde elle desce,
E, se acaso o não vê, douda o procura.

. . . . . .

Naquelle seio um coração palpita
Com desvelos de mãe; a natureza,
Que nos caprichos mostra-se infinita,
Quiz em um monstro provar toda a grandeza.

No emtanto os lenhos já navegão perto,
E cada qual demanda o baleato,
Que immerge, surde, bufa, salta, esperto,
Mas foge timido ao menor contacto.

Como se de um siphão internamente
Dispuzesse, evitando o choque á vaga,
Jorra-lhe a mãe na fauce o leite quente,
Que com soffreguidão ligeiro traga.

Por braço herculeo e destro sacudida,
Crava-se nelle a lamina farpada,
Apenas sente o misero a ferida,
Geme, e partindo solta a rabanada.

Não o segue um vapor nessa carreira
Do corsel de Mazeppa enfurecido,
Transportando sem vela a baleeira,
Que ostenta o arpoador na prôa erguido.

Vai co'o filho a baleia juntamente,
E, sem estorvo achar de si diante,
Agora espanca o mar co'a cauda ingente,
Agora se ergue, cahe, torna offegante.

. . . . . .

Do curso impetuoso o filho cansa:
E emquanto a mãe afflicta ao peito o cinge,
Na flanco embebem-lhe acerada lança,
Rompe em jactos o sangue e as ondas tinge.

Foge a desventurada enlouquecida,
A bramir, sem parar, vai longe, volta,
Quer morrer pelo filho, e expondo a vida.
Esbraveja, reluta, a ver se o solta.

Impossivel! . . . O golpe repetido
Põe-na de novo em fuga. E' santo o intento,
Mas o vigor se esgota. Atroz gemido
Proximo indica seu final momento.

Faz-se preciso então tel-a segura,
Arpoão-na tambem; já pouco sente
O arpão tenaz; a magua que a tortura
Por não livrar o filho é mais pungente.

A bordo do baixel reina a alegria,
Mas em volta a tristeza se derrama,
E o mar se muda, no esplendor do dia,
Em negro palco de um terrivel drama.

A baleia, o colosso do oceano,
De cuja boca o sangue em ondas corre,
Volve ao filho, inda vivo, um olhar humano,
Estrebucha, vacilla, arqueja e morre.

Preenchera a missão a mãe sublime,
Immolada do filho na defesa;
E o rei da creação, o heróe do crime,
Contempla extasiado a enorme presa! . . .

Não menos expressiva é a seguinte estancia de Santa Rita Durão, no seu poema *Caramurú*:

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que, vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa nagua combatendo,
Por dar fuga, morrendo, á prole amada.
Onde no filho o arpão cação mettendo,
Com que attrahindo a mãe dentro a enseada,
Desde a longa canôa se alanceia,
Ao lado de seus filhos a baleia.

(Cant. VII—est. LXXIII).

Preso o baleato, a lancha que o arpoou iça immediatamente uma bandeira para assignalar a posse do madrijo.

Nestas condições, a baleia póde ser lanceada por outros pescadores, e ao presentirem que ella está exhausta de forças é convidado o dono a arpoal-a.

Todos os pescadores são obrigados a se auxiliarem reciprocamente, e succedendo no ataque qualquer soffrer avarias todas as despezas com os reparos correm por conta da baleeira arpoadora e no mais breve prazo possivel.

Finda a amarração, dirige-se a lancha com a sua presa para o *contrato* da armação, levando na prôa uma bandeira para indicar que o peixe é grande e na pôpa si é pequeno.

Não ha muitos annos existião *contratos* de baleia em Itapoan, Pituba, Paciencia (Rio Vermelho), junto ao forte de Santo Antonio da Barra, Gambôa, Pedra Furada, Caravellas, Manguinho, Porto dos Santos e Barra do Gil, estes tres ultimos na ilha de Itaparica. Presentemente funccionão os do Manguinho, Porto dos Santos, Itapoan e Caravellas.

Chegada a baleia diante do *contrato*, é arrastada para terra por meio de longo cabo passado no *bufador* e preso a um cabrestante movido pelo pessoal de serviço.

Extraordinario é o regozijo á chegada da baleia. O movimento gyratorio do cabrestante é feito ao som de cantigas improvisadas, ás vezes de momento.

Segue-se o trabalho de desmancho da baleia, a começar pelo dorso. O toucinho retirado colloca-se dentro de tachas de ferro, expostas á acção do fogo. Os residuos são approveitados para iscas de *munzuás* e a carne é beneficiada e vendida na capital.

Este processo de extracção e preparo do azeite ainda é identico ao primitivo

Referindo-se a esse serviço, diz o citado Brito Freire:

« Encalhão-na (a baleia) de preamar, e ficando depois em secco, com passarem de oitenta negros os que começão a abril-a da parte opposta, nenhum se vê da outra.

Primeiro lhe despem o toucinho, e o mais grosso chega a quatro palmos de alto; logo cortão o peixe, que é de uma asquerosa grandeza cada posta. Não serve menos esse monstruoso animal de espectaculo extraordinario á vista, que de lucro grande ao interesse.

Sendo muitas as que matão cada anno, no tempo da guerra, porque a falta de mantimento, e já agora a continuação, tem feito comida ordinaria o peixe da baleia. Antes de satisfazerem as custosas despezas da sua fabrica, umas per outras renderá cada qual 1.000 cruzados, e o avanço maior se tira do toucinho.

Fregem-no e derrete-se nas caldeiras que ardem dia e noite em uma casa, e dessera melhor num inferno, pelo perpetuo fogo, espesso fumo, nocivo fedor, e negros nús, que gateadas as carnes com lavores, ou manchas sem ordem de certo barro para despegarem a grossura, cruzando a todas as partes, em beneficio d'este trabalho, com ganchos de ferro e instrumentos semelhantes, fazem propria figura de ministros de Satanaz ou de almas damnadas. »

Entretanto, muito antes de 1860 vinhão pescar baleias ao longo de litttoral bahiano grandes navios americanos, a que o povo pittorescamente denominava *azeiteiras*.

Capturada e morta a baleia pelas embarcações ligeiras, era suspensa a um dos lados do navio e assim desmanchada, aproveitando-se apenas o toucinho.

O oleo, extrahido mesmo a bordo pelos processos modernos da evaporação calorifica, para tornal-o claro e quasi inodoro, era depositado em grandes toneis. Antigamente com a carne de baleia se alimentavão os proletarios, os escravos nos engenhos de assucar e os tripolantes dos navios negreiros que demandavão a costa africana.

O azeite era utilisado na illuminação particular, sendo que as pessoas abastadas se servião do que vinha do Reino.

Até 1862 a illuminação publica desta Capital era

alimentada com o oleo da baleia; e ao ser substituida pela actual, na noite de 10 de Junho desse anno, o mimoso poeta Augusto de Mendonça, de saudosa memoria, dedicou aos velhos lampeões da esquina os seguintes versos, que lembrão o encanto das noites bahianas em tempos não muito remotos:

Adeus, testemunhas certas
Das populares canções,
Entoadas por chibantes
Menestreis de violões,
Adeus, para sempre adeus,
Malfadados lampeões.

Ante a vossa luz mortiça
*Temperada para amor*,
Quantas *Lilias* acordárão
Ouvindo a voz do cantor
Todas as noites fugindo
Da casa de seu senhor.

E foi-se o tempo *querido*
Da velha illuminação:
Trazião todos contentes
A cabeça e o coração,
Cacete em baixo do braço
Noutro braço o violão.

*Maldito* seja o progresso
Que tantos *males* nos faz
Vivia tudo tranquillo,
De repente tudo—zás,
Cahe o sceptro da torcida,
Sobe o reinado do gaz!

E agora triste do povo,
Outr'ora amante e feliz,
Modinhas de amores ás claras
De certo ninguem as diz;
Matárão toda a belleza
Das noites do meu paiz.

Adeus, pois, amigos velhos,
Taciturnos lampeões;
Adeus, modinhas e chulas,
Adeus, *doces libações*,
Adeus, para sempre adeus,
Cacetes e violões.

A pesca da baleia, uma das mais importantes industrias nacionaes, está hoje na Bahia em completa decadencia, ao passo que, si fôra devidamente explorada, offereceria remuneradora compensação, attentas as multiplas applicações do oleo desses cetaceos e a facilidade da sua pesca.

Os europêos e americanos aventurão-se á captura de baleias no Oceano Indico e nos mares da Siberia, da Groelandia, no territorio de Alaska, etc., entretanto na Bahia ellas è que vêm ao encontro dos arpoadores. Só esta vantagem é bastante ponderosa e não é para desprezar-se.

Duas circumstancias de grande relevancia contribuiram para a decadencia dessa industria entre nós—a escassez de baleias nos nossos mares, em comparação com a sua abundancia nos primeiros tempos coloniaes (1), e a falta de protecção do Governo, por meio de leis que assegurem o seu desenvolvimento. Neste particular apenas temos conhecimento do decreto de 10 de Setembro de 1850, que poderá servir de base á codificação de sabia legislação sobre a pesca da baleia no extenso littoral da Bahia.

---

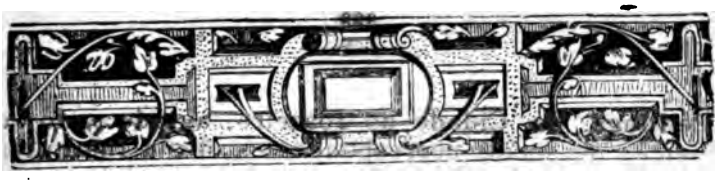
(1) "Entre estes pescados ha muitos peixes de preço e reaes, como baleias tantas e tão grandes que é para ver. Aqui na Bahia das janellas dos cubiculos as vemos andar saltando e por toda a costa ha muitas."—(Informação do Padre J. de Anchieta—1584-1586.)

"Ha muitas, mui grandes baleias que, no meio do inverno, vêm a parir nas bahias e rios fundos desta costa, e ás vezes lanção a ella muito ambar do que do fundo do mar arrancão quando comem, e conhecido na praia porque aves, carangueijos e quantas cousas vivas ha acodem a comel-o." (Fr. Vicente do Salvador—*Hist. do Brazil.*)

Escrevendo esta despretenciosa noticia nenhum outro empenho tivemos em vista senão o de invocar a solicitude do Governo para o estado de decadencia dessa importante industria nacional.

Bahia, Junho de 1900.

J. Teixeira Barros



# Actas das sessões e offertas

## 78ª SESSÃO EM 1º. DE JULHO DE 1900

*Presidencia do Sr. Cons. Dr. Salvador Pires*

Ao primeiro dia do mez de Julho de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Salvador Pires e João Torres, padre Luiz da França dos Santos, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, Commendador Joaquim Manuel de Sant'Anna, Dr. Bonifacio Faria Rocha, Alfredo Octaviano Soledade, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Professor João Joaquim dos Santos Sá, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Cons. Filinto Iustiniano Ferreira Bastos, Pharmaceutico Alfredo Accioli do Prado, Dr. Julio Calasans, Eloy de Oliveira Guimarães e Isaias de Carvalho Santos, foi declarada aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

*Officios*: do sub-director dos Correios da Capital Federal, Dr. Antonio Pires de Souza e do Sr. José

Petitinga, da Cidade do Joazeiro, agradecendo a eleição de socios correspondentes deste Instituto; da direcção do Club Commercial da Cidade do Joazeiro enviando copia da acta da sessão em que foi commemorada a grande e gloriosa data da descoberta do Brazil; do Gremio Litterario Castro Alves, da Cidade do Remanso, congratulando-se com o Instituto pela maneira esplendorosa por que foi commemorado tão auspicioso acontecimento; de uma commissão de typographos desta capital enviando um numero especial impresso em setim e mais 20 de uma Polyanthéa que fez publicar no dia 1º. de Maio, dedicada a este Instituto por occasião do centenario; do Sr Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, enviando os Catalogos da numismatica com que o Estado do Amazonas concorreu ás patrioticas solemnidades do 4º. centenario do descobrimento do Brazil, na Capital Federal; do Secretario perpetuo da Academia Real de Bellas Artes, Historia e de Antiguidades de Stockolmo (Suecia), fundada em 1753, desejando entrar em relações com o Instituto e pedindo permuta das suas publicações. Mandou-se responder e que fosse attendido pela secretaria.

Do socio Dr. Abilio de Carvalho communicando que transferiu sua residencia para o Estado do Rio de Janeiro (Paraty) e despedindo-se do Instituto; do socio Dr. Braz do Amaral, secretario da commissão central do centenario, enviando a medalha destinada a figurar no museu do Instituto e as que têm de ser enviadas ás seciedades congeneres, e que a commissão opportunamente apresentaria relatorio circumstanciado dos seus trabalhos; do socio Desembargador Manoel Maria do Amaral enviando copia dos artigos já publicados pelo conego Benigno José de Carvalho e Cunha e pelo Sr. Manuel Ferreira Lage sobre uma cidade abandonada, e que existiu no centro do Estado, lembrando que taes artigos devem ser transcriptos na Revista, e a conveniencia de que novas pesquizas e explorações sejão feitas nesse sentido.

O Cons. 1°. Secretario declarou que, em relação ao que a imprensa diaria tem publicado sobre o dia da morte do grande patriota Dr. Cypriano Barata, a secretaria possue a certidão de obito do mesmo Barata, facto que occorrera na cidade do Natal em 1°. de Junho de 1838, cujo documento leu e lhe foi enviado no anno passado por solicitação sua ao nosso patricio Dr. José Paulo Antunes, bem como varias outras informações sobre a vida de Barata e artigos publicados na «Republica» daquella cidade, Estado do Rio Grande; pelo que lembrava que esses papeis fossem enviados á commissão de biographias, o que foi approvado.

O Cons. presidente declarou que a presente sessão fôra convocada para a discussão e approvação do orçamento, cuja materia ficava adiada para a sessão seguinte por não ter a respectiva commissão apresentado o seu parecer, e propoz que não tendo sido completo o parecer da commissão de admissão de socios sobre a proposta por elle apresentada, na sessão anterior, voltasse o mesmo parecer á referida commissão para fazer referida descriminação dos socios sobre o assumpto da proposta.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2°. secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

*Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque*, P.—*João Nepomuceno Torres—Isaias de Carvalho Santos.*

— —

## 79ª SESSÃO EM 12 de AGOSTO DE 1900

*Presidencia do Sr. Cons. Salvador Pires*

Aos doze dias do mez de Agosto de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, João Nepomuceno Torres 1.° secretario, e Filinto Justiniano Ferreira Bastos,

Drs. Bonifacio de Aragão Faria Rocha, José Julio de Calasans, Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque, Comm. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e pharmaceutico Joaquim Manuel de Santa Anna, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Horacio Urpia Junior, pharmaceutico Luiz Filgueiras, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Henrique Praguer, Coronel Francisco Felix de Araujo, commigo Isaias de Carvalho Santos, 2.° Secretario, foi aberta a sessão, sendo lida e approvada, sem discussão, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

*Cartas*: Do Dr. Manoel José Fernandes Ramos enviando para o museu o espadim e o chapeu de pasta que pertenceram ao Dr. Tiberio de Moncorvo e Lima; e do Coronel Joaquim Manoel Rodrigues Lima Filho enviando duas obras que pertenceram ao Dr. Sabino Alvares da Rocha Vieira.

*Officios*: do presidente da Associação Commercial da Bahia enviando o relatorio com que a Directoria transacta encerrou os seus trabalhos no anno findo; do 1.° secretario do Gremio dos Internos da Bahia, communicando a installação dessa associação a 24 de Julho ultimo e enviando a relação dos socios eleitos para comporem a sua Directoria; do 1.° secretario da Sociedade Beneficencia Academica enviando a relação dos Directores eleitos para o exercicio de 1900 a 1901; do 1.° secretario da Sociedade Beneficente União Philantropica dos Artistas communicando a eleição dos novos funccionarios para o anno social de 1900 a 1901, e do Director do Archivo Publico desta capital enviando ao Instituto documentos referentes ao Coronel Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva, quando offertara ao Governo 59 exemplares de suas Memorias Historicas para serem distribuidos pelas comarcas da Provincia.

O Cons. Dr. Secretario communicou achar-se sobre a meza uma photographia do novo edificio do Instituto, offerta do industrial Sr. Francisco Ferraro e por elle executada.

Em seguida o Sr. Cons. Dr. Presidente dá noticia ao Instituto de que no dia 9 do mez passado falleceu, nesta capital, o socio installador, professor Austricliano Francisco Coelho, membro da commissão de admissão de socios, lembrando os serviços por elle prestados ao Instituto, e propoz que se inserisse na acta um voto de pezar, tendo declarado que o Instituto se fez representar no acto do enterramento, o que foi approvado.

Pelo mesmo Sr. Cons. Dr. Presidente foi dito que havia recebido uma carta do socio Dr. Alfredo Britto offerecendo ao Instituto um manuscripto inedito, existente em seu poder, contendo o 1º canto do poema «Moysés», em que o seu auctor, o fallecido conego Eduardo Augusto de Souza Mello, não conseguiu levar por diante, e propoz que fosse enviado elle á Commissão de manuscriptos para esta dar o seu parecer.

São lidos os pareceres da Commissão de Orçamento sobre as contas da «Receita e Despeza» do anno proximo findo, a cargo do Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, sendo julgadas merecedoras da approvação do Instituto, assim como o novo orçamento. Posto em discussão o parecer sobre as contas é elle approvado. Em discussão o parecer da mesma commissão sobre o orçamento para vigorar no exercicio corrente, falaram diversos socios e entre estes o Coronel Francisco Felix de Araujo, que propoz que a discussão e votação ficassem adiadas para a seguinte sessão, fazendo-se nova convocação de socios, desde que em um dos additivos é proposta a creação do logar de servente; sendo approvada a proposta, depois de falarem o Cons. Dr. 1.º Secretario e o Dr. Faria Rocha.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, do que, para constar, eu, 2.º secretario, lavrei a presente acta e assigno. *Isaias de Carvalho Santos.* *João Nepomuceno Torres.—Bonifacio Faria Rocha.—Luiz Antonio Filgueiras.*

## 80ª SESSÃO, EM 26 DE AGOSTO de 1900

*Presidencia do Sr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario*

Aos vinte seis dias do mez de Agosto de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Conselheiro Dr. João Nepomuceno Torres, 1.º Secretario, Drs. Francisco Augusto de Góes Calmon, Innocencio Góes, Fernando Koch, Bonifacio Faria Rocha, Commendador Salvador Pires, Henrique Praguer, Coronel Gonçalo de Athayde, pharmaceutico Accioly do Prado, Professor Elias Nazareth, Pharmaceutico Luiz Filgueiras, Capitão Ferreira Braga, Octaviano Soledade e Antonio Gonçalves Neves, pelo Sr. Conselheiro Dr. João Torres, que assumiu a presidencia no impedimento do presidente Conselheiro Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e dos Vice-presidentes, foi declarada aberta a sessão, sendo convidados os socios Dr. Bonifacio Faria Rocha para 1.º Secretario e o Pharmaceutico Luiz Filgueiras para 2.º Secretario, os quaes passaram a occupar os respectivos logares.

Foi lida e approvada, sem observações, a acta da sessão anterior, passando-se ao expediente, que constou do seguinte:

*Officios*: do socio Dr. Frederico Lisboa, Director do Archivo Publico, offerecendo copia de varios documentos relativos ao general Pedro Labatut e ao Coronel Ignacio Accioly de Cerqueira e Silva; do Vice-Consul da Republica Oriental do Uruguay, nesta Capital, enviando um exemplar do convite do Comité para que o Instituto se faça representar no 2.º Congresso scientifico Latino Americano, que se reunirá em Montevidéo em 20 de Março do proximo anno de 1901; Convite da Colonia Italiana, nesta Capital, para que o Instituto se faça representar nas solemnes exequias em suffragio do fallecido Humberto 1º, Rei da Italia; Carta do Dr. José Manoel Car-

doso de Oliveira, Consul do Brazil, em Berne, offerecendo ao Instituto dois exemplares do livro por elle publicado—«Pedro Americo», sua vida e suas obras—e bem assim um exemplar do «Foragido» ultima producção litteraria daquelle illustre artista brazileiro.

Pelo Sr. Cons. Presidente foi dito que o Instituto far-se-ia representar, por uma commissão, nos funeraes do Rei Humberto, e que agradeceria as offertas feitas

Declarou o mesmo Sr. Cons. Presidente que no dia 8 de Agosto corrente havia fallecido em Ouro preto o nosso eminente consocio Comm. José Pedro Xavier da Veiga, Director do «Archivo Publico Mineiro», publicista e historiador, e autor do importante trabalho «Ephemerides Mineiras», e por isso propunha que se lançasse na acta um voto de pezar, o que foi approvado.

Declarou mais o Sr. Presidente que o assumpto principal da sessão era a eleição para preenchimento das vagas de um supplente de secretario por ter transferido sua residencia para fóra do Estado o supplente Dr. Abilio de Carvalho, e de dois membros da commissão de admissão de socios, vagos um pela mesma mudança do Dr. Abilio de Carvalho e o outro pelo fallecimento do professor Austricliano Coelho, e tambem a votação do projecto de orçamento.

Procedendo-se a eleição forão eleitos: Supplente de secretario o Pharmaceutico Luiz Filgueiras por 13 votos, tendo o Dr. Francisco Calmon obtido um voto; e para membros da commissão de admissão de socios o Coronel Gonçalo de Athayde Pereira e o pharmaceutico Joaquim Manoel de Sant'Anna por 13 votos cada um, obtendo um voto o Pharmaceutico Luiz Filgueiras.

Em seguida é lido o projecto de orçamento para o corrente anno de 1900 com o parecer da respectiva commissão, sendo approvados.

O orçamento e parecer são do têor seguinte:

Parecer da commissão de fundos e orçamento:

A commissão de fundos e orcamento examinando attentamente as contas da Receita e Despeza prestadas pelo Thesoureiro, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, durante o anno findo em 31 de Dezembro de 1899, assim como a escripturação as julga merecedoras da approvação da Assembléa Geral.

No demonstrativo apresentado e extrahido da respectiva escripturação vê-se que a Receita foi de Rs. 25:366$399 e a Despeza attingiu a Rs. 26:389$906. Para saldar esta despeza o thesoureiro adiantou por emprestimo, a quantia de Rs. 1:023$507.

No balanço a importancia despendida até o fim do referido anno com o predio pertencente ao Instituto monta em Rs 51:447$240 e o compromisso até a mesma data, em virtude da acquisição do dito predio em Rs. 31:500$000.

As obras continuão em andamento a cargo do thesoureiro.

A Recetia arrecadada no anno proximo findo foi a seguinte:

RECEITA

| | | |
|---|---|---|
| Saldo do anno anterior . . | | 5:745$599 |
| Subvenção municipal . . . | 1:000$000 | |
| Auxilio municipal para a Historia da Independencia . . | 500$000 | |
| Subvenção estadual, Dezembro de 1898 a Novembro de 1899 . . . . . | 6:000$000 | |
| Subvenção federal, Dezembro de 1898 a Setembro de 1899 . . . . . | 4:166$332 | |
| Loteria, caução e beneficio | 1:724$468 | |
| Mensalidades de socios . . | 1:458$000 | |
| Joias de socios . . . . . | 525$000 | |
| Vendagem da Revista . . | 99$000 | |
| Assignaturas da Revista. . | 48$000 | |
| Emprestimo por lettra ao Banco Auxiliar das Classes . | 4:000$000 | |
| Remissão de socios . . . | 100$000 | |

| | | |
|---|---|---|
| Dinheiro emprestado para occorrer ás despezas pelo capitão Francisco Gomes Ferreira Braga. . . . . | 1:023$507 | 20:644$307 |
| | | 26:389$906 |

A Despeza feita durante o mesmo anno foi:

DESPEZA

| | |
|---|---|
| Compra de livros e encadernação . . . . . | 170$000 |
| Aluguel da casa. . . . . | 990$000 |
| Compra de moveis . . . . | 524$200 |
| Juros com hypotheca ao Banco Auxiliar . . . . . | 2:750$000 |
| Amortisação da mesma . . | 2:500$000 |
| Juros da lettra do Banco Auxiliar . . . . . | 312$800 |
| Despezas geraes inclusive as de Secretaria e anniversario . | 1:328$170 |
| Ordenado do amanuense . | 960$000 |
| Idem do porteiro . . . . | 720$000 |
| Idem do cobrador . . . . | 399$996 |
| Commissão do cobrador . . | 165$600 |
| Impressão da *Revista* a E. Editora. . . . . | 2:170$000 |
| Despendido com obras no predio n. 13, sito á Praça «15 de Novembro», de Janeiro a Dezembro de 1899. . . . . | 13:399$140 |
| | 26:389$906 |

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 24 de Julho de 1900. (assignados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Horacio Urpia Junior—Eloy de Oliveira Guimarães.*

Projecto de Orçamento de 1º. de Janeiro a 31 de Dezembro de 1900.

A commissão de orçamento submette á approvação da Assembléa Geral o novo orçamento para o corrente anno de 1900.

Art. 1º. A Receita é fixada em . . . . . .

A saber:

| | |
|---|---|
| § 1º. Subvenção estadual. . | 6:000$000 |
| § 2º. Dita federal . . . . | 5:000$000 |
| § 3º. Dita municipal . . . | 1:000$000 |
| § 4º. Segunda prestação do auxlio votado pelo Conselho municipal para a publicação da Historia da Independencia pelo Dr. Manuel Correia Garcia. . | 500$000 |
| § 5º. Mensalidades de socios | :400$000 |
| § 6º. Joias e donativos . . | 500$000 |
| § 7º. Assignaturas da «Revista». . . . . | 50$000 |
| § 8º. Receita eventual, producto do beneficio das loterias contractadas com Julio T. da S. Lobo & C. (Maio a Dezembro) . . . . . | 8:800$000 |
| | 23:250$000 |

Art. 2º. A Despeza é fixada em. . . . . .

A saber:

| | |
|---|---|
| § 1º. Aluguel do antigo predio de Janeiro a Junho. . . | 515$000 |
| § 2º. Ordenado do amanuense. . . . . | 960$000 |
| § 3º. Idem ao porteiro. . . | 720$000 |
| § 4º. Idem ao cobrador . . | 400$000 |
| § 5º. Commissão ao cobrador . . . . . | $ |
| § 6º. Publicação da *Revista*, 4 ns. com 600 exemplares . . | 3:000$000 |
| § 7º. Auxilio para a publicação da Historia da Independencia pelo Dr. Manuel C. Garcia . . . . . | 1:000$000 |

| | | |
|---|---|---|
| § 8º. Juros da hypotheca ao Banco Auxiliar. . . . . | 2:750$000 | |
| § 9º. Amortisação da mesma | 5:000$000 | |
| § 10. Juros da lettra. . . . | 900$000 | |
| § 11. Amortisação da mesma | 1:000$000 | |
| § 12. Despezas geraes inclusive as de Secretaria e anniversario. . . . . | 1:500$000 | |
| § 13. Seguro do predio . | 116:$000 | |
| § 14. Mudança da bibliotheca e de moveis para o novo predio | 300$000 | |
| § 15. Concerto de moveis. . | 400$000 | |

CONTAS A PAGAR

| | | |
|---|---|---|
| A Francisco Ferraro . . | 1:170$000 | |
| A Joel & C. . . . . | 272$540 | |
| A Campello . . . . | 1:171$000 | |
| A Costa Santos & C. . . | 361$320 | |
| A Comp.ª Serraria a vapor de materiaes de construcção | 468$500 | |
| Gratificação ao guarda-livros . . . . . | 200$000 | 3:643$360 |
| | | 22:204$360 |
| E mais para pagamento ao thesoureiro capitão Francisco Braga pela quantia que adiantou . . . . . | | 1:023$507 |
| | | 23:227$867 |

Art. additivo: Fica o thesoureiro autorizado a applicar o saldo que exceder do orçamento na amortisação da hypotheca e lettra.

Fica creado o logar de servente com a gratificação de Rs. 480$000 annuaes.

Bahia e sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 24 de Julho de 1900. (assi-

gnados) *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque—Horacio Urpia Junior.--Eloy de Oliveira Guimarães.*»

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e de tudo, para constar, eu, 2º. Secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

---

# OFFERTAS

## (Mez de Julho)

—Pelo *Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro Filho*: Guia dos Juizes de Paz—pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata*: Promptuario Alfabetico dos Estados, Municipios e Districtos do Brasil.

—Pelo socio *Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro*: O Paraná no Centenario—1500—1900—por José Francisco da Rocha Pombo—Rio de Janeiro

—Pela *Intendencia Municipal desta Capital*: Revista do Archivo Municipal do E. da Bahia, anno 1.º, n. 2.

—Pelo *Estado Maior do Exercito*: Revista Militar, ns. 4 e 5, Abril e Maio de 1900.

—Pelo socio *Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa*: Carta de Pedro Vaz Caminha, prefaciada e com um appendice pelo offertante.

—Pelo cidadão *João Victor da Silva*: Breviarium Romanum, 2 vols.

—Pelo *Padre Joaquim Silverio de Sousa*: Vida de Santo Affonso, pelo padre theologo Julio Barberis (Salesiano) tradusida pelo offertante, e Sitios e Personagens, pelo offertante.

—Pelos *Srs. Sousa Vianna* & C.: Mala da Europa, ns. 39 a 41.

—Pela *Directoria da Associação Commercial deste Estado*: Relatorio da mesma Associação—1899.

—Pelo *Dr Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior*: Traité des maladies des femmes, depuis la puberté,

par J. Capuron e Pirotologie Physiologique ou Traité des Fievres, par F. G. Boisseau—Obras estas que pertenceram ao Dr. Francisco Sabino A. da Rocha Vieira.

—Pelo *Dr. J dos Remedios Monteiro*: Relatorio apresentado ao Governador do Estado de Santa Catharina, Dr. Felippe Schmidt, pelo Secretario de Estado José Teixeira Raposo—1900.

—Pelo socio *Dr. Eduardo Ferreira de Cerqueira*: Les Premiers Habitants de l'Europe—par H. d'Arbois de Jubainville.

— Pela *Directoria da Escola Polytechnica de S. Paulo*: Annuario da mesma Escola para o anno de 1900.

—Pelas *respectivas redacções*: Boletim de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 27 de 1900; Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Tomo 13—1898 a 1900; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, n. 28—Abril de 1900; Bulletin de la Société de Geographie, n. 6—Janeiro—1900; Le Glob—Bulletin de la Societé de Geographie de Geneve, Tomo 11, n. 2—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Paris, ns. 3, 4 e 5 de 1900, Bulletin de la Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 13, Julho de 1900; Bulletin of the American Geographical Society, n. 3 de 1900; Gazeta Medica da Bahia, ns. 11 e 12—Maio e Junho—1900.

**( Mez de Agosto )**

—Pelo socio *Dr Joaquim Ignacio Tosta* : Discurso proferido pelo offertante na sessão inaugural do Congresso Catholico, na Bahia, 1900.

—Pelo Academico *Rosentino Motta*: Dois sellos brazileiros antigos.

—Pelo socio *Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata*: «A Conspiração» officio do Procurador da Republica na formação da culpa dos denunciados (Juizo Federal —1900.)

—Pelo *Dr. Director do Museu Paulista*: Revista do Museu Paulista, vol. 4.º, 1900.

—Pela *Directoria da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*: Annaes da mesma Bibliotheca, 1900.

— Pelo *Lyceu Litterario Portuguez*: *IV Centenario do Descobrimento do Brasil*—Historia topographica e bellicosa da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata.

—Pelo Cidadão *José Jacintho Ribeiro*: Chronologia Paulista ou relação historica dos factos mais importantes occorridos em S. Paulo desde a chegada de Martim Affonso de Sousa a S. Vicente até 1898, pelo offertante.

—Pelas *respectivas redacções*: La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 7.—1900; Gazeta Medica da Bahia, anno 32—ns. 1 e 2, 1900; Revista Militar, ns. 6 e 7., anno 3.º—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 34—1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 14—1900; A Escola, Revista Official do Ensino, n. 3, anno 1.º (Belém—Pará); Bollettino de la Societá Geografica Italiana, ns. 7 e 8—1900; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 28—1900; Memore de la Societá Italiana—vol 9.º—1899; The National Geographic Magazine, n. 7—1900; Revista do Gremio dos Internos, anno 1.º, n 1 (Bahia) 1900.

**(Mez de Setembro)**

—Pela *Secretaria Geral da Instrucção Publica do Pará*: Congresso Pedagogico do Estado do Pará —1900.

—Pela *Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo*: Boletim da Agricultura do E de S. Paulo 1ª serie, ns. 1 e 2 de 1900.

—Pelo Cidadão *Aristides Dias Olavo*: Um bloco, Lenhito extrahido da Fazenda Pricoara, municipio de Cayrú (Bahia).

—Pela *Seretaria do Conselho Municipal da Bahia*: Relatorio apresentado pelo Dr. Paula Guimarães —1900.

—Pela *Secretaria do Gabinete Portuguez de Leitura da Bahia*: Relatorio da respectiva Direcção—1900.

—Pela *Directoria do Museu Paraense*: Memorias do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia—Escavações archeologicas, em 1895.

—Pelo *Cons. Presidente do Tribunal de Revista deste Estado*: Regimento Interno dos Tribunaes de Appellação e Revista, 1900.

—Pela *respectiva Secretaria*: Revista do Archivo Publico Mineiro, anno 4.° Fascs. 3 e 4 de 1899.

--Pelas *respectivas redacções*: Revista Catharinense, anno 1.°, n. 7; Boletim Demographo-Sanitario da Cidade de S. Salvador, n. 5—1900; The National Geographic Magazine, ns. 7 e 8—1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers, Tomo 24, Fasc. 2°; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 8—1900; Revista Maritima Brazileira, n. 1—anno 20—de 1900; Revista do Rio Grande do Norte, ns. 4 e 6, 1900; A Escola, Revista Official de Ensino (Pará) n. 4—1900; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 35—1900; Boletin da la Sociedad Geografica de Madrid, n. 29—1900; Bulletin de la Société Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 15 e 16 de 1900: A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 29 —1900.

—Pelo Instituto Geographico e Historico Brasileiro e por intermedio dos socios Desembargador Montenegro e Dr. Satyro Dias—«Brasil» pelo Dr. Zeferino Candido, obra e uma medalha commemorativas do 4.° Centenario do Descobrimento do Brazil.

# Poetas Bahianos

## SECULO XVIII

V

## JOSÈ FRANCISCO CARDOSO DE MORAES

Silvio Romero, estudando a Eschola Mineira no 1.º volume de sua obra *Litteratura Brazileira*, após uma analyse dos satyricos da epocha, na qual se occupa especialmente com as *Cartas Chilenas*, dedica muitas paginas ao estudo critico da poesia épica.

A epopéa brazileira é sem duvida alguma inferior à da antiguidade que produziu os poemas de Homero e Virgilio e a dos tempos modernos que nos deu a *Divina Comedia*, a *Jerusalem libertada* e os *Luziadas*.

Nossa historia não teve tempos fabulosos e heroicos, a nossa epopéa é de terceira ordem e só pode figurar abaixo do *Paraizo Perdido* e da *Messiada*, e soffrer confronto com a *Malacca conquistada* e *Affonso, o Africano*.

Quatro são os poemas epicos estudados pelo phi-

losopho sergipano, sendo dois de primeira ordem e dois de segunda.

Figuram no primeiro plaino o *Caramurú*, de Santa Ritta Durão e o *Uruguay*, de José Basilio da Gama, unicos poemas que mereceram de Silvio Romero um estudo mais aprofundado.

No segundo plaino, elle colloca o *Villa Rica* de Claudio Manuel da Costa, cujo merito como poeta lyrico é incontestavel, mas cujo poema épico elle classifica de chato, prosaico, duro e inutil; e cita depois deste o poema latino *Tripoli* do poeta bahiano José Francisco Cardoso, do qual apenas diz no fim do capitulo:

«De José Francisco Cardoso nada tenho a dizer. E' o mais esquecido dos escriptores brazileiros e este esquecimento é justo.»

Algumas paginas antes, fallando dos dois ultimos épicos, o mesmo author diz:

«Os dois ultimos, um com o *Villa Rica* e o outro com seu poema *Tripoli*, não merecem attenção demorada.

«Cardoso foi um versejador em latim, e Claudio é notavel somente como lyrista.»

Cardoso é dos epicos brazileiros o unico bahiano, e veremos que outros authores foram menos rigorosos que Silvio Romero, quando escreveram a sua biographia e a critica de seu poema.

Em 23 de Abril de 1761, nasceu na cidade da Bahia, José Francisco Cardoso de Moraes e ahi começou logo a distinguir-se como estudante de humanidades e latinista no Collegio dos Jesuitas.

Era filho de Gonçalo Cardoso de Moraes e de D. Francisca Antonia de Moraes.

Cultivando esmeradamente as lettras e mostrando-se apaixonadissimo dos poetas latinos, Cardoso em pouco tempo tornou-se tambem poeta latino de notavel merecimento.

Escreveu tambem poesias em portuguez.

Indo para Portugal completar os seus estudos, alli tornou-se amigo intimo de Bocage, que nunca negou os seus merecimentos como poeta e latinista.

De volta a sua patria foi nomeado professor regio da lingua latina, na qual foi um dos brazileiros mais versados.

O poema latino *Tripoli*, unica producção do author que escapou ao pó do esquecimento mereceu a honra de ser traduzido em bellissimas estrophes pelo distincto repentista luzitano.

A respeito deste poeta bahiano, Pereira da Silva, que o chama José Ferreira Cardoso, diz no *Supplemento Biographico* do 2.º volume de seus *Varões Illustres*:

«Foi poeta latino de gosto e litterato de reputação merecida. Compoz o poema intitulado *Tripoli*, que traduziu na lingua portugueza Manuel Maria Barbosa du Bocage, e que é admirado pela louçania da linguagem e elevação do pensamento.»

Dr. Joaquim Macedo, que tambem o chama José Ferreira Cardoso, na sua obra *Anno Biographico Brazileiro*, volume 1.º, assim termina o artigo que dedica a Francisco Cardoso:

«A justa e bem merecida reputação de poeta e litterato distincto que Ferreira Cardoso gosava, foi confirmada com legitima autoridade pelo seu amigo o famoso e inspirado Manuel Maria Barbosa du Bocage, que traduziu na lingua portugueza o poema *Tripoli*, do illustre brazileiro, vulgarisando as bellezas e altivo pensamento d'essa obra.»

Falleceu em 1842 ou 1843.

De suas obras citaremos as seguintes, que foram impressas: —*Joanni*, augustissimo, piissimo. De rebus a lusitanis ad Tripolim viriliter gestis carmen.

Olisipone, 1800, 35 pgs. in 8.o—E' este o poema conhecido pelo nome de *Tripoli* e que foi traduzido em versos portuguezes por Bocage, e publicado no anno de 1800 em Lisboa, com o texto latino ao lado, e com o titulo «Canto heroico sobre a expedição de Tripoli pelos portuguezes.» Fez-se ainda uma edição com o titulo:—*Ao serenissimo, piissimo, felicissimo* principe regente de Portugal D. João, ornam. prim., esperança e estabilidade do Brasil e protector eximio das lettras: canto heroico sobre as façanhas dos portuguezes na expedição de Tripoli. Rio de Janeiro, 1811.

—*Elogio* para se recitar na abertura do real theatro de S. João no faustissimo dia 13 de Maio, natalicio do principe regente, nosso senhor, offerecido ao Exm. Sr. Conde dos Arcos.—Dizem que foi impresso. Brito Aranha assevera que Innocencio da Silva possuia uma copia de 18 pgs. in 4º e outra copia foi pela Bibliotheca Publica da Bahia enviada para exposição de historia patria de 1881. E' em versos endecasyllabos soltos.

—*Epinicium*: (poema latino) offerecido ao Conde dos Arcos—No livro «Relação do festim que ao Illm. e Exm. D. Marcos de Noronha e Britto, VIII Conde dos Arcos, etc., deram os subscriptores da praça do Commercio aos 6 de Setembro de 1817, por occasião de collocarem n'elle o retrato do mesmo excellentissimo Conde, seu fundador.» Bahia, 1817, in 4.o, de pg. 60 em diante.

—*Epistola* ao Ministro dos Negocios ultramarinos e da marinha, do n Rodrigo de Souza Coitinho, em verso latino.

—*Elegia* a dom Rodrigo de Souza Coitinho—Mans. de 9 fls. pertencente ao Instituto Historico.

—*Elegia* analysando a antiga e nova Bahia, 1815—Tambem foi enviada pela Bibliotheca Publica da Bahia para a citada exposição.

Suppõe-se ser de sua penna a seguinte decima que appareceu anonyma quando José Agostinho de Macedo deu a lume o seu poema o *Oriente*:

Ao parnaso que subir
Novo rival de Camões;
Mas de loucas pretenções
As musas se põem a rir.
Apollo, sem se affligir,
D'est'arte fala ao casmurro:
«Pode entrar que não o empurro.
Nem me vem causar abalo;
Já tenho aqui um cavallo,
Sustentarei mais um burro.»

---

VI

## DOMINGOS CADLAS BARBOSA

Duvidas que ainda não foram esclarecidas pairam sobre a data e local do nascimento d'este poeta brazileiro.

Filho d'um portuguez e de uma preta africana sua escrava, assevera o conego Januario da Cunha Barboza, na *Revista do Instituto Historico*, tomo IV., pag. 210, baseado nas informações de um parente d'elle, que aldas nascera a bordo do navio negreiro que trazia para o Brazil sua mãe escrava em adiantada gravidez, sendo baptizado no Rio de Janeiro em 1738.

Fundado em alguns versos do proprio poeta, nas asseverações de pessoas da familia do fidalgo portuguez protector de Caldas, e, finalmente no testemunho do padre José Agostinho de Macedo, Warnhagen, no *Florilegio Brazileiro*, tomos II e

III, pags. 455 e 297 e ainda no tomo XIV da *Revista do Instituto Historico*, affirma que o poeta nasceu no Rio de Janeiro em 1740.

Pereira da Silva, nos *Varões Illustres*, tomo II pag 329, e o padre Ignacio Felix de Alvarenga Salles dizem, que Caldas nasceu na Bahia em 1738, e é por isso que nós lhe damos um lugar entre os poetas bahianos contemporaneos da Eschola Mineira.

Liberto e reconhecido por seu pae, recebeu Caldas esmerada educação e foi muito estimado pelos seus; outro tanto, porém, não succedeu com os seus patricios, nem com os seus contemporaneos em Portugal.

Mestiço e de côr *carregada*, filho de ventre escravo e d'um portuguez de baixa condição, luctou o poeta durante toda sua vida contra o preconceito de raça, e foi esta lucta amarga, que lançou no tinteiro, em que elle molhava a penna para escrever as suas estrophes, a gotta de fel que se distillou em satyras crueis com que vergastava aquelles que não o poupavam.

No collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro, onde começou seus estudos, a sua condição de mestiço e os elogios que alcançou de seus mestres pela sua applicação e talento, captaram a má vontade de seus condiscipulos que lhe fizeram a mais encarniçada guerra.

Começou então a escrever as suas satyras ferinas que tanto offenderam a pessoas poderosas que estas foram queixar-se ao capitão-general Gomes Freire de Andrade e este mandou prendel-o violentamente e obrigou-o a sentar praça no regimento que tinha de partir para a colonia do Sacramento.

Desde 1762 que a colonia do Sacramento se achava no poder dos hespanhoes, por isso o regi-

mento voltou ao Rio de Janeiro, obtendo então Caldas Barbosa, a sua baixa, partindo em seguida para Portugal com os recursos que seu pae lhe proporcionou.

Em Vianna do Minho, quando já se tornava celebre pelas suas poesias, recebeu a noticia infausta do fallecimento de seu pae e portanto de seu completo abandono em terra estranha.

Em Portugal a lucta continuou e o poeta tentou diversas carreiras, sendo em todas, como na eclesiastica e na militar, infeliz, não podendo terminal-as porque sempre a sua côr e o seu baixo nascimento por toda parte lhe eram lançados em rosto.

Em Barcellos travou Caldas Barbosa conhecimento com o marquez de Castello Melhor e seu irmão D. José de Vasconcellos e Sousa, amizades que mais tarde lhe proporcionaram melhores dias.

Em Lisboa julgou o poéta encontrar um Mecenas na pessôa do rei e dedicou-lhe o poema *Libreida;* fallecendo porém em breve o mocarcha ficou Barbosa entregue de novo a seu destino.

Apresentou-se n'esta occasião D. José de Vasconcellos e Sousa, então conde de Pombeiro e marquez de Pombal, que se instituiu seu protector decidido, fazendo-o tomar ordens menores e beneficiando-o com o titulo de capellão da Casa da Supplicação.

Caldas Barbosa, reconhecido aos favores que lhe prestavam, nunca foi um baixo adulador e por isso não se desfez em versos encomiasticos a seu Mecenas.

Antes de 1777, em uma digressão a Italia, foi acceito como socio da Arcadia de Roma, na qual tomou o nome de *Lereno Celynuntio.*

De volta á Lisboa coube-lhe a honra de ser um dos fundadores e presidente da «Nova Arcadia»

ou da «Academia das Bellas Lettras de Lisboa», como diz Perié.

Os poetas de seu tempo começaram então a fazer-lhe justiça e foi elogiado por seus amigos padre José Agostinho de Macedo, Curvo Semedo e outros.

Atacaram-no, porém, sem compaixão Filinto Elysio, Nicolau Tolentino, Bocage e o proprio padre José Agostinho de Macedo.

Nicolau Tolentino, o eterno adulador do marquez de Angeja, por inveja do talento poetico do nosso mestiço, não o poupou em uma de suas satyras dedicando-lhe uma quintilha.

Filinto Elysio, que embirrava com os versos de redondilha menor o verberou em suas satyras.

Bocage, que a principio foi amigo intimo de Caldas Barbosa, não lhe poude perdoar o tel-o desthronado nos salões aristrocatas que ambos frequentavam

E' cousa notada por Silvio Romero que todo mestiço brazileiro tem decidida vocação pelas artes, principalmente pela pintura e mais do que tudo pela musica. Além dos exemplos apresentados pelo distincto critico sergipano: de Silva Alvarenga, Padre José Mauricio e Henrique de Mesquita, que foram mestiços e bons musicos; mesmo na actualidade entre nós a orchestra dos theatros é na sua maioria constituida por elles.

Caldas Barbosa, que tambem era mestiço, sempre mostrou vocação pela musica; tocava muito bem viola e cantava com boa voz as *modinhas* brazileiras; foi elle que introduziu o uso d'estas diversões nos salões aristrocatas de Lisboa.

O gosto por estas novidades desenvolveu-se no bello sexo, e o eximio trovador, improvisando suas modinhas e glosando de repente os mottes que lhe eram dados, tornou-se o *ai Jesus* das damas, des-

ıcando o orgulhoso *Elmano* do seu pedestal de ›ria.

Contam, entre outras, que n'um salão no qual brazileiro fazia furor uma noite e sustentava ı namorico com uma dama um pouco idosa, cara grande e redonda como uma lua e, além tudo, tabaquista, lhe foi dado o seguinte motte:

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio.

*Lereno* glosou assim:

Tenho visto até agora
Mil coisas que são portentos:
Trinta velhos rabugentos
Eu vi nos braços da aurora;
Um cão puchar uma nora,
Correr para traz um rio,
Velas arder sem pavio.
Vi um defuncto a correr,
Só me falta agora ver
O sol tremendo com frio.

Bocage, que ouvira a glosa e conhecia o que estava dando na sala, retrucou immediatamente:

Se isto vae de foz em fora,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora.
Só me falta ver agora
O *carangueijo* dum *rio*
Ver os *effeitos do cio*
Cantar modas um macaco
A lua tomar tabaco,
O sol tremendo com frio.

E' bem saliente a satyra do poeta portuguez: elle julgava que Caldas Barbosa era fluminense, por isso o chama «carangueijo d'um rio» e por ser brazileiro cantador de modinhas atira-lhe o verso: «Cantar módas um macaco»; são allusões á dama predilecta do mestiço, as phrases: «ver os effeitos do cio» e o verso: A lua tomar tabaco.

Ainda Bocage satyrisa-o no epigramma intitulado:—«A um mulato glutão que murmurava de mim,—e no soneto que glosa o mote:—«Improvisa berrando o rouco bode»,—que se encontra em José Feliciano de Castilho, Livraria Classica, *Bocage*, T. 3º pags. 42 e 43.

O rival de *Elmano* não era homem pretencioso e nunca renegou a sua casta, até não fazia caso de que o chamassem mulato: como prova disso dizem que uma vez encontrando-se com o padre Sousa Caldas improvisara esta quadra:

Tú és Caldas, eu sou Caldas;
Tú és rico, e eu sou pobre;
Tú és o Caldas de prata,
Eu sou o Caldas de cobre.

Domingos Caldas Barbosa falleceu a 9 de Novembro de 1800 em casa de seu protector, o conde de Pombeiro, com mais de setenta annos de idade.

O Snr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* diz que o Caldas Barbosa, comquanto não chegasse a merecer a qualificação de poeta de genio e de grande imaginação, todavia seus versos respiram facilidade, correção e elegancia.

Accusam de triviaes e disparatadas as suas modinhas, cantigas e lundús improvisados ao som da viola, mas não devemos julgar o poeta por estas passageiras producções, devemos estu-

dal-o no drama joco-serio em um acto *A Doença* ou a *Vingança da Cigarra*, na recopilação da *Historia Sagrada* em verso para uso das escholas, na *Memoria em honra das musas brazileiras* e nas suas cantigas, sonetos e poesias lyricas. que formam, na opinião de Perié, um rico thesouro de arte e de sentimento com que se honra a litteratura patria.

O poeta não tinha ambição de gloria, era espontaneo e natural; repentista popular, elle só escreveu por necessidade uma obra de folego, o poema *Lebreida* e este mesmo mediocre.

O *fulo Caldas, o cantor de viola,* como lhe chamavam os seus inimigos, nunca foi invejoso, e no seu tempo elle era quem menos apreciava as suas producções; todas as suas modinhas andam ainda hoje na bocca do povo truncadas ou ampliadas e muitas vezes o *capadocio* bahiano, que ao som da viola em noites de luar, entôa o seu discante a porta de sua *bella*, estropia estrophes de *Lereno* sem ao menos conhecer de nome o pobre poeta.

E' esta a nota de sua poesia, facil, trivial e quasi sempre improvizada, feita sem outra pretensão que a de agradar ao povo.

Das poesias de Caldas Barbosa algumas existem nos *Parnazos Brazileiros* e todas ellas foram publicadas vinte e cinco annos depois de sua morte, isto é, em 1825, por João Nunes Esteves em Lisbôa sob o titulo—*Viola de Lereno*: *collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos*. Tomo I—1819. Tomo II—1826.

Caldas Barbosa ainda escreveu:

*Collecção* de poesias feitas por occasião da inauguração da estatua do rei D. José I, em 5 de Junho de 1775. Lisbôa, 1775. 27 pags. in—8. Compõe-se de 5 odes e 6 sonetos.

—*Epitalamio* nas felicissimas nupcias do Exm.

Snr. Conde de Calheta com a Exma. Snra. D. Marianna de Assis Mascarenhas. Lisbôa. 1777. 7 pgs. in 8.—*Almach das Musas* Lisbôa. 1793. 4 vols.

*Traducção* de algumas odes de Horacio, Lisbôa 17**

*Os viajantes ditosos*. drama jocoso em musica. Lisbôa, 1790, 96 pgs. in—8.

—*A saloia namorada* ou o remedio é cazar· Drama joco—serio em 1 acto, Lisbôa, 1795, in—8.

—*A escola dos ciosos*, drama jocoso em 1 acto, traduzido do italiano, Lisbôa, 1795, in—8.

—*Henrique IV*, poema epico, traduzido do francez, Lisbôa, 1807, in—4.

—*Poema Mariano* ou narração dos mais espantosos milagres de N. S. da Penha. Victoria. 1854.

*Lebreida* poema, por occasião da inauguração da estatua equestre de D. José I em 1778.

—*Bôas festas*, ao arcebispo inquisidor.

Na *Cantora Brasileira*, de Norberto de Souza e Silva, ha muitos lundús e modinhas de Caldas Barbosa.

—*Retato de Aniera*, no IV tomo da *Revista Trimensal* do Instituto Brazileiro pg. 210, onde vem alguns apontamentos biographicos pelo conego Januario da Cunha Barbosa.

Occuparam-se com o estudo da biographia e obras de Domingos Caldas Barbosa os seguintes escriptores: Silvio Romero em sua *Litteratura* Brazileira. Dr. Joaquim de Macedo no *Anno* Biographico Brazileiro. Mello Moraes Filho no Parnaso Brazileiro, Pereira da Silva nos Varões illustres, Perié na Litteratura brazileira, Warnhagen no Florilegio. Innocencio da Silva no Diccionario Bibliographico Portuguez e muitos outros.

*Bahia*, 1900

DR. MANUEL BRITO.

# SUMMARIO DO N. 25


| | Pags. |
|---|---|
| Historia Patria, por J. P. B. . . . . | 239 |
| Historia das artes e sua marcha progressiva na Bahia, pelo Dr. Cunha Barbosa | 249 |
| A Sabinada—Historia da Revolta da Cidade da Bahia em 1837, pelo Dr. F. Vicente Vianna. . . . . | |
| Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. Aristides Milton (Mez de Outubro) . . . | 293 |
| A pesca da baleia na Bahia. por J. Teixeira Barros. . . . . | 323 |
| **Actas das Sessões e Offertas:** | |
| (Julho a Setembro de 1900) . . . . . | 337 |
| Poetas Bahianos, pelo Dr. Manoel Brito: | |
| —José Francisco Cardozo de Moraes. . | 353 |
| - Domingos Caldas Barbosa. . . . . | 357 |

# REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico

E

# Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In prœsens, validusque in veniens stimulus.

DEZEMBRO DE 1900

ANNO VII VOL. VII N. 26

BAHIA
Typ. Encadernação—«Empreza Editora»
LARGO DAS PRINCEZAS NS. 15 E 22

1900

REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico e Historico

DA BAHIA

Anno VII Dezembro de 1900 Num. 26

# PRINCIPIOS JACOBINOS

## Sedição de 1798 na Bahia

I

Os ultimos annos do 18.º seculo e os principios do 19.º formaram como que o laboratorio ardente das liberdades modernas.

Com o expirar d'aquelle tinham-se sepultado as instituições do antigo regimen, banhando-se em rios de sangue como jamais viu a humanidade; com o surgir do nosso seculo principiou a complicadissima tarefa da organisação moderna dos povos.

Portugal não podia isentar-se d'esse movimento e, com elle, o Brazil.

Cêdo, bem cêdo ainda, apesar da distancia, o fogo da liberdade veio incendiar alguns cerebros ardentes na capitania de Minas Geraes.

Alli, para onde já tinham alguns brazileiros educados na França levado os primeiros raios da nova aurora da liberdade, um official de milicias, Joaquim José da Silva Xavier com o appellido de Tiradentes, morador em Ouro Preto, inflammou-se por tal maneira que chegou uma vez em um banquete a levantar à independencia de Minas e do Brazil um brinde, que foi acolhido pelos circumstantes com jubilosas demonstrações.

Não sabemos si elle cifrou-se n'isto ou si formou-se uma verdadeira conspiração com o fim de revolucionariamente declarar a independencia de Minas sob a fórma republicana. Em todo o caso, porém, não tinha a causa ainda feito particulares progressos, pois que, quando a attenção do governo se despertou e se principiou a devassa do caso não se acharam verdadeiras provas nem armas e nem correspondencia.

Mas a côrte de Lisboa tomou muito a sério esses acontecimentos, e em consequencia d'isto prenderam-se todos os suspeitos de qualquer forma, que não puderam fugir; instituiu-se um tribunal especial perante o qual installou-se um processo de inconfidencia, que dilatou-se por alguns annos, e do qual se entendeu evidenciar complicada e confusamente um plano de revolta.

Finalmente, em 1792 cahiu a sentença por accordão de 18 de Abril condemnando cinco dos mais graves accusados á pena de morte, pena, porém, que só foi executada em um, Tiradentes, que foi enforcado, esquartejado, expondo-se os pedaços do cadaver, arrazando-se sua casa em Ouro-Preto, em cujo logar, depois de salgado, levantou-se um poste infamante, que só depois da independencia do Brazil é que foi tirado.

Os outros accusados foram em geral condem-

nados á deportação perpetua ou temporaria para Angola, confiscadas suas fortunas, e o mesmo se deu com aquelles que fugindo para os mattos, subtrahiram-se á justiça.

Eis em poucas palavras como d'este importante facto da nossa historia, falla Haudelman na sua Historia do Brazil:

«A rainha fazendo lançar sobre a cabeça de Tiradentes a terrivel sentença, julgava-se collocar na mais impenetravel segurança.

O exemplo do castigo estava dado A sua energica resolução foi cercada e cumprida com o apparato e pompa especialmente recommendadas, fóra do commum das solemnidades tetricas que acompanham ao patibulo um condemnado.

O corpo de Tiradentes esquartejado, os pedaços do cadaver expostos ás intemperies do tempo, sua casa arrasada, salgado o logar e levantado nas ruinas ainda impregnadas do ar infecto do liberalismo, um poste infamante—era o freio que a côrte de Lisboa punha ao desenvolvimento dos *principios jacobinos* (como ella chamava) no Brazil. Vaidade! Julgava-se, com a morte de um homem e a deportação de outros para as plagas inhospitas, conter a corrente impetuosa das evoluções politicas de um povo».

Nada se move n'este mundo sem as leis impulcionadoras da natureza.

Um povo não é mais do que um ser qualquer e, com elle, sujeito ás gradações da perfectibilidade.

Do ultimo suspiro em que foi-se a vida do martyr mineiro formou-se a cellula dos principios liberaes que, metamorphoseando-se no decorrer de noventa e tantos annos, deu vida ao corpo que ainda nas fachas infantis recebeu a 15 de Novembro de 1889, beatificado pelas auras brazileiras, o

mais limpido de todos os baptismos revolucionarios.

O resultado da inconfidencia mineira abafou o fogo da liberdade, mas não conseguiu extinguil-o.

A côrte de Lisboa parecia agora estar socegada e tranquilla; quem ousaria, jamais, á vista do seu energico procedimento conspirar!

Conscia do seu poder, voltou-se a usufruir e desfructar, rodeada de seus cortezãos, a uberrima riqueza de suas colonias ultramarinas.

Na embriaguez de seu poder, orgulhosa de suas conquistas, avida sempre de riquezas, só cuidava dos desenvolvimentos que lhe podessem trazer resultados seguros e immediatos, esquecendo-se descuidadamente da educação dos homens dos dominios ultramarinos.

Toda voltada para a importação de braços africanos, entulhava aos montões os mercados coloniaes com milhares de negros, buscados pelas negociações mais torpes nas costas africanas, sem cogitar dos males que lhe podessem sobrevir de futuro.

N'esse tempo, aqui na nossa cidade, a população negra representava mais do que a media da população branca.

Portugal não via n'esta colonisação deprimente o atrophiamento da nação futura.

Este desequilibrio estavel nas raças que ião se multiplicando sem selecção alguma de meios de educação, trouxe-nos, como consequencia immediata, uma serie de interrupções nos predicados que habilmente poderiamos ter herdado de cada uma.

Do cruzamento e do desenvolvimento das trez raças reunidas—aborigene, a caucasica e a ethiopica havia necessariamente de nascer uma outra,

e esta trouxe comsigo todos os attributos de uma raça espuria.

A nossa historia colonial apresenta-nos factos concludentissimos d'esta asserção.

E em um dos pontos em que mais cabalmente manifestou-se os sentimentos d'esta raça toda mestiça, foi no movel da sedição de 1798, acobertada então com as idéas republicanas que proclamavam a *egualdade*, a fraternidade e liberdade.

A côrte de Lisboa, porém, não quiz ver n'esta sedição o fructo sazonado da irrevocabilidade fatal, resultante de seu modo de colonisar.

Veio perturbar-lhe o socego e a calma em que parecia viver, a lembrança da inconfidencia mineira.

Um phantasma terrivel, agigantado, com a figura do enforcado de 92, apresentava-se-lhe em toda parte.

Ella via e sentiu nos factos mais insignificantes da politica exterior a mão esqualida d'esse phantasma a *infeccionar, a propalar os abominaveis principios francezes*.

Do palacio de Queluz sahiram então as cartas regias em profusão para os governadores, recommendando-lhes todo o rigor, e os mais energicos castigos àquelles que de leve deixassem transparecer os mais tenues vestigios de adhesão ou affeição à *absurda pretendida Constituição franceza que varia cada seis mezes*.

Vivia n'este estado de inquietação e assombramento a côrte de Lisboa, quando de leve echoou em seus ouvidos a noticia de que na Bahia *os principios jacobinos* tomavam vulto.

A constitucionalidade portugueza tremeu como abalada por electrico choque, e fazia partir a 4 de Outubro de 1798 a seguinte carta regia:

« Sua Magestade manda participar a V. S. que

depois que chegou o ultimo comboio, se espalharam aqui vozes que dão grande cuidado e que annunciam que as principaes pessoas d'essa cidade, por uma loucura incomprehensivel, e por não entenderem os seus interesses, se acham infectas dos abominaveis principios francezes, e com grande affeição á absurda pretendida constituição franceza, que varia cada seis mezes, e dá-se como razão d'isto a frouxidão do governo e a corrupção da Relação que permitte a todos que são poderosos de fazerem todas as violencias e assoadas que convêm a seus interesses. Dá-se tambem como razão a indisciplina, falta de subordinação e mau estado em que se acha a tropa d'essa cidade, havendo até quem chegasse aqui a dizer que se ahi apparecessem algumas forças francezas, nem a tropa resistiria, e que as pessoas principaes se união aos francezes e de que bem de pressa se arrependiriam.

Entre as pessoas de que se faz menção como as mais affeiçoadas aos principios francezes, é o padre Francisco Agostinho Gomes, homem rico e senhor do bergantim «Amizade», que agora se vendeu aqui, e de quem se diz que em sexta-feira da Paixão dêra um banquete de carne, a que foram convidadas varias pessoas sectarias dos mesmos principios.

Sua Magestade ordena que V. S. examine logo este ultimo facto, e, achando-o verdadeiro, faça prender a elle, como aos seus amigos sectarios dos mesmos principios e os faça logo julgar com toda severidade das leis para que o castigo de taes réos seja verdadeiramente exemplar, e contenha semelhantes criminosos.

Repito novamente a V. S., de ordem de Sua Magestade, que premio e castigo são os dois pólos sobre que se estriba toda a machina po-

litica e que no momento presente toda a vigilancia contra os maus é indispensavel, e absolutamente necessaria, e que V. S. será responsavel de toda frouxidão que houver na execução d'estas reaes ordens.

Deus guarde a V. S. Sr. D. Fernando José de Portugal.—Palacio de Queluz, 4 de Outubro de 1798.»

Ao recebimento d'esta terminante carta seguiu-se logo com todo o cortejo de circumstancias a devassa ordenada, d'onde sahia illesa a pessoa do padre Agostinho Gomes.

Algum tempo durou o inquerito das testemunhas e, finalmente conhecida a innocencia do accusado, a rainha baixava por intermedio de seu ministro o seguinte:

«Sua Magestade, reconhecendo a innocencia de Francisco Agostinho Gomes, presbytero secular, é servida que V. S. assim o faça constar, havendo das falsas accusações dadas contra elle resultado um mais pleno conhecimento de sua lealdade ao throno, e das suas virtudes, esperando até a mesma augusta senhora que elle com as suas luzes, e cabedaes possa contribuir a melhorar muito as culturas d'essa capitania, mandando Sua Magestade recommendar a V. S. para estes louvaveis fins. Deus guarde a V. S.—Palacio de Queluz, em treze de Junho de 1799.»

Denunciado, como o padre Agostinho Gomes, tambem foi o cirurgião Cypriano José Barata d'Almeida, conhecido vulgarmente pela alcunha de—o *Baratinha*.

O nome d'este denunciado, envolvido n'estas accusações, causou mais medo que receio.

Seu genio intempestivo e turbulento, fazia contraste bem sensivel com a doçura e acanhamento notaveis em o padre Agostinho Gomes.

A rainha, recebendo a denuncia de que este e outros se achavam contaminados do mal que mais prejuizos e funestos resultados traziam ao socego e progresso de uma nação, enviava urgentemente ao governador d'esta capitania uma carta regia acompanhada da carta que recebera, onde o denunciante expunha a alta traição do Baratinha.

E nos termos do documento original abaixo transcripto, vê-se o terror manifesto que similhante denuncia causou.

«Tendo chegado à real presença de Sua Magestade uma accusação muito grave, seja ella falsa ou fundada, revestida de tão odiosas circumstancias, como V. S verá da carta junto, é a mesma senhora servida que V. S. se informe com a maior exacção de tudo o que a mesma carta refere, para que, achando motivada aquella accusação, V. S faça castigar severamente os que na mesma vêm implicados e outros que possa descobrir culpados no mesmo horrendo crime, ou, não sendo a referida accusação mais do que uma calumnia, V. S. proceda com egual severidade contra quem a urdio; e de tudo o que obrar dará V. S. parte por esta secretaria de estado. Deus guarde a V. S. Palacio de Queluz, em 30 de Outubro de 1798, etc.»

Agora, a carta do denunciante:

«Senhora.—Com o mais profundo respeito o padre José da Fonseca Neves, presbytero secular, oriundo da freguezia de S. Mamede de Vallongo, bispado do Porto, e presentemente capellão nos engenhos de Paulo de Aragão e Teive, freguezia de Nossa Senhora do Monte, arcebispado da Bahia, como fiel vassallo de V. Magestade, dá parte e denuncia que Cypriano, por alcunha, o—Baratinha, cirurgião, e a Marcellino Antonio de Souza, musico, assistentes na dita freguezia e lavradores

de cannas nos engenhos de Joaquim Ignacio de Cerqueira Bulcão, são homens em todos os seus systemas contrarios ao alto decoro de V. Magestade, e juntamente a Jesus Christo e a sua Esposa e nossa Mãe a santa egreja, pois não se envergonham de publicar as suas depravadas paixões entre os rusticos povos, já com palavras, já com escriptos, feitos uns novos legisladores não só das nossas monarchias, e muito principalmente do nosso respeitavel governo, mas tambem no que pertence ás leis de Deus e da egreja, e por isso obrigado de todo o meu coração, pela grande obediencia e respeito que tenho á nossa respeitavel monarchia, me fez dar esta parte a V. Magestade para que haja de dar aquella providencia, que não só houve cada vez mais o nosso alto poder, mas tambem glorie ao nosso Deus, de quem somos verdadeiros filhos.

Deus guarde a Vossa Magestade por muitos annos, etc. Nossa Senhora do Monte, 3 de Maio de 1798.

De V. Magestade o mais infimo vassallo e obediente—*José da Fonseca Neves.*»

Quando esta carta régia, escripta em 30 de Outubro acompanhando a do padre José da Fonseca Neves, chegava a esta cidade já o cirurgião Baratinha estava preso desde o dia 19 de Setembro como um dos incursos na sedição que ás occultas se tramava n'esta cidade.

Estes erão os principios jacobinos que tanto assustavam a côrte de Lisboa.

A sedição de 1798, desconhecida pelos nossos historiadores, ou na qual não quizeram achar a importancia que encerra, como um attestado vivo, os resultados nascidos da agglomeração de trez raças de caracteres tão distinctos e especiaes, que foram a força motriz no desenvolvimento

da nossa vida colonial, é sem duvida bem digna de estudos, porque ahi vemos desenrolar-se uma lucta que por fim achava-se em intimo connexo com os levantes africanos.

Os sediciosos de 98, acobertados com o manto das idéas democraticas, então florescentes e inflammantes com o despontar do 19.º seculo, occultavam um estimulo bem genuino que refervia-lhes no coração. A maxima questão para elles não era essencialmente a forma de um governo monarchico, elles discutiam em suas sessões secretas a exterminação dos preconceitos que os acorrentavam ao olvido; revoltavam-se contra a preterição que soffriam pela differença de côr, era, emfim, a revolução de uma casta que estorcia-se, lançada n'um circulo de restricções, pela cobiça de Portugal. Este não quiz reconhecer n'esta insurreição o seu erro, encarou-a sómente como uma sedição que cogitava essencialmente de mudar a forma de seu governo.

Estes desgraçados tiveram o mesmo premio que os inconfidentes mineiros.

Como a revolução de Minas, ella tambem foi trahida e denunciada; ao lado do nome do coronel de auxiliares (*) os sediosos bahianos escreveram com seu sangue os de José Joaquim de Siqueira, Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Santa Anna.

II

O despontar do dia 12 de Agosto de 98 espalhou claramente n'esta cidade como a luz de seu sol que se levantava os prodromos de uma sedição abafada a tempo pelas medidas do então governador.

(*) Joaquim Silverio dos Reis.

O sol não tinha se erguido de todo e já notava-se estranho movimento na população que boquiaberta parava ás esquinas das ruas e praças onde se viam affixados nas paredes papeis escriptos à letra de mão.

Principalmente nas esquinas da Praça de Palacio, da rua de Baixo, junto a quitanda de S. Bento e nas outras portas da cidade a reunião era mais compacta e todos procuravam ler com avidez os papeis incendiarios e revoltosos que assim fallavam: « Aviso Animai-vos povos bahienses, que está para chegar o tempo feliz da nossa liberdade; o tempo em que todos seremos irmãos: o tempo em que todos seremos eguaes; sabei que já seguem o partido da liberdade os seguintes:

| | |
|---|---|
| Officiaes de linha . . . . . | 34 |
| Officiaes de milicia . . . . . | 54 |
| Homens graduados em postos e cargos . . | 11 |
| Inferiores de milicias . . . . . | 39 |
| Inferiores de linha . . . . . | 46 |
| Soldados de linha . . . . . | 107 |
| Soldados de milicia . . . . . | 233 |
| Homens graduados em lettras . . . . | 13 |
| Homens do commum . . . . . | 20 |
| Homens do commercio . . . . . | 8 |
| Frades bentos . . . . . | 8 |
| Franciscanos . . . . . | 14 |
| Barbadinos . . . . . | 3 |
| Therezos . . . . . | 14 |
| Clerigos . . . . . | 48 |
| Auxiliares do santo officio . . . . . | 8 |
| Somma tudo . . . . . | 676 |

Aqui não se faz menção dos não conhecidos, porém sim d'aquelles que egualmente se communicam por consequencia da liberdade.

O povo bahiense. »

« Quer o povo que se faça n'esta cidade e seu termo a sua memoravel revolução, e que o soldado perceba 200 réis de soldo cada dia.

Povo. »

*Aviso ao povo bahiense.*

O' vós homens cidadãos, ó vós povos curvados e abandonados pelo rei, pelos seus despotismos pelos seus ministros...

O' vós povo que nascestes para serdes livre e para gosardes dos bons effeitos da liberdade, ó vós povos que viveis flagellados com o pleno poder do indigno coroado, esse mesmo rei que vós creastes; esse mesmo rei tyranno é que se firma no throno para vos vechar, para vos roubar e para vos maltratar.

Homens, o tempo é chegado para a vossa resurreição; sim, para resussitardes do abysmo da escravidão, para levantardes a sagrada bandeira da liberdade.

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento: a liberdade é a dourada vida, o descanço do homem com egual parallelo uns para todos; finalmente a liberdade é o repouso e bemaventurança do mundo.

A França está cada vez mais exaltada, a Allemanha já lhe dobrou o joelho. Castella só aspira a sua alliança, Roma já vive annexa; o Pontifice já está abandonado e desterrado: o Rei da Prussia está preso pelo seu proprio povo: as nações do mundo todas têem seos olhos fixos na França, a liberdade é agradavel para todos: é tempo povo, povo o tempo é chegado para vós defenderdes a vossa liberdade: o dia da nossa revolução, da nossa liberdade e da nossa felicidade está para chegar animai-vos, que sereis felizes para sempre. »

Dentro das egrejas da Sé, da Lapa, da matriz

da Rua do Passo, na de São Domingos tambem appareceram varios papeis de natureza tão sediciosa como os primeiros que foram vistos ao alvorecer do dia pregados pelas paredes.

Dos diversos que foram entregues ao governador transcrevemos para aqui os mais significativos:

— *Prelo.* — O povo bahiense e republicano ordena, manda e quer que seja feita n'esta cidade e seu termo para o futuro da sua memoravel revolução; portanto, manda que seja punido com morte natural para sempre todo aquelle sacerdote que no pulpito, confissionario, exhortação, por qualquer forma, modo, maneira ordinaria, persuadir aos ignorantes e fanaticos com o que for contrario á liberdade e bem do povo: manda o povo que o sacerdote que concorrer para a dita revolução seja reputado concidadão como condigno: os deputados frequentarão todos os actos da egreja para que seja tomado inteiro conhecimento dos delinquentes: assim se entenda aliás. . .

Note-se. Que todo o soldado terá de soldo 200 réis cada dia. — O povo — N. 676 Entes da liberdade. »

Nas costas d'este papel, que era dobrado em quadro, lia-se em um d'elles o seguinte:

«Deve ser publicado o presente que fica notado no livro das ditas fl. 18, Cap. 21, § 3º. n. 10.

Republicanos 676. Do povo Bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes —viva.»

Outra era assim concebida:

« Aviso ao clero e ao povo bahiense incauto —

O poderoso e magnifico povo bahiense republicano d'esta cidade da Bahia republicana, considerando-nos muitos e repetidos latrocinios feitos com os titulos de impostura, tributos e direitos que

são celebrados por ordem da rainha de Lisboa, e no que respeita a inutilidade da escravidão do mesmo povo tão sagrado e digno de ser livre; com respeito à liberdade, à igualdade e ordem, manda e quer que para o futuro seja feita n'esta cidade e seu termo a sua revolução para que seja exterminado para sempre o pessimo jugo reinavel da Europa; segundo os juramentos celebrados, trezentos e noventa e dois dignissimos deputados representantes da nação, em consulta individual de duzentos e oitenta e quatro entes que adoptam a total liberdade nacional; contida no geral receptaculo de seiscentos e setenta e seis homens, segundo o prélo acima referido.

Portanto, faz saber e dá ao prélo que se acham as medidas tomadas para o soccorro estrangeiro e progresso do commercio de assucar, tabaco e pau-brazil, e todos os mais generos do negocio e mais viveres; comtanto que aqui virão todos os estrangeiros tendo porto aberto, mormente a nação franceza

Outrosim, manda o povo que seja punido com pena vil para sempre todo aquelle padre regular e não regular que no pulpito, confissionario, exhortação, conversação, por qualquer forma, modo e maneira persuadir aos ignorantes, fanaticos e hypocritas, dizendo que é inutil a liberdade popular; tambem será castigado todo aquelle homem que cahir na culpa da dita, não havendo isenção de qualidade para o castigo.

Quer o povo que todas as manobras militares de linha, milicia e ordenanças, homens brancos, pardos e pretos concorram para a liberdade popular, manda o povo que cada um soldado perceba de soldo dois tostões cada dia, além das suas vantagens, que serão relevantes.

Os officiaes terão augmento de posto e soldo,

segundo as dietas; cada um indagará quaes sejam os tyrannos oppostos a liberdade e estado livre do povo para ser notado, cada um deputado exercerá os actos da egreja para notar qual seja o sacerdote contrario á liberdade; o povo será livre do despotismo do rei tyranno, ficando cada um sujeito ás leis do novo codigo, e reformado formulario; será maldito da sociedade nacional todo aquelle ou aquella que fôr inconfidente á liberdade coherente ao homem e mais aggravante será a culpa havendo dólo ecclesiastico: assim seja entendido aliàs. . .—*O Povo.*»

Era tambem dobrada da mesma maneira que a antecedente e lia-se o seguinte n'um dos quadros:

«Deve ser publicada para não haver ignorancia: fica notada a presente no livro das dietas fl. 12, Cap. 3º. § 1.º N. 10—Republicanos—Do povo bahiense em consulta dos deputados e representantes que são 392 entes.»

Logo que foi chegado ao conhecimento do general governador a existencia d'estes papeis, elle baixára a seguinte portaria:

«Por me ser constante que em varios logares publicos d'esta cidade, e dentro de algumas egrejas se fixaram na manhã do dia de hoje varios papeis sediciosos que acompanham esta, e seja necessario proceder ás mais exactas averiguações em materia tão delicada e melindrosa para servir no conhecimento de pessoa ou pessoas que os escreveram e espalharam, afim de serem punidos na fórma das leis, ordena ao desembargador ouvidor geral do crime, que sem perda de tempo proceda a devassa d'este caso e a todos os mais procedimentos que forem necessarios para o descobrimento dos autores dos mesmos papeis.

Bahia, 12 de Agosto de 1798.—Ao desembargador ouvidor geral do crime.»

No dia seguinte a esta portaria o prior dos carmelitas descalços remettia ao governador mais estas duas cartas, datadas, porém, de vinte de Agosto:

«Prescripção do povo bahiense—O Povo—Reverendissimo em Christo padre prior dos cramelitas descalços, e para o futuro geral em chefe da egreja bahiense: segundo a sessão do plebiscito de 19 do corrente, quer e manda o povo que seja feita a sua revolução n'esta cidade por consequencia de ser exultada a bandeira de egualdade, liberdade e fraternidade popular; portanto, manda que todo sacerdote, regular e irregular assim o approve, e o vendo aliàs. . *Vive et vale.*

Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798.

*Anonymos Republicanos.*»

A segunda, que era dirigida a D. Fernando, governador da Capitania, era escripta nos seguintes termos:

«Prescripção do povo bahiense.

—O povo—Illm. e Exm. Sr.—O povo bahiense e republicano na sessão de 19 do presente mez, houve por bem eleger e com effeito ordenar que seja V. Ex. invocado compativelmente como cidadão presidente do Supremo Tribunal da democracia bahiense para as funcções da futura revolução que, segundo o plebiscito, se dará principio no dia 28 do presente, pelas duas horas da manhã, conforme o prescripto do povo.

Espera o povo que V. Ex. haja por bem o exposto.

*Vive et vale.*—Bahia Republicana, 20 de Agosto de 1798

*Anonymos Republicanos.*» (*)

---

(*) Todos estes papeis existem guardados no Archivo Publico, e os que foram affixados nas paredes conservam ainda a caliça adherida ás costas pela acção do grude: o

A cidade estava alarmada e assustada. Quem seria o autor ou autores de tão nefando e audacioso crime!?

Recebida a portaria pelo desembargador Dr. Manuel de Magalhães Pinto Avellar de Barbedo com vezes de corregedor do crime da côrte, e sendo ouvidor geral do civel o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, aquelle nomeou logo a Virissimo de Souza Botelho, escrivão em conformidade da mesma portaria, para proceder-se á devassa ordenada.

Ao correr das pesquizas que ião se suscitando, aggravaram-se as suspeitas de que Domingos da Silva Lisboa era o autor dos papeis sediciosos. Realmente foi preso em 16 de Agosto e sequestrados todos os seus moveis e papeis. A commissão de peritos nomeada para dar parecer sobre a legitimidade da letra não trepidou em facilmente apontal-o como culpado e verdadeiro autor dos ditos papeis. Porém, tres mezes depois foi reconhecida a innocencia d'este preso pelo mesmo jury que descobriu o erro commettido, e confirmada por accordão da Relação, foi logo posto em liberdade por uma portaria do governador, assignada e datada de 10 de Novembro.

Do reconhecimento da innocencia de Domingos da Silva Lisboa chegou-se ao descobrimento do verdadeiro autor e este era o soldado do primeiro regimento Luiz Gonzaga das Virgens. O tenente-coronel Alexandre Theotonio de Souza fez entrega de diversos papeis achados por occasião da prisão d'este soldado, d'onde se tiraram

---

que se lê é cópia fiel, apenas corrigida a orthographia e as lettras maiusculas que empregavam-se indifferentemente n'aquelle seculo. A contextura syntatica e a pontuação são as mesmas.

as mais irrefutaveis e concludentes provas da culpabilidade d'elle, como rèo de alta traição á integridade do governo e da paz geral.

No correr do interrogatorio feito a este réo, conseguiu a perspicacia do juiz descobrir, apezar da insistencia com que elle procurava desnortear a marcha das perguntas, o fio que o levou a ver uma sedição que contava muitos adeptos, apresentando-se mais aterradora do que se julgava.

Então, com justo receio de que ella avolumasse, redobraram-se as pesquizas e vigilancias que tornaram-se desnecessarias, porque a maldição votada ao caracter delator do traidor mineiro não extinguiria de certo a hereditariedade psychologica que deixára após si esta alma pusilanime.

A traição tomara a dianteira á sagacidade policial, encarnando-se nas pessoas de Joaquim José da Veiga, José Joaquim de Siqueira e Joaquim José de Sant'Anna.

Em poucas palavras vou mostrar ao benevolo leitor o corpo d'esta sedição.

Estudando nos diversos processos organisados pela junta especialmente nomeada pelo governador para esta devassa, pude formar este estudo que agora offereço a illustrada competencia do bom leitor.

No archivo da Relação é que se deveriam encontrar todos os esclarecimentos tão necessarios ao bom entendimento de tão importante assumpto de que nos occupamos.

Infelizmente, porém, d'alli só poude o Archivo Publico obter dous livros!!

Quando se pensar que aquelle tribunal deve a sua inauguração ao primeiro decennio do XVII seculo, que é o primeiro que n'America Luzitana foi creado, que, além de seu fim meramente official, tinha mais o de seus membros, sob a presi-

dencia do governador e vice-rei do estado, tomarem importantissimas resoluções politicas e administrativas nos celebres assentos, facilmente se chegará á conclusão de que a perda de todo o seu archivo é horrorosamente lastimavel.

III

Existia por esse tempo no Brazil um forte contraste entre os descendentes da antiga emigração, os verdadeiros brazileiros, e os emigrados posteriormente—os portuguezes de Portugal ou filhos do reino.

Aquelles eram um povo essencialmente agricola, este exclusivamente commerciante, que chamaram a si todo o commercio de commissão e a retalho, e sendo em geral mais bem educados do que os aqui nascidos, possuindo mais habilidade e actividade, fizeram impossivel aos naturaes erguerem-se a seu lado, e tanto mais quanto todos os residentes ligavam-se contra aquelles.

D'esta fórma os immigrados do reino adquiriram em breve uma importante abastança, chamando, porém, sobre si a inveja e o odio dos brazileiros

O povo via n'elles a sua sanguesuga estrangeira.

Além d'isso monopolisavam os portuguezes o serviço publico, tendo entre suas mãos quasi todos os empregos publicos.

Apezar de que sendo para este serviço indispensavel a educação juridica, que só se poderia adquirir em Coimbra, comtudo era esta difficil de ser obtida pela generalidade dos brazileiros, em virtude das exigencias pecuniarias que ella lhes fazia.

Portanto, não havendo muitos juristas brazileiros, era claro que os cargos publicos fossem dados aos filhos do reino.

Mas o que eram estes ministros?

« Os ministros de ordinario que vêm para estes logares, diz o (*) marquez do Lavradio, segundo o que a experiencia me tem mostrado, em nada mais cuidam que em vencer o tempo por que foram mandados, afim de poderem requerer o seu adiantamento; e no tempo em que residem nos mesmos logares vêem como os podem fazer mais lucrosos, de sorte que, quando se recolham possam levar com fazer beneficio ás suas familias.

A nenhum tenho ouvido fallar nunca na utilidade que fizeram aos povos do logar em que estiveram; nenhum conta estabelecimento util, que os promovesse: todos choram a miseria em que deixam as suas povoações, movendo-os a esta compaixão o pouco rendimento e utilidade que tiraram do seu logar.

Como os ordenados de todos estes ministros são pequenos, a sua principal idéa é o não se recolherem uns com menos cabedaes do que se recolheram os outros, e estimam se multipliquem os emolumentos; e isto não pode ser sem haverem muitas demandas, litigios e discordias entre os particulares, e outras cousas semelhantes, com que andam inquietos os povos, são obrigados a muitas despezas, e se divertem d'aquelles uteis serviços em que deviam estar empregados, e tudo isto por nenhum outro fim que o do vil interesse dos juizes e de seus officiaes, que são os principaes apparelhadores d'estas desordens. Em onze para doze annos que tenho governado na America me não constou nunca que um só juiz procurasse accommodar as partes, persuadil-os a que se não arruinassem com con-

(*) Relatorio do marquez do Lavradio ao entregar o governo a Luiz de Vasconcellos e Souza. *Rev. do Inst. Hist.* Rio de Janeiro. Numero de 16 de Janeiro de 1843.

tendas e injustiças feitas, e que n'esta parte fizesse finalmente o que as leis tanto lhes recommendam. Do mesmo modo não achei nenhum estabelecimento util feito por nenhum d'aquelles magistrados: e alguns que mandei informar sobre negocios d'esta qualidade, os achei tão ignorantes e alheios d'estas materias, que me resolvi a não tratal-os mais com elles. »

Vendo, portanto, os naturaes que esses empregados encaravam seu emprego como méra mina, com cujo roubo iam para Portugal, é claro e natural que n'elles se desenvolvesse uma justissima indignação.

D'est'arte desenvolveu-se uma differença nacional entre os ramos do mesmo tronco, o portuguez europeu e o portuguez brazileiro.

Si no Brazil colonial houve uma submissão das raças mestiças sob a branca, nunca foi ella de natureza politica como nos Estados-Unidos, e sim meramente social.

Deve-se isto muito particularmente ao caracter nacional portuguez, que, como todos os povos latinos, s inclinam com muito maior facilidade a misturar-se e entender-se com a raça indigena ou subjugada, do que os povos de raça germanica, as quaes ou a amalgamam inteiramente, ou a opprimem completamente.

Além disto não se deve perder de vista que no começo da colonisação quando os immigrantes portuguezes ainda formavam exclusivamente o povo brazileiro, faltava-lhes todo e qualquer governo colonial proprio, que os immigrantes inglezes d'America do Norte desde o principio gosavam.

Não podiam por isso, como estes, guardar para si, isto é, para a raça branca, por meio de leis para o todo o sempre a exclusiva participação nos negocios publicos, nas honras e dignidades.

D'aquellas preterições de que acima fallamos, soffriam os brazileiros de todas as raças, e foi justamente isto que deu posteriormente a revolução pela independencia brazileira o seu verdadeiro caracter : brancos e mestiços livres uniram-se immediatamente contra os portuguezes, supplantando-os em pouco tempo e expellindo-os, acabando-se então a parte popular da revolução.

Ainda quando mais tarde appareceram movimentos em que o povo tomava parte, a razão era sempre uma influencia portugueza real ou imaginaria que se queria debellar e uma inimizade enraizada contra os residentes ricos portuguezes.

Que ha, pois, que admirar, que os sediciosos bahianos de 1798, quando almejavam a sua elevação tivessem em vista a aniquilação d'aquelle elemento branco oppressor, representado por aquelles residentes filhos do reino que eram os primeiros negociantes, os primeiros homens do governo e da administração colonial?

D'entre os vultos mais salientes da sedição destacavam-se os dois pardos alfaiates João de Deus do Nascimento e o soldado Lucas Dantas d'Amorim Torres, pela actividade que desenvolviam já nos planos que concebiam, já em conquistar adeptos à sua causa.

Estes, de seu lado, tambem contribuiram para engrossar as fileiras revoltosas, seduzindo aos amigos, e para este fim citando-lhes os nomes de pessoas de posição, que eram dos seus.

Aos mais escrupulosos, a quem o receio da falta de circumspeção e de forças capazes de abafar a reacção legal fazia hesitar, procuravam tranquilisar com a citação de nomes importantes pertencentes ao partido revolucionario, e com a segurança de de dispôr este da força armada por intermedio do tenente do regimento de artilheria José Gomes,

e do do segundo regimento de linha Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja, e o sargento de brigada do mesmo regimento de artilheria Joaquim Antonio da Silva, filho do meirinho da intendencia do ouro.

Infelizmente, porém, justamente estes, que citavam como garantia de seus planos, foram os que mais contribuiram para a sua desgraça, porque escaldados pelas idéas que defendiam, não tomavam as necessarias cautelas, chamando d'est'arte attenção sobre si.

Preoccupava particularmente a João de Deus o plano que queria pôr em execução. N'elle entravam em primeiro plano o levantamento do povo chamando á liberdade os captivos, o ataque ás guardas, o assassinato ao governador e todas as mais pessoas da administração publica, o arrombamento da cadeia, o ataque aos conventos, em uma palavra, a desordem e a confusão.

No meio de tudo isso, porém, transparecia entre as sublimidades, que elle entrevia, o indistincto accesso dos pardos e pretos a todos os postos e ministerios publicos e honrosos, ao lado da maior abundancia de dinheiro e honrarias.

Elles já tinham confeccionado um regulamento, onde marcavam o soldo que havia de vencer na nova republica toda a tropa de linha, desde o soldado até o coronel, e os deputados do governo.

N'esta azafuma em que se achavam de alliciações e medidas preventivas ao despontar do dia desejado, veio como um raio petrificar a todos a noticia da prisão do soldado Luiz Gonzaga, e o precedimento da devassa ordenada pelo governador.

Tremeram, é verdade, mas não deixaram se levar por este pavor de occasião.

O que urgia era pôr em liberdade o preso, e prin-

cipiar o rompimento que tinham marcado para um dia de opera a que assistisse o governador, e que agora não tinha outro remedio senão ser o seguimento do primeiro ataque que seria à cadeia onde se achava Luiz Gonzaga.

Este rompimento que seria o primeiro como estava assentado, onde elles, esperançosos e confiados, esperavam constranger o governador a acceitar a tentativa de ser o presidente da nova republica, onde apoderar-se-hião n'esta mesma occasião da casa dos fogos, e apprehenderiam os navios ancorados no porto para os armar logo em guerra, embaraçando sempre qualquer sahida para Lisboa, tinha-se tornado secundario agora.

Era preciso, tornava-se urgente uma reunião geral de todos os alliciados, mas não convinha que ella se effectuasse em casa de João de Deus como era de costume, pois o numero avultado de tanta gente attrahiria certamente a desconfiança publica.

Cogitavam de um ponto mais propicio a esse ajuntamento, quando foi lembrado o campo do dique do Desterro, que foi unanimemente acceito, e escolhido para ponto de reunião.

Tornava-se preciso, porém, avisar a todos para se reunirem no logar designado; e o dia 24, dia em que foi preso Luiz Gonzaga, e o immediato 25 até às Ave Maria, hora em que teria logar o ajuntamento, foram empregados em avisos e communicações.

Lucas Dantas, indo especialmente às 8 horas da manhã ao hospital onde se achava de guarda José Joaquim de Siqueira, avisal-o para o ajuntamento no campo do Dique às Ave Maria, e que fosse á sua casa buscal-o, onde teria occasião de ver pessoas de alta importancia, e seguirem depois para o logar marcado onde se passaria revista e resolveria sobre as medidas precisas

para se effectuar na noite seguinte (26) o ataque á prisão em que estava Luiz Gonzaga, mal sabia, pobre victima, que de volta da reunião elle fosse propriamente denunciar ao general governador tudo o que tinha visto e ouvido.

A'shoras marcadas achavam-se no logar designado para o ajuntamento João de Deus, o capitão do terço de Henrique Dias, Joaquim José de Sant'Anna, o preto Vicente, Joaquim José da Veiga, Luiz da França Pires, escravo, e o tenente José Gomes.

Muitos outros, que se encaminhavam para a reunião voltaram, porque notavam vultos suspeitos pelas immediações do logar em que se ia tratar de assumptos transcedentes ás realisações da revolução.

Os que compareceram ao logar marcado, não vendo apparecer mais ninguem, e sem poderem fazer prolongar o tempo, para que não chegasse a hora da ronda, resolveram dispersar-se; n'esta occasião, porém, avistaram um vulto rebuçado em capote, no qual reconheceram o tenente-coronel Alexandre Theotonio de Souza, que já era sabedor dos passos dos sediciosos.

Do grupo dos revoltosos, um que se achava tambem embuçado e que procurava guardar o maior incognito sobre sua pessoa, quiz atirar sobre o dito tenente-coronel; puxando uma das pistolas que trazia, foi, porém, obstado por José Joaquim de Siqueira que tambem se achava presente.

Joaquim José da Veiga e Joaquim José de Sant'Anna, na madrugada do dia 26, denunciaram tudo ao coronel do regimento de artilheria D. Carlos Balthazar da Silveira, que achou prudente e efficaz aconselhar-lhes o maior silencio, e que fossem assistindo disfarçadamente aquellas escandalosas propostas, para se poder melhor

tomar conhecimento de sua aleivosia. Realmente elles tomaram parte em um pequeno conciliabulo no dia 26, que não trouxe resultado algum á projectada rebellião.

A prisão, no dia seguinte, de João de Deus fez abortar a sedição.

Muitos outros, como se vê da nota que junto a este trabalho, foram presos aqui na cidade, e outros em logares de fóra, por terem se evadido desde que foi conhecida a prisão de João de Deus.

Do encadeamento dos diversos processos instaurados aos réos presos, chegou-se a conhecer que algumas pessoas sabiam d'este levante, e estas, portanto, foram julgadas cumplices.

D'entre ellas destacava-se Francisco Moniz Barretto d'Aragão, professor de grammatica no Rio de Contas, comarca de Jacobina, onde foi preso.

A elle attribuiram os revoltosos a seguinte quadra e decimas que era conhecida e sabida de cór por quasi todos:

«Egualdade e liberdade,
No sacrario da nação,
Ao lado da sã justiça
Preenchem o meu coração.

---

Se a causa motriz dos entes
Tem as mesmas sensações,
Mesmos orgãos, e precisões
Dados a todos os viventes,
Se a qualquer sufficientes
Meios da necessidade,
Remir deu com equidade;
Logo são imprescritiveis
E de Deus leis infalliveis
Egualdade, e liberdade.

Se este dogma for seguido
E de todos respeitado,
Fará bem aventurado
Ao povo rude, e polido.
E' assim que florescido
Tem d'America a nação!
Assim fluctue o pendão
Dos francezes, que o imitaram
Depois que afoutos entraram
No sacrario da razão.

Estes povos venturosos
Levantando soltos os braços,
Desfeitos em mil pedaços
Feros grilhões vergonhosos,
Juraram viver ditosos,
Isentos da vil cobiça,
Da impostura e da preguiça
Respeitando os seus direitos,
Alegres e satisfeitos
Ao lado da sã justiça.

Quando os olhos dos bahianos
Estes quadros divisarem,
E longe de si lançarem
Mil despoticos tyrannos,
Quão felizes, e soberanos
Nas suas terras serão!
Oh que doce commoção
Experimentam estas venturas,
Só ellas, bem que futuras,
Preenchem meu coração.»

---

No termo de busca e achada procedida em sua casa foram encontrados diversos cadernos manuscriptos sobre a revolução franceza, e livros, entre os quaes notavam-se o 3º e 4º tomos de Julia

ou a Nova Heloise, de Rousseau, e mais dois tomos de obras escolhidas em verso do mesmo autor.

Inquerido sobre a paternidade que lhe davam d'aquellas decimas, desculpou-se dizendo que as tinha copiado de outras que lhe emprestára um moço de Pernambuco, o qual disséra que o seu autor era um religioso do Carmo de cuja mão as houvera.

Ficou crivel, porém, que foram feitas por elle pois que além de possuir alguns conhecimentos fóra do commum, notava-se no proprio papel, achado em sua casa, onde se as viam escriptas. emendas e substituições de palavras que só ao autor conviria fazel-as.

## IV

Como a inconfidencia mineira, a sedição de 1798 teve o seu desenlace fatal e funebre.

As mesmas cerimonias, o mesmo cortejo de formalidades necessarias ao cumprimento das ordens régias, emfim, tudo que podesse atrahir a attenção publica para o edificante exemplo do castigo, foi executado fielmente em observancia ás altas ordens recebidas.

Assim como a cabeça de Tiradentes, cahiram os corpos inanimados dos sediciosos bahianos!

Seus corpos esquartejados e divididos, tambem foram fincados como padrão de ignominioso e nefando crime.

O castigo aos outros, a deportação, a morte moral levada minguadamente ao coração do pae, do filho, do esposo que deixa na orphandade sua prole stygmatisada com o labéo de descendentes de um condemnado, fôra recommendado agora de circumstancias especies.

Era nos termos seguintes que Sua Magestade a ordenava:

«Querendo Sua Magestade que dentre os seus fieis vassallos sejam separados e inteiramente banidos todos aquelles que com as suas pessimas doutrinas podem perturbar o socego e tranquilidade publica: E' a mesma Senhora servida que V. S. ordene que todos os réos, que sendo complicados na conjuração urdida n'essa cidade, forem sentenciados a desterro, o sejam para logares de Africa não sujeitos á real corôa, afim de que o veneno dos seus falsos principios não possa jamais contaminar aquelles dos seus vassallos que justamente se conservam no verdadeiro reconhecimento dos seus deveres; o que Sua Magestade confia que V. S. pratique com o mais exacto cumprimento. Deus guarde a V. S. —Palacio de Queluz, em 9 de Janeiro de 1799.»

Depois da execução da sentença aos réos d'esta sedição, depois de ter corrido o sangue brazileiro pela segunda vez, tentando a côrte de Lisboa assim apagar no Brazil a lava incandescente e contaminoza dos principios liberaes, tranquilisava-se ella e Sua Magestade a rainha das inquietações que lhe perturbavam o socego regio, com a minuciosa e elucidativa carta que o governador da capitania, D. Fernando José de Portugal, dava conta do cumprimento exacto que tiveram as reaes ordens, e do resultado final da conspiração.

Esta carta que nos mostra o fim que tiveram os sediciosos bahianos era assim escripta: «Depois de largas e repetidas conferencias em Relação com assistencia minha, afim de examinarem com a maior ponderação e circumspecção os processos dos réos, dos papeis sediciosos espalhados nas principaes partes d'esta cidade, e dos que intentaram urdir um levantamento, foram

estes sentenciados, na forma da lei, e carta regia de 22 de Dezembro de 1798, que se me expedio a este respeito, proferindo-se contra elles os accordãos que remetto por copia, pelos quaes será constante a V. Ex. as penas que se lhe impuzeram, segundo as diversas imputações que contra elles havia, soffrendo a de morte natural quatro, como principaes cabeças de semelhante attentado, que foi n'elles executada no dia 8 de Novembro passado na Praça da Piedade, por ser uma das mais publicas d'esta cidade, assistindo a este acto funebre, mas indispensavel, os regimentos d'esta guarnição.

Poz-se egualmente em observancia o officio de V. Ex. de 9 de Janeiro do presente anno, sendo inteiramente separados d'entre os fieis vassallos e banidos por toda a vida para logares de Africa não sujeitos á corôa de Portugal aquelles réos que estavam n'estas circumstancias, que já foram remettidos em varias embarcações do gyro da Costa da Mina, recommendando-se aos respectivos mestres que os lançassem n'aquelles sitios, havendo outros individuos no numero de poucos que foram degradados por terem menos culpa para Angola, Benguela e Ilha de Fernando de Noronha, sendo o tenente do 2.º regimento de linha— Hermogenes Francisco d'Aguiar Pantoja e o tenente de artilharia José Gomes d'Oliveira, condemnados a uma prisão temporaria de seis mezes, para assim espiarem as leves imputações que contra elles resultavam dos autos, condemnados ao todo nas diversas penas que aponto, e na de açoites vinte e um, e postos em liberdade dezeseis em quem se não considerou culpa alguma.

O desembargador ouvidor geral do crime Manuel de Magalhães Pinto Avelar de Berbedo e o desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa

Pinto trabalharam com zelo e actividade n'esta importante diligencia de que foram incumbidos.

Deus guarde a V. Ex. Bahia, 19 de Dezembro de 1799. Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho.—*D. Fernando José de Portugal.*»

Debalde procurei conhecer a qualidade da *morte natural* que levaram os desgraçados sediciosos, mas, o que é certo, é que seus corpos soffreram infamações eguaes ás do martyr mineiro, e esperarião pelo raiar da independencia, si o seu estado de putrefacção não chamasse a attenção e cuidados do provedor da saude a bem dos habitantes.

A representação que este levara ao governador, pedindo a remoção d'aquelles destroços humanos, era remettida ao desembargador Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto para informar, e este a despachara assim:

«Illm. e Ex. Sr.—Por accordão da relação de 5 do corrente mez, sustentado no dia 7 se declarou para manifestar a gravidade e enormidade do delicto a que se precipitaram os infames réos do levante urdido n'esta cidade que os cadaveres dos tres principaes, Lucas Dantas, João de Deus e Manuel Faustino, fossem esquartejados, separadas as cabeças, estas e os quartos postados em logares publicos, e n'aquelles onde os passos do seu crime foram mais repetidos e mais aggravantes: em cumprimento do dito accordão se procedeu nas diligencias necessarias, e se executou o que n'elles foi determinado no dia 9.

Pretende agora o provedor da Saude que V. Ex. haja de mandar extrahir dos ditos logares aquelles monumentos, pelos motivos que expende em seu requerimento, sobre o qual me manda V. Ex. informar. A este effeito procedi ao exame incluso com medico e cirurgião da Camara, que assentaram

ser necessario a prompta e immediata extracção que a supplicante requer, pelos exhuberantes e muito attendiveis motivos que ponderam, os quaes, por isso que fundados no importante objecto da saude dos povos, tão recommendada e respeitada na sociedade, têm o primeiro acolhimento no eximio animo de V. Ex.

E ainda que por sentimento uniforme dos melhores criminalistas, só por mandato especial e licença expressa de Sua Magestade se possa fazer semelhante extracção; de sorte que nem a Relação nem o Regedor a devam permittir, é comtudo incontestavel que na longitude do throno, onde se não podem ir buscar as providencias extraordinarias que o concurso de urgentes circumstancias exige, só a V. Ex. como governador e capitão-general d'esta capitania, pertence conferil-a.

A' vista do que deferirá V. Ex. o que mais justo lhe parecer.

Deus guarde a pessoa de V. Ex por muitos annos. Bahia, 11 de Novembro de 1799.—O desembargador, *Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto.*»

Transcrevo para aqui uma carta do réo Luiz Gonzaga, escripta antes de apparecerem os papeis sediciosos, que bem comprova o que a principio disse sobre o caracter d'esta sedição.

Ella serviu de base na verificação da letra, de onde chegou-se a conhecer o verdadeiro autor dos papeis apparecidos n'esta cidade em Agosto de 1798.

Eil-a:

«Illm. e Exm. Sr. Luiz Gonzaga das Virgens, soldado do primeiro regimento e quarta companhia de granadeiros d'esta guarnição, com o mais profundo respeito recorre a V. Ex. com a supplica seguinte:

Que sendo os homens pardos recrutados e ad-

scriptos ao gremio militar das tropas pagas, que recaindo sobre elles todos os deveres do bellico trabalho da infallivel fidelidade de expor as suas vidas pelo bem da real corôa do estado, da nação e tudo quanto é inherente aos que abraçam a profissão militar voluntaria e coactamente: que sendo os ditos homens pardos da mesma massa e sensibilidade dos outros individuos albicantes da sociedade militar e civil, sem mais differença que a da côr, accidente dissimilar com que a distinguiu a natureza, ou os phenomenos dos ceos, ficado os ditos, comtudo, parciaes e equipotentes aos homens brancos, tanto pela substancia material, como tambem pela principal (ou espiritual) segundo a consistencia microcosmica: que sendo os ditos contemplados e contidos indissoluvelmente no regio vinculo da boa união, são comtudo por abuso inofficioso, ignorancia supina e uma menos rasoada distincção, reputados nas tropas pagas e auxiliares da compatibilidade dos homens brancos como objectos da escravidão, do desprezo, como peripsémas de baixa estofa, e, finalmente, como exterminados ou espurios do minimo accesso e graduação dos postos; mas, supposto que os ditos homens pardos sejam obrigados a militar por muitos e delatados annos desde a adolescencia até perderem as forças, a saude, e a propria vida, sem descanço e sem premio, que só o que faz gostosos os trabalhos preteritos e o agente que anima os entes a soffrer as imminencias futuras, apenas não são verificados em uma lisongeira e futura esperança de accesso, de louvor, de premio, não na compatibilidade sagrada dos homens brancos, perém na dos seus semelhantes—com serem extrahidos para o quarto regimento erecto por ordem real para subsistencia dos ditos, pois parece que toda a razão e humanidade, e a mais bem analy-

sada justiça assim o pede; e, porquanto o supplicante é um individuo da classe dos referidos desgraçados, tem a magoa, magoa inconsolavel de ver subir aos postos aquelles que nada mais têm, que a unica côr branca, não havendo outros relevantes motivos que constituam differentes merecimentos e nobiliarchia.

Exm. Sr., é bem certo que os grandes do mundo embalados com as suas phantasias não se humanisão senão com aquelles que lhes são eguaes ou immediatos aos seus imaginados respeitos ou constituidos por uma merita contextura. Visto, pois, declaro Senhor, serem todas as graças do regio patrocinio destribuidas pelas mãos eximias de V. Ex. ornado, o qual como exoravel tem merecido o titulo de pio, si bem que só para os homens brancos que militam, recorre, como desamparado do microcosmo, a piedade de V. Ex. para que seja servido promover n'elle o posto de um dos ajudantes do quarto regimento concernente ao dito, e aos seus semelhantes, ou outro qualquer que fóra d'esta cidade fôr contemplado, tudo assim em virtude do exposto supra, e por se offerecer no dito aptidão, como consta, sendo porém, do agrado de V. Ex., que como senhor mandará o que fôr servido, que com esta condição espera o dito supplicante receber esta memoravel e sempre egregia—Mercê—».

Ahi tem, pois, o leitor benevolo e illustrado, este mal traçado e pequeno estudo de um facto que, si não era completamente desconhecido para aquelles que mais profundamente se dedicam ao estudo da nossa historia, o era, assim o creio, para os que só se limitam a conhecer o que se tem impresso.

Publicando-o, tive só em mente divulgal-o, incitando assim o estudo da nossa historia particular,

onde se encontram scenas brilhantes e edificantes exemplos; historia tão esquecida e ignorada, que estudada e seguida nos ha de levar seguramente ao comicio dos povos que edificaram todo o seu bem estar politico e social firmados no estudo de sua historia primitiva.

Agora mais do que nunca é necessario e urgente que o povo conheça a sua historia; estudal-a e aprecial-a imparcialmente será o facto que o ha de guiar n'esta nova cruzada que se abre cheia de incertezas, onde novas e grandes reformas têm de se succeder simultaneamente.

No tecido emmaranhado d'esta sedição, vemos sobresahir altivo o caracter bahiano, marchando sempre na vanguarda das medidas as mais liberaes, e pondo sempre em relevo o seu patriotismo cercado das maiores abnegações.

A sedição que manifestou-se claramente em Agosto de 1798, já ha muito tempo fermentava-se no espirito bahiano.

Encontramos em documentos da época da inconfidencia mineira, e mesmo em alguns anteriores a ella, já um quer que seja de anormal no socego e tranquilidade colonial d'esta antiga capitania, que nos faz suppor a faisca que ateou o incendio no craneo dos revoltosos de 98.

Não quero com isto affirmar, sem que possua documentos concludentes, que d'aqui foi que sahiu o primeiro grito de revolta contra o jugo portuguez.

Mas o que é certo é que Minas e a Bahia foram as primeiras a manifestar-se, conhecendo que n'aquella época, já era tempo de se poder viver independente.

Cerquem, impugnem de que quizerem o levante bahiano, que não deixará jamais de ser a expressão altiva de um patriotismo provado.

Tentaram libertar-se, mas cahiram!

Porém dos destroços trucidados d'estas victimas, e das lagrimas dos deportados bahianos e mineiros, o anjo da victoria fundio em noventa e tantos annos no crisol da liberdade, a aurora que illuminou o Brazil em 15 de Novembro de 1889.

«Relação das pessoas, presas por occasião dos factos revolucionarios, de que tem devassado o desembargador de aggravos da Relação d'esta cidade da Bahia, o Dr. Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, por portaria do Illm. e Exmo. governardor e capitão general d'esta capitania D. Fernando José de Portugal, com declaração dos dias em que foram ellas presas, e das solturas de algumas:

—Domingos da Silva Lisboa, pardo, livre, solteiro, natural de Lisboa, alferes da companhia de granadeiros do 4.° regimento de milicias d'esta cidade da Bahia, e requerente nos auditorios, preso em 16 de agosto de 1798, solto em 10 de novembro de 1798.

—Luiz Gonzaga das Virgens, pardo, livre, solteiro, natural da cidade da Bahia, soldado granadeiro do primeiro regimento de linha d'esta praça, preso em 24 de agosto de 1798.

—João de Deus do Nascimento, homem pardo, livre, casado, natural da villa da Cachoeira, cabo de esquadra do 2.° regimento de milicias d'esta praça e mestre alfaiate, preso em 26 de agosto de 1798.

—Luiza Francisca d'Araujo, parda, livre e casada com o sobredito Jão de Deus, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 28 de setembro de 1798.

—Manoel Pereira, crioulo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e cabelleireiro, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 26 de agosto do mesmo anno.

—Manuel do Nascimento, pardo, livre, solteiro, natural da villa da Cachoeira, soldado do 4.º regimento de milicias, alfaiate, residente n'esta cidade da Bahia, preso em 26 de agosto do mesmo, solto em 6 de novembro do mesmo anno.

—Lucrecia Maria Quent, creada, forra, solteira, natural d'essa cidade, presa em 26 de agosto do mesmo, solta em 5 de setembro do mesmo anno.

—Caetano Velloso Barretto, homem branco, casado, natural da villa de Alagoas, soldado do 2º. regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—José Joaquim de Siqueira, homem branco, solteiro, natural da cidade do Porto, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 26 de agosto do mesmo anno.

—Ignacio da Silva Pimentel, pardo, livre, natural da Jacobina, solteiro, soldado granadeiro do 2º. regimento de linha, preso em 27 de agosto do mesmo anno.

—Luiz da França Pires, pardo, escravo do secretario d'este estado, José Pires de Carvalho e Albuquerque, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 27 agosto do mesmo anno.

—Antonio José, cabra, escravo do tenente-coronel Caetano Mauricio Machado, e seu bolieiro, preso em 28 de agosto do mesmo e falleceu em 29 de agosto.

—Vicente, preto, de nação Mina, escravo do tabellião Bernardino de Senna Araujo, solteiro e alfaiate, preso em 29 de agosto do mesmo anno.

—Romão Pinheiro, homem pardo, solteiro, natural d'esta cidade, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 30 de agosto do mesmo anno.

—José Felix da Costa, pardo, solteiro, escravo de Francisco Vicente Vianna, natural d'esta cidade, preso em 31 de agosto do mesmo anno.

—Felix Martins dos Santos, pardo, solteiro, natural d'esta cidade, tambor-mór do 2.º regimento de milicias d'esta praça, preso em 1.º de setembro do mesmo, solto em 3 de dezembro

—Joaquim Antonio da Silva, branco, solteiro, natural d'esta cidade, sargento do regimento pago de artilharia, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—José Gomes d'Oliveira Borges, branco, solteiro, tenente do regimento pago de artilharia e natural d'esta cidade, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Felipe Nery, pardo, solteiro, escravo de Manuel José Vilella de Carvalho, preso em 4 de setembro do mesmo anno.

—Gonçalo Gonçalves d'Oliveira, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e alfaiate, preso em 7 de setembro do mesmo anno.

—Domingos Pedro Ribeiro, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade, e bordador, preso em 10 de setembro do mesmo anno.

—Lucas Dantas d'Amorim Torres, pardo, livre, solteiro, soldado do regimento pago de artilharia, e natural d'esta cidade, preso em 15 de setembro do mesmo anno.

—Domingas Maria do Nascimento, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 16 de setembro do mesmo anno.

—Anna Romana Lopes, parda, forra, solteira, natural d'esta cidade, presa em 15 de setembro, solta em 20 do mesmo anno.

—Manuel Faustino dos Santos Lira, pardo, forro, solteiro, natural do termo da villa de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, alfaiate, preso em 16 de setembro do mesmo anno

—José Raymundo Barata de Almeida, branco,

natural d'esta cidade, solteiro, vivia de escipta, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—Cypriano José Barata d'Almeida, branco, natural d'esta cidade, casado, cirurgião, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—Antonio Simões da Cunha, pardo, livre, natural d'esta cidade, casado e pedreiro, preso em 19 de setembro do mesmo anno.

—José do Sacramento, pardo, forro, soldado do 4.° regimento de milicias, solteiro e alfaiate, preso em 26 de setembro do mesmo anno.

—José Freitas Sacoto, pardo, livre, natural de Pernambuco, applicado á arte de cirurgia, e casado preso em 3 de outubro do mesmo anno.

—Manuel José da Vera-Cruz, pardo, escravo do secretario d'este estado José Pires de Carvalho e Albuquerque, natural do Rio-Real, e solteiro, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Ignacio Pires, pardo, escravo do mesmo secretario, natural d'esta cidade, e carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Fortunato da Veiga S. Paulo, pardo, forro, natural d'esta cidade, solteiro, e carapina, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—José Pires, pardo, escravo de D. Maria Francisca da Conceição e Aragão, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 4 de outubro do mesmo anno.

—Salvador, creoulo, escravo do capitão Paulino de Sá Tourinho, natural d'esta cidade, solteiro, e cabellereiro, preso em 4 de outubro, solto em 6 do mesmo.

—Cosme Damião Pereira Basto, natural d'esta cidade, pardo, escravo de Joaquim Pereira Basto, solteiro, alfaiate, preso em 5 de outubro do mesmo anno.

—Nicolau d'Andrade, branco, natural d'esta

cidade, solteiro e gravador, preso em 7 de outubro do mesmo anno.

—Salvador Pereira Sodré, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro, e caixeiro de engenho, preso em 9 de outubro e solto a 22 do mesmo.

—Manuel Pereira Severio, pardo, forro, natural d'esta cidade, solteiro, e alfaiate, preso em 12 de outubro, solto em 17 do mesmo.

—João Felix dos Santos, pardo, livre, natural d'esta cidade, e solteiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—José Roberto de Sant'Anna, pardo, forro, natural d'esta cidade, marcineiro, preso em 13 de outubro, solto em 25 do mesmo.

—Manuel José dos Santos, branco, natural de Portugal, solteiro, soldado granadeiro do 1.º regimento de linha d'esta praça, preso em 13 de outubro, solto em 20 do mesmo.

—José Francisco de Paula, pardo, livre, solteiro, natural d'esta cidade e gravador, preso em 14 de outubro, solto em 3 de dezembro do mesmo anno

—Joaquim Machado Peçanha, pardo, livre, natural d'esta cidade, solteiro e alfaiate, preso em 15 de outubro, solto em 25 do mesmo anno.

—João Fernandes de Vasconcellos, branco, casado, alfaiate, preso em 5 de novembro do mesmo anno

—Hermogenes Francisco d'Aguiar, tenente do 2º regimento de linha d'esta praça, branco, casado, natural d'esta cidade, preso em 4 de janeiro de 1799.

—Manuel de Sant'Anna, soldado do 2.º regimento de linha d'esta praça, homem pardo, natural d'esta cidade, preso em 1 de fevereiro de 1799.

—Francisco Moniz Barretto d'Aragão, homem

branco, natural d'esta cidade, solteiro, professor regio de gramatica no Rio de Contas, comarca de Jacobina, onde foi preso em 1 de fevereiro de 1799,

—Bahia, 2 de fevereiro de 1799 Desembargador. —*Franciso Sabino Alvares da Costa Pinto.*

*José Carlos Ferreira.*

Archivo Publico da Bahia, em dezembro de 1890.

# Historia Patria

## OS DE ARAGÃO

### ALCAIDES-MÓRES

SECULO XVII

*Ao Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão*

A alcaidaria-mór da cidade de Salvador esteve, pode-se assim dizer, de 1554, quando foi nomeado Diogo Moniz Barretto, primeiro na ordem chronologica por mim estabelecida, á 1814 quando extinguiu-se esse cargo, occupado então por Pedro Dias Paes Leme da Camara, em quatro das mais nobres e illustres familias da Bahia e do Brazil.

De 1554 a 1647 ella conservou-se na familia Moniz Barretto, cuja ascendencia illustrissima é encontrada em Portugal desde a chegada de D. Thereza e do conde D. Henrique em 1109, ao condado Portucalense; entre ella e a dos Telles de Menezes, de menos e muito mais moderna fidalguia, e que conservou a alcaidaria sómente por duas vidas, temos Felippe de Moura de Albuquerque e Henrique Henriques de Miranda que, embora de boa linhagem, não podiam deixar de ter para occupar tal cargo, ficam offuscados e desapparecem ao lado de tão nobres senhores.

Depois dos Telles temos Sebastião de Araujo e Lima, nomeado pelo marquez das Minas pelo prazo de um anno, emquanto o monarcha portuguez não preenchesse a vaga deixada por Francisco Telles.

D. Pedro II, então reinante, nomeou, porém, para esse alto cargo a Francisco de Araujo de Aragão, á quem succedeu na alcaidaria-mór seu filho Manoel de Araujo de Aragão; pertenciam elles a scol da nobreza e fidalguia da Bahia, não sómente pelo nascimento illustre, pela ascendencia remota e nobre como tambem pelos serviços que havia muitas gerações prestava sua familia á Bahia.

Entre esta e a dos Paes Lemes, que é a quarta a que nos referimos, não aqui nascida, mas não menos illustre que as citadas, e que conservou a alcaidaria por tres vidas, temos a Salvador Pires de Carvalho, em 1743, fidalgo tambem, e dos mais antigos e conceituados da outr'ora capital do Estado do Brazil.

A carta regia de D. Pedro II, de 1 de Março de 1687, nomeando para o elevado cargo de que tratamos o neto de Balthazar de Aragão, é um dos documentos mais nobilitantes que dar se pode, para aquelles que conservam como reliquias essas tradições sagradas dos avós illustres e cuja benemerencia augmenta com o decurso dos seculos; esse papel amarellento donde resaltam as escripturas do seculo XVII e da chancellaria portugueza, é incontestavelmente uma preciosidade.

Havia então na Bahia uma familia que gosava de incontestada e merecida influencia e preponderancia pelas suas tradições intimamente ligadas á propria historia da capitania de Coutinho, tradições que confundem-se com a legenda adoravel que todos os povos em sua origem se aprazem em venerar.

Quando, pelos annos de 1595 a 1599, veio a Bahia como capitão mór o celebre governador de Angola Balthazar de Aragão, preponderava na Bahia pela fortuna, pela vastidão das suas propriedades, pela tradição incomparavel de seu nome, a descendencia legitima, illustre e venerada de Diogo Alvares e da princeza brasilica Catharina Paraguassù.

Das filhas legitimas deste matrimonio, realisado pelos padres que acompanharam a Coutinho a Bahia pelos annos de 1535 a 1536, Genebra Alvares casou-

se com Vicente Dias de Beja, natural do Alemtejo, fidalgo da casa do infante D. Luiz.

Deste matrimonio nasceram varios filhos que foram os troncos das mais illustres familias de então, e dentre elles Maria Dias que desposou a Francisco de Araujo, da nobilissima familia deste appellido que ha na provincia de Entre Douro e Minho.

Com a filha primogenita de Maria Dias, bisneta em linha directa de Catharina, casou-se Balthazar de Aragão em 13 de novembro de 1599.

Este capitão-mór, fidalgo portuguez, homem de guerra, de renome e de serviços, tivera o mesmo posto em Angola, sendo appellidado o Bangala, inflexivel, pelo rigor com que tratava os negros. Morou aqui na Bahia na rua que ainda hoje conserva a sua alcunha, na actual freguezia de Sant'Anna.

A respeito da sua morte gloriosa em 1613 escrevemos em outra occasião alguma cousa sobre o que havia de historico e de legenda no facto de ter elle equipado e armado á sua custa uma sua náo de guerra e sahido a pelejar com as caravellas hollandezas que de continuo forçavam o formoso tracto de mar que forma o nosso porto, devastando o littoral, e altivos e intangiveis tornando á patria com grandes despojos.

O brioso e destemido guerreiro não podia supportar que quasi diariamente a fortaleza do morro de S. Paulo désse signal da approximação de algum veleiro inimigo; signal aquelle que era reproduzido pelos demais fortes da nossa extensa e mal defendida costa e pelos templos da nascente cidade que tocavam a rebate, sobresaltando as populações, perturbando a vida particular e social da nova capital.

Um dia a impetuosidade do seu valor e do seu orgulho levaram-n'o á loucura de despender avultadas sommas de sua fazenda, armando em guerra uma sua náo, na qual sahiu á luctar contra uma outra hollandeza que apparecera arrogante no horisonte encinzellado do norte, em uma tarde de verão do anno de 1613.

O que foi a lucta não nos dizem as chronicas

nem a tradicção, nem os chartularios coevos desse successo que tão fundamente deveria ter impressionado esta cidade, não só pelo valor do capitão mór, como tambem pela perda de um homem de sua importancia, da sua familia e dos seus haveres.

A náo de Balthazar de Aragão foi a pique e o homem inflexivel de Angola pereceu nesse recontro.

Do seu enlace com Maria de Araujo teve varios filhos e dentre elles nos interessa Francisco de Araujo de Aragão, que serviu com sua pessoa e grandes quantias nas guerras de Pernambuco, senhor do Engenho Novo no Paraguassú, casado com D. Anna de Barros Sueiro, de quem teve Manoel de Araujo de Aragão, coronel das ordenanças e um dos homens mais autorisados do seu tempo, e Francisco de Araujo de Aragão, o primeiro alcaide-mór desta nobre familia.

Pelo fallecimento de Balthazar de Aragão, sua viuva desposou Pedro Garcia, a quem chamaram o velho, mercador mui rico, cujo filho, o coronel Francisco Gil de Araujo foi donatario da capitania do Espirito Santo, por compra que fez ao almotacé-mór Luiz Gonçalves da Camara Coutinho pela somma de quarenta mil cruzados. Maria de Araujo falleceu a 9 de Março de 1633, sendo sepultada na Misericordia.

Francisco de Araujo de Aragão, que foi tambem capitão na Bahia, prestou em varias occasiões relevantes serviços, e estes unidos aos de seu pae e avô lhe valeram a carta regia de 1.º de março de 1687 que o nomeou alcaide-mór da Cidade do Salvador.

Este alto cargo, investido em uma familia já poderosa, tornou ainda maior a influencia e importancia de que ella gosava, tornando-se assim, Francisco de Aragão, o chefe della pela elevada posição que occupava

A força, prosperidade, a grandeza desta familia provinham principalmente da união de todos os seus membros, e causou, por esse motivo, impressão a lucta travada entre o alcaide-mór e seu irmão o

coronel Manoel de Aragão de um lado e o mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, marido de sua irmã Francisca de Aragão, do outro, este apoiando as pretensões de João Amaro Maciel Parente sobre a villa de Santo Antonio da Conquista, das terras dos Maracás, que pertencia então ao coronel Manoel de Aragão.

Esse acontecimento occupou durante algum tempo o espirito publico e o temor de que assumisse proporções demasiado serias foi tal que a côrte portugueza, reinando então D. Pedro II, teve de intervir directamente na contenda, e na carta regia de 17 de Janeiro de 1698 aquelle monarcha recommendava ao então vice-rei D. João de Lancastre que «convinha acudir com prompto remedio, e evitar a ruina entre vassalos de tanta importancia, e dos principaes desse Estado, de que se podem conseguir tantas consequencias» e para isso ordenava que os contendores comparecessem á presença do governador onde deveriam assignar o termo pelo qual se obrigariam a não mais contender, nem por si, nem por interposta pessoa.

Está tão intimamente ligada á vida dos Aragão a historia de João Amaro, que, de certo, não deixa de ter seu interesse esboçal-a aqui rapidamente e relatar o motivo de tão importante contenda.

Era João Amaro filho herdeiro do celebre aventureiro paulista Estevão Ribeiro Bayão Parente que, em 1671, no governo de Affonso Furtado de Mendonça do Rio e Menezes, visconde de Barbacena, viera á Bahia capitaneando a gente que o governador anterior Alexandre de Souza Freire, pedira a Pedro Vaz de Barros, rico e poderoso morador de S. Paulo, para auxilial-o na guerra contra o gentio que assolava o reconcavo.

Os serviços deste homem foram extraordinarios, e deveu-se-lhe a terminação das hostilidades dos indigenas, afugentados do littoral, perseguidos e internados pelos invios sertões.

Essa victoria foi aqui muito festejada, e o governador officiou á camara de S. Paulo concitando-a

a applaudir a gloria dos seus naturaes; a propria Relação da Bahia e o senado da camara dirigiram-se igualmente ao d'aquella cidade agradecendo tão extraordinarios serviços. O vencedor trouxera á Bahia mil e quinhentos indios prisioneiros, tendo morrido de peste mais de oitocentos.

Como era natural, grandes foram tambem as recompensas e a primeira que teve foi uma sesmaria das terras que conquistára ao barbaro gentio, onde o conquistador aventureiro iniciou a fundação de uma villa.

Foi esta villa a origem da grande lucta entre os Aragão e João Amaro.

Estevão Ribeiro falleceu na Bahia, achando-se seu filho em S. Paulo, de onde veio immediatamente, seguindo as conquistas de seu pae, ao qual sempre acompanhara nas perigosas entradas pelos sertões até então não visitados.

Não sabemos porque, em 1678, pouco mais ou menos, pedia Manoel de Araujo de Aragão, ao então governador Menezes permissão para fundar á sua custa uma villa com a denominação de Santo Antonio da Conquista, nas terras dos Maracás, paragem já anteriormente escolhida por Estevão Ribeiro para a edificação della, licença que lhe foi concedida em consideração a ser elle coronel de um dos regimentos desta cidade, pessoa de qualidade, serviços e cabedaes. Essa licença foi confirmada pela alvará regio de D. Pedro II, datado de 10 de Abril de 1688, a requerimento do mesmo coronel, com as clausulas de ser capitão mór da villa que fundasse, com o mesmo regimento que o visconde de Barbacena dera a Estevão Ribeiro e de ser seu donatario, direito que passaria a seus herdeiros, etc. O alvará citado ordenava que se passasse carta de donatario a Manoel de Aragão logo que a villa fosse fundada e nella houvesse cincoentas casaes de portuguezes e uma egreja decente.

Pelos documentos interessantissimos que possuimos vê-se que o coronel Aragão temia qualquer opposição por parte das autoridades, porque, logo

no anno seguinte, em 1689, elle representava ao rei, receioso de que, pela continua mudança de governadores, não se cumprisse o alvará do anno anterior.

A carta regia de 8 de Janeiro de 1690, porém, ordenava ao então governador interino frei Manoel da Encarnação, arcebispo da Bahia, substituto de Mathias da Cunha, victima da peste que assolou esta cidade em 1688, que fizesse cumprir o referido alvará como nelle se continha.

Durante este tempo João Amaro havia-se internado pelos sertões, continuando com grande difficuldade as conquistas de seu pae; voltando á Bahia pelos annos de 1692 ou 1693 encontrou o coronel Aragão donatario das terras que haviam sido de Estevão Ribeiro, reclamando immediatamente da metropole o direito que lhe cabia de substituir a seu pae, obtendo então a carta regia de 18 de Janeiro de 1694 que lhe dava o senhorio das conquistas, na forma da mercê feita a seu pae.

O mestre de campo Jeronymo Sodré Pereira, nesta contenda, apoiava as pretensões de João Amaro, e até auxiliou-o a ir ao Reino, onde a Relação resolveu a seu favor. Por esse motivo as paixões chegaram a um extremo tal que motivaram a carta regia citada, terminando finalmente esta lucta que poderia ter convulsionado esta capital ha quasi tres seculos.

Como era natural, o nosso alcaide mór Francisco de Aragão interveio na contenda tomando parte muito activa, vindo a fallecer muito depois em 8 de Julho de 1705 depois de 18 annos de exercicio n'aquelle elevado cargo, tendo prestado preito e homenagem em 2 de Outubro de 1687; foi sepultado no Carmo, onde não me foi possivel encontrar a sua sepultura apesar das mais pacientes pesquizas.

De seu matrimonio com D. Agueda de Góes, em 28 de Agosto de 1688, teve varios filhos, e foi seu primogenito Manoel de Araujo de Aragão que o substituio na alcadaria mór da Bahia, cuja mercê

foi a primeira que fez D. João V para o Brazil, fazendo preito e homenagem nas mãos do governador Luiz Cesar de Menezes em 21 Junho de de 1704.

Este alcaide mór exerceu o cargo durante 20 annos, e durante este largo lapso de tempo viu passar pela Bahia os governadores Luiz Cesar de Menezes, D. Lourenço de Almada, o conde de Castello Melhor, o marquez de Angeja, o conde de Vimieiro e o conde de Sabugosa, 4º vice-rei do Brazil. Nesse periodo importantes successos se desenrolaram na scena politica do novo mundo; a invasão do Rio de Janeiro pelos francezes echoou lugubremente na Bahia, cuja praça lhe estava confiada, e grande foi a precipitação com que se concluiram as fortificações de Itaparica, e a defeza das costas. Em 1611, durante o governo do conde de Castello Melhor, pela execução do imposto de 10 °/₀ sobre todos os artigos de importação, o povo revolucionou-se e durante dias esteve paralysada a vida social; presenceou a horrivel execução de vinte e dous piratas em um só dia, e de cinco no immediato, enviados do Rio, e condemnados pela Relação, mas cujo doloroso espectaculo ensombreou tristemente para sempre, na tradição popular, o nome do governador conde de Vimieiro

Esse alcaide mór que tanta parte deveria ter tomado em todos os acontecimentos daquella epocha, falleceu solteiro a 16 de Agosto de 1727, extinguindo-se assim aquelle cargo nesta illustre familia.

INNOCENCIO GÓES

Janeiro de 1900.

# EPHEMERIDES CACHOEIRANAS

POR

## Aristides A. Milton

## NOVEMBRO

### 1º. de Novembro

Em 1844, partiu d'esta cidade uma extensa caravana, composta de negociantes, artistas, e cavovouqueiros, em demanda do sitio conhecido por *Mucugê*, nome tirado do pequeno rio que o banha.

Fôra ali que, conforme se propalara, José Pereira do Prado, primeiramente e, depois d'este, alguns aventureiros, tinham apanhado quantidade consideravel de pedras de diamante.

Seguindo-se d'esta cidade pela estrada geral, em direcção de O, se sobe, após uma viagem de 380 kilometros approximadamente, a ladeira do Carrapato. Ahi tem começo, com o nome de Sincorá (ou Cincurá) uma—a primeira—das quatro serranias, componentes da cordilheira que, partindo do sul, e limitando o Estado de S. Paulo com o de Minas-geraes, avança pelo interior do da Bahia. Dividindo, então, as aguas que correm para o rio S. Francisco das que se encaminham para o rio das Contas, e para o Paraguassú aonde o Mucugê despeja, ella afinal entra n'aquelle, e fórma essa soberba maravilha, que se conhece pelo nome de *Cachoeira do Paulo Affonso*.

A povoação do Mucugê passou a ser—ultimamente—cidade de S. João do Paraguassú, e convém reconhecer que é interessante a sua historia.

Como se sabe, a descoberta das *lavras diamantinas* occorrida em setembro do anno já citado, foi causa de uma revolução economica em toda a provincia, hoje Estado, da Bahia.

A zona diamantina, inteira, povoou-se como por encanto, com pessoas emigradas de toda parte do Brazil, e sobretudo de Minas—geraes.

De sorte que, uma grande porção de terreno, deserto em parte, na distancia de 300 kilometros mais ou menos, sendo a menor de 122 para as povoações mais vizinhas então, offereceu seu seio opulento para acolher n'elle—quasi de chofre—uma multidão superior a 30.000 almas.

Entre ellas achavam-se centenas de desertores, e criminosos, attrahidos por duplo interesse: o da impunidade, que a falta de policia lhes assegurava, e o da lavra, que a cobiça lhes aguçava.

E a população foi crescendo, dia a dia. Por isto, agora ali campêam tres cidades e varias villas, fóra o numero elevado de *garimpos*, disseminados pelas comarcas de Lençóes, e do Paraguassú, formadas ambas por essa famosa região, que se desdobra em *chapadas* vastas, a que põem remate concavos rochedos e penedias broncas.

Não fosse a politicagem barbara, torpe, e atroz, que as tem flagellado inclemente, e todas essas localidades estariam—n'este momento—n'um pé de prosperidade invejavel....

A tradição, entretanto, conserva a memoria de uma longa serie de crimes, commettidos n'essas paragens remotas, onde a febre de enriquecer de repente acommettia a todos indomavel e voraz. E, na verdade, muitas fortunas, em uma só hora, surgiram, si bem que para ser dissipadas logo após na hora seguinte.

A justiça, no Mucugê, foi—largo tempo—representada por inspectores de quarteirão. Nenhum respeiito á pessoa, ou á propriedade. A lei era ali, desgraçadamente, um mytho.

Para experimentar uma espingarda nova, por exemplo, era alvejado o primeiro transeunte, que descuidado passava !

No curto espaço de dous annos, para cima de 100 malaventurados foram victimas do punhal e do fuzil!

Um bandido, certa noite, ateou fogo a uma casa de palha, pertencente a desaffecto seu. Dentro de 50 minutos, as chammas haviam devorado todas as outras casas, construidas tambem de palha, e que eram cerca de 200! O prejuiso d'ahi decorrente para o commercio foi collossal, como indescriptivel o terror, que assaltou então todos os espiritos.

No meio de tanta desordem, de vez em quando os inspectores de quarteirão sentiam certos assômos crueis de energia. Mandavam, *verbi gratia*, seguir para a cadeia da villa do Rio das Contas os presos, a quem os conductores apalavrados deveriam summariamente executar, no sitio denominado *Sumidouro*. Em voltando sós para o Mucugê, tudo os guardas explicavam pela. ..resistencia dos criminosos, que aliás elles haviam recebido perfeitamente algemados!

Em todo o caso, é forçoso confessar—que o cidadão Sulpicio Luiz da Rocha prestou bons serviços de policiamento, em circumstancias tão anormaes.

A prostituição se alastrou pelas Lavras de modo assombroso, e os espectaculos que ella enscenava faziam lembrar, de algum modo, aquelles outros de que foram protogonistas as concubinas de Babylonia.

Tantas ondas de povo que se formavam, se fendiam, se entrechocavam depois, obedeciam todas a duas unicas preoccupações: a de uma especulação mercantil exagerada, e por isto mesmo indecente, e a do deboche, que se exibia ora afidalgado, ora pifio.

Mulheres de vida airada dansavam—completamente núas—o *caxambú* sobre um tapete, figurado por cedulas de differentes valores. E outras que, para accender o cigarro, faziam mécha de uma nota de 50 ou 100$000.

Quanto á descoberta, eis o que consta.

Desde 1842, José Prado e um irmão seu lavravam

no Mucugê muito occcultamente, e os diamantes que d'ahi tiravam elles vendiam como procedentes da Chapada-velha. Mas, a qualidade das pedras, que são reputadas melhor do que as outras até agora conhecidas no Estado, despertou suspeitas de tal ordem que na primeira opportunidade, os exploradores foram seguidos por espiões, a quem afinal a verdade se ostentou em todo o seu brilho fascinante e seductor.

E d'ahi por diante, até que certas desillusões fossem conhecidas, notou-se em grande parte do Brazil um exodo, uma tonteira, um delirio.

Como se dizia na cópla, muito em voga ao tempo, e que os trovadores nocturnos garganteavam pelas esquinas das ruas, ao som do popular violão, até—*a moça bonita, de olhos de gato, ia á Chapada, tonante, cavar diamante.*

Corre, entretanto, que a 30 annos passados, o cap. Felix Ribeiro de Novaes, extrahira—ao pé da serra do Gagão—muitas pedras de diamante; tendo, porém, guardado a respeito do facto um silencio impenetravel, como a época do absolutismo exigia.

E, na verdade, o negocio era de encher os olhos....

Imaginem—que, só n'um pôço do rio Mucugê, Vencesláu de tal, tendo mergulhado em certo dia do mez de Outubro de 1844, ao sahir fóra d'agua trazia comsigo *19 oitavas* da preciosa pedra.

E o cap. Rodrigo de Castro, em 14 dias de trabalhos com 30 garimpeiros, apanhou 93 oitavas d'ella.

Por sua vez, José da Silva Dutra extrahiu 14 1/2 oitavas, no sitio denominado *Influencia*, 6 kilometros distante do pôvoado, hoje cidade.

E assim, outros muitos.

Mas, saber-se, depois de tudo isto, que os Prado morreram na penuria, realmente espanta e contrista.

O mesmo facto, entretanto, havia acontecido já com capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva que, a 10 de Setembro de 1740 falleceu pobre, apezar de de ter sido o descobridor das minas de ouro que abriu em Goyaz.

E porque tenho falado em diamantes, não será descabido recordar aqui—que foi em 1729, no logar denominado Serro-frio, pertencente a Minas—geraes, que Antonio da Fonseca Lobo achou o primeiro diamante do Brazil.

A maior pedra d'essa qualidade encontrada em nosso paiz é a *Grão-mogol*, que se formou em Minas—geraes tambem.

Cuido eu, no entanto, que o maior diamante até hoje descoberto, em todo o mundo, é um que se deve ás minas do Estado livre de Orange. Com o peso de 971 quilates, foi avaliado em 50.000 libras sterlinas. Tem a fórma de um cone truncado, e mede 3 polegadas de altura.

O cafre, que o achou, vendeu-o por 150 libras sterlinas, um cavallo, e uma cadeira.

Que modesto cafre!

O rei dos diamantes pretos, porém, foi encontrado—a 15 de Julho de 1895—n'uma das minas d'este Estado.

Merece, em todo caso, especial menção a pedra, que o sr. Henri Moissau exhibiu perante a Academia de sciencias de Pariz, conforme a *Révue des Révues* noticiou. Elle disse—que essa pedra pesava 733 grammas, vindo a ser por tanto o maior fragmento de diamante preto conhecido até hoje. Sua rigidez era superior á dos diamantes brancos e, assim, foi utilisado para a construcção de perfuradores. Que pena!... Melhor ficaria adornando um collo alabastrino.

O *carbonato*, que se encontra ás vezes ao pé do diamante, tem ultimamente subido muito de valor.

Em 1895, foi apanhado no Brejo da Lama, do municipio de Lençóes, um *carbonato*, pesando 181 oitavas, e avaliado em mais de 160.000$000.

Teve a fortuna de apanhal-o o garimpeiro Sergio Borges de Carvalho, homem de 50 annos de edade, e pobre.

Até então, o maior *carbonato* conhecido pesava 2.240 quilates, e sahira dos Lençóes tambem. Quanto

a esse outro, que acima indiquei, tinha o peso de 3.132 quilates.

Conseguintemente, os maiores *carbonatos*, conhecidos no mundo, sahiram do muncipio dos Lençóes, d'este Estado da Bahia.

—Em 1893, cahiram sobre esta cidade frequentes e grossos aguaceiros, acompanhados de vento rijo, que inundaram, por algumas horas, as ruas principaes.

Foram registrados varios prejuisos materiaes, em virtude do transbordamento dos rios, e consequente interrupção da linha-ferrea.

Soffreu bastante a fabrica de tecidos, denominada *S. Carlos do Paraguassú*.

—Em 1897, a mulher de nome Maria Eulalia, moradora á rua do Sabão, d'esta cidade, deu á luz tres creanças; duas do sexo masculino e uma do feminino. Todas tres falleceram pouco depois de nascidas.

Foi esse o segundo caso de fecundidade, aqui occorrido no anno citado (*Vide* «Ephemeride» de 11 de Maio.)

## 2 de Novembro

—Em 1738, succumbiu na sua fazenda, situada á margem do rio Paraguassú, Sebastião da Rocha Pitta, que tinha nascido na cidade da Bahia a 3 de Maio de 1660, e foi *o pae da historia do Brazil*, como o Dr. Joaquim Manuel de Macedo o appellida.

A obra, escripta pelo erudito bahiano, e que lhe outhorgou tão merecidos fóros, foi a *Historia da America Portugueza*, ainda agora consultada como precioso manancial de elementos para o estudo aprofundado da época de que elle se occupou.

Rocha Pitta era socio supranumerario da *Academia real da historia portugueza*, estabelecida em Lisbôa.

—Em 1822, o general P. Labatut dirigiu-se ao Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava n'esta cidade, então villa, solicitando provi-

dencias, no sentido de lhe serem fornecidos meios e recursos, com que mantivesse o exercito nacional e pacificador.

## 3 de Novembro

—Em 1801, sua alteza o principe regente de Portugal enviou a cada um dos governadores interinos da Bahia curiosa *tarifa*, mediante a qual quem quer que fosse poderia obter commendas, habitos, e outras quejandas *tétéas*; uma vez que entrasse para o *real erario* com a quantia respectivamente ali taxada.

Como se está vendo, vinha de longe o expediente; e não havia razão de estranhal-o aos tempos do Imperio.

—Em 1855, foi sepultado o tneente-coronel Carlos Joaquim de Magalhães Cirqueira, cidadão que dispunha de notavel influencia popular, e se tornara saliente em diversos acontecimentos politicos, verificados n'esta cidade.

—Em 1868, quando voltava d'esta cidade para seu engenho *Buraco*, sito na freguezia do Iguape, foi de emboscada aggredido—na estrada—o Dr. Pedro Moniz Barretto de Aragão, depois barão do Rio das Contas, a quem feriram gravemente, sobretudo na cabeça.

Do processo, instaurado em zazão d'esse crime que, sem duvida, causou geral sensação, já tratei n'outra ephemeride (*Vide* a do *1.º de Janeiro.*)

## 4 de Novembro

—Em 1849, celebrou solemne e concorrida sessão a *Polytechnica cachoeirense*, a primeira sociedade litteria, creada n'esta cidade com elementos vigorosos de vida que, apesar d'isto, foi ephemera, qual tem sido a de todas as associações congeneres aqui fundadas.

## 5 de Novembro

—Em 1822, o general portuguez Madeira de Mello escreveu a varios proprietarios do reconcavo, lhes pedindo parecer sobre o *melhor modo de descarregar a vara da justiça, somente contra os chefes da rebellião e da perfidia* . . .

Dizia elle—em seguida—que *desejava não confundir os innocentes com os culpados.*

Como se está vendo, o general se referia ao movimento para a independencia, que começara n'esta cidade, então villa.

—Em 1859, pelas 6 1/2 horas da tarde desembarcaram n'esta cidade suas magestades imperiaes o sr. d. Pedro II e sua augusta consorte d. Thereza Christina Maria.

Os illustres viajantes foram recebidos com as mais vivas demonstrações de regosijo e respeito.

Formou toda a guarda nacional do municipio, em grande paráda. A camara municipal, incorporada e levando seu estandarte á frente, compareceu para entregar ao imperador as chaves da cidade; cerimonia singular que se realisou n'um grande barracão preparado no largo dos Arcos.

Em seguida, foi cantado—na egreja Matriz—um solemne *Te-deum*, a que assistiram tanto os imperantes, como todas as autoridades civis e militares. A' tribuna sagrada subiu fr. João do Carmo que, depois, recebeu as honras de pregador imperial.

O povo, curioso e satisfeito, tomou parte activa e directa em todos os festejos, acclamando frequentemente a familia imperial.

Foi sumptuosa a ornamentação das ruas, que por tres noites consecutivas estiveram illuminadas *a giorno*.

O sr. d. Pedro, durante a sua permanencia aqui, visitou as repartições publicas e muitos estabelecimentos particulares. A' Sancta Casa de Misericordia, onde esteve no dia 8, sua magestade fez a esmola de 2.000$000.

D'aqui seguiu o imperador para a Feira de Santa

Anna, então villa, sendo acompanhado por centenas de cavalleiros. Ahi teve o sr. d. Pedro condigna recepção.

No dia 9, pelas 2 horas da tarde, os nobilissimos hospedes regressaram para a cidade da Bahia, a bordo do vapor *Pirajá*, em que tinham vindo; e foi geral a saudade, que essa partida causou.

Trinta annos depois, o sr. d. Pedro II era desthronado, e banido pela republica victoriosa.

E, a 4 de Dezembro de 1891, elle exhalava o derradeiro suspiro em Pariz, d'onde seu corpo foi conduzido para Portugal, afim de que repousasse ao lado de seus avoengos.

A imperatriz—d. Thereza Christina, ralada por decepções e amarguras, dorme o somno eterno em terraestrangeira tambem.

Colheu-a inexhoravel a morte, muito antes do esposo amado; fechando assim o cyclo da desgraça pungitiva e suprema, que fulminou rainha tão desditosa, apesar de ser exemplo de virtudes.

*Sic transeat gloria mundi!*

## 6 de Novembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, creou—a thesouraria, o commissariado geral, e a auditoria de guerra, para o exercito pacificador.

—No mesmo anno, aqui chegou—á tarde -o marechal João Chrysostomo Callado, que andava inspeccionando os corpos de milicia da provincia.

Recebido com as honras devidas ao seu elevado pôsto, o general passou revista aos batalhões 113 de infanteria, e 42 de cavallaria, bem como ao 4.º côrpo de artilheria.

—Em 1859, o presidente da provincia Herculano Ferreira Penna, que se achava n'esta cidade, acompanhando o imperador, expediu varias ordens, no sentido de ser immediatamente socorrido o sertão, e sobretudo as Lavras Diamantinas, que estavam sendo flagellados pela secca.

Em 1860, a pavorosa calamidade, a despeito das providencias tomadas, assumiu proporções collossaes, como só no seculo anterior tinham sido attingidas.

—Em 1894, a 1 hora da tarde, se espalhou n'esta cidade a noticia de haver se revoltado, no porto do Rio de Janeiro, parte da armada nacional, chefiada pelo contra—almirante Custodio José de Mello.

Muita gente se manifestou desde logo favoravel ao movimento, posto que ninguem d'aqui seguisse para auxilial-o.

Naturalmente, porque..... era longe.

## 7 de Novembro

—Em 1753, o senado da camara—d'esta cidade, então villa, mandou—que o artista Victorio de Jesus pintasse a sala das audiencias, no paço municipal recentemente construido. E recommendou muito ao artista—que, no fôrro respectivo, exculpisse as armas da respeitavel corporação.

De tal pintura nenhum vestigio mais existe, e não ha documento, que nos possa dar idéa do brazão cachoeirano.

Que pena!

—Em 1799, foi expedido um regulamento para barcos e lanchas, em virtude do qual se cobrava d'aqui para a capital, e vice—versa: 320 rs por frete de pipa; barril de 4.°—80 rs. estando cheio, e 40 rs. estando vasio.

Hoje, se cobra por pipa 10$000, e por barril de 5.°—2$000 (cheio).

—Em 1822, seriam 4 horas da madrugada, embarcou —depois de uma significativa despedida—adeputação que se achava na Barra do Rio das Contas, e seguiu para o Rio de Janeiro, onde se deveria entender com o imperador d. Pedro I, em nome do Conselho interino do governo, que aqui fôra instalado.

—Em 1837, rompeu na cidade da Bahia a grande revolução conhecida pelo nome de *Sabinada*, por ter sido seu principal chefe o Dr. Francisco Sabino Alves da Rocha que, depois de vencido, foi degredado

para Matto-grosso, ondo falleceu a 25 de Dezembro de 1846, tendo sido sepultado na fazenda *Santo Antonio de Jacobina*, do termo de S. Luiz de Cáceres. Em 1896, os restos mortaes do illustre cidadão foram transferidos para a capital da Bahia.

Tinha sido condemnado o Dr. Sabino á pena ultima pelo Jury d'essa cidade, em sessão de 2 de Junho de 1838, foi confirmada a sentença pelo Jury da villa de S. Francisco. O réo appellou, mas a Relação do districto, por *accordam* de 20 de Julho de 1839, negou provimento ao recurso interpôsto.

O Poder moderador, afinal, commutou aquella pena em degredo, que o Dr. Sabino cumpriu, como acima já referi.

Era objectivo da revolução, segundo se propalou, declarar a provincia da Bahia, separada do imperio para constituir um Estado autonomo e livre, até que d Pedro II chegasse á maioridade.

Os revolucionarios, que ficaram sendo conhecidos pelo nome de *raposas*, como pelo de *perûs* eram chamados os legalistas, publicaram muitos editaes, e bandos, libertando escravos que a elles haviam se juntado, e proclamando aos habitantes da provincia, cujo apoio queriam conquistar.

Foram muitas as pessoas da capital, que immigraram para aqui, seguramente por se ter a população d'esta cidade, em sua grande maioria, manifestado em favor do governo constitucional. E para prova, marcharam d'aqui batalhões da guarda nacional, e corpos de voluntarios, que concorreram para bater os rebeldes.

Aqui, tambem, foram julgados muitos dos implicados no movimento; e ainda em Janeiro de 1839 foi absolvido, pelo Jury, um d'elles—Antonio José de Sá Freire Mattos.

D'aqui, finalmente, era natural o Dr. João Carneiro da Silva Rego, filho, que assumiu posição muito saliente na *Sabinada*.

A 16 de Março de 1838, a revolução terminou, entrando a força do Governo na capital, que tinha sido incendiada em parte, e achava-se em poder

dos rebeldes, desde que o presidente da provincia, a 7 de Setembro do anno anterior, havia se retirado para a villa de S. Francisco.

Quando o Dr. Sabino, derrotado, foi preso afinal, mandaram-no para bordo da corveta *7 de Abril*, onde poseram-no a ferros, de sentinella á vista. O Dr. Sabino, que era cirurgião—mór do exercito, se tinha já celebrisado nos ataques que, a 7, 8 e 9 de Janeiro de 1822, a ilha de Itaparica soffreu das náus luzitanas. (*Vid. ephem.* de 29 de Outubro)

N'outras *ephemerides*, vão apontados episodios e factos da *Sabinada*, que têm mais intima relação com a Cachoeira.

## 8 de Novembro

—Em 1760, fugiram do convento da Palma, na cidade da Bahia, dois frades Agostinhos, que ali se achavam presos, e tinham de ser enviados para a ilha de S. Thomé, por ordem superior.

A passagem d'esses religiosos estava já contractada, por 64$000, com o commandante da corveta *Nossa Senhora do Crato*, que se prestava a levar egualmente, sem alteração de preço, o rev. fr. Manoel do Rosario, que acompanharia—como guarda—os collegas desterrados.

Consta—que um dos fugitivos veio aqui ter, e contou tudo quanto soffrera no *tronco*, em que lhe haviam mettido os pés, durante muitos dias.

O presidente da communidade requisitou auxilio do braço secular, afim de punir os culpados, que se chamavam fr. João Baptista, e fr. Manoel de S. Joaquim.

Em todo o caso, fica provado—que *o tronco* é uma instituição antiga, entre nós. Primeiro, servia elle para os frades; para os escravos, depois e, finalmente, para os que—na roça—incorriam no desagrado de autoridades policiaes desbragadas.

—Em 1822, foi ferida notavel batalha entre as forças brazileiras, e as luzitanas ao mando do general Madeira de Mello, que occupava ainda a cidade da Bahia.

N'essa gloriosissima jornada de que sahiram triumphantes as armas nacionaes, distinguiu-se assás o contingente que d'esta cidade, então villa, marchara sob commando do coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, e que no momento do combate havia tomado posição no sitio denominado *Coqueiro*, na eminencia á cavalleiro da ilha de Joannes.

—Em 1865, chegaram a esta cidade, vindos de Sancta Izabel do Paraguassú, hoje S. João do Paraguassú, com destino á guerra do Paraguay, 112 *voluntarios da patria*.

—Em 1874, falleceu n'esta cidade, onde tinha nascido, o tenente Antonio Francisco dos Santos, que—por muitos annos—fôra collector das rendas provinciaes, e possuira em tempo fortuna mais que regular.

Os ultimos annos da vida, no entanto, lhe foram de lutas e privações.

—Em 1886, foi sepultado—em S. Felix—onde residia desde muitos annos—o tenente Luiz Eloy Salomon, que era perito guarda-livros, um dos juizes de paz da freguezia, e sobretudo poeta de um lyrismo suavissimo.

Nascido em S. Paulo, se *naturalizara* comtudo bahiano, e particularmente san-felixta, de todo seu coração.

Larga mésse de sympathias conquistou com facilidade o excellente amigo, pôndo em evidencia os dotes preciosos de su'alma.

Quando elle morreu, contava pouco mais de 50 annos.

—Em 1892, o papa Leão XIII reorganisou a hierarchia ecclesiastica do Brazil.

Todo o territorio da republica foi dividido em duas partes: a do norte, e a do sul. Do norte ficou sendo metropolita o arcebispo da Bahia, do Sul o arcebispo do Rio de Janeiro.

Como suffraganeas da Bahia, foram designadas as egrejas episcopaes de Belém do Pará, S. Luiz do Maranhão, Fortaleza e Goyaz (antigas), Amazonas e Parahiba (creadas n'aquella data). Para a metropole

do Rio foram designadas, como suffraganeas, as egrejas episcopaes de S. Pedro do Rio-grande do sul, S. Paulo, Marianna, Diamantina, e Cuyabá (antigas), Nictheroy, e Coritiba (creadas na referida data)

Em 1896, foi creado o bispado do Espirito-Sancto, suffraganeo da metropole do Rio.

Em 1900, foram creados mais: um terceiro bispado em Minas, e um em Alagoas, a saber, aquelle ao sul e este ao norte.

Esta divisão nos deixou no mesmo logar, isto é, sob a jurisdicção do arcebispo da Bahia.

## 9 de Novembro

—Em 1865, seguiram d'esta cidade para a da Bahia, com destino á guerra do Paraguay, 112 *voluntarios da patria*, que dias antes haviam chegado de Sancta Izabel (hoje S. João) do Paraguassú, sob commando do ten-coronel Francisco José da Rocha Medrado, sobrinho.

—Em 1867, falleceu victimado por uma pustula maligna o Dr. Sulpicio Geminiano Barroso, nosso conterraneo, clinico distincto, e cidadão estimabilissimo.

Por algum tempo, leccionara elle a lingua franceza em sua propria casa, e depois no collegio *Conceição*, fundado n'esta cidade por Francisco Querino Bastos.

Recommendavel especialmente por sua modestia, contava o Dr. Sulpicio selecto numero de amigos.

Era maior de 50 annos.

—Em 1879, foi instalada n'esta cidade uma loja maçonica, denominada *Caridade e segredo*, que ainda hoje funcciona.

Nenhuma *officina* existia então aqui, muito embora em outros tempos algumas houvessem já trabalhado.

A todas ellas, porém, certas rivalidades inutilizaram completamente, tendo deixado triste memoria as que separaram *beneficios* e *maçons* em dois campos furiosamente hostis.

De modo que, estas associações tornavam-se motivo

de odios e conflictos, que assumiram—por vezes—proporções assombrosas, em logar de constituirem, como haviam promettido, doces recessos de amor e de paz.

## 10 de Novembro

—Em 1779, o senado da camara d'esta cidade então villa, mandou vir á sua presença diversos individuos, a todos os quaes intimou formal e publicamente *para que não lavassem mais, nem fizessem immundicies no rio Pitanga.*

Ainda hoje, a intendencia municipal tem que lutar com muita gente, para impedir uma infracção, condemnada aliás desde o seculo ante-passado!

A raça latina é assim mesmo...

O seu prazer maior consiste em desobedecer ás ordens da autoridade....

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, fez publicar um *bando*, em que convidava o povo para se alistar na guarda civica, por elle creada para a defeza local. E nomeou para commandal-a o capitão-mór João Dantas dos Reis Portatil, que era membro do mesmo Conselho.

A guarda deveria se compôr de 140 praças.

## 11 de Novembro

—Em 1822, o general P. Labatut, officiando ao Conselho acima indicado, lhe communicou—ter cabido definitivamente a victoria aos brazileiros, na acção ferida no dia 8 do mesmo mez; porquanto, elles apenas tinhão tido 5 mortos e 11 feridos ao passo que o inimigo, além de grande numero de mortos, deixara 5 prisioneiros, e recolhera para cima de 200 feridos.

## 12 de Novembro

—Em 1822, reunido n'esta cidade, então villa, o supradicto Conselho, deliberou participar immediatamente a todas as camaras da provincia, e proclamar

aos bahianos em geral, o facto auspicioso de haver sido acclamado, a 12 do mez anterior, na côrte do Rio de Janeiro, o principe regente D. Pedro como imperador do Brazil.

Eis a proclamação:

«*Habitantes do reconcavo!* O Conselho interino do governo d'esta provincia se apraz em communicar-vos--que o magnanimo defensor da independencia politica do Brazil, o nosso augusto regente, acaba de ser elevado pelo amor dos brazileiros á dignidade de imperador constitucional do Brazil, em reconhecimento de suas virtudes, e de protestar a mais energica actividade em prestar-nos efficazes soccorros, além d'aquelles que já mandou.

O poderoso apoio de um joven imperador, guerreiro e justo e a presença de um general perito e valoroso, acrysolando o nosso enthusiasmo, exaltando a nossa coragem, e centuplicando os nossos recursos, nos affiançam gloriosas vantagens sobre as novas cohortes dos infames satelites do centumvirato de Lisbôa.

Mas, comquanto nos possamos augurar o afortunado exito da sagrada causa, em que somos empenhados, a prudencia requer que nos lembremos da possivel hypothese de ser acommettido o beira-mar do reconcavo pelos crueis janizaros de Portugal, ora animados com a recem-chegada expedição.

E cumprindo—em caso tal—privar os inimigos de todos os recursos, e não expôr victimas inermes ao seu furor e sanha, é de mister que o Conselho, não só em desempenho da confiança que n'elle haveis depositado, senão em observancia do real decreto do 1° de agosto d'este anno, advirta e recommende aos cidadãos, e familias dos logares maritimos do reconcavo, que tenham em bom recato o seu precioso, e que se vão prevenindo de habitações no interior, para onde se retirem com seus gados e fabricas.

*Habitantes do reconcavo.* Esta necessaria medida importa a nossa segurança, e a ruina infallivel dos nossos barbaros invasores; é quanto basta para que seja adoptada, apezar dos incommodos e sacrificios, pelos briosos e fieis bahianos. Não presteis attenção

a terroristas, que por ventura poderão envenenar esta salutar providencia; o progresso da nossa causa é notorio, e o nosso triumpho certo, infallivel.

Confiai no Governo, que vos protegerá com a solicitude, que lhe merceis; no valente general Labatut, que vos defenderá com a desteridade, que nos promettem seus talentos e gloria militar, e no exercito pacificador, cuja bravura principia de encetar a colheita dos louros de que é digno.

Viva o imperador constitucional!

Sala das sessões na villa da Cachoeira, em 12 de novembro de 1822.

—*Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente--Miguel Calmon du Pin e Almeida, secretario--Antonio José Duarte de Araujo Gondim --Manoel José de Freitas--José de Mello Varjam--Manoel dos Santos Silva--João Dantas dos Reis Portatil.*»

Ao mesmo tempo, o Conselho tomou providencias para garantir sua correspondencia official, e a administração da Bahia, em nome de s. m. o imperador constitucional. E tratou de deferir aos que ainda não havia feito o juramento de obediencia ao mesmo senhor; adiando, entretanto, para occasião mais tranquilla os festejos, commemorativos do notavel acontecimento.

Foi o general Labatut quem transmittiu, officialmente ao Conselho a noticia da acclamação, e lhe remetteu ao mesmo tempo o n. 95 do *Espelho*, periodico em que vinha descripta com todas as minudencias aquella solemnidade.

—Em 1831, respondendo ao officio que a camara municipal d'esta cidade, então villa, havia lhe dirigido, exigindo o pagamento de 16.000$000 de que se julgava credora, o presidente da provincia declarou--que a dicta somma passara por emprestimo á camara da capital de quem deveria ser cobrada, nos termos da resposta, que em 1829, já tinha s. exa. dado.

Esse dinheiro fôra tomado pelo Governo, em 1793; e o resultado todos estão naturalmente adivinhando; a municipalidade, como parte mais fraca, perdeu-o.

Puro regimen do .... calote!

—Em 1837, a camara d'esta cidade funccionou para protestar contra a revolução, que havia rebentado a 7 do mesmo mez na capital da provincia, hoje Estado.

Diversos cidadãos conspicuos acompanharam a camara, na sua deliberação.

E, juntamente com o protesto que então se lavrou, foram tomadas de accôrdo muitas e differentes medidas contra os rebeldes.

A mesma hora, no entanto, João Carneiro, nomeado vice-presidente da Bahia pelos revolucionarios, proclamava, convidando os habitantes do reconcavo a adherir, afim de se salvar a patria bahiana.

## 13 de Novembro

—Em 1837, o presidente da Bahia, por officio dirigido á camara municipal, communicou-lhe ter de vir estabelecer sua residencia n'esta cidade, por se achar a capital ameaçada pelos rebeldes que, no dia 7, haviam se insurgido contra as autoridades legaes.

—Em 1860, falleceu o coronel Jeronymo Vieira Tosta, que residia no engenho *Penha*, da freguezia do Iguape, termo e comarca d'esta cidade.

Era condecorado, e commandante da guarda nacional.

—Em 1865, seguiram d'aqui para a capital, com destino á guerra do Paraguay, 43 *voluntarios da patria*, que tinham vindo da villa do Chique-Chique.

## 14 de Novembro

—Em 1822, ás 7 horas da noite, mais ou menos, aportou ao Rio de Janeiro a deputação, que o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, instalado n'esta cidade, então villa, resolvera enviar a D. Pedro I.

## 15 de Novembro

—Em 1837, o desembargador Honorato José de

Barros Paim, presidente da provincia, tendo chegado a esta cidade, d'aqui proclamou a todos os habitantes da capital da Bahia, «para que estes corressem a salval-a dos males, que lhe preparavam os rebeldes, enfurecidos inimigos da tranquillidade publica; vingassem a sua honra offendida, e com sigo gritassem: viva o imperador o Sr. D. Pedro II, a integridade do Imperio do Brazil, a Constituição que felizmente o regia, e os bravos defensores da legalidade.»

Essa proclamação, bem como outra, endereçada aos cachoeiranos pelo brigadeiro Rodrigo Antonio Falcão Brandão, foram publicadas pelo *Constitucional Cachoeirano*, numero de 18 de Novembro de 1837.

Além d'isto, o presidente expediu d'aqui *circulares* a todas as autoridades da provincia, dando-lhes parte de ter assumido o exercicio do cargo, em virtude do impedimento physico do senador Francisco de Sousa Paraizo.

A' mesma hora, porém, chegava á barra da Bahia o novo presidente nomeado—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

--Em 1889, pelas 7 horas da noite aqui foi recebido o primeiro telegramma, noticiando a revolução que havia rebentado na cidade do Rio de Janeiro, onde fôra proclamada a republica federativa dos Estados-Unidos do Brazil.

Em poucos momentos, foi organizado e distribuido um *boletim*, dando conta do importante acontecimento, que causou a toda a gente irreprimivel sorpreza.

O marechal Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do movimento, assumira a dictadura.

Eleito, opportunamente, para servir de presidente da Republica, tomou posse do cargo a 26 de Fevereiro de 1891, e a 23 de Novembro do mesmo anno o renunciava, em frente de uma revolução, que estalara por ter elle dissolvido, sem poder fazel-o, o Congresso Nacional.

O marechal Deodoro, que nascera em Alagôas a 5 de Agosto de 1827, falleceu a 23 de Agosto de

1892, tendo sido sempre um soldado valente e audaz.

## 16 de Novembro

—Em 1810, uma carta régia conferiu ao Conde de Arcos, capitão-general e governador da Bahia, a incumbencia de angariar donativos, afim de serem resgatados os 615 portuguezes, que desde muito eram prisioneiros do bey de Tunis.

A Cachoeira contribuiu com a sua quota para tão bella obra de caridade.

—Em 1822, partiu desta cidade, então villa, para Itaparica, João de Oliveira Botas, tenente, encarregado pelo Governo Provisorio de crear uma força naval para defesa da ilha, que tem aquelle nome.

O eminente patriota poude levar a termo o seu bem delineado plano, e a 8 de Dezembro seguinte conseguiu sahir incolume, escoltando 18 barcos, abarrotados de mantimentos, para o rio Cotegipe.

—Em 1822, tambem, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres, inspector das fortificações, achando-se na Saubara, reclamou do Conselho interino do governo algumas providencias, mediante as quaes *afiançava* a segurança da Cachoeira, e de todo o seu districto.

—Em 1837, chegou a esta cidade, o novo presidente da provincia—Antonio Pereira Barretto Pedroso.

E á Itaparica, para onde d'aqui partira, o coronel Antonio de Souza Lima, que assumiu sem demora o commando da força militar, e cuidou de guarnecer a fortaleza, montar peças, e expedir varias providencias, afim de se oppôr mais efficazmente aos rebeldes.

Aqui—por sua vez—tambem vieram ter os generaes João Chrysostomo Callado, e José Joaquim Coelho que chegara, de Pernambuco, trazendo 500 praças.

—Em 1856, a Meza administrativa da Ordem Terceira do Carmo, d'esta cidade, resolveu elevar a 1$280 o salario do escravo Raphael, que pertencia á dicta Ordem. Mas, passada que fosse a carestia de

viveres então reinante, aquelle salario voltaria a ser de 1$000 por semana, ou 140 rs. por dia.

Que regalo!

## 17 de Novembro

—Em 1812, o principe regente de Portugal mandou que fosse entregue á *Real junta do commercio, agricultura, fabricas, e navegação do Estado do Brazil e dominios ultramarinos* a machina, que fizera vir de Calcutá para imprensar fardos de algodão.

Cumpria á *Junta* utilizar-se da dicta machina, « pela maneira que mais conveniente lhe parecesse. »

De frete se pagou pelo *minimo* 2:372$170.

O peior foi que ninguem d'esta cidade, então villa, conseguiu lobrigar sequer a tal machina, apezar de terem ido muitas pessoas de proposito para vel-a. . .

O segredo havia de aproveitar muito, pois não!

## 18 de Novembro

—Em 1841, um juiz de paz de S. Felix, franco de mais, declarou—que n'um certo quarteirão do districto não existia pessoa habilitada para ser inspector.

Os tempos, agora, estão mudados. Hoje não ha inspectores, nem lá nem cá, porque todas as pessoas são habilitadas de mais para cargo. . . tão modesto.

—Em 1883, se realisou com inexcedivel brilhantismo a *manifestação* politica de que foi alvo o Dr. Honorato Antonio de Lacerda Paim, depois Barão de Lacerda Paim.

N'um *trem* especial da estrada de ferro, cêrca de 100 senhoras, e numero muito superior de cavalheiros, encaminharam-se para a fazenda *Serra da Conceição*, freguezia da Conceição da Feira, onde reside o prestimoso titular.

Iam todos cumprimental-o pela nova attitude, que elle havia assumido, com os seus amigos da parochia, na politica do districto.

Uma excellente philarmonica tomou parte na brilhante *manifestação*.

A casa de morar e todo o estabelecimento rural do distincto cidadão se achavam com luxo e gosto ornamentados.

Os visitantes foram recebidos ao espoucar de foguetes, e sob uma chuva de flores.

Diversos arcos de folhagem, todos encimados por bandeiras e gaihardêtes davam ao terreiro da *Serra* um ar festivo e jucundo.

Passou-se um dia feliz n'essa deliciosa vivenda, e durante elle houve dansas animadissimas e refeições principescas, tendo se trocado—ao jantar—brindes eloquentes e numerosos.

Não pode por alguem ser excedida a gentileza, com que o illustre amphytrião soube acolher os seus hospedes, revelando-se em tudo um verdadeiro fidalgo.

Ah! Bem custoso será se organizar aqui outra festa, egual a essa de que guardo a recordação mais viva e saudosa, pungida, entretanto, pela certeza de que muitas das pessoas que n'ella tomaram parte dormem, agora, nos braços hirtos da morte, o somno de que não se acorda jámais!

## 19 de Novembro

—Em 1822, a guarda avançada das tropas d'esta cidade, então villa, collocada na Saubara, tendo soffrido, na vespera, grandes ataques dos portuguezes inimigos, tratou de bem regular as suas operações de guerra.

Com este fim se reuniram, lavrando logo após um termo, em Conselho militar, o sargento-mór Antonio Martins da Silva Torres, commandante das forças da villa, Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa, capitão-commandante da companhia de *Bellona*, Francisco Lopes Duarte Vianna, tenente-commandante da Companhia de *Jequiriçá*. Manuel Rocha Galvão, tenente da companhia de *Bellona*, e Manuel

José Rodrigues da Silva, alferes d'esta ultima companhia.

—Em 1837, prestou juramento e tomou posse do governo, perante a camara municipal d'esta cidade, por achar-se impedida a da Bahia, o presidente da provincia, hoje Estado, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

O seu antecessor — Desembargador Honorato José de Barros Paim, esteve presente ao acto, que foi revestido da maior solemnidade.

O novo presidente proclamou, no mesmo dia, aos bahianos, affirmando-lhes — « que não conheceria um momento de repouso, emquanto a provincia tivesse na sua capital o bando de rebeldes que a conspurcavam. »

—Em 1838, se finou n'esta cidade o capitão-mór José Antonio Fiuza, proprietario de uma grande cinta de terras, aqui mesmo situadas, e de mais outros bens da fortuna.

—Em 1878, rendeu o espirito a Deus o nosso conterraneo Cons. Salustiano Ferreira Souto, que morava na cidade da Bahia, onde exercitava extensa clinica, e era cathedratico da Faculdade de Medicina.

Representara a provincia, por mais de uma vez, na camara dos deputados.

Declarada a guerra do Paraguay, pôz o Cons. Souto seus serviços á disposição do governo; e, vindo para esta cidade, em muito auxiliou a creação de mais um corpo de *voluntarios*.

Apezar de tuberculoso desde moço, o Cons. Souto logrou viver muitos annos, graças a uma hygiene rigorosa que observava.

--Era homem de salão, e adorador do bello sexo.

Em 1890, o Conselho Muuicipal deliberou mudar os nomes de algumas das ruas d'esta cidade. A 17 de Dezembro tomou providencia egual, com relação a outras ruas. E, finalmente, a lei n. 25 de 18 de Maio de 1897 deu nome a umas e mudou o de outras, com o fim de perpetuar a memoria de varios cachoeiranos illustres.

Nem todo nome novo, porém. . . calhou.

## 20 de Novembro

—Em 1822, o Conselho interino do governo da provincia da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, approvou e fez publicar o plano de organização da *guarda civica*, instituida para defeza interior da dicta villa.

—Em 1837, o presidente Barretto Pedroso dirigiu proclamação especial aos soldados, que se tinham deixado ficar na cidade da Bahia.

N'esse importante documento, datado d'aqui, convidava o delegado do governo imperial áquellas praças a *se extremarem dos criminosos* (eram estes os «raposas»), *evitarem-os, e correrem aos braços de seus companheiros e fieis camaradas.*

—Em 1872, falleceu, com edade superior a 70 annos, o capitão João Xavier de Miranda, que occupara n'esta cidade varios cargos publicos, e dispozera de influencia popular.

Em épocas difficeis, o capitão Miranda prestara bons serviços á causa legal; e, na qualidade de juiz de paz, teve de condemnar alguns revolucionarios, concorrendo assim para victoria do Governo, e completo restabelecimento da ordem publica.

Nascera na freguezia do Pedrão.

—Em 1877, finou-se na cidade da Bahia, onde desde muito tempo morava, o nosso conterraneo tenente-coronel Manuel Jeronymo Ferreira, secretario aposentado da respectiva camara municipal, e ex-membro da assembléa legislativa da provincia, hoje Estado. Era maior de 60 annos.

Marchara voluntariamente para a guerra do Paraguay.

—Em 1889, a camara municipal e o povo d'esta cidade adheriram formalmente ao regimen republicano, que o exercito e a armada haviam, no dia 15 de Novembro, acclamado no Rio de Janeiro.

Do acto foi lavrada a acta a seguir:

«A 1 hora da tarde do dia 20 do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889, reunidos — no paço da ca-

mara municipal da heroica cidade da Cachoeira— os Srs. vereadores capitão Rosalvo de Menezes Fraga, advogado José Almachio Ribeiro Guimarães, major Manuel Alves Mascarenhas, capitão José Augusto Peixoto, e Sabino Santiago da Motta, sob a presidencia do Exm. Sr. Barão de Belém, foi aberta a sessão.

Em seguida, o Exm. Sr. presidente declarou que— á vista dos ultimos acontecimentos, occorridos na cidade do Rio de Janeiro, na capital da Bahia, e outros pontos do paiz, onde havia sido proclamado o systema republicano como fórma de governo, resolvera convocar extraordinariamente a camara, afim de que ella deliberasse sobre a attitude que lhe cumpre tomar, prestando ou não sua adhesão ao novo regimen.

O Sr. vereador capitão Rosalvo Fraga, pedindo em seguida a palavra, depois de algumas ponderações, leu os telegrammas, que haviam sido dirigidos á camara, e vão abaixo transcriptos; e propoz que, de accordo com a vontade manifestada pelo povo, e por bem da nação:

1.º Fosse por esta camara, em nome do seu municipio, proclamada a Republica Federal dos Estados-Unidos do Brazil, e reconhecido o seu governo.

2.º Fosse desfraldada, na frente do edificio da municipalidade, a bandeira d'este Estado da Bahia.

3.º Que fossem convidadas todas as autoridades e funccionarios para protestarem fidelidade ao novo regimen.

Pôsto em discussão o requerimento, não houve quem falasse sobre elle; e, passando a ser votado, foi approvado por todos os votos dos vereadores presentes.

Então, o presidente da camara ergueu um *viva* á Republica do Brazil, o qual foi enthusiasticamente correspondido pelos outros vereadores, autoridades, e cidadãos presentes; muitos dos quaes vão assignados na presente acta.

Acclamada, assim, a Republica, foi immediata-

mente içada, na janella central do paço da mesma camara, a bandeira do Estado da Bahia, que foi saudada por fervorosas e repetidas acclamações.

Em acto continuo, foi lida a proclamação, que a camara resolveu dirigir aos seus municipes, e distribuida profusamente pelos cidadãos presentes; indicando o Exm. Sr. presidente—que, tanto esta acta, como as proclamações, fossem transcriptas em um livro especial: o que foi unanimemente approvado.

Depois do que, o Exm. Sr. presidente levantando-se, e bem assim os demais vereadores, prometteram todos fidelidade ao novo regimen republicano; seguindo-se—na mesma promessa—todos os cidadãos presentes, o que fizeram em alta e solemne voz. E em fé do que o fizeram, assignam a presente com a camara, que mandou lavrar esta para constar. Os telegrammas são do theor seguinte:

*S. P.*—Repartição geral dos telegraphos. Estação da Cachoeira, 18 de Novembro de 1889. — *Telegramma-circular.* — Presidente da Bahia, em 18, á camara municipal da Cachoeira. — Com grande acclamação do povo, e na melhor ordem possivel, acabo de prestar juramento perante a camara municipal, e tomar posse do governo d'este Estado. (Assignado) *Virgilio C. Damazio.*

Repartição geral dos telegraphos.—Estação Cachoeira. 19 de Novembro de 1889 —*S. P.* Procedente da Bahia, em 19.—Do governador do Estado da Bahia á camara municipal da Cachoeira.—O governo republicano está definitivamente constituido. A camara municipal da capital prestou juramento fidelidade. Toda a população adheriu com enthusiasmo. O governo do Estado da Bahia, investido de plenos poderes pelo chefe do Poder Executivo. General Deodoro, e ministerio constituido. Communico o facto a essa municipalidade, e convido-a a adherir, e prestar juramento de fidelidade ao novo regimen. Palacio do governo da Bahia, 19 de Novembro de 1889.—(Assignado) *Virgilio Damazio.*

Eu, Antonio Lopes de Carvalho, sobrinho, secre-

tario a escrevi.—Barão de Belém, p.—Rosalvo de Menezes Fraga.—Antonio Ferreira Carvalho Mascarenhas.—José Augusto Peixoto.—Manuel Alves Mascarenhas.—Sabino Santiago da Motta.—José Almachio Ribeiro Guimarães.—Antonio José de Castro Lima, juiz de direito.—Pedro Vicente Vianna, juiz dos orphãos.—Alferes Manuel Machado de Souza Pinto, commandante do destacamento do exercito.—Affonso Glycerio da Cunha Maciel, engenheiro fiscal da estrada de ferro «Central».—Genesio de Souza Pitanga, subdelegado em exercicio.—José Ferreira Vieira Formiga, proprietario e redactor do Jornal *O Tempo*.—José Joaquim Villasboas, redactor d'*O Americano*.—João Antonio Antunes, gerente d'*O Gurany*.—Annibal Rodrigues Seixas, redactor d'*A Ordem*.—José Ruy Dias d'Affonseca, juiz de paz.—Reinerio Martins Ramos, tenente-coronel commandante do batalhão n. 18 da guarda nacional.—Francisco Xavier Vieira Gomes.—Diogo de Andrade Vallasques, professor publico.—José Corrêa da Silveira e Souza.—José Maria Belchior.—José Marciano Gomes da Rocha.—Arsenio Rodrigues Seixas.—João da Matta Rocha Lima, delegado em exercicio.—José Ramiro das Chagas—Dr. José Pereira Teixeira.—Joaquim Antonio da Silva Carvalhal.—José Antonio de Souza Lopes.—Joaquim Manuel de Sant'Anna.—Helvecio Vicente Sapucaia.—Jeronymo José Albernaz, tabellião vitalicio.—Satyro da Silva Pinto, escrivão do Jury vitalicio.—Manuel Xavier de Miranda, collector provincial.—Segefredo Ataliba Galvão, escrivão de orphãos.—Augusto Cezar Estrella, administrador das obras municipaes.—Ricardo José Ramos—Augusto Moreira Sampaio, escrivão de collector, provincial.—Leolino Cunha.—Hermillo da Silva Fraga, subdelegado de S. Felix.—Guilhermino Moreira Mendes da Costa.—Dr. Virgilio Cezar Martins Reys.—Horacio Mendes da Silva, 2.º juiz de paz de S. Felix.—Carlos Rodrigues Moreira—Francisco de Salles Dias d'Affonseca.—João Urbano de Souza Salles.—José da Costa Ferreira, presbytero regular.—João Vaz de Carvalho.—Joaquim

Florindo Lopes.—Clementino Menezes Albuquerque.—Luiz Alves Dantas de Amorim, official honorario do exercito.—Thomaz Ferreira da Silva.—João do Carmo Pereira de Castro.—Adolpho Martins Reys.—Joaquim Ignacio Albernaz.—Fabriciano Martins de Oliveira Castanho.—Augusto Gomes dos Santos.—Herminio Pedreira de Souza.—Carlos Bernardino Freire.—Carolino R. da Franca Neves.—Odilon Cavalcante de Albuquerque.—O carcereiro, Manuel Xavier Pinheiro.—Turibio Ferreira Gomes.—Jovino Ferreira Coelho.—Pamphilo Gonsalves Chaves.—Virgilio Ferreira Motta.—Hormino Martins Curvello.—Manuel Falcão—Pedro Simões de Freitas.—Antonio Ribeiro de Araujo.—Vicente Ferreira de Queiroz.—Manuel do Nascimento Milton.—João Casemiro Barbosa.—Germino Augusto de Amorim.—Hygino Cavalcante de Menezes, escrivão effectivo da subdelegacia de S. Felix.—Aristides Nonato da Paixão.—Theodoro Luiz da Rocha Lima.—Manuel Florentino de Souza Mattos.—Vicente Levite Pereira Seixas.—José Maria Baraúna.—Ervidio P. Souza Velho.—Manuel Moreira Dias Bastos.—Juvenal Ribeiro Guimarães.—Marcellino Telles de Menezes.—José Baptista de Souza, fiscal geral da municipalidade.—Fortunato dos Santos Costa.—Laudelino Guilherme Tinôco—Hermillo Gomes.—Antonio Corrêa da Silva, fiscal clavicularío.—Ignacio José de Freitas, porteiro interino na municipalidade.—Aristides A. Milton.»

**21 de Novembro**

—Em 1837, João Carneiro da Silva Rêgo, vice-presidente da *Sabinada*, lançou nova proclamação, destinada especialmente ao habitantes do reconcavo, para que estes adherissem á revolução, cujo exito parece que não tinha correspondido ás suas esperanças.

**22 de Novembro**

—Em 1610, um alvará do rei de Portugal declarou —que os desembargadores não poderiam se casar no Brazil!

Esta singular prohibição foi modificada por outro alvará — o de 27 de Março de 1734, pelo qual Sua Magestade mandou — que os dictos desembargadores não se casassem, antes de obter para isto uma licença especial.

No entanto, El-Rei — ainda por outro alvará, o de 3 de Fevereiro de 1615, tinha ordenado — que aquelles magistrados *trouxessem suas mulheres para cá.*

De modo que, si o caso não fôr bem destrinçado, fará suppôr — que os taes juizes, apezar de sua austeridade, deixavam *lá* ficar as consortes, e aqui tratavam de esposar a primeira mameluca ardente e carnuda, que lhes cahia debaixo dos olhos esbugalhados. . .

—Em 1822, o general P. Labatut se dirigiu por officio ao Conselho interino do governo da Bahia, que funccionava n'esta cidade, então villa, communicando—que na vespera havia mandado fuzilar 51 *pretos*, aprisionados nas immediações de Pirajá com as armas na mão; e simultaneamente surrar 20 mulheres, tambem *pretas*, que os acompanhavam.

Madeira de Mello, o general portuguez, foi quem tal gente expedira contra Labatut. . .

—Em 1822, tambem, a deputação nomeada pelo supradicto Conselho para ir ao Rio de Janeiro felicitar D. Pedro I pela sua acclamação, tendo se reunido a outras, que levavam á mesma incumbencia, foi recebida—ao meio dia—no paço imperial. Todas ellas tinham ido a pé pelas ruas do Ouvidor, e Direita (hoje *1.º de Março*).

Trocaram-se então os cumprimentos, e pronunciaram-se os discursos, de estylo em cerimonias taes.

—Em 1824, chegou a esta cidade, então villa, a noticia de que—na capital da provincia—fôra inaugurada, por entre demonstrações de jubilo, uma fabrica de papel.

Os promotores d'essa idéa, que infelizmente fracassou, foram José Antonio de Araujo, Manuel Belêns de Lima, e Joaquim Alves da Cruz Rios.

—Em 1834, a camara municipal d'esta cidade, então villa, encarregou a João Ferreira Lopes da conclusão da escada de pedra, que existe no caes dos Arcos.

Toda essa obra de cantaria foi feita com pedras extrahidas aqui mesmo, á margem do rio Caquende.

E tudo está indicando—que uma officina de parallelepipedos, estabelecida n'aquelle ponto, daria resultados largamente compensadores.

—Em 1854, foi publicado n'esta cidade o 1.º numero do *Apostolo Cachoeirano*, em cujo artigo-programma liam-se estas escandalosas palavras: *é livre o povo cachoeirano, viva o partido republicano!*

Joaquim Tavares da Gama, editor do novo periodico, sendo chamado a juizo para responder pelo crime, que assim tinha commettido, apresentou como responsavel da *folha*, nos termos da lei, o cidadão Domingos de Faria Machado.

Uma nota curiosa. Da mesma officina, em que se imprimia o *Apostolo Cachoeirano*, sahia tambem o *Constitucional* que, como o nome está indicando, defendia o systema monarchico, então vigente.

—Em 1894, falleceu na Feira de Sant'Anna o agrimensor Joaquim Alvares dos Sanctos Souza, nascido n'esta cidade, e contando mais de 50 annos de edade.

—Em 1897, falleceu o tenente-coronel Sancho José da Costa, negociante, com 48 annos de edade.

Era natural d'esta cidade, e durante o Governo provisorio servira como membro da camara municipal.

## 23 de Novembro

—Em 1823, o general P. Labatut se dirigiu, por officio, aos consules dos Estados-Unidos da America, da Inglaterra, e da França, pedindo-lhes—que se passassem com suas comitivas para esta cidade, então villa, «que era a séde do legitimo governo da provincia, e onde seriam elles respeitados e dignamente tratados, como representantes de nações amigas do hospitaleiro Brazil.»

—Em 1865, apurou-se 2:000$000 da subscripção popular, aberta n'esta cidade, para auxiliar as despezas com a guerra do Paraguay.

—Em 1874, foi inaugurado, na cidade da Bahia, o monumento existente á praça de Riachuelo, destinado a perpetuar os gloriosos feitos das armas brazileiras na guerra do Paraguay.

Tivera a iniciativa da idéa a *Associação Commercial*, que foi auxiliada pelo commercio da capital, e pelo d'esta cidade. (MOREIRA PINTO, *Apontamentos para o diccionario geographico do Brazil*, verb.—Salvador.)

O monumento custou 55:948$920. Mede—em seu todo—23.$^{m}$0 de alturas. O pedestal e a base, com a respectiva escadaria, abrangendo uma área de 4.$^{m}$0, são de fina pedra franceza polida.

Está cercado por grades de ferro, a que se prendem, n'umas elegantes columnatas—correntes do mesmo metal.

A columna é de bronze, de estylo corinthio, encimada por um capitel dourado, d'onde sahem oito volutas, tambem douradas; e sustenta uma esphera, sobre a qual, em attitude de voar, vê-se o anjo da Victoria, tendo em uma das mãos bella palma, e na outra uma corôa de louros, tudo de bronze dourado.

Do capitel para baixo, estão gravados, em lettras douradas, os nomes dos logares, onde se travaram os mais importantes combates.

No pedestal, do lado do mar, existe um medalhão de bronze, em que acham-se esculpidas as armas do extincto imperio; do lado de terra, outro medalhão, onde vêm-se as armas da cidade.

A base da columna é formada por dois anneis, d'onde partem quatro grandes festões, e egual numero de capacetes, sendo um em cada angulo; tudo de bronze. O monumento contém varias inscripções allegoricas.

## 24 de Novembro

—Em 1822, o sargento-mór Antonio Maria da Silva Torres officiou ao secretario do Conselho interino do Governo da Bahia, que havia sido insta-

lado n'esta cidade, então villa, reclamando «providencias em proveito da defeza da costa.»

—Em 1874, terminaram as obras da nova capella de Nossa Senhora dos Remedios, n'esta cidade, celebrando-se por esse motivo uma festa pomposa na modesta ermida.

—Em 1890, as aguas do rio Paraguassú começaram a se avolumar, em consequencia de chuvas copiosas, que estavam cahindo no sertão.

Depois de terem invadido as duas cidades fronteiras—Cachoeira e S. Felix—as aguas foram lentamente baixando, e alguns dias depois estavam ao nivel do rio.

## 25 de Novembro

—Em 1822, o general Pedro Labatut, tendo pedido ao Conselho interino do governo da Bahia, cuja séde era n'esta cidade, então villa, diversas nomeações, entre as quaes a de Pedro Rodrigues Bandeira para commissario geral do exercito pacificador; foi expedida a necessaria portaria, de conformidade com o pedido feito.

—Em 1827, o presidente da provincia, José Egydio Gordilho de Barbuda fez publicar um *bando*, em que, reconhecendo os grandes inconvenientes da moeda de cobre falsa, chamada *chechém*, que andava em circulação, ordenara comtudo que ella fosse recebida por todos, «emquanto não se assentava nos meios de extirpar pela raiz tão infame e terrivel flagello.»

S. Ex. transigiu, portanto, como as autoridades de 1893 e 1894 transigiram com as *fichas de bond*, e os *vales*, que innundaram todo o Estado, a pretexto da falta de moeda divisionaria.

Essa falta, aliás, provinha da mania que, sobretudo as quitandeiras, tinham de aferrolhar qualquer moeda de cobre, nickel, ou bronze, que lhes cahia nas mãos, e gastar apenas o papel-moeda em que não confiavam.

Certo é—que houve uma enorme emissão de *vales*. Toda gente podia assim concertar suas finanças.

Quem não possuia vintem assignou a responsabilidade de muitos contos de réis, em *vales* que jámais pagou. . .

Foi uma verdadeira orgia, a que só com muita difficuldade se pôz côbro.

—Em 1837, partiu d'aqui para Pirajá, com acompanhamento do mundo official, o presidente da provincia, Antonio Pereira Barretto Pedroso.

S. Ex. teve a gentileza de proclamar aos cachoeiranos, dizendo-lhes—que assim procedia, « porque convinha estivesse aonde podesse dar promptas e energicas providencias para o restabelecimento da ordem, logo após a entrada das tropas legaes na capital da provincia. »

No mesmo documento, o presidente accrescentou: « a vossa rica cidade continúa a ser a séde do governo da provincia. »

## 26 de Novembro

—Em 1675, falleceu na cidade da Bahia, e foi sepultado na egreja do convento de S. Francisco, D. Affonso Furtado de Mendonça Castro e Menezes, Visconde de Barbacena, 26.° governador do Brazil, a quem certo morador do nosso sertão trouxera varias amostras de prata, affirmando existir grande abundancia d'ella n'um sitio só por si conhecido.

O mysterioso sertanejo, ao mesmo tempo, declarou— que não se tratava das minas, a que Roberio Dias havia já se referido.

O governador, com a maior alacridade, enviou seu proprio filho á Lisbôa para dar parte da alviçareira nova ao rei. E Sua Magestade, muito contente, como era natural, remetteu logo para cá todos os utencilios, indispensaveis para se iniciar a exploração das seductoras jazidas.

Mas, oh! fatalidade! Quando o emissario, apparelhado com esses recursos, chegou, de volta, á Bahia, era já morto o sertanejo, sem haver entretanto indicado a situação do cobiçado thesouro!

Nas *entradas* que, para descobril-o, foram feitas

em vasta zona do sertão, acharam-se apenas amethystas e topazios.

Teremos, por acaso, alguma outra lenda, egual á da cidade encantada do conego Benigno, ou d'aquellas afamadas minas do já citado Roberio?

Vem a pello registrar, aqui, mais uma noticia do mesmo quilate, que encontrei n'um carunchoso alfarrabio da *Bibliotheca Nacional.*

Ahi vae ella.

Em 1748, pelo mez de Novembro, certo individuo, que aqui chegara como mestre de uma embarcação, contou—que uns mineiros mudados—fazia pouco tempo de cá—lhe tinham revelado—que oito dias de viagem da Moritiba, caminho do sul e derrota para o occidente, haviam elles descoberto um bello templo subterraneo de que ninguem falara jámais. E accrescentaram—que, tendo descido para melhor examinal-o, depararam com uma egreja, de tamanho quasi egual á Sé da Bahia, toda circumdada de columnas de pedra alvissima e luzidia.

Até hoje, porém, não appareceu ainda quem tornasse a encontrar similhante maravilha, ou a ella se referisse alhures.

—Em 1880, falleceu na villa de Itaparica, onde se achava em tratamento de saúde, o capitão Augusto de Souza Galvão, que fôra *voluntario da patria* na guerra do Paraguay, e era um cachoeirano bemquisto e popular.

—Em 1900, falleceu Virgilio Ferreira Motta, natural d'esta cidade, e que em tempo fôra negociante.

Como autoridade policial, prestou bons serviços á ordem publica, e se distinguiu sempre por sua actividade e energia.

Contava 38 annos de edade.

## 27 de Novembro

—Em 1668, foi expedida uma portaria, ordenando—que o escrivão do crime d'esta cidade, então villa, notificasse a Bento Pereira Ferraz para que « não fosse á horta de sua sogra, nem por si, nem por

outrem com ella se entendesse, sob pena de 200 cruzados » (um dinheirão n'aquella época !) « para o presidio, e dois annos de degredo para o Rio-Grande (?), em que logo seria executado. »

Que diabo teria feito esse homem ? Si fôra hoje, diziam—*que era negocio de sogra.*

A horta d'essa mulher era, com certeza, cousa muito preciosa. . .

No mesmo anno, foi publicada uma provisão régia —prohibindo que os governadores consentissem se lhes tirar o retrato para ser collocado em qualquer logar publico, «em vista das ruins consequencias, que d'isto resultavam sempre.»

Aqui, foi lida a provisão pelas esquinas, aos rufos de tambôr.

Gente de siso, aquella do seculo XVII !

Hoje, entretanto, que já penetrámos no seculo XX, o retrato a oleo e o faqueiro de prata fazem as delicias dos vaidosos, e parte dos costumes nacionaes. E não ha *provisão* que valha !

—Em 1829, o presidente da provincia declarou, sob informação do commandante das armas José Joaquim do Couto, ser necessario se organizar a planta e o orçamento dos reparos, que se faziam precisos na fortaleza de Sancta Cruz, afim de os poder autorizar, como fôra requisitado.

Já se sabe, o velho systema do papelorio em scena. . .

Resultado final ; a fortaleza desabou, e por terra para sempre ficou. . .

## 28 de Novembro

—Em 1704, a camara d'esta cidade, então villa, deu ao Governo parte da descoberta das minas do Serro-frio, que ficam no Estado de Minas-Geraes.

Respondendo, em 10 de Dezembro seguinte, a essa communicação, a primeira autoridade do paiz disse—que Sua Magestade fôra servido ordenar que . . . «se impedisse os descobrimentos de minas, que houvesse nos sertões da capitania.»

Eis como Portugal fomentava o progresso do Brazil, e acreditava acautelar a riqueza da nação!

—Em 1822, o Conselho interino do governo da Bahia, creado n'esta cidade, então villa, teve noticia de que estava imminente uma insurreição de escravos no reconcavo, fomentada *pelo damninho partido europeu portuguez*.

E tendo providenciado acertadamente, conseguiu que o movimento abortasse.

## 29 de Novembro

—Em 1822, o imperador D. Pedro I, attendendo á representação do supradicto Conselho, decretou:

Que emquanto durasse a occupação da capital pelas tropas portuguezas, os aggravos, appellações, e quaesquer outros recursos judiciarios, que deveriam ser interpostos para a Relação do districto, o fossem directamente para a Casa de Supplicação. do Rio de Janeiro.

O decreto alludido foi referendado pelo ministro da justiça—Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que morreu Marquez da Praia-Grande.

Essa providencia impediu—que fosse instalada a Junta de justiça, da qual o Conselho cogitara, de accordo com o alvará de 18 de Janeiro de 1765.

—Em 1822, tambem, o general Pedro Labatut, por officio endereçado ao referido Conselho, pediu-lhe—que fizesse reunir ás tropas por si commandadas a companhia, organizada por frei José Maria Brayner. Ao mesmo tempo, o general deprecou ao Conselho—o sequestro de todos os bens moveis e de raiz, pertencentes aos europeus que se tinham recolhido á cidade, e se revelado assim adversarios da causa brazileira. E, ainda no mencionado officio, Labatut deu parte da prisão de um alferes inimigo, realizada á ordem do general Madeira de Mello, por constar—que aquelle official tentara passar, com sua companhia, para o partido dos brazileiros.

—Em 1837, o presidente da provincia, Antonio Pereira Barretto Pedroso deu conta, por officio, ao

governo imperial das primeiras medidas, que tomara para suffocar a *Sabinada*.

S. Ex. narrava que, tendo partido d'esta cidade, chegara sem novidade á Pirajá, tendo encontrado ahi toda a tropa animada dos melhores desejos.

E que, á vista d'isto, combinara com o tenente-coronel Argollo (depois Barão da Cajahyba), commandante das armas, reunir toda a força existente em uma brigada, que ficaria debaixo do commando d'esse distincto official.

O presidente, ainda dizia—que se estava organizando, entre outros, um batalhão de guardas nacionaes n'esta cidade para ir ao campo da acção, sendo certo—que a Cachoeira se achava fortificada. e havia n'ella a força precisa á manutenção da ordem;

Terminava o presidente, annunciando — que o coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão voltaria para cá, dentro de breve prazo, para commandar a praça.

Julgo opportuno recordar—que se tendo formado, na Feira de Sant'Anna, um partido, adepto da *Sabinada*, por influencia de certo alferes Baraúna, o presidente da provincia fez reunir numero bastante de soldados, escolhidos tanto n'esta cidade, como em S. Gonçalo dos Campos, e com elles entrou n'aquella povoação, hoje cidade, que os rebeldes evacuaram, mesmo antes de travar qualquer combate.

**30 de Novembro**

—Em 1822, o general Pedro Labatut nomeou Antonio Maria da Silva Torres, sargento-mór, para substituir o coronel José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão, no cargo de commandante das armas d'esta cidade, então villa.

—Em 1860, falleceu n'esta cidade o capitão Antonio Francisco de Souza Maia, que era negociante de grosso trato, e fôra subdelegado de policia, durante algum tempo.

*Cachoeira, 1900.*

A. Milton.

(*Continúa*).

# Actas das sessões e offertas

## 81ª SESSÃO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1900

*Presidencia do Exm. Snr. Cons. Salvador Pires*

Aos desoito dias do mez de Novembro de 1900, nesta cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, no salão do Instituto, á uma hora da tarde, presentes os socios, Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente, Cons. João Torres, 1.º Secretario, Cap. Ferreira Braga, thesoureiro, Drs. Alfredo C. Cabussú, João Pimenta Bastos, Joviniano A. Pereira Duarte, Comm. Salvador Pires, Coronel Gonçalo de Athayde, Damasceno Vieira, Pharm. Joaquim Manoel de Sant'Anna, Candido Vieira da Costa e Francisco Pires de Carvalho, foi aberta a sessão, sendo convidado o socio Dr. Alfredo Cabussú para occupar a cadeira de 2.º Secretario.

E' lida, e approvada sem debate a acta da sessão anterior.

O expediente constou das seguintes communicações: officio do socio Dr. Lindolpho Rocha, Juiz Preparador da villa de Jequié, sobre a existencia de grandes *capoeiras* no districto de Bôa Nova, habitadas por selvagens, onde existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes devem restar as ruinas de uma feitoria abandonada, e de que a El-Rei D. João V já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador mestre de campo João da Silva Guimarães; — officio do secretario do Conselho Executivo do Centro Operario enviando um

exemplar do Relatorio no exercicio social de 1899-1900; — do secretario da Sociedade Euterpe enviando a relação da nova directoria eleita para o anno social de 1900-1901; idem, idem do Gabinete Portuguez de Leitura d'esta Capital; —do presidente da direcção do Lyceu de Artes e Officios pedindo a devolução do retrato que, por emprestimo, havia figurado nas festas do centenario do Padre Antonio Vieira, a pedido da commissão encarregada da festa commemorativa. Mandou-se responder, agradecendo.

O 1.º Secretario deu noticia de se acharem sobre a Mesa as seguintes offertas: o Almanak Popular Brazileiro para 1901 pelo sr. Alberto F. Rodrigues; o 4.º vol. da Revista do Museu de S. Paulo, pelo respectivo director Dr. von Ihering; a «Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata», livro commemorativo do 4.º centenario do descobrimento do Brazil, pelo Lyceu Litterario Portuguez, da Capital Federal; o 1.º vol. da *Chronologia Paulista*, trabalho publicado pelo sr. José Jacintho Ribeiro; um bloco de crystal de rocha pesando cerca de 50 kilos, o qual figurou na Exposição de Chigago, enviado do Brazil, e 1 diccionario, obra antiquissima, das linguas Guarany-hespanhola, pelo socio major Polydoro Bittencourt; — a photographia do diploma de doutor em medicina conferido ao Dr. José Francisco da Silva Lima pela Faculdade d'esta Capital em 18 de Dezembro de 1851, pelo socio Dr. Alfredo Cabussú; — pelo socio Dr. Joviniano Duarte uma cedula de 50$000 ao portador emittida pela casa da Fazenda da antiga Provincia da Bahia, em Abril de 1828.

Em seguida o Cons. Presidente felicita os socios Drs. Pimenta Bastos e Joviniano Duarte pela sua presença a sessão, e faz sentir o seu pezar pelo fallecimento do socio correspondente Dr. Cesar Augusto Marques, na Capital Federal, em 5 do corrente, illustre litterato e historiador; declarando que seria consignado na acta um voto de pezar.

O 1.º Secretario leu tres pareceres da commissão de admissão favoraveis á admissão de socios, e cuja votação ficou adiada por não ter comparecido numero legal de socios.

O snr. Thesoureiro pede a palavra para expôr ao Instituto o seu estado financeiro e lê documentos que justificam a sua exposição, requerendo que o Instituto o autorizasse a contrahir um emprestimo para satisfazer os compromissos, que importam em 6:000$000, em consequencia da rescisão do contracto da extracção das loterias.

O socio Dr. Cabussú pede a palavra e requer que seja essa exposição remettida á commissão de finanças para interpôr o seu parecer,—ficando consignado na acta que a caução dos snrs. Lobo & Comp. não seja levantada sem autorização da Meza Administrativa que deve submettel-a a assembléa geral.

Achando-se na ante salla o socio correspondente Candido Vieira da Costa, presentemente n'esta Capital, foi recebido por uma commissão, e o Cons. Presidente felicitou o Instituto pelo comparecimento do digno consocio, que acabava de enriquecer as lettras patrias com a publicação do seu notavel trabalho—*As Duas Americas*.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, e de tudo para constar, eu, 2.° secretario, lavrei a presente acta e assigno.—Isaias de Carvalho Santos.

---

## Communicação do Dr. Lindolpho Rocha

*Jequié*, 4 de Novembro de 1900. Illm. Exm. Snr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Uma recente noticia da existencia de grandes *capoeiras*, vistas, á distancia, pelo lavrador João Francisco e outro, ambos de Bôa Nova, a S. E., desta povoação, e della distantes cerca de 14 a 15 legoas, confirmando as investigações que, ha 16 annos, tenho feito sobre essa região desconhecida, *hoje*, e habitada por selvagens desconversaveis e traiçoeiros, autorisa-me (aquella noticia) a affirmar ao Instituto que nessa região existem minas de diamante e talvez de prata, junto das quaes de-

vem restar as ruinas de uma feitoria abandonada e de que, a El-Rei D. João V, já fallava, em 15 de Julho de 1734, o explorador, mestre de campo João da Silva Guimarães. Os indicios de grandes culturas, a que me referi, foram vistos, á distancia de 6 leguas, mais ou menos, do pincaro de uma alta serra, (de que só agora se tem noticia), á barra do *Urúba* ou *Tarúgo*, circulando essas *capoeiras* uma vasta campina verde, semeada de pontos alvos, que são, no meu parecer e conforme a experiencia, *desmontes* de *catas*, e não blocos de quartzo branco, como tambem tenho visto. Os mesmos observadores, (por quem affianço) dão noticia de uma serra, á leste das *capoeiras*, com direcção norte-sul, e, o que mais *me convence*, um pequeno rio, que correndo ou vindo dessas paragens (serra e campina), banha a vertente oriental da serra em que se achavam os observadores, notando-se que, sendo ignorantes de mineração, os ditos lavradores ficaram «encantados» com a côr das areias do dito rio. Não posso, em simples officio, desenvolver uma communicação, na qual ser-me-ia necessario transcrever certo numero de cartas que possúo, de diversas datas, e de pessoas de todo o credito; entretanto, basta-me affirmar que, escrevendo esta, tenho pezado bem as responsabilidades moraes do Instituto, a que me honro de pertencer, sem esquecer as do meu obscuro porém zelado nome, e estou bem certo de que não trato de uma *aventura*, que terminar possa pelo ridiculo de um dispendio inutil.

Pretendo estar breve nessa capital; mas espero que o Instituto providencie já, para que não caiba a outrem a gloria de uma descoberta, bem importante para a Sciencia e para a economia do Estado.

Reitero a V. Ex. meus protestos de estima e alta consideração.

Saúde e fraternidade.

O socio correspondente,
*Lindolpho Jacintho Rocha.*

# OFFERTAS

**(Mez de Outubro)**

Além dos Jornaes e *Revistas* do costume, recebeu o Instituto as seguintes offertas:

—Pelo socio *Major Polydoro de Bittencourt*: Um bloco de crystal de rocha, pesando cerca de 50 kilos, que figurou na Exposição de Chicago.

—Pela *Inspectoria Geral de Hygiene deste Estado*: Annuario de Estatistica Demographo-Sanitaria—1899.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Almanack Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul para 1901; Notas para a historia da imprensa do Rio Grande do Sul; Homens e Factos do passado—narrativas historicas: David Canabarro e a Sorpresa de Porongos; A Pacificação do Rio Grande do Sul; João Manoel de Lima e Silva, General da Republica Rio-Grandense, perfil biographico—tudo pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Marianno Pelliza*: El Sol del Escudo Nacional y la Restauracion de los Incas, pelo offertante.

—Pelo *Dr. Francisco Mangabeira*: Tragedia Epica (guerra de Canudos), pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Luiz Gualberto*: Santa Catharina—A Ilha—4.º Centenario do Brazil, por Virgilio Varzea.

—Pelo socio *Dr. Alfredo Cabussú*: Uma photographia do diploma conferido pela Faculdade de Medicina da Bahia ao Dr. José Francisco da Silva Lima.

—Pelas *respectivas redacções*:

Revista Militar, n. 8, tomo 2º; Bolletim de Agricultura (S. Paulo) n. 3—1900; Bolletino della Societá Geografica Italiana, n. 9, vol. 1.º—1900; The National Geographic Magazine, ns. 9 e 10, 1900; « Pallas » Orgão do Gremio Estudantino Paraense, anno 1º, n. 9; « A Propaganda », orgão da Associação dos Empregados do Commercio de Pernambuco,

n. 1, anno 1°, 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 17 e 18, de 1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 9, 1900; A Escola—Revista Official do Ensino (Belém—Pará) anno 1°, n. 5; Revista do Instituto Geographico e Ethnographico do Pará, n. 1, vol. 1°, 1900; Historico dos trabalhos da Sociedade Nacional de Agricultura, 1899; A Lavoura—Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 30, 1900.

**(Mez de Novembro)**

—Pelo socio cidadão *Candido Costa*: « Pedro Alvares Cabral » Drama historico em 4 actos, em commemoração do 4° Centenario do descobrimento do Brazil, pelo offertante; « As Duas Americas »—em homenagem ao 4° Centenario do descobrimento do Brazil, 1900, pelo offertante.

—Pelo cidadão *Sebastião Pará*: Chorographia do Paraná, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Adolpho Tourinho:* Regulamento de seu Collegio—« Gymnasio S. Salvador », 1900.

—Pelo socio *Dr. Matheus dos Santos*: Relatorio—Congresso Internacional da Tuberculose, Berlim, 1899, pelo offertante.

—Pelo socio *Dr. Mariano Pelliza*: La bandera y el Escudo Nacional, pelo offertante.

—Pela *Secretaria da Policia e Segurança Publica*: Relatorio apresentado ao Dr. Governador do Estado pelo Dr. Asclepiades Jambeiro.

—Pelo cidadão *Alfredo F. Rodrigues*: Amanack Popular Brasileiro para o anno de 1901 (Rio Grande do Sul).

—Pelas *respectivas redacções*:

Revista Maritima Brazileira, ns. 2 e 3 de 1900; A Escola, Revista official de ensino, n. 6, 1900; Boletim da Agricultura, Estado de S. Paulo, n. 4; Revista Portugueza, Colonial e Maritima, n. 37, vol. 7°, 1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, ns. 19, 20 e 21, Outubro,

1900; La Geographie—Bulletin de la Société de Geographie, n. 10, 1900; Bolletino de la Societá Geografica Italiana, n. 10. vol. 1º, 1900; Bericht der Senckenbergischen Natuforschenden Gesellschaft in Frankfurt am Main, 1900; Revista Militar, ns. 9 e 10-1900; Revista dos Tribunaes (Bahia) ns. 1, 2 e 3 vol 17-1900; Boletin de la Sociedad Geografica de Madrid, n. 30-1900; Revista Juridica-Orgão dos alumnos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, Fasc. 1.º anno 6.º; Le Globe, Jornal Geographico (Genova), Tomo 39-1900; Bulletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 1.º trim. de 1900; Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, ns. 3 e 4 de 1898 e 1899; The National Geographic Magazine, ns 10 e 11, vol. 11-1900;

A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 31-1900; O Gado e a Lavoura, fasc. n. 6-1900; O Preparo do solo-fasc. n. 5-1900, Proceedings of the Washinghton Academy of sciences, vol. 2, ns. 133-156, 157-159, 161-184; 185-201.

**(Mez de Dezembro)**

—Pelo socio Coronel *Antonio José Teixeira Junior*: Les Environs de Paris illustrés-par Adolphe Joanne; Os varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva; Nouvelle France Pittoresque-Histoire, Geographie, Statistique de la France.

—Pela *Sociedade Beneficente Bahiana*: Estatutos da mesma Sociedade.

—Pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* de Pernambuco: Numero especial commemorativo de sua fundação.

—Pela *Directoria Geral de Estatistica do Rio de Janeiro*: Recenseamento de 31 de Outubro de 1900.

—Pelo Dr. *Virgilio Cardoso*: Primeira conferencia publica realisada no Estado do Pará pelo Dr. Eliseu Elias Cezar e 2.ª Conferencia pela professora D, Maria Stellina Valmont.

—Pelo socio Dr. *Sacramento Blake*, por intermedio do socio Damasceno Vieira: Diccionario Bibliographico Brazileiro—Vol. 6,—1900.

—Pelo Dr. *A. Zeferino Candido*: «Portugal» Obra commemorativa do centenario da India, em 3 vols; Navegação e conquistas; A Honra de Vasco da Gama, todas pelo offertante.

—Pelo cidadão *Albano Pereira de Carvalho*: Discurso proferido pelo Cons. Antonio Candido na festa commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil (Porto).

—Pelo Snrs. *Souza Vianna & Comp.*: «Mala da Europa» desde o n. 239 até 3 de Dezembro de 1900.

—Pela *Secretaria da Repartição de Estatistica* e Archivo do E. de S. Paulo: Relatorio do anno de 1898 apresentado ao Dr. Secretario do Estado dos Negocios do Interior, pelo Dr. Antonio de Toledo Piza.

—Pelas respectivas redacções: A Escola-Revista official de ensino ns. 5, 6, 7, e 8.; Annual Report of the President to the corporation of Brown University, 1900; Bulletin of the American Geographical Society n. 4-1900; La Geographie n. 11 de 1900; Gazeta Medica da Bahia, n. 5-1900; A Lavoura-Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brazileira, n. 32-1900; Bulletin de la Société Royale de Geographie d'Anvers-1900; Revista Maritima Brazileira, n. 4-anno XX; Boletim da Agricultura (S. Paulo) n. 6-1ª Serie; Revista do Instituto Historico, Geographico e Etnhographico do Pará, vol. 1, n. 2; Boletin de la Sociedad Geographica de Madrid, 3.º trim., 1900; Buletin de la Société de Geographie Commerciale du Havre, 2.º trim., 1900; Buletin de la Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, n. 23-1900.

# UMA CURIOSIDADE

## (LAVRAS DIAMANTINAS)

Existe nas proximidades do logar denominado «Macaco Secco», nos limites talvez, entre os terrenos da familia Medrado e os da familia Athayde, Fazenda de Bôa Esperança, e a uma distancia de meia legua da estrada real que vae do rio Una para São João do Paraguassù e Andarahy e outros logares das Lavras, dentro das mattas onde se vê verdadeiras arvores seculares,—um enorme morro de pedra, que alli ostenta um espectaculo indiscriptivel e admirador. N'esse morro, a natureza criou um enorme pôço, cuja profundidade não conseguimos conhecer, ou pelo menos, não nos consta que alguem tentasse conhecel-a.

Em 1883, com alguns amigos (hoje já fallecidos), tivemos a felicidade de visitar e admirar aquella grandeza que ali jaz esquecida, prestando-se aliás a descripções magnificas, taes as bellezas que se encontram desde a entrada da gruta, até muito embaixo onde vimos a agua limpida, na qual tocamos por meio de uma lata presa a um cipó que lá encontrámos.

A agua é limpida e de máo gosto.

Ali vimos algumas inscripções a lapis quasi apagadas, signal de que era ás vezes frequentado, e nos constou na occasião que pessôas supersticiosas lá iam fazer promessas.

Antes de chegarmos ao Poço, encontrámos uma grande roça do cidadão Manoel Calado, que muito nos serviu na occasião, guiando-nos até o logar desejado.

A entrada é a de uma gruta, notando-se que a pedra de certo ponto para baixo apresenta uma

fórma concava que me lembro ter notado. Ha na gruta salões com muitos stallactites e stallagmites e junto a um d'esses encontrámos moedas de cobre de 20 réis.

Em tantos annos passados, não nos é dado lembrar de muitas minudencias e bellezas que apreciamos, para uma narração completa, o que seria facilimo na occasião, e era nosso intento visital-o novamente, e chegamos a escrever sobre o assumpto ao nosso especial amigo, de saudosa memoria, Dr. Tranquillino Torres, Presidente do Instituto, que em resposta á nossa carta, deu-nos animações e pediu-nos a descripção para a *Revista*.

Em 1895, estando em visita ás minas dos Lençóes o Sr. Miguel Wolff, hoje fallecido, e o Dr. Ch. De Mot, tivemos a lembrança de descrever a elles essa belleza, e combinamos uma visita ao logar, o que não aconteceu, por terem esses amigos vindo ás pressas á Bahia para um d'elles apanhar um vapor para a Europa, afim de tratar de negocios referentes á compra de terrenos diamantinos; ficando assentado que na volta iriamos visitar o logar, e infelizmente isso não aconteceu ainda d'essa vez, porque n'essa occasião o Sr. Miguel Wolff morreu aqui na Capital, e o Dr. Ch. De Mot e o Engenheiro Henri Babinsky que seguiram para as Lavras, não tiveram tempo para essa visita.

Cumpre-nos notar, que tendo acompanhado em varias excursões ao Dr. Charles De Mot, vimos trabalhos de tão illustre e intelligente engenheiro, que seriam de um valor inestimavel para o nosso Instituto, constantes de uma carta geographica do Chique-Chique, Andarahy, Lençóes, Palmeiras e Campestre, e varias narrações de viagens que fez em explorações scientificas nas Lavras Diamantinas.

Esse profissional, commissionado por um illustre negociante do Rio, teve de apresentar relatorio de seu trabalho e o fez juntando essa carta geographica, cuja cópia desejavamos possuir e nos foi promettida para o Instituto, não se lembrando elle mais d'isso.

Releva notar, que importante relatorio sobre minas de diamantes em Lençóes, apresentou tambem o engenheiro Henri Babinsky, seu companheiro n'essa occasião, a um syndicato em Pariz, relatorio esse, que prova as habilitações e competencia do distincto profissional, e que nos foi mostrado em 1898 aqui na capital por um amigo estrangeiro, que teve a felicidade de adquirir um exemplar d'aquella preciosidade.

Era nosso desejo que em um d'esses relatorios dos illustres profissionaes, se tratasse da visita e minucioso exame a esse pôço, de onde poderiamos colher muitas vantagens, pois que o Dr. Babinsky era muito competente sobre o assumpto; mas isso não aconteceu e nunca mais tivemos occasião de tocar áquella belleza que por lá jaz esquecida, sendo aliás conhecida de muitos moradores do Rio Una, Paraguassú, Macacos, Bôa-Esperança, Santa Izabel, Andarahy e outros logares.

O que colhemos sobre a descoberta de tal Pôço, foi o seguinte: —O seu descobridor, foi um caçador residente na passagem do rio Una, conhecido por Manuel *Grulha*, que muitas vezes se occupava de fazer bateias e internava-se nas matas para cortar os cedros e ás vezes procurava abelhas para tirar o mel e vender. Em uma d'essas excursões, encontrou o pôço, que foi visitado logo pelo capitão Sebastião de Athayde, capitão Joaquim Antonio Pereira e o velho Liberato, morador na Lagôa do Mocambo. Muitas outras pessoas, como o humilde signatario, levadas por essas noticias, tiveram a felicidade de vêr esse pôço que merece bem ser conhecido e estudado como subsidio para a nossa historia.

Bahia, Outubro de 1900.—*Gonçalo A. Pereira.*

# O panorama de Victor Meirelles

## (O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL)

«Ao entrar na plataforma do Panorama pode o espectador considerar-se orientado no local do desembarque, e, nesta hypothese, fica-lhe á frente, á léste, o ilhéo da Corôa Vermelha. Na terra firme fronteira, a oeste, foi que Frei Henrique, por ordem e com assistencia de Cabral, e bem assim de sua luzida commitiva, celebrou a famosa missa de Maio de 1500.

Não ignoramos que com grande erudição se tem extranhado ao sr. Victor Meirelles haver considerado esta como a *primeira missa*, quando anteriormente outra fôra celebrada a 26 de Abril, sob um *esparavel* n'um ilhéo. Mas bem é de notar que jamais o sr. Victor laborou em tal equivoco, pois, antes de fazer o quadro que foi o arrebol da sua celebridade artistica, leu tudo quanto existe sobre a materia,e sobre ella discreteou com algumas das culminancias intellectuaes que mais sabiam da nossa historia. A *primeira missa* não é a primeira chronologicamente, mas a que, cerimonia de cunho official e grandioso, constituiu para o soberano portuguez o direito de posse sobre a descoberta de Cabral.

A composição do Bello quadro desta *primeira missa* reproduz-se agora no panorama. Cabral, de joelhos, está no centro do grupo, em frente do altar, rodeado dos capitães e soldados, que em sua guarda alli se acham. Sobre o altar, do lado do Evangelho, que Portugal pregava ao mundo quando *a fé e o imperio andara dilatando*, divisa-se o estandarte com a cruz de Christo, a honrosa insignia que nas mãos do egregio chefe puzera el-rei D. Manoel na ermida de Belém. Os frades Franciscanos

rodeiam o altar em attitudes diversas e bem expressivas dos sentimentos religiosos de que estão possuidos.

A alteroza cruz, cujos braços se destacam no formoso céo brazileiro, fôra cortada de uma arvore da matta que existia junto de Mutary,—riacho que desagua na Bahia Cabralia.

A embocadura desse corrego percebe-se no ponto do littoral onde se nota o effeito da evaporação produzida pela arrebentação das ondas na praia, formando-se delgadas neblinas que se elevam com a brisa.

No littoral figuram varias pessoas da comitiva, que guardam os escaleres, e alguns indigenas atrahidos pela natural curiosidade de que tanto reza a carta de Caminha.

Mais adiante, depois da barra do rio, acha-se a lagôa onde a tripulação de Cabral ia fazer aguada, e junto da qual cortava lenha.

E adiante ainda, e perto do ponto onde fica Vera Cruz, demora o local chamado Aracácahy; por elle se passa, deixando a praia, para ir a Vera-Cruz, que é onde se avistam muitas palmeiras.

Continuando o caminho pela praia, chega-se a Vera-Cruz, onde são vistos os recifes que ao longo da costa se estendem até a fóz do rio Santa-Cruz.

A ponta que muito adiante se enxerga, e onde a praia se perde de vista, é a de Santo Antonio.

Sobre a linha do horisonte, no mar, avistam-se galeões, náus e caravellas que compunham a frota de Cabral e que, alli ancorados, brevemente deviam seguir viagem.

Entre a ponta de Santo Antonio, que deixamos ao norte, e os recifes que se descobrem olhando para léste, e sobre os quaes se precipitam as vagas com espumosos marulhos, existem passagens ou aberturas que dão livre entrada a navios de alto bordo; e, mui provavelmente foi por ahi que entraram as naves de Cabral.

A baixinha da Corôa Vermelha e o ilhéo do mes-

mo nome são vistos entre rolos de mar que espumam de encontro á pedras.

Foi nesse ilhéo a primeira missa, chronologicamente fallando, que Cabral, sem ter nenhum conhecimento dos habitantes do paiz, mandou celebrar, com espanto dos caboclos que da terra firme tudo observavam.

Depois da Corôa Vermelha e em direcção ao sul está o recife, que, passando perto da ponta do Mutá, fórma com a extrema desta praia uma bella enseada, para a qual do lado do mar se entra por uma abertura, que existe junto ao recife denominado Boqueirão dos Francezes.

Toda esta bahia é assim formada de um lado pela praia, cujo aspecto fidelissimamente se reproduz neste panorama, e da outra parte pelos recifes, estendendo-se desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a do Mutá, ao sul, e deparando em frente do espectador, que olha para oéste, a ponta fronteira á Corôa Vermelha.

Enseada bellissima, mas muito aberta em sua graciosa curva, ella deve aos parceis que delimitam as condições de bom encoradoro que lhe valeram o nome de Porto Seguro.

Bom é de saber-se que no proprio local do successo esteve o pintor do panorama, vendo, com aquelles seus olhos de artista que de um relance apanham dimensões, fórma e colorido, indagando, e estudando com o aspecto a flora da região.

Depois encerrou-se na sua rotunda e trabalhou mezes e mezes. A' porta vieram bater-lhe contrariedades, decepções e desgostos, que penoso fôra aqui rememorar. . . Mas, como os paladinos que nos antigos contos repelliam com talismans e palavras encantadas as obsessões de malfazejos espiritos, Víctor, o encanecido e glorioso batalhador, tudo venceu e debellou com o triplice influxo da fé religiosa, que lhe avigora o animo, do amor da Patria e do culto da Arte.

Mede a téla 115 metros de comprimento sobre 14,5 de altura, isto é, 1667,50 metros quadrados.

Como trabalho manual para um artista desajudado dos elementos que na Europa sobejam aos executores de analogas emprezas, já se poderia dizer que é um esforço de Titan; como obra d'arte.—e mais alto do que nós o dirá a opinião publica—é mais um esplendor do brilhantissimo talento que tão auspicioso alvoreceu na *primeira missa.*»

*Dr. Carlos de Laet*

(*Extr.*)

# Ancoradouros na Costa da Bahia

Relação dos portos, barras e ancoradouros da costa do Estado da Bahia, accessiveis á navegação a contar do extremo norte ao extremo sul.

*Abbadia*—porto no Rio Real, onde podem entrar embarcações que demandem 8 pés nas peiores circumstancias.

*Itapicurú*—barra onde podem entrar pequenas embarcações até 5 pés d'agua.

*Torre do Garcia d'Avilla*—ponto, que serve para embarcações até 8 pés d'agua.

*Itapoan*—proximo ao logar em que está collocado o pharol ha uma pequena enseada onde se podem abrigar pequenas embarcações dos ventos de N. E. até S. E. O pharol serve para por elle dirigirem os navegantes a navegação ao porto da Bahia, livres de encontrar o banco de Santo Antonio.

*Bahia de S. Salvador*—excellente porto, onde se podem accommodar todas as esquadras conhecidas: ha um pharol para servir de baliza, á entrada do porto.

*Jaguaripe*—barra por onde podem entrar embarcações até 6 pés.

*Morro de S. Paulo*—porto para toda e qualquer embarcação. Tem o melhor pharol da costa, e serve para por elle as embarcações se derigirem ao porto da Bahia.

*Boipeba*—barra para pequenas lanchas.

*Carvalhos*—barra para ditas.

*Camamú*—barra para toda e qualquer embarcação; é um bello porto.

*Marahú*—barra para pequenas lanchas.

*Rio de Contas*—barra para embarcações até 8 pés.

*Ilhéos*—porto para toda e qualquer embarcação.
*Olivença*—barra para pequenas lanchas.
*Una*—barra para ditas ditas até 6 pés.
*Commandatuba*—barra para ditas ditas até 6 pés.
*Poxim*—barra para ditas ditas até 8 pés.
*Cannavieiras*—barra para ditas ditas até 8 pés.
*Belmonte*—barra para ditas ditas até 8 pés.
*Santa Cruz*—«Bahia Cabralia», para qualquer embarcação.
*Porto Seguro*—barra para embarcações até 12 pés.
*Frade*—barra para ditas até 8 pés.
*Joacemo*—abrigo para ditas até 14 pés.
*Carminoan*—» » » »
*Columbáo*—barra para ditas até 12 pés.
*Comuxatiba*—bom fundeadouro para embarcações até 12 pés.
*Prado*—barra para embarcações até 8 pés.
*Alcobaça*—barra para ditas até 8 pés.
*Caravellas*—barra pela qual se entra por 3 canaes N., E, e S. todos ballizados, sendo o mais fundo o de E., regulam por 14 pés.
*Viçosa*—barra para embarcações até 8 pés.
*S. José de Porto Alegre do Mucury*—para embarcações até 8 pés.

Além do que fica mencionado os navegantes encontrarão no archipelago dos Abrolhos dous fundeadouros, um a N. e outro a S. da ilha de Santa Barbara, onde se poderão abrigar dos ventos oppostos. Na ilha ha um bom pharol.

Todas as pequenas barras são de areia movediça, conforme a direcção dos ventos.

# Ponte sobre a enseada de Itapagipe

E' a mais importante obra d'arte de toda a linha da Estrada de Ferro da Bahia a Alagoinhas.

O systema é de tirantes (poutres) rectos de ferro batido em fórma de duplo T, assentados sobre tubos de ferro fundido, que servem de pilares collocados quatro a quatro, distando os dous de cada testa 0,914 metros de eixo a eixo. Cruzes de S. André no sentido vertical, e contraventos no horisontal, tudo de ferro batido, ligam entre si os tirantes, que achando-se presos aos tubos, ficam estes tambem entre si ligados, e o todo formando systema.

Tem a ponte 46 vãos de 11,277 metros, a excepção dos contiguos á parte levadiça (para dar passagens aos barcos), que são menores: sendo o seu comprimento total de 553,4 metros. (251 1/2 braças).

A largura entre os parapeitos é de 4,267 metros, minimo determinado no contracto; e a distancia entre os tirantes é de 1,6 metro, a mesma que ha entre os carris da estrada, correspondendo assim estes a aquelles verticalmente como deve ser.

Os tubos têm 2,54 centimetros de espessura, e 3,048 decimetros de diametro externo.

Tendo-se principiado a ponte do meio para os extremos, a grande altura a que fica o seu pavimento do fundo do mar na parte em construcção, onde ha tubos de 8,23 metros fóra da terra, e 6,4 metros enterrado faz com que se dêem oscilações que se percebem a simples vista, quando o vento rijo embate a superficie que já lhe offerecem os tirantes.

E' de suppôr que quando a obra concluida, esta oscilação diminùa, além de que, como sóe fazer-se em casos taes, escoras tubulares de ferro partirem de certa altura dos pès direitos a incravarem-se no fundo do mar, como muito bem projectou-se a respeito da ponte para o rio Paraguassú, na cidade da Cachoeira.

(Relatorio de Outubro de 1859 pelo capitão de engenheiros Firmo José de Mello).

# O Brazil e os seus Poetas (*)

«O Brazil, esse paraiso terreal da phantasia como lhe chamou o Sr. Castilho, não podia deixar de produzir em seu fecundissimo e florente sólo poetas para cantal-o.

Quem percorre os seus rios soberbos e os seus lagos immensos, quem penetra nas solidões profundas de suas virgens florestas e contempla o rigoroso aspecto de sua prodigiosa vegetação, sente no fundo da alma o reverbero da grandiosa e sublime poesia de que se vê cercado: sente-se necessariamente inspirado para cantar; mas Deus não concedeu a todos a mysteriosa faculdade de revelar as suas sensações por meio de palavras cheias de harmonia.

Ao poeta só é dado erguer a voz sob essas abobadas de verdura eterna, sustidas por arvores tão velhas como o mundo.

Os outros homens emmudecem de admiração ante o espectaculo magestoso da floresta virgem, e o poeta, esse louco sublime que se consola, cantando, das maiores amarguras, ousa quebrar com seus hymnos o silencio dos bosques, porque se sente alli, como Deus no meio do Genesis.

Deixai-o cantar! a sua voz abrandará a ferocidade do tigre, da onça e da serpente e annunciará no fundo dos seus antros que é chegada a civlisação que partira do Nascente ha muitos seculos. Deixai-o cantar, e vereis que as notas do seu canto são mais poderosas do que todas as machinas de guerra para combater a barbaria. A poesia adoça os costumes e modifica a rudeza dos povos, predis-

---

(*) Folhetim publicado em Lisbôa em 1859 por Gomes de Amorim, poeta portuguez e auctor do *Amazonas*, uma das suas mais distinctas composições.

pondo-os para acções generosas. Deixai pois o poeta, esse ente que talvez vos pareça inutil, deixai-o viver, pensar, cantar, soffrer, chorar e trabalhar que elle leva na sua palavra cheia de enthusiasmo ardente metade da fé, da esperança, da religião e do porvir da humanidade.

Além do Atlantico resoam os canticos juvenis dos trovadores de Santa Cruz, cujas harpas se animam e incitam bafejadas pelos suaves perfumes das patrias selvas.

Lá brotam os talentos como as flores e sob aquelle céo de fogo só o corpo e a palavra são por vezes indolentes.

A intelligencia nasce expontanea e brilha como os astros do hemispherio austral, cuja luz reflecte.

Lá não se conhece a descrença, porque os homens e as cousas não tiveram ainda tempo de envelhecer; os annos passam quasi impunemente pelos individuos; passam sobre os corpos, mas não tocam nas cabeças. As idéas são novas, fecundas e viçosas, como os homens e as cousas.

As lyras que Grecia e Roma pendurava nos templos da fama coroadas de myrtho e louro, ergue-as o Brazil nas arvores aromaticas das suas virgens florestas, que são os templos da verdadeira poesia e enfeita-as com as açucenas e os jasmins dos seus matos, e com as rosas dos seus cajueiros.

Deixai que os vates d'esse paiz encantado se habituem a imitar somente a natureza que os rodeia e vereis o que são poemas.

A musa americana vestida de pennas, toucada de palmas, descendo das cachoeiras dos seus rios na canôa de cedro virá um dia surprehender o velho mundo com as melodias originaes da sua harpa mysteriosa.

As maravilhas d'essa terra que julgaes conhecida, quando forem reveladas na musica do verso, chamarão a si mais ardente curiosidade do que a noticia das suas minas de ouro e pedras preciosas.

Cantai, pois, oh! poetas de além-mar!

Dizei-nos como suspira o saudoso jurutiranos cimos

das mangueiras, como resôa de noute a voz plangente do namorado sabiá, e como brilha o nevoeiro prateado das vossas grandes cataratas.

Cantai que a aurora dos vossos cantos fará em breve apparecer no horisonte o sol da vossa gloria; mas cantai a vossa terra, as vossas flores, as vossas arvores, as lendas dos vossos lagos mais poeticas do que as da Escossia, a mãe d'agua, a mãe dos bosques, as fadas dos vossos rios vestidas de prata e ouro, os olhos ardentes das vossas languidas mulheres e os astros brilhantes do vosso hemispherio. Não imiteis os estranhos; pintai a vossa natureza, e os vossos versos serão sublimes.

O Brazil conta hoje muitos poetas distinctos; e alguns d'elles poderiam adquirir em breve muito maior celebridade, consagrando os seus hymnos ás maravilhosas bellezas do seu paiz.

Entre outros, o Sr. Francisco Muniz Barretto, natural da Bahia, é um dos que devia procurar a inspiração nas cousas patrias, porque revestindo a sua musa com as cores nacionaes não se arriscava se não a triumphar.

Os seus versos são cadentes e cheios de harmonia, tem muita facilidade e elegancia em quasi todas as suas composições; e certamente tiraria grande partido do seu talento applicando-se a estudar e descrever em verso os costumes, os usos e o viver da sua terra natal.

No Brazil para qualquer lado que se volte o poeta encontra um assumpto admiravel, não para um, mas para muitos poemas, e o Sr. Barretto é um homem de quem a sua patria tem de esperar mais do que algumas poesias fugitivas.

O illustre poeta bahiano, reconhecido ao paiz que deu aos filhos do Brazil o seu sangue, a sua lingua, tem consagrado aos soberanos de Portugal varias das suas bellas producções poeticas.

Por occasião da morte de D. Maria II escreveu elle uma sentida elegia, em que por meio de excellentes versos vinha confundir com a dôr dos portuguezes a sua dôr sincera.

Nos anniversarios natalicios d'el-rei D. Pedro V costuma o Sr. Barreto compor uma poesia congratulatoria ao jovem monarcha, recitando-a no theatro da Bahia. E' a composição relativa ao anno de 1858, a que transcrevo de um jornal da Bahia, tanto para satisfação de seu autor, como para minha propria, porque me regosijo cada vez tornar mais intima a sympathia que deve reinar entre dous povos irmãos como são o portuguez e o brazileiro.»

(*Extr.*)

F. Gomes Amorim.

# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 7º


N. 23. — Paginas

Descoberta do Brazil ao acaso, por Oliveira Catramby . . . . . 3

Carta de um Piloto portuguez companheiro de Cabral na viagem á India, sobre a descoberta do Brazil . . . . . 31

O descobrimento (extractos). . . . . 37

A Bahia Cabralia e a Corôa Vermelha. . . 67

Centenario do Brazil.--Que data de mez e dia do anno de 1900, corresponde com o dia 22 de Abril de 1500?—pelo Dr. Rosendo A. P. Guimarães . . . . . 73

N. 24.

O Centenario na Bahia. . . . . 81

Discurso do Dr. José Antonio Costa, presidente da commissão do Centenario . . . 107

Conferencia do Conego Manfredo Alves de Lima . . . . . 115

Paginas

*Virgo Patria*, pelo Dr. João Baptista de Castro Rebello. . . . . 135

**Sessão anniversaria:**

—Discurso do Cons. Salvador Pires, presidente do Instituto . . . . . 141

—Relatorio do 1.º Secretario, Dr. João Torres . 147

—Discurso do Cons. Filinto Bastos, Orador do Instituto . . . . . 157

—Discurso do socio Damasceno Vieira. . . 169

Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Setembro) . . . . . 179

Actas das sessões, e Offertas (Março a Junho) 205

Biographia do Padre Manoel Leonardo Rolim (Um Jesuita Bahiano) . . . . . 229

N. 25.

Historia Patria, por J. P. B. . . . . 239

Historia das Artes e sua marcha progressiva na Bahia, pelo Dr. Cunha Barbosa . . . 249

A Sabinada—Historia da revolta da cidade da Bahia em 1837, pelo Dr. F. Vicente Vianna 261

Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Outubro). . . . . 293

A pesca da Baleia na Bahia, por J. Teixeira Barros . . . . . 323

Actas das sessões e Offertas (Junho a Setembro) · 337

Poetas Bahianos pelo Dr. Manoel Britto . .

Paginas

—José Francisco Cardoso de Moraes. . . . 353

—Domingos Caldas Barbosa . . . . . 357

N. 26.

Principios Jacobinos—Sedição de 1798 na Bahia por José Carlos Ferreira. . . . . 371

Historia patria—Os de Aragão--Alcaides Móres (seculo XVII), pelo Dr. Innocencio Goes. 413

Ephemerides Cachoeiranas, pelo Dr. A. Milton (Mez de Novembro) . . . . . 423

Actas das sessões e offertas(Outubro a Dezembro 459

Uma curiosidade (Lavras Diamantinas) . . . 467

O panorama de Victor Meirelles (O Descobrimento do Brazil) . . . . . 471

Ancouradouros na Costa da Bahia. . . . . 475

Ponte sobre a enseada de Itapagipe. . . . 477

O Brazil e os seus poetas. . . . . 479

URBI ET ORBI
INSTITUTO GEOGRAPHICO
E
HISTORICO DA BAHIA
REVISTA COMMEMORATIVA
DO
QUARTO CENTENARIO
DO
BRAZIL
ANNO VII VOL. VII N. 23
3 de Maio de 1900

TYP. E ENC. "EMPREZA EDITORA"
DE
BERNARDO DA CUNHA & C.
N. 80—Rua do Corpo Santo—N. 80

# REVISTA TRIMENSAL

DO

# Instituto Geographico

E

# Historico da Bahia

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

Matérias sem discussão, publicam-se somente sob
responsabilidade de quem as escreve.

DEZEMBRO DE 1900

ANNO VII VOL. VIII N. 26

BAHIA

1900

## Mesa administrativa

**Presidente**—Cons. Salvador P. de Carvalho e Albuquerque
**1.º Secretario**—Cons. João Nepomuceno Torres
**2.º Secretario**—Dr. Tomás de Carvalho Soares
**Orador**—Dr. Braz Hermenegildo do Amaral
**Thesoureiro**—Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga

## Commissão de Redacção da Revista

Cons. João Nepomuceno Torres
Dr. Joaquim dos Reis Magalhães
Dr. Innocencio Munoz de Araujo Goes.

## ASSIGNATURAS

Por um anno . . . . . 1$200
Por seis mezes . . . . . 600

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso e os anteriores 300

## AVISO

A correspondencia e todas as remessas de livros, jornaes e quaesquer objectos de valor historico devem ser endereçadas para a Secretaria do Instituto, á Praça 15 de Novembro (antigo Terreiro de Jesus) das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

981.06 Instituto geographico e historico
I592 da Bahia 244929
Revista 7, 1900

| NAME | DATE | NAME | DATE |
|---|---|---|---|
| | | | |

DOES NOT CIRCULATE